



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
NÍVEL MESTRADO
LINHA CULTURA, PODER E IDENTIDADES

CATARINA DE OLIVEIRA BURITI

IMAGINÁRIO SOCIAL, SEMIÁRIDO E REPRESENTAÇÕES DA
NATUREZA NA OBRA *VIDAS SECAS*:
Interfaces entre literatura, ambiente e história

CAMPINA GRANDE, PB
SETEMBRO/2010

CATARINA DE OLIVEIRA BURITI

**IMAGINÁRIO SOCIAL, SEMIÁRIDO E REPRESENTAÇÕES DA NATUREZA NA
OBRA *VIDAS SECAS*:**

Interfaces entre literatura, ambiente e história

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (PPGH/UFCG).

Orientador: Prof. Dr. José Otávio Aguiar

CAMPINA GRANDE, PB
SETEMBRO/2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

B958i Buriti, Catarina de Oliveira.

Imaginário social, semiárido e representações da natureza na obra vidas secas: interfaces entre literatura, ambiente e história / Catarina de Oliveira Buriti. — Campina Grande, 2010.

194 f.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.

Referências.

Orientador: Prof. Dr. José Otávio Aguiar.

1. História Ambiental. 2. Semiárido. 3. Imaginário. 4. Literatura. I. Título.

CDU – 504(091)(043)

DIGITALIZAÇÃO:

SISTEMOTECA - UFCG

CATARINA DE OLIVEIRA BURITI

**IMAGINÁRIO SOCIAL, SEMIÁRIDO E REPRESENTAÇÕES DA NATUREZA NA
OBRA *VIDAS SECAS*:
Interfaces entre literatura, ambiente e história**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (PPGH/UFCG).

Aprovada em 08 de outubro de 2010, com conceito _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Otávio Aguiar – Orientador – UFCG

Prof. Dr. Edson Hely Silva – Examinador Externo – UFPE

Profa. Dra. Juciene Ricarte Apolinário – Examinadora Interna – UFCG

*Dedico esta trama histórica a todos os
homens e mulheres do Semiárido brasileiro,
em especial, aos meus pais,
Neuza Maria e Juarez Buriti,
pelo amor e ternura constantes oferecidos
nessas cartografias da semiaridez.*

AGRADECIMENTOS

O processo de escrita desta dissertação percorreu agradáveis e, por vezes, tortuosos caminhos, algo bem parecido com os itinerários que segui ao longo das cartografias semiáridas. Agradáveis pela alegria que o ato da criação me proporcionou, tortuosos por se tratar de um trabalho solitário, silencioso, marcado por desafios ante a fragmentação de algumas certezas iniciais, escrito ao compasso do turbilhão de emoções que o sujeito do conhecimento experienciei durante o período, e, sobretudo, por ter-me levado a um final insólito no qual prevaleceu uma nítida sensação de incompletude, de insatisfação por parecer que escapou do meu domínio o que minhas expectativas preliminares me instigavam alcançar.

Algumas pessoas foram fundamentais para tornar essa travessia possível, as quais expresso aqui toda a minha gratidão:

Deus, fonte maior da minha inspiração, pela força, proteção e amor constantes. Testemunho neste espaço que *tudo é possível ao que crer!*

Minha família: meus pais, pelo amor, incentivo e desvelo constantes ao longo desta caminhada, pelo exemplo de coragem e determinação! Jane (minha irmã) e Iran (meu cunhado), por terem me oferecido não apenas suporte material para a minha permanência em Campina Grande, mas, sobretudo o aconchego de um lar durante esses anos de formação; Lindemberg (meu irmão), pelo apoio e incentivo; Letícia (minha pequenina sobrinha), pelo quanto foi importante a sua agradável companhia e carinho todos os dias.

José Otávio, professor orientador deste trabalho, quem primeiro me apresentou a história ambiental, por ter acreditado neste projeto antes mesmo que ele existisse e me orientado com amizade, presteza e dedicação. Sua leitura atenta e cuidadosa, os diálogos e as sugestões em torno de cada capítulo foram valiosos para a concretização desta pesquisa.

Professor Gervácio, pelas preciosas sugestões enquanto membro da banca de qualificação deste trabalho, pelas suas inúmeras contribuições para a minha formação enquanto historiadora, especialmente, nos meandros da teoria da história e nas vertentes da história e da literatura.

Professora Juciene, que não foi apenas professora, mas ofereceu a sua preciosa amizade e apoio ao longo desta jornada. Agradeço pela leitura atenciosa e pelas suas valiosas arguições e colaborações enquanto membro da banca de defesa final deste trabalho. Sou grata também pelo seu trabalho à frente da coordenação do PPGH/UFCG.

Professor Edson Silva, por ter aceitado com muita presteza participar da banca de avaliação deste trabalho, tanto no estágio de qualificação quanto no de defesa, e pelas relevantes observações apontadas em ambos os momentos.

Aos colegas da turma do Mestrado 2008.1 por terem me escolhido para representá-los no Colegiado do PPGH, em especial: ao Roberto, pela amizade, diálogos e colaborações ao longo de todo o processo de escrita desta dissertação, principalmente nos momentos finais em que estive ausente de Campina Grande; também ao Valmi, Fábio, Joachin, Valdirene, Eleonora, Luciana, Clécia, Andréa Carla e Maria José, pela amizade.

A todos os professores do PPGH/UFCG, em especial, ao Iran e à Regina pelos seus exemplos de magistério e pesquisa.

À CAPES, que me proporcionou financiamento para um ano de bolsa.

Aos amigos e amigas que perto ou longe contribuíram com seus diálogos, incentivos e sugestões: Gil (Gilmária), por ter compartilhado a experiência de escrita da sua dissertação; Nádia, Bruno e Rostand, pela agradável amizade; Fabí (Fabiana Van Haandel), pelas inesquecíveis risadas compartilhadas pelos corredores do curso de história da UFCG; ao Jussival, que virtualmente presenciou a minha ansiedade às vésperas da defesa desta dissertação e contribuiu enviando-me os “conselhos do Polito” sobre como fazer uma apresentação de sucesso.

A todos os professores que direta ou indiretamente colaboraram ao longo do processo de tessitura deste trabalho: João Tertuliano, com os esclarecimentos sobre Física e ambiente; Erivaldo Barbosa, com as instigantes lições sobre Direito Ambiental; Marcos Montysuma, pelo constante incentivo; Ival de Assis Cripa, pelas sugestões de leituras importantes sobre Ambiente e Literatura; Luiz Custódio, pelas lições inesquecíveis nos tempos em que me orientou no curso de graduação em Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba; Cássia Lobão, pela amizade.

À Maressa e ao Arnaldo, secretários do Mestrado, pelo apoio.

Finalmente, a todos os meus colegas, amigos e alunos da Faculdade José Augusto Vieira (FJAV - Lagarto-SE), pelas oportunas palavras e mensagens de apoio no momento imediatamente anterior à defesa.

RESUMO

O objetivo deste trabalho consiste em analisar de que forma os referenciais naturais/climáticos e sociais/históricos influenciaram as escolhas criativas do escritor Graciliano Ramos na obra *Vidas secas*, publicada em 1938. Para tanto, apropria-se dos conceitos de imaginário social propostos por Baczko (1985), Le Goff (1992) e Castoriadis (1982; 1987) para problematizar as imagens e representações instituídas pelas personagens dessa trama em torno da Caatinga, assim como as práticas culturais e políticas engendradas a partir dessas percepções. Compartilhando com uma concepção de literatura que a considera como mantendo vínculos com o mundo vivido, a pesquisa historiciza a forma como a sociedade se apropriou do Semiárido na década de 1930 e destaca as riquezas e potencialidades desse ambiente que ainda estão para serem valorizadas.

Palavras-chave: Semiárido. Imaginário. História ambiental. Literatura.

ABSTRACT

The aim of this study is to examine how the benchmarks natural/climatic and social/historical influence the choices of the creative writer Graciliano Ramos Lives in the book *Vidas Secas*, published in 1938. For this purpose, appropriates the concepts of social imagination proposed by Baczko (1985), Le Goff (1992) and Castoriadis (1982, 1987) to discuss the images and representations introduced by the characters in this plot around the Caatinga, as well as practices cultural and political engendered from these perceptions. Sharing with a conception of literature that considers how to maintain links with the real world, research historicizes how society has appropriated the Semiarid in the 1930's decade and highlights the wealth and potential of this environment yet to be developed.

Keywords: Semiarid. Imaginary. Environmental history. Literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
TECENDO A HISTÓRIA: ITINERÁRIOS E CARTOGRAFIAS DA SUA TRAMA.....	9
2 REVISITANDO O SEMIÁRIDO: CENÁRIOS DE VIDAS E DE SOL.....	29
2.1 DO “DESASTRE” À “RESSURREIÇÃO”: IMAGENS LITERÁRIAS DA CAATINGA.....	35
2.2 “ESPINHOSO COMO UM PÉ DE MANDACARU”: RELAÇÕES DE PODER NO SERTÃO.....	41
2.3 NATUREZA E POLÍTICA NO SEMIÁRIDO.....	59
3 ENTRE SECAS, SONHOS E ENCHENTES: SIGNIFICAÇÕES DA CHUVA NA SOCIEDADE DO SEMIÁRIDO.....	86
3.1 TEMPOS DE FESTA NO SEMIÁRIDO.....	89
3.2 AS ESTAÇÕES DO ANO NO SEMIÁRIDO.....	113
3.3 PROFETAS DA CHUVA: PREVISÕES FOLCLÓRICO-EMPÍRICAS DAS SECAS E DOS “INVERNOS” NO SEMIÁRIDO.....	124
4 O SEMIÁRIDO E OS ANIMAIS: IMAGINÁRIO SOCIAL, PATRIMÔNIO NATURAL E CARTOGRAFIAS TOPOFÍLICAS.....	135
4.1 “O MUNDO COBERTO DE PENAS”: AS REVOADAS DAS AVES DE ARRIBAÇÃO.....	143
4.2 PECUÁRIA, PATRIMÔNIO NATURAL E O “OUTRO NORDESTE”.....	156
4.3 BALEIA E UM MERGULHO NO IMAGINÁRIO SOCIAL DO SERTÃO.....	164
4.4 OS URUBUS.....	172
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	178
REFERÊNCIAS.....	185

1 INTRODUÇÃO

TECENDO A HISTÓRIA: ITINERÁRIOS E CARTOGRAFIAS DE UMA TRAMA

Esta é uma trama que se desenvolve pelos longos caminhos do Semiárido brasileiro, entrecruzando as fronteiras da História, da Natureza e da Ficção. Trata-se de um estudo que foi arquitetado com o objetivo de analisar a forma pela qual fenômenos naturais/climáticos estiveram presentes na história e na cultura dos homens e mulheres que viveram na região na década de 1930, mediante a percepção e as escolhas criativas do escritor Graciliano Ramos impressas na obra *Vidas Secas*¹. Publicado no ano de 1938, esse romance esboça o momento em que Fabiano, personagem que representa a figura de um vaqueiro típico do sertão², depois de migrar com a família pela Caatinga por ocasião da seca, vivia um interstício de “inverno”³ fixado em uma fazenda provavelmente semelhante às tantas que havia na região à época em que a obra foi escrita.

Conforme a narrativa, ao chegarem àquela propriedade abandonada, as personagens observaram que “de repente um traço ligeiro rasgara o céu para os lados da cabeceira do rio, outros surgiram mais claros, o trovão roncara perto, na escuridão da meia-noite rolaram nuvens cor de sangue” (RAMOS, 1995, p. 65). Era a chegada do “inverno” no Sertão. Com o início dessa estação, Fabiano se alegrava, arquitetava sonhos de que seriam “todos felizes” e ele seria o “dono daquele mundo”, parecia até esquecer as muitas humilhações pelas quais havia passado naquele lugar. Segundo a narrativa, embora soubesse que o “despotismo de água” logo fosse acabar e a seca voltasse com os seus supostos horrores, em razão da

¹ Graciliano Ramos de Oliveira nasceu em 27 de outubro de 1892, em Quebrangulo-AL. Viveu a sua infância nas cidades de Viçosa-AL, Palmeira dos Índios-AL e Buíque-PE. Foi um romancista, cronista, contista, jornalista, político e memorialista brasileiro no século XX. Faleceu em 20 de março de 1953, vitimado pelo câncer. Ver: http://www.releituras.com/graciramos_bio.asp Acesso em 8/9/2009.

² Em *Vidas Secas*, os termos “catinga” ou “sertão” foram utilizados pelo narrador para se referir ao espaço no qual se desenvolve a trama. Contudo, a expressão mais atualizada para circunscrever a região de ocorrência das secas periódicas no Nordeste é “Semiárido”, enquanto o termo “sertão”, nos dias de hoje, aparece mais como uma referência simbólica e inclui não apenas o Semiárido, mas também outros espaços interioranos, como os Cerrados nordestinos. Cf. GOMES, 2001. A palavra “sertão” transcende uma delimitação geográfica precisa e foi passível de vários significados ao longo da história do Brasil. Segundo Lima (1999, p. 58-60), durante o período colonial, enquanto o espaço ocupado pelo colonizador representava o mundo da Ordem estabelecida por duas instâncias de poder: a Igreja e o Estado, o sertão era a sua antítese. Já no século XIX, a definição mais corrente para o “sertão” o identificava como as áreas despovoadas do interior do Brasil, havendo também duas outras conotações nessa época: uma que se aproximava mais do uso atual do termo, que o associava à região semiárida brasileira, e outra que priorizava a atividade econômica e os padrões de sociabilidade, aproximando sertão à “civilização do couro” narrada por Abreu (1963).

³ Ao utilizarmos o termo inverno entre aspas levamos em conta que embora a maioria dos sertanejos considere o período das chuvas no Semiárido como correspondendo a essa estação, na realidade, o período chuvoso nessa região ocorre durante o verão. Cf. AB’SÁBER, 2003.

chegada das chuvas, o vaqueiro parecia satisfeito com a condição sob a qual vivia. Entretanto, as esperanças de Fabiano pareceram esmorecer quando o proprietário da fazenda retornou e somente com muita insistência conseguiu ficar trabalhando ali como vaqueiro. Moraria com a família pouco “mais de um ano” naquela “casa velha” da fazenda. Naquele momento, contudo, com alegria e satisfação, assistia com a família ao espetáculo da Natureza que ali se apresentava: as chuvas que caíam com “brutalidade” sobre as terras semiáridas (Ibidem, p. 40; 15-16).

Observa-se que o narrador de *Vidas Secas* situa o período das chuvas entre dois momentos de seca: no início do romance – quando os sertanejos migrantes chegaram à fazenda sob a condição de “retirantes”, “famintos” e “cansados”, em fins de uma longa estiagem – e em seu desfecho – quando fugiram de lá ao constatarem que a seca em breve voltaria. A descrição dessas cenas é portadora de imagens e significados que as personagens atribuíam ao Semiárido brasileiro⁴, em particular, no que diz respeito aos períodos de secas e aos de chuvas na região. Essa obra literária, mediante a percepção de Graciliano Ramos, configura aspectos do imaginário social⁵ da época em que foi escrita ao esboçar o modo como *poderia ter sido* o cotidiano de uma família do Semiárido brasileiro em fins de um período de seca e durante um interstício de “inverno”. A chuva na Caatinga é abordada nessa obra principalmente em seu capítulo central, intitulado “Inverno”⁶, e, ao que parece, a

⁴ A região do Semiárido brasileiro, segundo a delimitação mais atualizada, compreende uma área de 969.589,4 km², que abrange 1.133 municípios de oito estados do Nordeste (PI, CE, RN, PB, PE, AL, SE, BA) mais o norte de Minas Gerais, na qual vivem mais de 21 milhões de habitantes. Os critérios utilizados para a nova delimitação do Semiárido, instituída em 2005, foram os seguintes: 1) precipitação pluviométrica média anual inferior a 800 milímetros; 2) Índice de aridez de até 0,5 calculado pelo balanço hídrico que relaciona as precipitações e a evapotranspiração potencial, no período entre 1961 e 1990; e 3) risco de seca maior que 60%, tomando-se por base o período entre 1970 e 1990. Cf. NOVA DELIMITAÇÃO... (2005).

⁵ Por imaginário social, entendemos, com base na concepção elaborada por Baczko (op. cit., p. 311), um esquema de interpretação, e também de valorização, “que suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos de sua interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos a ação comum”. Assim, em se tratando de literatura, considera-se que na relação dialógica entre as práticas do mundo social e a construção das narrativas reside a mediação do dispositivo imaginário que fornece ao autor as balizas e os limites da sua criação (GOMES, 2008, p. 49). Isto porque, sabe-se que “o imaginário social torna-se inteligível e comunicável através da produção dos ‘discursos’ nos quais e pelos quais se efectua a reunião das representações colectivas numa linguagem” (BAZCKO, op. cit., p. 311). O conceito de imaginário utilizado para a escrita deste trabalho busca se dissociar de significados tradicionais, tais como “ilusório” ou “quimérico”, haja vista que, como ressalta Baczko, no sistema de representações de uma dada época, o “verdadeiro” e o “ilusório” não estão isolados, mas unidos em um todo para significar o mundo, mobilizar ações, modelar comportamentos. Todas as épocas instituem as suas modalidades específicas de imaginar, reproduzir e atualizar o imaginário e este exerce funções múltiplas e complexas na vida coletiva. Trata-se de um aspecto da sociedade, da atividade global dos agentes sociais, cujas particularidades se manifestam na diversidade de seus produtos, ou seja, a sociedade produz e institui o seu imaginário e é através dele que ela designa a sua identidade, elabora certa representação de si, constitui e legitima poderes ou violências, exprime crenças comuns, formas de pensamento e impõe modelos de comportamento.

⁶ *Vidas Secas* é composta por 13 capítulos, sendo que “Inverno” intitula o sétimo capítulo, ou seja, está situado no centro da obra e aborda o cenário de chuvas na Caatinga.

seca aparece na vida daquelas personagens muito mais como um lugar de memória⁷, através das lembranças e das recordações do passado, do que propriamente em suas experiências cotidianas.

A centralidade que o tema das chuvas recebe em uma obra literária dos anos 1930, como ocorre em *Vidas Secas*, figura como bastante peculiar se consideramos que parte da historiografia que se debruçou sobre o estudo do Nordeste, frequentemente, utilizou-se das imagens esboçadas pelos literatos dessa década para corroborar em seus trabalhos a ideia de que as representações dessa região se limitaram a narrar a seca e as suas imagens de “dramaticidade”. Na época em que *Vidas Secas* foi escrita, o Semiárido brasileiro era considerado como a “região-problema” do país pela imprensa e pelos discursos dos representantes políticos regionais propalados no Parlamento e/ou na Imprensa, instituindo a ideia de que esse espaço era “castigado” pelo “flagelo da seca” que supostamente trazia sofrimento, miséria e mortes para as populações sertanejas. Evidentemente que muitas dessas representações foram temas de obras literárias da época. Entretanto, é preciso levar em conta que cada romancista representou o Semiárido de forma particular, o que foge a quaisquer tentativas de generalizações ao efetuarmos a sua leitura.

Nesse sentido, inicialmente, consideramos pertinente lançar algumas questões norteadoras da presente investigação: De quais significações o Semiárido foi revestido em *Vidas Secas*? Que práticas sociais foram associadas pelas personagens da obra em torno dessas significações da Natureza semiárida? Se os problemas enfrentados pelas populações dessa região do Brasil eram atribuídos pelos seus próprios grupos de poder ao fenômeno natural da seca, então, quando chovia, como era a vida desses atores sociais, conforme a narrativa de *Vidas Secas*? Em que configuração política e cultural Graciliano Ramos estava inserido e como ele se posicionava, por meio da sua obra, em relação aos problemas sociais de seu tempo? Como *Vidas Secas* se situa na tradição literária brasileira do designado romance regional da década de 1930? De que forma sociedade e Natureza interagiram na construção do devir histórico do Semiárido, conforme as representações configuradas nessa narrativa?

A nossa primeira tarefa versa sobre a crítica em torno da utilização de uma fonte literária para realizar uma análise de caráter histórico. A questão é: a obra literária selecionada para este estudo mantém vínculos com o mundo vivido, com a experiência temporal dos homens e mulheres do Semiárido da época em que foi escrita?

⁷ Sobre a noção de lugares de memória, Cf. NORA, 1981, p. 7-28. Consultar também LE GOFF, 1994. E ainda: Idem, 1984, p. 11-47.

Em se tratando dos usos da literatura para a construção de uma narrativa histórica, compartilhamos com a ideia de que cada literato teceu a sua trama de acordo com o momento em que ela foi produzida, com a intencionalidade que buscava atingir quando a elaborou, com a subjetividade e o estilo que lhe são próprios, dentre outros aspectos. Sabemos, contudo, que a ideia de que a ficção mantém vínculos com o mundo sócio-histórico é uma questão extremamente polêmica entre os críticos literários e/ou escritores de obras ficcionais. Necessário se faz, pois, confrontarmos a nossa proposta de utilização de textos literários enquanto fonte histórica com a visão cética das teses formalistas que, ao postular a linguagem enquanto uma entidade auto-referente, parece não admitir que o texto possa representar a experiência temporal ou manter vínculos extralinguísticos.

No interior dessa tradição nominalista que considera a linguagem como um mero tropo discursivo, destacam-se, depois de Nietzsche, o estruturalismo linguístico – neste último caso, desde Ferdinand Saussure até Roland Barthes – cujos desdobramentos resultaram no pós-estruturalismo⁸. Dentre os autores que se inseriram no interior desse movimento, ressaltamos Jacques Derrida e Michel Foucault, e os pensadores ligados à *linguistic turn* norte-americana, dentre os quais, Hayden White que buscou nivelar história e literatura enquanto meras figuras de retórica⁹. Todos esses estudiosos, não obstante as diferenças que mantiveram entre si, de acordo com as diversas vertentes epistemológicas assumidas, compartilharam da ideia de que as múltiplas modalidades de narrativas, entre elas, as de ficção, não estabelecem vínculos com o mundo da experiência temporal (ARANHA, 2004).

Na contramão dessas posturas céticas que nos remetem à ideia de retórica como incompatível com certa noção de probabilidade histórica, a crítica mais incisiva parece ter partido de Ginzburg, quando buscou detectar, através de exemplos extremos de abstração artística, como o romance *A educação sentimental*, de Flaubert, e, principalmente, o quadro *Demoiselles d'Avignon*, de Picasso, princípios de verossimilhança ou implicações cognitivas que podem marcar as escolhas narrativas (incluindo as da narrativa de ficção). Através desta análise, argumenta que a retórica, desde Aristóteles até hoje, não é incompatível com certa noção de prova histórica e demonstra que a narrativa age durante todas as etapas da prática historiadora, criando interdições e possibilidades para a pesquisa (GINZBURG, 2003, p. 44).

⁸ Para mais informações acerca desses temas, Cf. DOSSE, 2007; EAGLETON, 2006.

⁹ Cf. GINZBURG, 2006.

Para Carlo Ginzburg (2007, p. 10-11; 82), os textos literários são portadores de “testemunhos históricos involuntários” que podem ser detectados através da análise dos fragmentos de verossimilhança utilizados pelo escritor durante a configuração da obra, em geral baseados nos usos e costumes da época da escrita, haja vista que, do contrário, haveria o risco de a narrativa não se fazer crível. Conforme esse autor, “escavando os meandros dos textos, contra as intenções de quem os produziu, podemos fazer emergir vozes incontroladas”. Nesse caminho, trata-se não de transformar as obras literárias do passado em documentos históricos, mas de considerá-las “como textos entranhados de história”, utilizando-se dos vestígios deixados pelos autores, mais ou menos involuntariamente.

Com base nessas proposições, consideramos que muitos dos temas e elementos configurados em determinada obra ficcional nem sempre foram utilizados voluntariamente pelo literato. Por outro lado, é preciso levar em conta o lugar social assumido pelo escritor e pela obra literária, sobretudo porque muitas delas, de modo mais ou menos explícito, posicionaram-se em relação às questões sociais de seu tempo, sob a forma de algum tipo de engajamento ético e político. É o caso de Graciliano Ramos que demonstrou assumir ao longo de sua trajetória como literato, certo comprometimento político com os ideais de esquerda em evidência no Brasil na década de 1930.

Assim, quando lançamos mão de uma obra de ficção com o intuito de efetuarmos a leitura da percepção de outros homens no tempo, buscamos selecionar as marcas de historicidade nelas “entranhadas”, considerando que, assim como a narrativa histórica recorre à ficção – palavra tomada em sentido amplo que remete ao imaginário de representância, ou seja, o termo ficção não está sendo utilizado com o sentido de aventura, ilusão – para preencher as lacunas deixadas pelas fontes, esses literatos, por seu turno, também se valeram de referências à vida efetiva da sociedade para tornar a sua trama mais plausível e persuasiva. É entre esses fragmentos de verossimilhança que nos debatemos para investigar o modo como as personagens de *Vidas Secas* atribuíram sentido aos fenômenos da Natureza semiárida e às tramas cotidianas que se desenvolveram em interação com esse ambiente.

Uma das leituras mais instigantes sobre ressonâncias da vida sobre a ficção provém de Umberto Eco. Segundo esse autor, não há literatura sem vínculos com o mundo real, visto que o escritor se vale de elementos e experiências das vivências efetivas dos homens e mulheres para compor a sua narrativa, razão pela qual o leitor precisa adotar o seu conhecimento do mundo social como pano de fundo para a leitura e interpretação da obra. Mais que isso, espera-se que os autores de obras de ficção não só tomem o mundo real por

pano de fundo de suas histórias, como ainda intervenham constantemente, por meio da ficção, para informar aos leitores sobre os vários aspectos do mundo real que eles talvez desconheçam. As referências precisas ao mundo vivido são tão intimamente ligadas que, depois de passar algum tempo no mundo do romance e de misturar elementos ficcionais com referências à realidade, o leitor tem dificuldade de distinguir se convive com a realidade ou com a ficção. Desse modo, os mundos ficcionais são parasitas do mundo real, mesclam-se, imbricam-se a ele, e, por isso, possuem uma potencial capacidade de moldar a vida (ECO, 1994, p.89; 91; 100; 131).

Nesse cenário, quando buscamos desdobrar o sentido da obra *Vidas Secas* e o pensamento do escritor Graciliano Ramos nela configurado para discutirmos a presente problemática, consideramos que esse romance estabelece uma forte relação com o mundo que lhe é exterior, apresentando-se como uma profícua fonte de comunicação, particularmente para os historiadores que nos arvoramos a realizar a leitura de um determinado recorte espaço-temporal representado na obra, no caso, sobre a sociedade do Semiárido dos anos 1930. Outro autor com o qual dialogamos é Todorov, estudioso que esteve durante muito tempo ligado às concepções formalistas de literatura e recentemente revisou a sua postura afirmando uma concepção de literatura que permita “uma melhor compreensão humana e transforma o ser de cada um dos seus leitores a partir de seu interior” (TODOROV, 2009, p. 88). Na visão desse autor, uma obra literária possui tal potencial que é capaz de contribuir para uma percepção mais perspicaz da vida humana e de provocar transformações na vida social. No caso de *Vidas Secas*, ao se tratar de uma obra de ficção a representar certo comprometimento ético e político de seu escritor, é possível perceber como ela se posiciona de forma bastante contundente em defesa das causas sociais da época em que foi produzida.

Assim, reconhecendo essa capacidade às obras de ficção, estamos considerando-as, com base em Todorov, como uma forma de pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos, que refigura ou relê o tempo aspirando compreender melhor a experiência humana. Deste modo, *Vidas Secas* se constitui enquanto uma forma específica de leitura da sociedade do seu tempo, especialmente no que diz respeito ao cotidiano dos homens pobres que moravam no campo, e tem o potencial de contribuir para que os historiadores repensemos as ideias que se nos apresentam como evidências, como lugares-comuns de uma época, os preconceitos, os hábitos de pensamento, os estereótipos que se articulam em relação à determinados temas de uma configuração social (Ibidem, p. 77).

Convém também explicitar outros procedimentos que cercaram a leitura da polissemia do texto literário selecionado como fonte para o presente estudo. Uma importante contribuição para a leitura do romance partiu do diálogo com Paul Ricoeur, particularmente no que diz respeito ao entrecruzamento da história com a ficção. Para esse filósofo da linguagem, os intercâmbios entre a narrativa histórica e a ficcional são atingidos na medida em que, por um lado, a história se serve de algum modo da ficção para efetuar a sua leitura do tempo¹⁰ e, por outro lado, a ficção se vale da história com o mesmo objetivo. No primeiro caso, o da *ficcionalização da história*, o historiador recorre ao imaginário de representância¹¹ para interpretar os rastros¹² e compor uma escritura coerente sobre o passado. Por outro lado, a ficção oferece características que favorecem a sua historicidade. Isto porque no exercício de armação da intriga, o literato deve ter a preocupação de torná-la plausível, provável, crível e, para Paul Ricoeur, “para ser persuasivo, o provável deve ter uma relação de verossimilhança com o *ter-sido*” [Grifos do autor]. Nesse caso, trata-se da historicização da ficção. (RICOEUR, 1997, p. 330).

Valendo-se dessas proposições sugeridas por Paul Ricoeur, utilizamos a obra *Vidas Secas* como uma das leituras, dentre muitas outras possíveis, que de diversas maneiras se aproximou de referências do mundo social-histórico do presente da sua escrita com o intuito de torná-la plausível e, mais que isso, por se tratar de uma obra engajada pelas questões sociais e humanas de seu tempo e utilizada como um instrumento de denúncia das profundas disparidades sociais que marcavam a sociedade do Semiárido da época.

¹⁰ Esse processo de leitura do tempo histórico, Paul Ricoeur denomina de refiguração. Propondo uma teoria ampliada da leitura, ele ressalta que o historiador, assim como o literato, constrói a sua narrativa efetuando uma releitura do passado histórico. Deste modo, ambos os campos do saber refiguram ou leem o tempo, o que aponta para uma convergência entre a narrativa histórica e a ficcional no processo de composição da vida social na narrativa, de forma mais ou menos cifrada. Além da refiguração, destaca-se também a prefiguração que consiste nas representações que partem dos próprios sujeitos sociais em sua vida efetiva e ainda a configuração que diz respeito ao modo como essas práticas sociais são codificadas ou representadas nas obras dos artistas ou estudiosos, seja o pintor, o literato, o historiador, etc. Esses três processos compõem o chamado círculo hermenêutico. Sobre isso, Cf. RICOEUR, 1994, p. 85-132.

¹¹ Ao invés de utilizar o termo de representação para designar o modo como o historiador se aproxima do passado, através dos rastros, indícios e marcas de historicidade impressos nas fontes que dispõe, Paul Ricoeur prefere lançar mão do conceito de representância. Através desse termo, ele considera que mais do que construir uma representação, que se coloque no lugar do passado, o trabalho do historiador é marcado pela vontade de atingir, da forma mais aproximada possível, este passado, através dos rastros impressos nos documentos e recorrendo ao imaginário para preencher as lacunas deixadas pelas fontes. Nesse sentido, a narrativa histórica é uma versão sobre o acontecido, marcada pela preocupação ou meta de *chegar lá* e não consiste em uma resposta única sobre a vida do passado. Para Paul Ricoeur, as modalidades de ficcionalização da história, longe de abolirem o seu projeto de representância, contribuem para a sua realização, dando o preenchimento que lhe falta. Sobre isto, ver PESAVENTO, 2009. Ver também RICOEUR, 1997, p. 324.

¹² Utilizamos a noção de rastro apropriada por Ricoeur que remete à ideia de que o passado deixou como testemunho um conjunto de marcas/rastros erigidos nos documentos/monumentos. Cf. *Ibidem*, p. 200-201.

Dissertando também sobre como as obras literárias constroem versões sobre o passado, Chartier (2007, p. 127-128) se vale do conceito de *energia social* proposto por Greenblatt que se constitui em uma noção chave, segundo ele, tanto para o processo da criação estética como para a capacidade de as obras transformarem as percepções e as experiências de seus leitores. Segundo esse autor, por um lado, o que capta a escritura literária é a poderosa energia das linguagens, ritos e práticas do mundo social. Nesse sentido, o processo de captura estética do mundo social ocorre sob múltiplas formas: a apropriação das linguagens, o uso metafórico ou material de objetos cotidianos, a simulação das cerimônias e discursos públicos, etc. Por outro lado, a energia social codificada nas obras literárias envolve o mundo social através de suas apropriações por parte de seus leitores. Assim, a circulação entre o mundo social e as obras estéticas pode apoderar-se de qualquer realidade, tanto dos desejos, das ansiedades ou dos sonhos, como do poder, do carisma ou do sagrado. Dentro das realidades que assim circulam, figuram as representações das experiências coletivas físicas e mentais do passado.

Com base em Chartier, consideramos que a energia social da época em que *Vidas Secas* foi escrita esteve presente, sob diversas maneiras, na configuração dessa narrativa. A leitura que efetuamos desse romance tomou por base a ideia de que costumes, linguagens, sensibilidades, sonhos, etc., referenciados no mundo social-histórico do Semiárido dos anos 1930, foram captados por Graciliano Ramos no momento em que compôs essa narrativa.

Nesse cenário, é difícil acreditarmos na ideia de que a literatura não mantenha vínculos com o mundo vivido, como têm proposto muitos formalistas céticos diante da possibilidade de verossimilhança entre texto e contexto, visto que as obras literárias estão o tempo todo captando, de forma mais ou menos explícita, elementos que fazem referência ao mundo sócio-histórico. Na prática do nosso ofício, compartilhamos com a concepção de que o passado, em sentido estrito, é inatingível, mas que é possível construir uma narrativa histórica que acesse, através dos fragmentos de verossimilhança deixados nas fontes, o imaginário de uma época, as visões de mundo, as formas de pensamento que mobilizaram as experiências sociais, entre outros aspectos. O imaginário configurado sob a forma de narrativa pode ser considerado como guardião dos rastros de outro tempo, e se faz presente tanto nas obras históricas quanto nas de ficção. Assim, quando revolvemos as fontes, em especial, os textos literários, estamos efetuando uma leitura do tempo, como os literatos também o fizeram, porém em formatos, linguagens e com objetivos distintos. Isso porque, embora os escritores de ficção não tenham compromisso em se aproximar do “real”, característica particular a nós historiadores, eles se valem da *energia social* de uma

determinada época para tecer as suas narrativas. Deste modo, consideramos que a obra *Vidas Secas* captou aspectos do imaginário social da época em que foi escrita, em particular no que diz respeito ao ambiente natural no qual a trama se desenrola e é por essa razão que buscamos investigar os sentidos que as personagens atribuíram aos espaços do Semiárido brasileiro nela configurados.

Dito isto, cabe agora um diálogo com o campo no qual esta pesquisa histórica se insere, a saber, o da história ambiental. Para a construção deste trabalho, as indagações feitas à fonte literária a qual recorreremos tiveram como preocupação de fundo o estudo das inter-relações entre sociedade e Natureza no Semiárido brasileiro. De acordo com Ribeiro (2005, p. 15), as interações entre o ser humano e o ambiente estabelecidas em determinada configuração histórica constituíram-se como necessariamente plurais e, em grande parte, contraditórias. Isso porque, na visão desse autor, as sociedades e as naturezas variam no espaço e no tempo e, por isso, as relações entre ambas também tendem a ser múltiplas e plurais.

No final dos anos 1970, momento em que se assistia, em todo o mundo, a um grande crescimento do interesse pela questão ecológica, um grupo de historiadores e biólogos dos Estados Unidos (re)criou esse domínio no campo dos estudos historiográficos e o designou pela expressão composta *environmental history*¹³ que sinalizava, por um lado, que os processos e os problemas socioambientais haviam se tornado uma preocupação incontornável e, de outro, que, para além de velhas fronteiras disciplinares, parte considerável dos especialistas começaram a dedicar maior esforço na produção de um renovado “saber ambiental” (DUARTE, 2005).

Consolidada nos EUA, a história ambiental vem se desenvolvendo progressivamente no Brasil há algumas décadas. Atualmente, como ressalta Duarte (2003), alguns impasses epistemológicos se impõem para os pesquisadores que afinam os seus trabalhos com esse domínio de estudos históricos. A autora aponta três dos principais problemas que se apresentam como desafio para o conhecimento histórico brasileiro, em especial para os trabalhos que versam sobre o ambiente: em primeiro lugar, o determinismo e a causalidade que, durante décadas, marcaram os estudos ligados a uma historiografia que situava a história do país apenas como submetida aos chamados ciclos econômicos a atender a lógica capitalista internacional e, por conseguinte, o homem apenas enquanto destruidor dos

¹³ O termo *environemant* vem do francês, em sua origem etimológica. Entretanto, os ingleses e estadunidenses, ao insistirem em sua pronúncia, acabaram por transformá-lo em *environment*. Em ambos os casos, busca-se um único sentido: designar a camada de biosfera que envolve a Terra.

Consideramos que, de acordo com as percepções dos indivíduos sobre o que é o ambiente e os seus fenômenos, é que se constituíram práticas culturais em determinada configuração sócio-histórica. Nessa perspectiva, entendemos que Graciliano Ramos, à época da escritura dessa obra, estabeleceu representações específicas em relação à seca, ao “inverno”, à terra, à fauna, à flora, etc. De acordo com Arruda (2008, p. 156), a principal tarefa da história ambiental consiste em buscar as permanências e mudanças significativas ocorridas nas intervenções da sociedade sobre o ambiente, estratégia que nos permite compreender o significado da Natureza na história humana. Em estudo sobre as relações históricas do Governo do Paraná com os rios do território do Estado, esse autor estabeleceu uma periodização do objeto em análise a partir da importância que uma dada maneira de apropriação assumiu em determinado período. Desta forma, detectou um conjunto de mudanças significativas existentes no modo pelo qual as autoridades da Província/Estado imaginaram ou trataram os rios entre o período de 1853 a 1940, delineando as diversas temporalidades de intervenção técnica no natural: como possíveis estradas, como pontes e, dentre outras, com a função mais recente de fornecedor potencial de energia elétrica.

Lançando mão desta proposta metodológica, buscamos identificar quais os significados expressos na obra *Vidas Secas* em relação ao Semiárido que remetem à forma como esse ambiente foi imaginado e apropriado pelos sujeitos sociais e pelos projetos políticos durante a década de 1930, detectando, assim, uma forma específica e histórica de concepção desse extrato biogeofísico e de intervenção cultural feitas sobre esse meio.

Tomando por base as sugestões metodológicas de Donald Worster (1991, p. 5), compartilhamos da ideia de que há três níveis de questões que a história ambiental enfrenta: o primeiro trata do entendimento da Natureza propriamente dita, tal como se organizou e funcionou no passado; o segundo nível introduz o domínio socioeconômico na medida em que este interage com o ambiente, preocupando-se com as ferramentas e o aparato técnico disponível, com as relações sociais que brotam do trabalho, com os diversos modos criados pelos povos para produzir bens a partir de recursos naturais; por fim, formando uma terceira vertente de análise para o historiador, vem aquele tipo de interação mais intangível e exclusivamente humano, puramente mental ou intelectual, no qual imaginários, percepções, valores éticos, leis, mitos e outras estruturas de significação se tornam parte do diálogo de um indivíduo ou de um grupo com a Natureza.

Baseados nessa proposta teórico-metodológica debruçamo-nos no estudo do modo como o Semiárido foi significado e apropriado culturalmente, atendo-se, em primeiro lugar, ao exame das peculiaridades naturais desse ambiente, em seguida, ao modo como se

instaurou um sistema socioeconômico em interação com ele e, por último, aos mapas cognitivos ou sistemas de significações culturais que intermediaram as inter-relações entre homem e Natureza nesse espaço. Vale dizer que em razão de o presente trabalho se fundamentar na análise das representações e metáforas configuradas em uma obra literária que versa sobre o Semiárido brasileiro, o que estamos considerando como um terceiro conjunto de questões da história ambiental, partimos desse campo das imagens e representações para podermos chegar ao estudo do extrato natural semiárido, a saber, ao primeiro nível de análise proposto a nós historiadores do ambiente por Worster. É bom lembrar que, como ressalta esse autor, embora possamos, para efeito de clareza, distinguir esses três níveis de estudo da história ambiental, eles constituem uma investigação única e dinâmica, na qual Natureza, organização social e econômica, pensamento e desejo são tratados como um todo que muda conforme as dinâmicas das sociedades e das naturezas, numa dialética que atravessa o passado e chega até o presente.

Diante do exposto, cabe agora entrecruzar as peculiaridades da literatura enquanto fonte histórica com a história ambiental, campo de pesquisa no qual este trabalho se insere. Inicialmente, convém indagar: quais os limites e potencialidades oferecidos por uma fonte literária que se presta a uma leitura historiográfica voltada para problematizar o modo pelo qual o homem se relacionou com a Natureza em um período histórico específico? Nesse caso, levamos em conta as virtualidades imagéticas inerentes à criação literária como possivelmente capazes de contribuir, talvez de forma mais abrangente que outras formas de conhecimento – científico, filosófico ou mesmo político (SCARPELLI, 2007, p. 199) – para a tradução de outros possíveis do homem (CASTORIADIS, 1982, p. 197) ou de diferentes maneiras de significar e de se relacionar com o mundo natural. Isso porque considera-se que as obras literárias possuem uma perspectiva diferencial de conferir olhares multifacetados capazes de dar materialidade e visibilidade a diversas possibilidades de interação do homem com ambientes naturais específicos. Nessa visão, a literatura possivelmente consiste em uma modalidade específica de leitura do mundo, mais abrangente que as demais formas de conhecimento em razão da capacidade que possui de antecipar situações e acontecimentos através do imaginário. Além disso, a literatura pode ser capaz não apenas de problematizar formas específicas de relação do homem com a Natureza, mas também de suscitar reflexões a respeito do modo como os próprios seres humanos de determinada sociedade se relacionavam entre si, relações essas mediadas, muitas vezes, pelo mandonismo, dominação, hierarquização, subordinação, pobreza e corrupção, entre outros aspectos, como é o caso das representações configuradas na obra *Vidas Secas*.

A escolha de uma obra literária para realizar este trabalho justifica-se porque esta vem se constituindo como uma fonte cada vez mais recorrente por parte de historiadores preocupados em investigar o reduto das sensibilidades historicamente situado em um contexto sociocultural específico. Contudo, é importante advertir, de antemão, tomando por base Pesavento (2005), que se o historiador recorrer à literatura com o intuito de identificar se as personagens daquela trama realmente existiram ou se algo teria ocorrido de fato, não é a esse tipo de fonte que deve se valer. Já para o historiador que buscamos atingir as sensibilidades e as significações instituídas¹⁴ pelas sociedades em uma determinada época ou repensarmos as representações do mundo no passado, a literatura se presta como uma fonte especial que pode permitir inclusive encontrarmos vestígios que outras fontes não nos fornecerão. Desse modo, como o presente trabalho se insere no campo de estudos ligados ao imaginário social da Natureza, a literatura se apresenta como uma fonte privilegiada de investigação para os historiadores do ambiente quando almejamos atingir o reduto das significações instituídas historicamente pelas sociedades em relação ao mundo natural.

Para Sandra Pesavento, uma perspectiva que tem se apresentado como profícua para os historiadores que se debruçam sobre o estudo das relações entre a história e a literatura é o estudo dos imaginários, dispositivos capazes de lançar luz sobre as formas de ver, de sentir, de expressar e de significar o tempo passado. Na visão dessa autora, o imaginário “é sistema produtor de ideias e imagens que suporta, na sua feitura, as duas formas de apreensão do mundo: a racional e conceitual, que forma o conhecimento científico, e a das sensibilidades e emoções, que correspondem ao conhecimento sensível” (PESAVENTO, 2009, p. 2). Deste modo, para discutir o diálogo da história com a literatura, como um caminho que se percorre nas trilhas do imaginário, é preciso assumir, em primeira instância, posturas epistemológicas que diluam e, em parte, relativizem a dualidade verdade/ficção, ou a suposta oposição real/não-real, ciência ou arte. Isso porque ambas as narrativas, conforme salientamos, buscam efetuar uma leitura do “real”, negando-o ou afirmando-o, construindo sobre ele outras versões, ou ainda ultrapassando-o, constituindo-se em representações que se referem à vida e a explicam. É por essa razão que a literatura se constitui como uma linguagem privilegiada de acesso ao imaginário das diferentes épocas (Ibidem, p. 3).

No que diz respeito à análise do romance *Vidas Secas*, entendemos que não se deve estudá-lo como parte de um conjunto, de um bloco, generalizá-lo, ao lado de outros, tão somente por também tratar do Semiárido e ter sido escrito por mais um literato da região

¹⁴ A respeito da noção de instituição imaginária da sociedade, consultar: CASTORIADIS, 1982. Ver também: Idem, 1987.

nos anos 1930. O universo interno de cada obra literária publicada nessa década configurou visões e intencionalidades específicas a respeito dos temas e questões elaborados sobre o Semiárido. Deste modo, ao longo da tessitura deste trabalho, procuramos nos apoiar, antes de tudo, no enfrentamento de um texto literário, orientar a escrita buscando não correr o risco de partir de generalizações diante das quais a obra pudesse aparecer como mero exemplo (BUENO, 2006). Dito de outra maneira, considerando a obra estudada como guardiã de rastros e indícios que remetem à história do Semiárido, tratamos de abordá-la diretamente, à medida que nos fornecia subsídios para analisarmos o problema proposto neste trabalho.

Graciliano Ramos, como homem de seu tempo, adotou ao longo de sua trajetória, em especial nos anos 1930, certo comprometimento ético e político com os problemas sociais, notadamente do campo, encontrando como caminho possível o ideário de esquerda, por meio de uma literatura engajada. Esse literato denunciava questões e entraves que permaneciam no Brasil como paradoxos ao momento em que o país consolidava seu projeto de modernização, urbanização e industrialização, dentre os quais: a pobreza, as extremas desigualdades sociais, a falta de acesso à educação, ao sistema de saúde e às demais necessidades elementares ao homem, como água, alimentação, moradia, emprego, etc. Estes são alguns dos aspectos que percorrem a tessitura da escrita de Graciliano Ramos, em *Vidas Secas*¹⁵.

Embora a historiografia tenha privilegiado a seca como tema para produzir seus trabalhos sobre o Nordeste, no interior de diversas vertentes da disciplina histórica, torna-se necessário que os historiadores repensemos as representações deixadas nas fontes disponíveis do passado a respeito do Semiárido, constituído não apenas por seca, mas também pelo “inverno”, pela biodiversidade da fauna e da flora regionais, pelos sentimentos de amor e de apego à terra, pelas sensibilidades dos sujeitos em relação aos diversos fenômenos da Natureza, dentre outras possibilidades de abordagens.

Feitas essas considerações, passamos a uma breve crítica em torno da historiografia recente que tematiza o Semiárido brasileiro. Seleccionamos as principais obras consideradas pertinentes à presente discussão, notando que frequentemente essa região foi associada pelos

¹⁵ Para Silva (2007, p. 6-7), Graciliano Ramos denuncia em suas obras um sistema social de extrema desigualdade, uma dicotomia entre o mundo dos letrados e o mundo dos iletrados à mercê daqueles que dominam a escrita. *Vidas Secas* encampa uma denúncia e uma acusação a esses desequilíbrios na sociedade das décadas de 1930 e 1940. A personagem Fabiano é o retrato dessa desigualdade, da revolta e da consciência de si – aquele que não domina o signo da linguagem e vive sob o signo do silêncio, aquele que é silenciado em um sistema social perverso, sistema esse que precisa ser acusado e denunciado.

estudos históricos como limitada apenas à seca¹⁶. Iniciamos pelo texto de Marco Antônio Villa, *Vida e morte no Sertão: História das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*, no qual o autor considera a negligência e a corrupção do Estado durante os períodos de seca como as principais causas das “mazelas” sociais do Nordeste. Analisando fontes oficiais e relatos de jornais de diversos Estados do país, esse autor aponta os limites dos projetos políticos de intervenção desenvolvidos no Nordeste durante os principais momentos de “devastação” econômica e “miséria”, supostamente provocados pela falta de políticas públicas eficazes que visassem “combater o flagelo”.

Apesar de se tratar de um trabalho de pesquisa documental que oferece a sua contribuição para o estudo da história do Semiárido, algumas lacunas podem ser apontadas a partir da leitura dessa obra. Uma delas diz respeito à ausência de uma abordagem sobre as particularidades ambientais da região. Nota-se que, em vários momentos, a análise incorre em certas concepções determinísticas que situam a migração e os demais problemas sociais do Nordeste como uma consequência direta do clima, considerando a seca como uma “tragédia”, um “massacre”, uma “grande guerra”, um “flagelo”, um “holocausto”, um “genocídio”, entre outras conotações que, de acordo com o autor, tornavam essa região passível de políticas públicas para “socorrer” os “flagelados” (VILLA, 2000, *passim*).

Ao enfatizar a ação dos dirigentes políticos em torno da ideia de “combate” à seca, Villa não coloca em discussão a necessidade de convivência do homem com o Semiárido brasileiro, de modo a valorizar as riquezas e potencialidades naturais que dispõe, assim como as possibilidades de projetos adequados às experiências culturais e às especificidades ambientais desta região. O autor parece, em certos casos, reproduzir alguns lugares comuns elaborados de forma distorcida a respeito desse ambiente, entre os quais, a noção de que se limita somente à seca e esta, por sua vez, constitui-se em um “flagelo” a ser “combatido”. Além disso, o caráter abrangente e totalizador dessa obra, que parece descrever uma história

¹⁶ Os primeiros estudos sobre o fenômeno das secas no Semiárido se iniciaram, ao que tudo indica, no final do século XIX, com o cronista Irineu Joffily, em sua obra *Notas sobre a Parahyba* (1892), na qual dedicou dois capítulos a esse considerado “magno assunto”, chamando atenção para o quanto as secas prejudicavam a economia regional e apontando que a base de desenvolvimento agropecuário do sertão se situava unicamente na multiplicação dos açudes. José Américo de Almeida, em 1923, lançou a obra *A Paraíba e seus problemas* na qual também abordou a seca como possível responsável pelo retardamento da organização social e econômica do Estado. Outra corrente historiográfica se fundamenta em estudos sobre a região na década de 1950, entre os quais, destacam-se os trabalhos de Celso Furtado, Rômulo Almeida e, mais recentemente, o de Francisco de Oliveira, *Elegia para uma re(li)gião*. Nesse último, a questão da seca também é vista sob uma perspectiva socioeconômica, ou seja, segundo as relações entre os grandes fazendeiros do algodão-pecuária da região e os camponeses; aborda-se também a atuação do DNOCS (Departamento Nacional de Obra contra as Secas), problematizando a que interesses, na prática, essa instituição atendeu.

geral das secas no Nordeste, enfatiza menos um problema de estudo e mais lugares comuns peculiares ao tema, aparentando até mesmo confundir Semiárido com Nordeste.

Outra produção historiográfica a ser considerada diz respeito à obra *Imagens do Nordeste: a construção da memória regional*, de Frederico de Castro Neves, que utiliza como fontes históricas diversos jornais publicados entre 1978 e 1983 e tem o Estado do Ceará como delimitação espacial da pesquisa. Nota-se que, ao analisar a questão da seca no Nordeste, os limites da abrangência deste estudo parecem ter sido o de privilegiar apenas as relações sociais assimétricas da região como modelo de explicação. Para esse autor, a Natureza do Nordeste foi socialmente instituída como “inóspita” por parte de um grupo de poder econômico privilegiado que procurava intensificar a intervenção humana sobre o ambiente regional, tendo em vista promover a industrialização e garantir o aumento da produtividade e a apropriação privada das riquezas, mesmo quando a intenção declarada fosse assistir à população sujeita às “intempéries”. Nesse sentido, a seca era percebida por esse patronato como um entrave ao “progresso” regional e atuava como a principal causa dos conflitos sociais a reforçar a estrutura assimétrica de poder no Nordeste, uma vez que, durante as estiagens, quando as tensões sociais se intensificavam, era comum que a memória regional dominante buscasse legitimar a ordem e definir os limites da prática política. Nesse sentido, para Neves, a atuação do Estado se limitava apenas a implementar as “soluções” técnicas previamente estabelecidas por esses grupos de poder econômicos.

Observa-se que, ao analisar os problemas do Nordeste, com base em uma abordagem de história social, Neves avança na apreensão das tensões e conflitos que marcaram essa organização social, cujas relações eram baseadas em extremas desigualdades sociais. Parece que deixa a desejar, todavia, nas questões relativas aos imaginários instituintes e seus diversos matizes que influenciaram práticas socioculturais e políticas na região.

Outro texto significativo com o qual dialogamos para a construção desta pesquisa é *A invenção do Nordeste*, através do qual, Durval Muniz de Albuquerque Júnior, apropriando-se do método arqueogenalógico proposto por Michel Foucault, busca desconstruir as supostas “maquinarias imagético-discursivas” que tornaram visível e dizível a região Nordeste, entre meados da década de 1910 até os anos 1960, entre as quais: a literatura, o cinema, a pintura, a música e a produção acadêmica produzida na e/ou sobre a região. Aspecto importante a ser discutido em torno dessa obra diz respeito ao modo como os romances produzidos na década de 1930, a despeito de sua polissemia e diversidade, foram considerados pelo autor como um dos “tropos imagéticos e discursivos” que contribuiu para construir uma suposta identidade homogênea para o Nordeste. Nesse

sentido, a seca é apontada como um dos “temas regionais” que produziu uma visibilidade supostamente homogênea para o ambiente e para a sociedade da região, assentada em imagens que se tornaram clássicas, como “o fogo”, “a brasa”, “a sede”, “a fome”, “a miséria”, etc (Ibidem, p. 121).

Trabalhamos com a hipótese de que a leitura realizada por Albuquerque Jr. em torno do chamado “romance de 30”, em certa medida, generaliza a ideia de que a seca é um dos “temas regionais” constantes nessas obras literárias, que supostamente uniformizou o ambiente da região apenas como seco. Deste modo, tudo leva a crer que esse autor situou os romances tomados como fontes no interior de certo “rótulo generalizante”, a partir do qual alguns desses textos ficcionais apareceram como mero exemplo.

Isso pode ser observado, por exemplo, através da análise da obra de Graciliano Ramos, em especial, de *Vidas Secas*, que parece abordar um aspecto marcante que a particulariza no interior da tradição do romance brasileiro da época, a saber, o de que “ele não é um romance de seca” (BUENO, op. cit., 661-662). Nesse sentido, ao que tudo indica, essa obra não se situa como um dos “tropos imagéticos e discursivos”, considerados por Albuquerque Jr., que construiu a imagem cristalizada de um Nordeste seco. Isso porque, com exceção do primeiro capítulo, “Mudança”, que narra a caminhada da família de Fabiano fugindo pelo interior do sertão semiárido nos momentos finais de uma seca, a maior parte da trama, contrariando expectativas, parece se desenrolar durante temporalidades de relativa fartura e prosperidade (Ibidem, 661-662). Deste modo, durante todo o desenvolvimento do romance, a seca persiste apenas como um lugar de memória para aqueles sertanejos que ora se lembram dos “sofrimentos” passados, quando migravam pelos caminhos do sertão, ora temem que esse fenômeno natural mais uma vez atinja aquele espaço.

Essa sugestão parece corroborar a ideia de que a contundência de *Vidas Secas* enquanto uma obra que assume um dos pólos ideológicos de seu tempo (embora este seja o principal limite político-ideológico que problematizaremos durante a análise dessa trama), insinua-se justamente na agudeza de perceber que mais do que a seca, aspecto natural situado acima das escolhas humanas, o que oprimia a família de Fabiano era uma questão social (BUENO, op. cit., p. 662-663). Nesse sentido, a Natureza não limitava a vida humana apenas pelo seu valor intrínseco, mas sobretudo pelo modo como era instrumentalizada pelos latifundiários que exploravam os sujeitos sociais mais vulneráveis, como era o caso da família do vaqueiro representada no romance.

Com base nessas proposições, sustentamos a hipótese de que, não obstante Albuquerque Jr. chegue a afirmar certa preocupação com a diversidade das representações do Nordeste inscritas no romance social de 1930, na prática, a sua análise não parece ter atentado para as peculiaridades internas que cada obra assumiu no momento particular da década em que foi produzida, aspecto que possivelmente o instigou a homogeneizar a diversidade dos temas regionais abordados por cada literato em obras específicas. Com efeito, a estratégia de leitura adotada pelo autor, em nossa visão, pareceu atribuir uma identidade fechada para esses escritores, de modo que mesmo os literatos que defendiam certos ideais de esquerda, a exemplo de Graciliano Ramos, também permaneceram presos, segundo ele, “à armadilha da identidade e da generalização, ao apagar as diferenças internas ao Nordeste e homogeneizá-lo a partir das imagens cristalizadas do sertão”, entre elas, a do “fogo, da brasa, da cinza”, da “miséria, da sede, da fome” (ALBUQUERQUE JR., op. cit., p. 121; 230)¹⁷.

A respeito dessa questão, a crítica literária Lígia Chiappini, em estudo sobre a obra de Rachel de Queiroz, também observa que não obstante Albuquerque Jr. reconhecesse as diferenças entre as obras literárias tomadas para estudo, apresentou-as em bloco e generalizou a criação artística particular de cada um dos literatos. Chiappini assinala que embora esse autor aborde em separado alguns desses escritores ditos regionalistas, entre eles Rachel de Queiroz, para ilustrar e comprovar suas afirmações mais gerais, deixa de lado obras da escritora a apresentar especificidades próprias que fogem a estas generalizações, como é o caso de *Memorial de Maria Moura*. Aspecto semelhante observamos em relação à leitura que esse autor faz de *Vidas Secas*, que parece generalizar para esse romance algumas características observadas em outras obras de escritores regionais da década de 1930, desconsiderando as nuances que lhes são próprias (CHIAPPINI, 2002, p. 157-176).

Nessa mesma perspectiva, Luís Bueno, na obra *Uma história do romance de trinta*, chama a atenção para a necessidade de que abordemos as particularidades de cada obra que compõe o romance de 1930 no momento da década em que ela foi produzida, considerando a multiplicidade de configurações estéticas e histórico-sociais que a marcaram e a função que cada uma delas exerceu ao posicionar-se, de algum modo, no debate das questões de seu

¹⁷ Quando Albuquerque Jr. (op. cit., p. 236) situa *São Bernardo* como um dos supostos romances que construíram a imagem homogênea de um Nordeste seco, talvez desconsidere a peculiaridade do ambiente construído pelo narrador nessa obra, que não se constitui como meramente seco, pelo contrário, as escassas referências à Natureza que aparecem nessa obra baseiam-se em momentos de chuvas. Como a intenção desse escritor parecia consistir em problematizar, através de *São Bernardo*, o materialismo e as relações capitalistas que passavam a caracterizar a sociedade sertaneja naquele período, as paisagens naturais aparecem somente, como bem assinala Luiz Costa Lima (1969, p. 56), quando servem para Paulo Honório, protagonista da trama que representa o proprietário da fazenda, obter vantagens e lucros e não consistem em imagens de seca.

tempo. De acordo com esse crítico literário, o chamado romance de 1930 pode ser dividido em três períodos diferentes que marcaram a história e a literatura da década: em primeiro lugar, antes da polarização ou no momento da dúvida, a compreender os anos de 1930 a 1932; em seguida, em plena polarização, correspondendo às obras escritas entre os anos de 1933 a 1937; e, por fim, o período que sucede a polarização, a partir de 1938 (BUENO, op. cit.).

Assim, compartilhando com as sugestões propostas por Chiappini e Bueno, e buscando ampliá-las na abordagem desta problemática específica, procuraremos não generalizar o modo como a obra literária selecionada para este estudo representou o Semiárido brasileiro, trabalhando com a possibilidade de que nem todas as obras produzidas nesse período se detiveram às descrições de paisagens secas ou de suas supostas imagens de dramaticidade.

Neste trabalho, o tempo da Natureza e o tempo cronológico representados na obra literária estudada serão considerados através da metáfora da espiral. Levando em conta que a literatura se trata de um campo que permite incorporar a dimensão múltipla das temporalidades constitutivas da história, buscamos confrontar na obra o que permanece do tempo cíclico (a continuidade) com a abertura em direção ao devir e às mudanças (a descontinuidade), de modo que ambas essas dimensões dialoguem na narrativa sob uma atmosfera de relações tensivas. Tal proposição permite estudar a obra literária na singularidade interna que lhe é própria, ao contrário de certa matriz da historiografia literária que unificou a pluralidade dos tempos em uma temporalidade homogênea, progressiva, vazia e linear, em consonância com o ideário moderno e burguês. Propomos que o tempo linear e o circular convivem sob relações tensivas e são pertinentes para explicar a complexidade da história por entre os labirintos das tramas cotidianas (CRIPA, 2007). Nessa perspectiva, convidamos o leitor a percorrer os itinerários desta narrativa, seguindo os labirintos do tempo nela representados. Nesses caminhos, história e ficção parecem se entrecruzarem para dar lugar a novas leituras realizadas sobre o passado. Por isso, a recorrência à fonte de pesquisa selecionada demarca os caminhos e as interpretações escolhidas e deixam lugar para novos itinerários e “aventuras” a que esse texto literário certamente ainda poderá se lançar.

Assim, o itinerário desta narrativa está estruturado em três capítulos. No primeiro, **Revisitando o Semiárido: cenários de vidas e de sol**, procuramos detectar as manifestações imaginárias representadas no romance *Vidas Secas* em torno do fenômeno da seca no Semiárido, assim como as práticas socioculturais e os projetos políticos que

estiveram associados a essas significações. Para tanto, debruçamo-nos em torno da análise das imagens de seca esboçadas nesse romance, problematizando os principais fatores que instigaram as personagens a migrarem do sertão semiárido nos períodos de estiagens. A segunda seção intitulada **Entre secas, sonhos e enchentes: significações da chuva na sociedade do Semiárido**, como o próprio título sugere, buscamos identificar, através das representações expressas em *Vidas Secas*, os significados e as sensibilidades que as personagens dessa trama expressavam em relação ao fenômeno das chuvas no Semiárido brasileiro. Refletimos, principalmente através da análise do capítulo “Inverno”, sobre o papel que as chuvas representavam para a sociedade do Semiárido e acerca das formas de apropriação dos recursos naturais nessa região ao longo dos anos 1930; por fim, no terceiro capítulo, **O semiárido e os animais: imaginário social, patrimônio natural e cartografias topofilicas**, problematizamos o modo pelo qual os animais da Caatinga foram representados pelos sertanejos e a forma pela qual esses significados estiveram articulados com a cultura, o modo de vida e o desejo de permanência na terra semiárida. Destacamos como o homem comum do sertão atribuía sentido a esses animais de acordo com a forma pela qual estavam associados às estações do ano, notadamente, à seca ou ao período chuvoso.

Convidamos, pois, o leitor, a seguir conosco essa viagem por algumas cartografias do Semiárido brasileiro, com o intuito de encontrar nos labirintos da história e da ficção os fios, os tecidos e os rastros necessários para tecer mais uma trama sobre esse lugar.

2 REVISITANDO O SEMIÁRIDO: CENÁRIOS DE VIDAS E DE SOL

*Só conseguimos deitar no papel
os nossos sentimentos, a nossa vida.
Arte é sangue, é carne.
Além disso não há nada.
As nossas personagens são
pedaços de nós mesmos,
só podemos expor o que somos.*

RAMOS, 1949. In: TUFANO, 1995. p. 259-260¹⁸

Talvez fosse apenas mais uma daquelas frias e cinzentas noites do inverno de 1937, mas aquela sensação de liberdade parecia estranha a quem passara quase um ano na prisão acusado de simpatizar com ideias revolucionárias¹⁹. Resolvera então escrever aqueles contos²⁰ que pretendia publicá-los separadamente em suplementos literários²¹. Ao som das primeiras bátegas pingando sobre o telhado de casa, Graciliano Ramos, escritor cujo interesse estético se mostrou, em toda a sua trajetória, indissociável de certo comprometimento ético, instigara estilhaços de sua memória para construir representações da vida dos que moravam na região do Semiárido brasileiro. Lembrava-se dos tempos de seca e entre o turbilhão de imagens confusas inscritas em seus pensamentos, aos poucos, delineavam-se personagens, cenários, gestos, comportamentos e um cotidiano tecido com retalhos de sentimentos que as interligavam ao espaço físico daquela região. Em uma dessas imagens, mais uma vez “a VIDA na fazenda se tornara difícil” (RAMOS, op. cit., p. 116) e o protagonista a que denominou de Fabiano já preparava lentamente, meio “sem jeito”, a viagem com a família em busca de outras cartografias imaginárias. Sinha Vitória²², a sua esposa, “benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas” (Ibidem, p. 116), “Fabiano espiava a catinga amarela, onde as folhas secas se

¹⁸ Trata-se de uma carta endereçada a Marili Ramos quando Graciliano Ramos havia lhe enviado um conto para leitura intitulado *Mariana*. Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1949. In: TUFANO, 1995. p. 259-260.

¹⁹ O escritor esteve preso entre 3 de março de 1936 e 13 de janeiro de 1937, perseguido de maneira arbitrária pela Polícia Política de Getúlio Vargas que preparava o ambiente para a ditadura. As suas posições críticas independentes alertaram o Estado que em breve se pretendia totalitário. Cf. LINS, 1995.

²⁰ A obra *Vidas Secas* é resultado de um conjunto de contos escritos e publicados separadamente pelo escritor em suplementos literários durante o ano de 1937. O primeiro deles foi “Baleia”, que viria a compor, mais tarde, um dos capítulos desse romance. Depois de enviar, pela primeira vez o texto para *O Jornal*, o escritor se arrependera, não teria a noção da repercussão que em breve esse “conto” teria.

²¹ Cada “conto” era enviado a publicações nos suplementos literários do *Diário de Notícias*, *O Cruzeiro* e *O Jornal*.

²² Ao longo deste trabalho, essa personagem será chamada de “sinha” e não “sinhá” para seguir o termo original utilizado pelo escritor Graciliano Ramos na obra.

pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam negros, torrados”, “no céu azul as últimas arribações tinham desaparecido” e “resistia, pedindo a Deus um milagre” (Ibidem, p. 116).

Fabiano chegara àquela fazenda em fins de um longo período de seca, teceu sonhos de ser o “dono daquele mundo” e vislumbrou que seriam “todos felizes” com a chegada do “inverno”, viveriam com saúde, com fartura e a “fazenda renasceria” (Ibidem, p. 16). Todavia, as chuvas vieram e com ela também o proprietário da fazenda, sob o domínio do qual o vaqueiro passou a viver, segundo o narrador de *Vidas Secas*, sendo humilhado, enganado, animalizado. Apesar disso, estava “satisfeito”, chovia no sertão e “Fabiano estava contente e esfregava as mãos” (Ibidem, p. 67), até parecia que aquela situação que passara tinha-lhe esmorecido no espírito. Mas, de repente, as aves de arribação, para Fabiano, “excomungadas”, “pestes”, “miseráveis” desceram ao sertão para anunciar-lhe “desgraças”, que a seca em breve chegaria e seria necessário “fugir de novo, aboletar-se noutra lugar, recomeçar a vida” (Ibidem, p. 110).

Na cena acima descrita, é narrado o percurso de Fabiano migrando com a família no momento em que se iniciava mais um período de seca no Semiárido. Partia em busca de uma sonhada “terra desconhecida e civilizada” onde pudesse ficar “preso”, embora ainda não soubesse ao certo “como ela era nem onde ficava”. Segundo a narrativa, a figura de Fabiano era tecida como um sertanejo “sombrio, cambaio” a caminhar lentamente pelas veredas da Caatinga, ao lado de “sinha Vitória com o filho mais novo”, “o menino mais velho” e a “cachorra Baleia”, animal que, ao lado do papagaio, completava as personagens integrantes daquela família (Ibidem, ps. 9; 10; 18; 126).

A “fuga” daquela família, porém, nada tinha de excepcional, visto que fazia parte de uma prática comum e recorrente no interior do Nordeste durante os períodos de seca, além de ser normalmente apresentada nos romances sociais da época²³, quando as fazendas eram abandonadas pelos seus proprietários e sertanejos pobres como Fabiano juntavam seus “pedaços de sonhos” e partiam na esperança de alcançar a sonhada “terra distante”, “uma cidade grande, cheia de pessoas fortes” (Ibidem, p. 126).

Por meio da análise do itinerário dessa família pelo Semiárido brasileiro, delineado em *Vidas Secas*, é possível analisar as inter-relações que as personagens mantinham com as

²³ A seca e os “retirantes” foram temas abordados, com frequência, pelos romancistas sociais do Nordeste nos anos 1930. Ao lado de *Vidas Secas*, obra ora em análise, houve ainda *A Bagaceira*, de 1928, escrita por José Américo de Almeida, *O Quinze*, publicado em 1930, de Rachel de Queiroz. Deve-se salientar, contudo, que cada um desses escritores abordou a seca e os problemas sociais do Semiárido, em seus romances, de um modo particular e distinto, que fogem a quaisquer tentativas de homogeneização da multiplicidade de significados codificados nessas tramas.

condições ambientais da região e como desenvolveram, criativamente, astúcias para conviver em interação com aquele espaço. O nosso enfoque é dado ao modo como essas personagens atribuíram sentido ao ambiente em que viviam e à análise de que práticas sociais foram associadas a esses significados elaborados por aqueles sujeitos a respeito da região semiárida. Cabe salientar, de início, que o Semiárido não se configura apenas sob a forma de seca, como frequentemente certa historiografia (NEVES, 1994; ALBUQUERQUE JR., 1999; VILLA, 2000) o associou às “imagens dramáticas” supostamente decorrentes dessa característica natural, mas esse ambiente é marcado por períodos de secas alternados com interstícios de chuvas. Nesse sentido, é em torno da diversidade de formas apresentadas em *Vidas Secas* e dos múltiplos significados instituídos pelas personagens a respeito da região que este trabalho se detém.

Isto porque, tem-se observado que o Semiárido brasileiro, desde o século XIX, vem sendo associado por autores de algumas obras literárias²⁴ somente à seca e às suas supostas consequências devastadoras, de modo a sugerir aos leitores urbanos do país, especialmente os do Sudeste, e partilhar com eles, imaginários sobre o ambiente e os homens do Norte, atual Nordeste, que desconsideravam as potencialidades ambientais e a dinâmica cultural dessa região.

Graciliano Ramos configurou em *Vidas Secas* manifestações imaginárias específicas a respeito do homem e do ambiente semiárido, de modo a compartilhar com uma seleta cultura letrada e urbana da época determinadas representações a respeito daqueles sujeitos sociais e do referido recorte regional. Com efeito, através da análise dessas significações configuradas na obra, identificamos quais foram os sentidos atribuídos pelos sujeitos sociais em relação à Natureza semiárida: aos chamados períodos de seca, de chuva, aos animais, a relação entre campo e cidade, etc. Cada uma dessas dimensões do ambiente regional aparece no romance articulado a um conjunto de sensibilidades e de práticas sociais das personagens, como, por exemplo, o fenômeno da seca sendo associado com a imagem da miséria, da pobreza, da ignorância, da migração, entre outros.

A análise dessas percepções é importante porque, segundo Baczko (*op. cit.*, p. 309), “através dos seus imaginários sociais, uma sociedade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais” e ainda delimita “as suas relações com o meio ambiente e com os ‘outros’”. Nesse sentido, entendemos que as práticas e experiências sociais associadas ao Semiárido por parte das

²⁴ Destacamos aqui as obras *O sertanejo*, de José de Alencar, publicada em 1875; *Os retirantes*, de José do Patrocínio, de 1879; e *A Fome*, de Rodolfo Teófilo, de 1890.

personagens de *Vidas Secas*, figuras literárias que expressam um modo de ser próprio da Caatinga e das pessoas que nela habitavam, são guiadas pelos sentidos ou por uma determinada concepção elaborada em torno da sociedade e da Natureza regionais. Essas significações imaginárias instituídas pelas personagens dessa obra literária intermedeiam não apenas o modo como se relacionam com o ambiente, mas, também, com os demais sujeitos daquela sociedade, delimitando identidades para essa região.

Diante do exposto, objetivamos neste capítulo identificar as manifestações imaginárias configuradas no romance *Vidas Secas* a respeito do Semiárido brasileiro e as práticas socioculturais e políticas que estiveram associadas a essas representações da Natureza. Para tanto, levando em conta as condições naturais do Semiárido e dialogando com a configuração social e política da época, problematizamos as principais questões sociais e relações de poder que marcaram essa sociedade representada no referido romance, assim como as limitações do meio natural que instigaram determinadas práticas por parte dos sujeitos que nela viviam.

É possível perceber nesse romance aspectos de um cotidiano que girava em torno das estações da Natureza, seja nos períodos de seca, seja nos de “inverno”, a partir dos quais se mobilizavam práticas sociais distintas por parte de cada segmento social que habitava aquele espaço. Em relação à seca, particularmente, aspecto natural que se sobressai nessa região em relação aos demais, múltiplos significados lhe eram atribuídos por parte dos diferentes grupos sociais representados no romance, a saber, pelo vaqueiro Fabiano, seus filhos, sua esposa, o proprietário da fazenda, os moradores da cidade, etc.

Por um lado, havia aqueles que se tornavam mais vulneráveis quando atravessavam o período das longas estiagens, como os homens pobres e marginalizados inseridos no interior de uma estrutura concentrada de poder e de um regime de produção excludente que os relegava a uma existência subumana. Era o caso de Fabiano, protagonista de *Vidas Secas*, que se situava na fronteira da animalização, subjugado por um sistema que ameaçava sonegar-lhe a própria condição humana, muito embora, em toda a obra, na percepção do narrador, essa personagem desenvolvesse, criativamente, astúcias de sobrevivência para superar as limitações que lhe eram impostas pelo meio social, político e natural. Apesar disto, a dificuldade que Fabiano tinha de se expressar claramente, de dominar o código linguístico com segurança para se defender de certas arbitrariedades, como no dia em que fora preso arbitrariamente na cidade pelo soldado amarelo, parecia se constituir em seu

maior dilema existencial. Considerava-se um “bruto”²⁵, “um cabra”, “um bicho” da Caatinga. Por meio destas metáforas, talvez o narrador buscasse apontar para o que a sociedade privou dessa personagem em termos de direitos considerados fundamentais como alimentação, moradia em condições sanitárias adequadas, terra para trabalhar, acesso à água de boa qualidade, educação para os filhos, instrução formal, emprego, etc. A não utilização do código linguístico da fala com clareza parecia impedir que a voz de Fabiano ecoasse naquela sociedade e, em razão dessas diversas dificuldades enfrentadas se intensificarem nos períodos de seca, esse fenômeno natural passou a receber uma imensa carga de conotações negativas no imaginário daquelas personagens.

Mas se a seca era percebida, de um lado, pelos sertanejos pobres de *Vidas Secas* como uma “desgraça”, uma “destruição”, como sinônimo da fome e da tribulação, entre outras conotações similares, por outro, era concebida sob outros signos pelos sujeitos que compunham certa elite econômica proprietária das terras e das demais riquezas da região. Em outras palavras, se a seca era “destruição” e escassez para o homem pobre, sem terra e sem teto, figurava como “inverno”, metáfora da fartura, para outros sujeitos daquela sociedade, entre os quais, destaca-se a figura do “patrão”. Este representava os grandes latifundiários de diversas maneiras favorecidos pela estiagem no Semiárido, ora recebendo as benesses do Governo que, segundo os discursos, seriam para “socorrer” os “flagelados”, mas que, na prática, eram desviadas para causas particulares²⁶, ora buscando subordinar os sertanejos mantidos em seus domínios em situação de dependência, como o fazia com a personagem Fabiano, narrada em *Vidas Secas*.

Nesse cenário, parecia haver no romance uma multiplicidade de significações imaginárias e, por conseguinte, de experiências socioculturais de convivência com o Semiárido brasileiro, articuladas de acordo com a diversidade de categorias dos sujeitos e com as estações climáticas²⁷ assumidas pela Natureza, ou seja, se tratava-se de um período de seca ou de “inverno” na região. Dito de outra maneira, nota-se que, nessa obra, as interações sócio-históricas do homem com o ambiente semiárido, intermediadas pelas

²⁵ O crítico literário Hermenegildo José Bastos afirma que em *Vidas Secas* está implícita no adjetivo “bruto”, toda a carência do sertanejo, seja ela afetiva, profissional ou intelectual. Ver: BASTOS, 2001.

²⁶ Sobre esse tema, consultar Aranha (2006) que analisou, através da metáfora teatral, como os governantes das províncias, depois Estados do Nordeste, espetacularizaram e dramatizaram o sofrimento das populações sertanejas durante os períodos de seca.

²⁷ No Brasil, embora tradicionalmente se mencionem as quatro estações por causa da herança da colonização européia, elas acontecem de formas diferentes no norte e no sul do país. No Sul, é possível dividir o ano em quatro estações, pois a Natureza apresenta as quatro predominâncias, ao passo que no Norte do país, sobretudo no Nordeste semiárido, é mais adequado classificar o ano em duas estações, a seca e a chuvosa, pois este é o comportamento predominante da Natureza na região.

significações imaginárias atribuídas a esse espaço, efetivavam-se de formas distintas, dependendo dos grupos sociais e de cada estação natural assumida por esse ambiente em determinados períodos do ano.

Dados os problemas e objetivos da presente análise, seguimos as sugestões de Walter Benjamin a respeito de que o historiador devemos efetuar a leitura dos testemunhos históricos à contrapelo, haja vista que muitos dos temas e elementos configurados na obra ficcional nem sempre foram utilizados voluntariamente pelo literato (BENJAMIM, 1994, p. 225). Por outro lado, não devemos perder de vista, contudo, o caráter de engajamento que a obra literária em apreço possui ao representar o posicionamento do seu escritor em relação a um dos pólos político-ideológicos de seu tempo.

No próximo item, procuramos demonstrar que embora a seca frequentemente tenha sido associada às causas dos problemas sociais do Semiárido – miséria, sede, fome, espoliação econômica, epidemias, analfabetismo, entre outros – e, por extensão, à prática da migração dos sertanejos para outras cidades, sobretudo em direção as do Sudeste do país, há outras implicações de ordem política, social e cultural configuradas na obra literária em análise a merecer atenção, não obstante saibamos que as condições naturais atuaram como fatores limitantes das escolhas dos homens e mulheres que viveram no Semiárido da época. Levamos em conta que embora alguns romances da década de 1930 tenham sido tomados como fonte – ao lado de outras representações literárias que versam sobre o Nordeste – para sustentarem a tese de que todos os escritores considerados regionais elaboraram obras limitadas apenas à “invenção” da imagem dessa região como seca e inóspita (ALBUQUERQUE JR., 1999), a riqueza de olhares multifacetados configurados em *Vidas Secas* foge a quaisquer tentativas de enquadrá-la ou reduzi-la a “rótulos generalizantes”. Isso porque, ao que tudo indica, nesse romance, a prioridade de Graciliano Ramos não parece ter sido abordar o sertão semiárido apenas como seco, pelo contrário, a ênfase do escritor consistiu em explicitar como era o cotidiano das personagens desta trama durante o período de “inverno”, demonstrando que muitos dos problemas sociais, intensificados nos momentos de seca, também permaneciam nos interstícios das chuvas. É certo que as causas das dificuldades enfrentadas pelos sertanejos também se encontravam nas relações de poder que marcavam o Semiárido da época, trazidas à tona sobretudo nos períodos de seca, quando a alternativa que lhes restava era migrar em busca de outros sonhos e cartografias imaginárias. No entanto, alguns literatos, como é o caso de Graciliano Ramos, na obra *Vidas Secas*, também demonstraram que quando chovia no Semiárido, mesmo com todos os problemas de ordem social e/ou política que afetavam o homem sertanejo, ele permanecia

ligado à terra por intermédio de fortes laços de sentimentos. Com efeito, quando a seca atingia esse espaço, as dificuldades cotidianas se tornavam insustentáveis para aquelas personagens da trama e essa característica natural passava a receber toda uma conotação negativa por parte dos sujeitos sociais representados nessa obra literária.

2.1 DO “DESASTRE” À “RESSURREIÇÃO”: IMAGENS LITERÁRIAS DA CAATINGA

A cena de abertura do romance *Vidas Secas* demonstra que lá se iam aqueles “seis viventes” em fins de uma tarde ensolarada atravessando a paisagem sertaneja. Segundo a narrativa, “os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos”, “ordinariamente andavam pouco” e “depois daquele *desastre* viviam todos calados, raramente soltavam palavras curtas” [*Grifos nossos*] (RAMOS, op. cit., p. 9; 11).

O trecho acima enuncia que Fabiano, sinha Vitória, os dois filhos, a cachorra Baleia e o papagaio, personagens da obra, experimentavam os momentos finais de uma seca no sertão semiárido depois de percorrerem um longo caminho marcado pela fome, sede, cansaço, silêncio e infelicidade. Nota-se que a seca é associada, mediante a percepção das personagens migrantes, à ideia de um “desastre”, de “desgraça”, de “destruição”, sofrimento, temor, privação e abandono da terra, etc.

Essa prática de migrar do Semiárido certamente não se constituiu em um caso isolado apenas tomado como referência para compor uma obra literária, entre tantas outras da década de 1930 que, sob diferentes maneiras, utilizou a seca como uma personagem avassaladora para desenhar/construir as suas narrativas. Isso porque no Nordeste interior brasileiro da época, a experiência da migração era comum entre os sertanejos que partiam em busca de outras regiões do país, especialmente durante os longos períodos de seca. Nesses momentos, vários “eldorados míticos” ou sonhos de uma vida melhor surgiam no horizonte dos sertanejos como uma possibilidade de fuga da situação aparentemente corolário apenas da Natureza. Depois da Amazônia, de outras províncias do Nordeste menos afetadas pela seca, como o Maranhão, ou mesmo o próprio litoral da região terem se constituído, desde o último quartel do século XIX, como esses “eldorados” para os sertanejos, a partir do século XX, em especial dos anos 1930, a migração em direção ao Sul passou a se constituir como um movimento bastante expressivo (VILLA, op. cit., p. 85).

Isso porque no alvorecer dessa década, a economia nacional abandonava a secular predominância pela cultura agroexportadora centralizada na região hoje conhecida como Nordeste, ao passo que, em contraste, o Sul, simultaneamente, caminhava para a construção

do parque industrial do país, sinalizando para um período de mudanças irreversíveis em termos de urbanização e modernização naquela região. São Paulo, uma pequena vila no século XIX, passaria a receber um intenso fluxo migratório, a maior parte composto de populações do Semiárido que contribuiriam para fazer dela a metrópole referencial do Centro-Sul brasileiro. Para os sertanejos que partiam do Semiárido, aquela cidade surgia no horizonte como uma espécie de eldorado mítico que acreditavam ser capaz de transformar positivamente as suas condições de vida. Com a afluência dos migrantes a esses novos lugares, a exemplo do que ocorreu em São Paulo, novas práticas culturais, espacialidades, ambientes e sociabilidades eram construídos, provocando ressignificações identitárias por parte desses personagens.

Em *Vidas Secas*, o narrador demonstra que movidos pelos sonhos de alcançarem uma terra “desconhecida e “civilizada”, “uma cidade grande, cheia de pessoas fortes”, onde os filhos frequentariam escolas, “aprendendo coisas difíceis e necessárias”, Fabiano e sinhá Vitória “andavam para o sul”, em busca de outras cartografias do desejo (RAMOS, op. cit., p. 126). Neste sentido, considerando, com base em Le Goff (1992, p. 16-17), que “o imaginário alimenta o homem e fá-lo agir. É um fenômeno colectivo, social e histórico” e que “uma história sem o imaginário é uma história mutilada e descarnada”, constatamos que as personagens do romance, possivelmente, impelidas pelas imagens/desejos interiorizados em suas sensibilidades de habitarem uma “terra distante” e “civilizada”, migravam para o Sul nos períodos de seca em busca de novos projetos de felicidade.

As expectativas e aspirações daqueles sujeitos de encontrarem uma nova terra onde pudessem “ficar presos”, em contraste com os temores e os sentimentos de infelicidade vivenciados durante a seca e de todo o imaginário negativo construído em torno da imagem do Semiárido por ocasião desse fenômeno natural, lançam luz a respeito da sociedade e das condições de sobrevivência que dispunham naquele espaço físico e social. Notemos como esses significados atribuídos à estiagem na Caatinga pelas personagens de *Vidas Secas* podem ser relacionados com o que, na visão de Villa (2000, op. cit.), aparece articulado com os conflitos políticos, as extremas desigualdades e as relações de exploração que permeavam a sociedade do Nordeste interior nos anos 1930.

Essa afirmação se baseia na ideia proposta por Baczko (op. cit., p. 303) de que no sistema de representações produzido pelas personagens em determinada configuração histórica, o “verdadeiro” e o “ilusório” não estão isolados um do outro, mas, pelo contrário, encontram-se imbricados, entrelaçados por meio de um jogo complexo. Isso porque “é nas ilusões que uma época alimenta a respeito de si própria que ela manifesta e esconde, ao

mesmo tempo, a sua 'verdade', bem como o lugar que lhe cabe na 'lógica da história'". Neste sentido, o que era elaborado como uma suposta ilusão pelos sertanejos protagonistas de *Vidas Secas*, a saber, o sonho de alcançarem uma terra onde usufruíssem de melhores condições de subsistência, parece estar relacionado com o cotidiano de humilhação a que estavam submetidos no interior do Semiárido, de modo que a experiência de migrar se constituía como uma forma de agirem contra aquela condição social que os oprimia.

Todavia, as imagens de humilhação e subordinação configuradas nesse romance, embora sejam atribuídas pelo narrador às questões de âmbito social, de modo que a única alternativa que restasse aos sertanejos durante a seca fosse fugir, parecem desconsiderar outras astúcias de sobrevivência que eram articuladas pelos sujeitos sociais desta região para permanecerem fixos à terra durante a seca. Essa visão explicitada pela voz narrativa pode ser explicada em razão do comprometimento ético-político assumido pelo escritor Graciliano Ramos, no momento em que escreveu a obra, em relação às questões do seu tempo, demonstrando a necessidade de denunciar a crueldade das desigualdades que caracterizavam essa sociedade. É preciso salientar, entretanto, que nem todos os homens pobres, analfabetos, que não possuíam terras ou outros bens, como era o caso da personagem representada por Fabiano, encontravam na prática de migrar a alternativa para conviver com o Semiárido brasileiro. Vale lembrar que nos períodos de longas estiagens, principalmente quando estas assumiam a forma de secas²⁸, a maioria da população pobre do Semiárido buscava sobreviver explorando à exaustão os seus recursos naturais (MARIANO NETO, 2001, p. 36-37). Dentre essas práticas culturais e históricas dos sertanejos, destacamos os desmate e desflorestamento para ampliação de áreas agrícolas e de pastagem; o uso intensivo do solo; a exploração da capacidade de suporte animal nas pastagens nativas e artificiais; a presença acentuada de processos erosivos e o assoreamento de cursos d'água e mananciais, o surgimento de núcleos de salinização, entre outras experiências nas quais apareciam como agentes capazes de tecer outros modos de sobrevivência para conviver com o Semiárido (PEREIRA, 2007, p. 5).

Na década de 1930, a seca já era considerada pelos próprios sujeitos sociais da região como o "fantasma" causador de todos os problemas do Semiárido brasileiro. Desde fins do

²⁸ O fenômeno da seca envolve fatores climáticos, geográficos, sociais e econômicos. Nesse sentido, duas características definem a sua ocorrência: a distribuição geográfica e temporal irregular das precipitações e a vulnerabilidade/pobreza socioeconômica. É importante também diferenciar os conceitos de seca e de estiagem. A estiagem, insuficiência de chuvas, é necessária, mas não suficiente para caracterizar a seca. O problema das secas frequentemente está diretamente vinculado ao acesso aos recursos hídricos. Assim, mesmo quando o índice de precipitações não é ausente em uma região, a seca pode ser demarcada se a população não tiver acesso à água. Para saber mais, ver COSTA, WAQUIL, 2008.

século XIX, quando a economia tradicional agroexportadora do Nordeste enfrentava uma grave crise, as elites políticas regionais encontraram nesse fenômeno natural o argumento irresistível para conseguirem recursos junto ao Governo Federal visando supostamente “socorrer” os “flagelados” do Nordeste interior. As imagens do ambiente semiárido, reduzidas apenas a cenários de seca, passaram a ser utilizadas politicamente, tendo em vista restabelecer o poder dos grupos oligárquicos do Nordeste que atravessavam uma situação de crise. Esses representantes políticos defendiam a necessidade de “modernizar” a região por meio da construção de grandes obras públicas que mobilizassem elevadas somas de recursos federais, a exemplo dos conflitos que giravam em torno da implantação dos ramais ferroviários nas províncias e depois estados do Nordeste, conforme estudo realizado por Aranha (2006). Segundo esse autor, a exigência da construção de estradas de ferro como medida capaz de debelar o “flagelo” da seca tornou-se a tônica dos processos reivindicatórios da época, haja vista ser “a única justificativa que podia sensibilizar a liberação de recursos para uma região, segundo os relatos, tão necessitada de ‘socorros públicos’” (Ibidem, p. 54). Daí a razão pela qual esses ramais eram considerados pelos discursos políticos propalados no Parlamento e/ou na imprensa como a “redenção” para o Semiárido brasileiro.

Observa-se que, se desde o último quartel do século XIX, esses discursos instituíam o Semiárido como seco e “inóspito”, nos anos 1930, eram ainda às secas prolongadas que se atribuía a causa de todas as “mazelas” sociais a atingir a população: fome, sede, epidemias, penúria, desespero, “desordem”, mortes, etc. Nessa perspectiva, quando sertanejos deixavam as suas terras para buscarem outras regiões do país, entendia-se estarem atuando contra todas essas “adversidades” naturais por ela provocadas. Deste modo, os representantes das oligarquias políticas e econômicas da região instituíram no imaginário nacional imagens distorcidas em torno do Semiárido brasileiro que o associavam a uma Natureza “hostil”, “adversa”, “imutável”, “doente” e “inóspita” supostamente determinante de todas as “desgraças” que ocorriam neste espaço. Assim, as múltiplas formas assumidas pelos diversos ecossistemas do Semiárido brasileiro e suas respectivas potencialidades ambientais foram desfiguradas no cenário nacional por ocasião dessas estratégias políticas que encontraram na seca o argumento perfeito para não demonstrar que era sobretudo os jogos e conflitos de interesses pela manutenção do poder por parte desses grupos da região que intensificavam os problemas sociais acima mencionados. Obviamente, a seca também impunha parte das dificuldades enfrentadas pelo homem do Semiárido, atuando no sentido de limitar as ações e escolhas dos sujeitos sociais, em especial, das populações habitantes do campo que dependiam das chuvas para garantir a sua sobrevivência. Entretanto, conforme

ressalta Villa, é notória, ao longo da história dessa região, a falta de políticas públicas eficazes e permanentes (não apenas emergenciais) que garantissem a convivência com a especificidade ambiental da semiaridez.

Nesse sentido, aquela relação simplista de determinidade geográfica intensamente propalada no Parlamento e na imprensa pelos políticos e/ou letrados da região (ARANHA, 2006), além de não considerar a dimensão histórica e socialmente construída através da interação dos indivíduos com o ambiente sertanejo, situavam-nos como passivos e destituídos de sua condição de sujeitos capazes de agir positivamente com base nas possibilidades de escolhas que dispunham, mesmo diante das imposições e limitações naturais da seca (GUILLEN, 2006)²⁹. Sobre isto, devemos lembrar que a análise histórica das inter-relações entre sociedade e Natureza, frequentemente nos permite detectar os espaços nos quais as escolhas humanas se mantêm preservadas, não obstante as inegáveis influências dos domínios físicos, do meio biológico e até mesmo das tendências genéticas herdadas pelos indivíduos. É certo que o mundo natural e os fatores histórico-sociais influenciam nossas escolhas até certo ponto, entretanto, não as determinam em absoluto. O que não deve prevalecer, portanto, é uma narrativa generalista do sertanejo: o homem de todo racionalizado, politizado ou, em outro extremo, somente passivo e apolítico, mas homens e mulheres cujas escolhas se construíam no processo do devir histórico.

Deste modo, o imaginário instituinte que mobilizava as práticas, as ações e as escolhas das personagens de *Vidas Secas* não era, de forma exclusiva, determinado pelas condições sociais ou ambientais. Pelo contrário, na história o tempo costuma ser devir, indeterminidade e criação. A respeito disto, compartilhamos com as ideias propostas pelo filósofo Cornelius Castoriadis (1982), o qual, contrapondo-se à ideia de limitação das possibilidades de variação cultural dos indivíduos defendida pelos estruturalistas levi-straussianos, ressalta que essas possibilidades de criação em um domínio social-histórico tornam-se possíveis porque as sociedades humanas são diversas, autônomas e marcadas por escolhas particulares. Assim, na leitura das significações e práticas dos indivíduos de uma sociedade em relação ao ambiente com o qual interagem, devemos, primeiramente, levar em conta essa sua capacidade singular de trilhar caminhos próprios, de deixar as marcas de seus desejos, escolhas e obsessões recorrentes sobre a paisagem, a partir das significações

²⁹ Sobre o debate entre a geografia alemã de Ratzel, um dos pioneiros da geografia física, que atribua maior influência ao meio físico sobre o destino humano, e a concepção de geografia elaborada pelo francês Vidal de la Blache, que defendia a liberdade de escolhas humanas diante das imposições do meio, considerar as intervenções de Lucien Febvre em favor do último e atacando o primeiro. Cf. BURKE, 1997. Ver ainda: DOSSE, 2004.

instituídas sobre o ambiente que definem a apropriação ou não de seus recursos naturais ou as práticas sociais que lhe serão associadas. Considerando que “toda sociedade é uma construção, uma constituição, uma criação de um mundo, de seu próprio mundo” (Ibidem, p. 232), cumpre-nos observar que os indivíduos costumam atuar como sujeitos autônomos na/pela sociedade, ao se apropriarem do meio natural, instituindo sobre ele significados, imagens, símbolos, representações, enfim, um universo imaginário que intermedeia a sua percepção e relação com a Natureza (Ibidem, p. 242). Deste modo, depreende-se que aquelas personagens do sertão semiárido representadas em *Vidas Secas* instituíram uma ideia para o mundo natural, atribuindo-lhe sentidos múltiplos que influenciaram as suas ações, práticas, técnicas, usos, sentimentos, sensibilidades, etc.

Os problemas que atingiam a vida dos sertanejos, intensificados nos longos períodos de secas, fizeram com que fossem diretamente associados às condições ambientais do Semiárido brasileiro, sob uma leitura de causalidade que contribuiu para a região receber uma imensa carga de significações negativas a desfiguraram ou ocultaram a biodiversidade e as potencialidades que possui. Vale lembrar que essas imagens que remetem à ideia da região como seca e inóspita, ainda que absorvidas pela população, foram produzidas sob o manto do poder vigente e visavam atingir certos efeitos, conforme ressaltamos acima. Assim, a estiagem era percebida, à época, como um verdadeiro “flagelo” a ser “combatido”, enquanto as leituras hoje predominantes enfatizam a possibilidade de convivência com o Semiárido – e não apenas com a seca – levando em conta que as características deste ambiente transcendem esse fenômeno natural.

Por outro lado, assim como a seca recebia pelas personagens de *Vidas Secas* toda aquela conotação pejorativa que a associava à “desgraça” e à “destruição”, a chuva parecia transformar o sertão semiárido em paraíso, trazer de volta aos sertanejos a “saúde”, o “renascimento”, a “ressurreição da catinga”, a felicidade, a alegria, novos sonhos e projetos, e não apenas a preocupação em meramente satisfazer as suas necessidades vitais imediatas, como ocorria no período de seca. Entretanto, conforme iremos observar mais adiante, essa obra de Graciliano não se detém, como tradicionalmente ocorria na literatura da época, a relatar cenas de sofrimento e de privações, salvo as referências feitas em relação ao modo como as personagens vivenciaram os momentos finais de uma seca. O desenrolar da trama literária explicita que a prática de migrar do Semiárido não era decorrente apenas das relações sociais tensivas que o caracterizavam, haja vista que durante o período chuvoso, mesmo com as humilhações e a exploração econômica persistindo, os sertanejos permaneciam presos sob laços de amor à terra. Assim, o problema não decorria apenas do

conjunto de aspectos sociais, políticos e econômicos que lança luz sobre o problema aqui enfocado, mas o quadro natural, sobretudo, a intensidade e o período de duração da seca era que definia, em última instância, a decisão dos sertanejos migrarem.

2.2 “ESPINHOSO COMO UM PÉ DE MANDACARU”: RELAÇÕES DE PODER NO SERTÃO

Conforme vimos, o sertanejo, no processo de interação com o ambiente semiárido, sob uma relação de autonomia e criatividade cultural, desenvolveu um conjunto de experiências e práticas que lhe propiciou conviver com as peculiaridades naturais da região. Entretanto, diante da instabilidade socioeconômica sob a qual vivia, em especial, nos períodos de seca, a primeira opção que lhe surgia ao horizonte era partir em busca de outras cartografias imaginárias. No início da obra *Vidas Secas*, o protagonista Fabiano, percebendo a iminência da chegada do “inverno” ao sertão, passou a tecer sonhos e esperanças de que a “catinga ficaria toda verde”, “haveria uma ressurreição de garranchos e folhas secas”, as “cores da saúde voltariam à cara triste de sinha Vitória”, os meninos seriam felizes naquela fazenda que encontraram abandonada pelo caminho e ele seria o “dono daquele mundo” (RAMOS, op. cit., p. 16). Mas será que com a chegada das chuvas realmente a “catinga ficaria verde” para aquela família? As cores da saúde seriam estampadas em suas faces? Haveria uma “ressurreição” da vida naquele ambiente? E como seria a relação com os sujeitos “espinhosos como um pé de mandacaru” que humilhavam e exploravam aqueles sertanejos?

O itinerário da família de sertanejos atravessando o Semiárido brasileiro em busca de “um lugar menos seco”, narrado em *Vidas Secas*, é permeado por um conjunto de experiências e sensibilidades que colocam em questão fatores sintomáticos da condição de instabilidade da vida na região. Depois de um período de “inverno” na Caatinga, com relativa segurança e estabilidade, o vaqueiro “combinou a viagem com a mulher” e, não obstante hesitasse, sabia que era necessário migrar, dando abertura a um novo devir histórico que em sentido algum significava um movimento circular, como propõem algumas leituras feitas em torno dessa obra literária (ALBUQUERQUE JR, op. cit.). Isso porque, com a migração, as personagens mergulhariam em uma nova esfera da espiral do tempo, na qual embora os fenômenos naturais fossem parecidos com os do passado de seca, o devir, múltiplo e diverso, resultaria de novas escolhas individuais, criativas e autônomas (BUENO, 2006). Assim, quando mais uma vez o vaqueiro constatou que tudo “estava definitivamente

perdido”, “largou-se com a família sem se despedir do amo” e rumou para o “sul” (RAMOS, op. cit., p. 116-117), onde entraria em uma nova esfera de exploração na metáfora do tempo enquanto espiral³⁰.

Esses fragmentos literários sinalizam para uma possível associação entre seca e migração, não no sentido de que o ambiente de semiaridez *determinasse* a decisão dos sertanejos partirem de sua terra, mas demonstrando como interferia e influenciava a história de vida e as escolhas daquelas personagens. A narrativa também deixa entrever a maneira pela qual relações de poder e submissão estavam arraigadas naquela sociedade. Todavia, não é esse aspecto que explica a prática de migrar, haja vista que, conforme vimos, nos períodos de “inverno” conviviam com as humilhações, com os problemas decorrentes das profundas disparidades sociais, chegando até mesmo a representar tramas de uma vida feliz em razão da relativa fartura e abundância disponíveis. A migração dos sertanejos não ocorria apenas como uma forma de “fugir” da insatisfação com a realidade social, com as profundas relações tensivas que a caracterizavam, de modo que a seca atuasse apenas como um fator a trazer à tona os problemas sociais já existentes, como deixa explícito o narrador de *Vidas Secas*. Por outro lado, a condição ambiental de semiaridez, principalmente a seca, não é situada no romance como a causa ou o agente desencadeador do processo de migração, o que incorreria, no limite, em uma abordagem fatalista e determinística da cultura regional e na negação do múltiplo potencial criativo dos agentes sociais. A partida dos sertanejos em direção a outros territórios emerge, todavia, como um conjunto de condições de possibilidades histórico-culturais em que vários fatores a influenciavam, de modo que a seca é situada como um dos aspectos preponderantes e decisivos – não determinístico – a instigá-los na busca de outras cartografias imaginárias, visto que parecia transformar o Semiárido em um cenário de extrema escassez.

Observa-se que Graciliano se vale de um conjunto de imagens literárias, por meio das quais descortina um olhar crítico com referência, particularmente, à miséria e às relações de poder e submissão que vigoravam no sertão semiárido. Ocorre que durante o período chuvoso, quando a “catinga ficaria verde” para aqueles sertanejos pobres, mesmo que essas relações sociais tensivas permanecessem no cotidiano deles em razão de algumas figuras de homens “espinhosos como um pé de mandacaru” que ali havia, quando o “inverno” chegava e a Natureza florescia, a vida daqueles sertanejos desabrochava, pois passaria de uma condição social limitada, “acanhada” e de extrema escassez para uma nova

³⁰ Sobre a noção de tempo enquanto espiral na obra *Vidas Secas*, ver BUENO, op. cit. A respeito das múltiplas modalidades constitutivas do tempo na literatura, ver: CRIPA, 2007.

realidade marcada por relativa fartura, estabilidade, segurança e permanência. Talvez daí a razão pela qual o narrador de *Vidas Secas* não se deteve a abordar imagens de sofrimento e privações em todo o desenrolar da trama, salvo no primeiro e último capítulos que narra, respectivamente, o fim e o início da seca, por considerar que os contrastes sociais eram um dos maiores problemas que atingiam aquelas personagens e a chegada das chuvas as tiraria da condição de escassez sob a qual viviam (BUENO, op. cit.).

Entre essas figuras de homens “espinhosos” do Semiárido brasileiro se destaca a do “soldado amarelo”, ou simplesmente de “o polícia”, a assumir, na visão do narrador de *Vidas Secas*, o perfil de um homem injusto, violento, opressor, arrogante, que se ocupava em espancar as “criaturas inofensivas”, conforme fizera com Fabiano, insultando-o, levando-o à prisão e surrando-o arbitrariamente com uma “lâmina de facão” nas “trevas do cárcere” (RAMOS, op. cit., p. 27-30). O vaqueiro questionava “por que tinham feito aquilo? Era o que não podia saber”, considerava-se como uma “pessoa de bons costumes, sim senhor, que nunca fora preso. De repente, um fuzuê sem motivo”. Não obstante essa sua revolta, essa personagem, submissa, preferia tratar o soldado amarelo como uma “autoridade”, um representante “dos homens que mandavam”, por isso, “ouvia sem compreender as acusações medonhas e não se defendia”, obedecia, julgou melhor ter “paciência”, afinal, para ele, apanhar do Governo não seria desfeita. Desse modo, embora em seus pensamentos arquitetasse diversas astúcias para vencer aquela “criatura desgraçada”, “safada, mofina, escarro de gente”, entre as quais o desejo de “desmanchá-la com um tabefe”, reduzi-la ao “barro”, matar os donos dela, entrar num bando de cangaceiros e fazer estragos nos homens que a dirigiam (Ibidem, p. 27-38), preferia conter-se e respeitar o soldado amarelo por acreditar que se constituía como uma autoridade.

O “amarelo” era uma das “figuras insuportáveis” que motivara a migração daquela família do sertão semiárido no momento em que a seca chegava e as dificuldades de sobrevivência se intensificavam, resultado, em certa medida, das tensões sociais entre os sertanejos e os grandes coronéis fazendeiros daquela região, assim como também dos conflitos de interesses entre as oligarquias que caracterizavam a cultura política regional. O “amarelo” significava a garantia desse poder legitimado do Estado, cujas práticas também consistiam, à época, em (des)mandos e arbitrariedades contra os cidadãos que habitavam aquela configuração territorial, como era o caso da personagem representada por Fabiano com o seu caráter de homem humilde e trabalhador do sertão. O trecho a seguir expressa a angústia e o anseio de Fabiano depois do episódio ocorrido com o soldado amarelo, quando ainda estava na cadeia:

Era um bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como um escravo. [...] Difícil pensar. Vivia tão agarrado aos bichos... Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. O demônio daquela história entrava-lhe na cabeça e saía. Era para um cristão endoidecer. Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com bichos. (Ibidem, p. 36)

Há que se considerar, através da leitura do fragmento literário acima, o modo como o narrador de *Vidas Secas* apresentou em seus escritos certas preocupações com as questões sociais do país, em especial do Semiárido brasileiro. Segundo a narrativa, Fabiano é um personagem sem voz, sem domínio coerente do código linguístico que o possibilitasse defender-se de certas arbitrariedades e injustiças. Trabalhava como um “escravo”, mas não tivera acesso à educação que o permitisse se explicar, desembaraçar-se de certas acusações que não tinham procedência. Nesse cenário, ao que tudo indica, pode-se conjecturar que por meio da figura do “polícia”, Graciliano procurou problematizar os limites da prática da justiça nos sertões do Nordeste na época em que a obra foi produzida. O soldado amarelo simboliza a arbitrariedade restrita ao uso de uma farda, que o atribuía a condição de representante da justiça, porém sem nenhum mérito para realizá-la. No uso de suas “atribuições” conferidas pelo governo, o soldado abusava da autoridade instituída para tripudiar sujeitos indefesos, como era o caso de Fabiano.

O contexto sócio-histórico de produção da obra *Vidas Secas* nos remete à tumultuada década de 1930 no cenário político-cultural brasileiro. Em 1937, Getúlio Vargas instaurou no Brasil o regime ditatorial do Estado Novo, apoiado pelas próprias oligarquias tradicionais que ele mesmo afirmava combater. A partir de então, as liberdades de todos os cidadãos do país passaram a ser ameaçadas. Antes disso, vale lembrar que a sociedade brasileira se dividia em dois pólos político-ideológicos que se constituíam como os temas mobilizadores da época: o discurso de direita e o de esquerda mantinham entre si relações maniqueístas a projetarem um sobre o “outro” a figura do mal e da opressão. Desde 1935, as diferentes tendências de esquerda atuantes na vida política do Brasil tentaram unir suas forças, culminando na formação da Aliança Nacional Libertadora, a defender a Revolução como a promessa de um mundo que seria o avesso daquela realidade social em crise, marcada pela miséria, exploração, doença, exclusão, privação, etc. Assumindo esse pólo ideológico, o alvo do imaginário comunista seria o integralismo e o Governo de Getúlio Vargas – “o outro”, “o inimigo” – que se postavam como poderosos aliados do imperialismo, do fascismo e do latifúndio.

Quando o narrador de *Vidas Secas* relata o cotidiano de uma família de sertanejos que enfrentava seca, miséria e mandonismo no Semiárido brasileiro, e por essa razão, deixava a sua terra e migrava em direção ao Sul visando melhores condições de subsistência, certamente imprime a visão crítica do escritor dessa obra, o qual se situava como simpatizante de um desses pólos ideológicos da política brasileira, a saber, com o ideário comunista³¹. Talvez por isso o romance tem como pano de fundo a denúncia da realidade social dos sertanejos pobres que viviam no Nordeste da época, cujas vivências eram marcadas pela opressão, humilhação, miséria, espoliação econômica e por extremas privações, sobretudo nos períodos de seca. A prisão arbitrária do vaqueiro Fabiano, tendo sido vítima do abuso de poder e autoridade de um representante do governo, possivelmente se constitui como mais um dos fatores que impulsionaram esse sertanejo a migrar com a família para outra região do país e descortina as condições de arbitrariedade e injustiça a que esses sujeitos eram submetidos na época.

De acordo com Eliana Dutra, foi no interior dessa polarização esquerda-direita a marcar o imaginário social brasileiro no período de 1935 a 1937 que se gestou um conjunto de mecanismos, estratégias e conteúdos constitutivos de um ímpeto totalitário presente na sociedade brasileira no período imediatamente anterior à instauração do Estado Novo. Segundo essa autora, os temas e imagens propalados pelas diferentes forças sociais convergiam em direção ao modelo de uma sociedade cuja utopia maior seria transformar os conflitos e dissensões que a fervilhavam em uma “Nação” una, harmônica, homogênea, indivisa, portanto, “totalitária” (DUTRA, 1997). Tal disposição totalitária assentava-se em quatro pilares discursivos e estratégicos: anticomunismo/revolução, trabalho, pátria e moral, a partir dos quais se espalhou pelo todo social um conjunto de práticas, normas e valores que confluíam para a preservação da ordem e da estabilidade; para o controle das diferenças sociais; para o enquadramento do mundo do trabalho e para a racionalização do poder. Seriam essas constelações imaginárias que engendrariam a nova “ordem” em construção.

É preciso ressaltar, contudo, que na contramão desses discursos do governo do Estado Novo que pretendiam escamotear as diferenças sociais e transmitir as imagens de

³¹ Em 1936, Graciliano foi preso em Maceió sob a acusação de ter participado do movimento comunista. Todavia, com base em suas obras *Memórias do Cárcere* e *Angústia*, pode-se depreender que quando preso, esse escritor ainda não fazia parte do Partido Comunista. Assumidamente, odiava a burguesia e o capitalismo, mas ainda não participava de ações políticas práticas. Sua prisão foi inteiramente arbitrária, própria do ambiente da época imediatamente posterior ao esmagamento dos levantes da Aliança Nacional Libertadora de novembro de 1935 que suspendeu as garantias das liberdades individuais de todos os brasileiros, inclusive de Graciliano, antecipando o que em pouco seria vivenciado sob o regime ditatorial varguista. Sobre isso, ver: GORENDER, 1995. O artigo explica a atuação do escritor no Partido Comunista, ao qual, somente em 1945, quando legalizado, filiou-se, ao lado de outros representantes da cultura intelectual brasileira da época.

uma sociedade una e harmônica, em que os conflitos entre as classes seriam controlados, Graciliano Ramos, ainda acreditando nos seus ideais de construção de uma sociedade mais justa e igualitária, menos repressora e antidemocrática, apesar dos fracassos que o Comunismo tinha experimentado no Brasil nessa década, certamente quando escreveu *Vidas Secas* buscou denunciar as extremas disparidades sociais que caracterizavam a sociedade do Semiárido brasileira da época. Enquanto simpatizante do ideário comunista, procurou trazer à tona o lado desumano do sistema capitalista marcado por extremas desigualdades sociais que têm como consequências a fome, a miséria, a injustiça e a falta de um emprego digno para os trabalhadores garantirem a sua sobrevivência. A crítica incide, em especial, para a necessidade de transformação da vida no campo, onde a maioria da população pobre vivia em condições miseráveis sob o poder de mando dos grandes latifundiários e sem acesso à propriedade da terra concentrada nas mãos de poucos privilegiados.

Sobre esse período, Capelato (1979) observa que, diferentemente de outros países da América do Sul que experimentaram regimes autoritários, como na Argentina peronista, onde a literatura atuou como meio de acirrados enfrentamentos políticos e de contestação ao regime, no Brasil, a estratégia de Vargas de cooptar os intelectuais para atuar em postos burocráticos do Estado Novo impediu manifestações contra o regime, salvo nos casos de publicações clandestinas escritas por comunistas. Na visão dessa autora, mesmo que esses intelectuais não fossem forçados a se identificarem com a ditadura varguista, também não se opuseram explicitamente ao regime, o que fez com que as letras no Brasil, em vez de armas de luta política, constituíssem-se em instrumentos de consenso, bem de acordo com o caráter desmobilizador do Estado Novo, dissimulando a discussão de questões políticas e polêmicas de seu tempo. Acreditamos, no entanto, que tal interpretação passa ao largo do modo particular de engajamento político dos intelectuais brasileiros da época, pois se esse posicionamento não ocorreu no Brasil com a mesma intensidade que na Argentina, é justamente esse caráter sutil que devemos valorizar enquanto uma forma específica de engajamento político dos intelectuais do nosso país.

Graciliano Ramos, um dos artistas que sofreu diretamente as consequências desse regime, quando escreveu *Vidas Secas*, tinha acabado de experimentar a realidade do cárcere sem razões plausíveis, certamente se posicionou politicamente em seus escritos diante de arbitrariedades como essas naturalmente impetradas na sociedade da época. Daí o motivo pelo qual buscou demonstrar nesse romance que a principal causa dos problemas sociais que impulsionavam os sertanejos a migrar do Nordeste interior não decorria somente das condições ambientais de seca, mas sobretudo da falta de justiça, das arbitrariedades dos

grupos que representavam o poder vigente, da ameaça aos direitos fundamentais de cidadania, à segurança e à liberdade individuais que se tornou prática corriqueira nesse período. Cabe problematizar, entretanto, a própria intencionalidade, o lugar social e os limites político-ideológicos assumido por esse escritor quando produziu a referida obra. Por certo a prática de migrar do sertão semiárido não ocorria apenas por conta dessas relações de submissão aos poderosos da terra que caracterizavam essa sociedade, sobretudo porque o romance demonstra que durante o período chuvoso, mesmo convivendo com essas tensões sociais, os sertanejos permaneciam fixos ao lugar e até satisfeitos com a relativa fartura proporcionada pelo meio natural da Caatinga. Nesse caso, a postura política assumida por esse literato o levou a atribuir ênfase ao que talvez fosse apenas mais um dos fatores que contribuiu para que o sertanejo migrasse do sertão nos momentos de seca.

Tudo leva a crer que a sua classificação como partidário comunista, quando ainda não o era oficialmente, aconteceu em decorrência de sua obra que abordava, de forma rigorosa e direta, os conflitos entre o campo e a cidade, no momento em que o estabelecimento da estrutura urbana não implicou no declínio da antiga estrutura fundiária que imperava no sertão semiárido³². Nesse sentido, pode-se presumir que, quando escreveu *Vidas Secas*, no momento imediatamente posterior à saída da prisão, Graciliano continuou denunciando as relações de poder e de mando ainda predominantes no campo. Assim, a figura do vaqueiro Fabiano representada nessa obra como o homem pobre e humilhado pelo proprietário da fazenda era uma forma de continuar criticando o sistema fundiário em vigor no Nordeste interior da época.

Além do soldado amarelo, *Vidas Secas* também retrata a figura de um corrupto funcionário da Prefeitura do qual o mesmo vaqueiro fora vítima no passado. Em um “dia de apuro”, Fabiano recorreu ao porco magro que estava reservado às despesas do Natal, matara-o e fora vendê-lo na cidade. Todavia, enquanto comerciava a carne, o cobrador da Prefeitura o deteve e o impôs altos impostos e multa. Como sempre, “Fabiano se encolhera”, afirmando que “era bruto”, “não entendia de imposto” e que “Deus o livrasse de história com o governo” (RAMOS, op. cit., p. 94-95).

Essa passagem evidencia mais uma crítica de Graciliano direcionada ao Estado, designadamente, à corrupção dos funcionários da Prefeitura da cidade. Na visão do narrador, a prática de abuso de poder levada a efeito também pelo cobrador de impostos o

³² Graciliano Ramos: comunista? Texto baseado nos manuscritos doados ao Instituto de Estudos Brasileiros – IEB – pela viúva do escritor Heloísa Ramos em outubro de 1980 e em março de 1994. Disponível em: <http://www.geocities.com/gracilianoramos/comuna.htm> Acesso em: 12 de setembro de 2009.

constituía como mais uma daquelas “figuras insuportáveis” da região a explorar injusta e corruptamente a personagem Fabiano que apenas estava trabalhando para garantir o sustento da família e, sem razões justificáveis, foi multado e expulso da cidade. Por meio da figura desse funcionário da Prefeitura, possivelmente Graciliano teve a intenção de criticar atitudes provincianas que ainda caracterizavam a esfera pública presente no interior dos pequenos municípios do sertão, através das quais os funcionários abusavam do poder lhes concedido tendo em vista obter benefícios particulares, mesmo se, para tanto, se utilizassem de medidas injustas explorando homens pobres e trabalhadores que apenas buscavam garantir a sua sobrevivência, como era o caso de Fabiano. Nesse sentido, esse aspecto se constituía, segundo a narrativa de *Vidas Secas*, em mais um dos fatores que incitara aquela família de sertanejos a migrar para outras regiões.

Mas talvez tenha sido o “dono da fazenda” o alvo de maior contundência da crítica do escritor, certamente uma referência à imagem típica dos poderosos coronéis latifundiários que permaneciam no interior do Nordeste da época. Conforme vimos, Fabiano se apossara com a família da fazenda que havia sido abandonada no período de seca. Todavia, quando a “trovoada” chegou e “com ela, o fazendeiro” que de imediato expulsara o vaqueiro que um dia sonhara em ser o “dono daquele mundo”, de repente, os projetos de felicidade tecidos com a chegada do “inverno” foram frustrados e somente depois de muita insistência para permanecer, oferecendo os seus préstimos, o proprietário aceitou Fabiano para trabalhar como vaqueiro (Ibidem, p. 16; 19). Ali, com o tempo, já se considerava “plantado” com a família, criara “raízes”, “ele, sinha Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados à terra”, cada dia mais “tomava amizade à casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao juazeiro que os tinha abrigado uma noite”. Estava “satisfeito”, chegara naquela “situação medonha” com a “família morrendo de fome” e agora “era vaqueiro e ninguém o tiraria dali”, ousando até mesmo chamar-se de “homem” por algum momento, o que frequentemente tivera dúvida se realmente o era, dadas as condições precárias e humilhantes sob as quais vivia (Ibidem, p. 19).

Constata-se que se a questão fosse apenas a relação de dependência para com o proprietário da fazenda, Fabiano teria permanecido ali com a família durante muito tempo, visto que parecia até satisfeito com a situação sob a qual vivia, pois mesmo sendo marcada pelas humilhações do proprietário, conseguia satisfazer as necessidades elementares de subsistência, horizonte distante de ser alcançado durante as secas, quando esse tipo de ocupação era difícil de ser encontrada no Semiárido brasileiro.

Tal sentimento de satisfação, no entanto, logo seria repreendido pelo próprio Fabiano sob a metáfora: “– Você é um bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho capaz de vencer dificuldades” (Ibidem, p. 17-20). O vaqueiro logo percebera que não passava de um bicho ocupado em “guardar coisas alheias”. Nessa direção, considerando a riqueza desse texto ficcional apropriado como fonte à prática historiadora, cabe indagar que sentido essa metáfora atribui ao universo de significação do qual aquele indivíduo fazia parte? De que forma essa figura de linguagem fornece pistas para se acessar o imaginário social e as sensibilidades da época em que a obra foi escrita? Que forma de interpretação do mundo foi expressa de forma cifrada e metafórica através dessa linguagem?

Para discutirmos tais questões, vamos nos deter em dois momentos da obra que nos parecem pertinentes. O primeiro deles diz respeito ao tratamento que Fabiano recebia do fazendeiro para o qual trabalhava. Este “berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro” que, por sua vez, achava que aquilo era “natural”, que o patrão o “descompunha porque podia descompor” e por isso “ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se”, embora jurasse “não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida?” (Ibidem, p. 22-23). Tais trechos deixam entrever o sentimento aparente de calma, resignação e subserviência do vaqueiro diante da autoridade do patrão, não expressando em nenhum instante sinal de insatisfação ou revolta, salvo no íntimo segredo dos seus pensamentos. Nesse caso, nota-se que se Fabiano aceitava a autoridade do patrão, seus gritos e reclames, e até estava satisfeito em trabalhar naquela fazenda, não foi por essa razão que ele migrou com a família. Isso porque somente quando a seca chegava trazendo com ela a escassez extrema, a falta de ocupação, era quando se tornava insustentável permanecer morando ali.

Em um segundo momento, todavia, essa situação de submissão se mostrava ainda mais grave. Sempre que o vaqueiro ia fechar as contas da partilha com “o dono da fazenda”, percebia que o “branco” as embaraçava, extorquia-lhe e o enganava “descaradamente”. E para completar nem “permitia queixas” ou reclamações e ao final “ainda achava que fazia favor” ao vaqueiro que se submetia a todos os (des)mandos do patrão por recear “ser expulso da fazenda” (Ibidem, p. 110). Sabia que as contas de sinha Vitória estavam certas e que as do patrão “eram diferentes, arrançadas a tinta e contra o vaqueiro”, mas depois de perder os “estribos” e por isso ser ameaçado pelo patrão de que fosse “procurar serviço em

outra fazenda”, logo se resignara: “Se havia dito alguma palavra à-toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens” (Ibidem, p. 93). Tal atitude demonstra o esforço de Fabiano de se postar perante o patrão em uma posição de subserviência, de inferioridade, de humildade, de resignação; à semelhança de um animal adestrado, domesticado, passível às ordens e imposições do patrão. Fazia questão de apresentar-se como “uma coisa da fazenda, um traste”, um “cabra, governado pelos brancos, quase uma rês” porque “vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos, e julgava-se cabra” (Ibidem, p. 18; 23-24). Aparecera como um “bicho” naquela fazenda deserta, “entocara-se como um bicho” e criara raízes a uma terra que não lhe pertencia.

Diante do exposto, cabe aqui a seguinte indagação: esse tipo de atitude de subordinação assumido por Fabiano em relação ao proprietário da fazenda decorre de ter adotado a identidade de “bicho” expressa na metáfora supracitada? A personagem não se considerava um homem, mas um daqueles animais do sertão que apenas, vez por outra, manifestava sentimentos, gestos e práticas humanas. Essa identidade de bicho significa que a personagem se deixara reificar pelo sistema social excludente que o explorava? Ora, é necessário levar em conta que embora situado em uma conjuntura social adversa que o pretendia reificar, Fabiano não se sentia necessariamente uma coisa. Pelo contrário, em diversos momentos da sua trajetória expressou em seus sentimentos e pensamentos a insatisfação contra tais tentativas de coisificá-lo. Sobre isso, basta lembrar o dia em que lhe sucedeu o episódio das “contas” com o patrão. O vaqueiro, embora “aparentemente resignado, sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados amarelos e os funcionários da prefeitura” (Ibidem, p. 96). Ele questionava se “não estavam vendo que ele era de carne e osso”, pois até entendia e “conformava-se” que “tinha obrigação de trabalhar para os outros”, pois considerava que “era sina”, “nascera com esse destino”, no entanto, revoltava-se por não darem o “que era dele”, no caso, o valor que lhe pertencia nas contas da partilha. Há ainda outra situação em que a personagem demonstrara seus sentimentos de indignação, desta vez com o soldado amarelo. Quando o protagonista foi preso e espancado na cidade, imaginou “o soldado amarelo atirando-se a um cangaceiro na catanga. Tinha graça. Não dava um caldo” (Ibidem, p. 99-107). Subitamente, planejou que mataria o “desgraçado” do “polícia” e ainda “os donos dele”; “entraria num bando de cangaceiros e faria estrago nos homens que dirigiam o

soldado amarelo”. Essa era a sua ideia e afirmava não executá-la por preocupar-se com a mulher, os filhos e a cachorra Baleia.

Tais fragmentos literários descortinam os sentimentos de insatisfação manifestos pela personagem Fabiano quando inserido no interior de um emaranhado de relações de poder articulado no sertão. O cangaço foi um movimento social ocorrido dos fins do século XIX à primeira metade do século XX. Uma das formas de interpretação do cangaceirismo, dentre outras, é concebê-lo como uma forma de banditismo social por parte de membros ou bandos de uma sociedade rural, encarados como criminosos pelo Estado ou por grandes proprietários, sendo, no entanto, aceitos com simpatia pela sua gente que os considerava como “justiceiro” ou “vingador” (HOBSBAWM, 1972). A figura do cangaceiro foi estigmatizada na região Nordeste do Brasil e naturalizada como um selvagem a integrar a cultura da violência, de modo que a construção de uma representação do cangaço presa ao mito, à ideia de banditismo não faz qualquer referência aos aspectos sociais que fizeram parte do movimento (SANTOS, 2010). Na narrativa, o cangaceiro é percebido por Fabiano como uma possibilidade infalível de se fazer justiça para os pobres da Caatinga, de vencer as autoridades arbitrárias, os homens que mandam.

É preciso refletir sobre até que ponto esses traços de revolta e indignação por parte dessa personagem ficcional expressavam sentimentos semelhantes nos sujeitos efetivos da Caatinga que viveram a época, visto que, consoante as afirmações de Eco (1994), frequentemente a obra literária se vale de elementos e experiências do mundo real nem que seja apenas como pano de fundo e não há como concebê-la sem esse tipo de vínculo. Compartilhamos com a ideia de que Fabiano representa muitos sertanejos que mesmo vivendo sob relações de trabalho marcadas pela humilhação e autoritarismo por parte das categorias sociais que detinham o poder econômico da região, e embora se revoltando contra esse tipo de situação, optava pelo silêncio e contentava-se com o mínimo que essa condição social lhes oferecia visando permanecer trabalhando na fazenda para garantir o seu sustento e o da família.

A indignação de Fabiano, contudo, sinaliza para a sua atuação enquanto um sujeito autônomo, caçador de pérolas, edificador de suas próprias tramas e possibilidades de existência, haja vista que mesmo quando aparentemente se mostrava resignado, subordinado aos seus superiores, estava buscando alternativas para se livrar daquele cotidiano humilhante. Apesar desses gestos de revolta e indignação, o vaqueiro, quando imerso em situações embaraçosas, seja com “o polícia”, com “o patrão” ou diante de qualquer outra personagem que lhe figurasse “autoridade”, preferia resignar-se, postar-se com atitudes de

arrependimento, de obediência e de humilhação. Conforme Certeau (1994), tais práticas não passavam de silenciosas e sutis astúcias de sobrevivência insinuadas, fragmentariamente, nos minúsculos espaços de jogo conquistados na região circunscrita pela ordem e pela autoridade. Quando Fabiano se esbarrou na Caatinga com o soldado amarelo que *um ano antes* [*Grifos nossos*] (RAMOS, op. cit., p. 100)³³ o prendera e o surrara arbitrariamente na cidade, embora um “forte impulso” o tenha dirigido para praticar um “homicídio” contra o trêmulo soldado, resignou-se. “De repente notou que aquilo era um homem e, coisa mais grave, uma autoridade. Sentiu um choque violento, deteve-se, o braço ficou irresoluto, bambo, inclinando-se para um lado e para outro” (Ibidem, loc. cit.).

O silêncio e a resignação da personagem não significavam, contudo, uma posição de imaturidade, de fragilidade ou de atraso diante de certas redes de poder e dominação nas quais estava inserida. Sobre isso, De Decca (1981), influenciado por certa leitura benjaminiana, defende que os trabalhadores do campo ou da cidade eram homogeneizados e situados pelo discurso acadêmico até a década de 1960 como supostamente vencidos, dominados, passivos e desorganizados, sendo que somente após o trauma causado pelos acontecimentos do pós-1964, sobretudo nos anos 1970, os intelectuais, vencidos pelas circunstâncias da luta política, souberam ouvir os ecos das primeiras vozes desses sujeitos sociais, rompendo o cerco de um longo período de invisibilidade às suas aspirações, lutas, práticas e combates. Nesse sentido, esse autor propõe escrever uma história a contrapelo, discutindo a possibilidade de outra leitura da “Revolução” de 1930 que retirem os “dominados” dessa dimensão do silêncio, situando-os como sujeitos atuantes na construção da história no período. Para tanto, busca identificar o modo como esse silêncio foi produzido, como os supostos vencidos foram assim configurados estrategicamente nas práticas e discursos de legitimação do poder político.

No caso de Fabiano, era no ato de calar-se, de resignar-se em relação aos (des)mandos das “autoridades”, dos “homens que mandavam” que residiam as suas astúcias para garantir a sua sobrevivência e da família sob o domínio do oligarca agrário no espaço do sertão. Deste modo, é possível detectar na experiência particular do vaqueiro a articulação de um conjunto de práticas cotidianas fabricadas de forma engenhosa, astuta, criativa, quando aparentemente supunha-se que ele estava entregue à passividade e à

³³ Utilizamos a referência a “um ano antes” para afirmar, com base em Bueno, op. cit., que há um movimento de tempo espiralado em *Vidas Secas*, por meio do qual o escritor concilia o tempo cíclico da Natureza com o tempo histórico cronológico, utilizando-se da metáfora da espiral. Nesse ponto, a expressão demonstra um corte feito no tempo linear da narrativa para, simultaneamente, e sob uma relação tensiva, ser conciliado com o tempo cíclico da Natureza.

disciplina. Trata-se de uma produção que “se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante” e de exercer o seu poder através dessas formas de uso, escapando a esse sistema sem necessariamente precisar deixá-lo [Grifos do autor]. (CERTEAU, op. cit., p. 39-40). Nesse sentido, a zoomorfização do vaqueiro ou o modo como ele se auto-identificava como “um bicho” não significava necessariamente aceitar a condição de reificado que o sistema social tentava lhe impor. Basta lembrar, conforme referido, do dia em que se apossou daquela fazenda abandonada do sertão e, por algum momento, afirmou-se, silenciosamente, como um “homem”, por reconhecer quantas dificuldades vencera interagindo com um ambiente de seca transfigurado em uma situação de extrema escassez, embora de súbito tenha se autoreprendido a retornar à condição de “bicho”, o que, entretanto, para ele, era motivo de orgulho (RAMOS, op. cit., p. 18).

Para Luiz Costa Lima (1969, p. 55-57), nas obras de Graciliano o homem é identificado a um bicho como um dos caminhos possíveis contra a reificação ou o quantitativismo extremado dos poderosos proprietários de terras do sertão semiárido que as ambienta. Deste modo, segundo o crítico, a reificação cede lugar a zoomorfização como uma estranha forma de retratar uma alienação que resta mais próxima do humano que a coisificante. Aspecto a explicar o porquê do orgulho de Fabiano ao assumir aquela identidade de bicho, de um animal a agir criativa e astutamente para vencer as dificuldades surgidas quando o ambiente se lhe mostrara adverso; as personagens não eram meros objetos inanimados como pretendia certo sistema social, mas capazes de se adaptarem biológica e culturalmente às especificidades do meio.

Assim, fazendo parte de um sistema de relações sociais de poder assimétricas e hierárquicas que pretendia reificar o homem pobre e também a própria Natureza, Fabiano se sentia um bicho, um animal do sertão por não aceitar essa condição de coisificação que o sistema social adverso tentava lhe impor, visto que agia criativamente para superar o desafio de readaptar-se às limitações impostas pelo seu *habitat*. Por outro lado, pode-se conjecturar que a identificação do vaqueiro com os elementos da fauna e/ou da flora regionais atua talvez como uma forma simbólica, metafórica e imaginária de trazer à lume que em certos momentos do cotidiano as interações entre o homem pobre e esses organismos vivos se tornavam mais viáveis do que entre os seres da sua própria espécie. Isso porque, em se tratando de um sistema de relações de poder e de mando legitimado para uma pequena elite política e econômica privilegiada, e marcado por extremas desigualdades sociais e

espoliação econômica que limitavam as trocas humanas, o homem pobre, sem instrução formal, destituído de posses e do poder de decisão política, dependia da Natureza para garantir a sua sobrevivência, estabelecendo com ela íntimas relações. Daí o motivo pelo qual, nos períodos de seca, quando a Natureza limitava os seus recursos, a alternativa que restava a esses sertanejos era migrar do sertão semiárido. Desse modo, considerando-se as relações do homem com o ambiente como constituídas de maneira indissociável das relações dos homens entre si, entendemos que não há como estudar as interações entre a sociedade do Semiárido sem levar em conta o modo como se estabeleciam as relações entre os próprios seres humanos no interior de determinados esquemas de significação nessa região. Como vimos, os intercâmbios estabelecidos entre os homens que configuravam aquela cultura eram limitados por se pautarem em concepções hierárquicas de poder e de dominação de um grupo privilegiado sobre a grande maioria da população. Tal assertiva não significa que os sertanejos conviviam de forma harmônica com o espaço semiárido, haja vista que essa interação também era marcada por conflitos, sobretudo nos períodos de longas secas, mas remete à ideia de que seria possível manterem-se criativamente no Semiárido, mesmo submetidos a brutal estrutura social que os oprimia e os explorava, o que nos momentos de seca tornava-se insustentável a ponto de o caminho mais provável a escolher fosse migrar.

Observamos, portanto, que dos encontros criativos advindos da humanização do Semiárido brasileiro pelas culturas híbridas surgidas da formação do sertanejo, emergiam práticas ou artimanhas transculturais e reordenamentos outros que permitiam a adaptação biológica e cultural naquele espaço em determinados regimes de historicidade. Sobre isso, um aspecto a assumir particular relevância por corroborar essa afirmativa é o de que os sertões do Nordeste brasileiro, de acordo com Ab'Sáber (op. cit., p. 92-93), integram a região semiárida mais povoada do mundo, com um perfil demográfico de maior taxa de fertilidade humana das Américas, o que o torna um pólo gerador e redistribuidor de homens em face da pobreza e vulnerabilidade intensificadas nos períodos de secas prolongadas. Na visão desse geógrafo, a “existência de gente povoando todos os recantos da nossa região seca era o principal fator de diferenciação do Nordeste interior em relação às demais regiões áridas ou semiáridas do mundo”. Por oposição ao quadro limitante dos oásis ou das verdadeiras “ilhas de humanidade” onde o homem se concentra nas outras regiões desertas ou semiáridas do Planeta, tendo que controlar drasticamente a natalidade devido a uma necessidade vital de sobrevivência, nos sertões do Nordeste brasileiro o homem está

presente em toda parte, convivendo com o ambiente ocasionalmente seco e buscando garantir a sobrevivência de famílias numerosas.

Nesse cenário, o texto de ficção literária, enriquecido pela propriedade de ser o campo por excelência da metáfora, por meio do qual fala de coisas que apontam para outras coisas, é uma forma da interpretação do mundo que se revela cifrada. É um modo peculiar a permitir detectar rastros e pistas do imaginário de uma época, a expressar as sensibilidades diante da vida efetiva dos homens e mulheres no tempo, através da utilização de coisas “não-tangíveis” que passam, por um lado, pela ironia, pelo humor, pelo desdém, pelos desejos e sonhos, pela utopia, pelos medos e angústias, pelas normas e regras, e, por outro, pelas suas infrações (PESAVENTO, op. cit). No caso de Fabiano, de *Vidas Secas*, detectamos a metáfora utilizada pelo narrador a associar o homem a um “bicho” como uma forma de expressar como a personagem vivia, sentia e agia naquela sociedade. Ocorre que mesmo nos momentos em que chovia no Semiárido, quando, em tese, Fabiano juntamente com a mulher e os filhos poderiam usufruir de certa segurança e estabilidade, na prática, isso não ocorria, sobretudo porque eles eram “oprimidos” pelo meio social do qual faziam parte, baseado em relações de poder e mandonismos por parte de um grupo privilegiado que detinha o domínio sobre a terra, a água e outros recursos naturais da região. Entretanto, tudo leva a crer que certamente Fabiano não teria migrado caso o sertão tivesse tido “invernos” regulares nos anos subsequentes, de modo que ele continuaria naquela fazenda, satisfeito mesmo que subordinado aos (des)mandos do patrão.

A linguagem metafórica utilizada pelo narrador de *Vidas Secas* a associar o homem à condição de “bicho” expressa que, sob o emaranhado das múltiplas relações sociais de poder que mediava a convivência naquela sociedade, o homem se identificava muito mais com os animais e com as plantas da Caatinga do que propriamente com a sua própria espécie. Essa passagem assume particular relevância se considerarmos as relações dos homens com o ambiente como indissociáveis das relações dos homens entre si. Assim, em vez de se autodenominar homem, por diversas vezes, o vaqueiro estabelecia uma relação de identidade com as catingueiras e baraúnas, plantas típicas do Semiárido altamente resistentes aos períodos de seca, assim como se autoconsiderava ser. Em outras ocasiões, era a própria voz narrativa do romance que o assemelhava aos animais da região. Por exemplo: quando afirma que o vaqueiro parecia um macaco pelo corpo “desengonçado” ou confundia-se com um cavalo quando estava montado, “falando uma linguagem cantada, monossilábica e gutural que só o companheiro entendia” e às vezes “usava nas relações com as pessoas a mesma

língua com que se dirigia aos brutos”, por não dominar os códigos linguísticos próprios àquele universo social (RAMOS, op. cit., p. 19-20).

Pode-se depreender, por meio desses fragmentos literários, que no sertão semiárido se desdobrava uma conjuntura social hostil aos indivíduos pobres, analfabetos, destituídos de alternativas econômicas que os garantissem uma sobrevivência autônoma mesmo nos períodos de seca, como era o caso de Fabiano que o sistema social o pretendia reificar. A metáfora que associa o vaqueiro a um “bicho” é apreciada não apenas como uma astúcia da qual se utiliza para conviver com essa situação, mas também explicita que enquanto a sociedade lhe era adversa, identificava-se com as plantas, os animais e suas várias espécies no interior de um ecossistema da Caatinga. Uma relação que se tornava compreensível e dialógica entre homens pobres e animais e plantas, e hierárquica, humilhante e autoritária quando se tratava da relação entre pobres e ricos, enquadrando-se neste último grupo os latifundiários (patrão) e o governo e seus representantes (soldado amarelo, cobrador da prefeitura).

Para além dos objetivos meramente artísticos e estéticos figurados em *Vidas Secas*, constata-se que a obra também encerra rastros de historicidade referente ao turbilhão de mudanças que marcaram o momento em que foi elaborada, a saber, os anos 1930, quando se vivenciava uma atmosfera de plena efervescência social e política no Brasil. Nesse sentido, a crítica capitaneada por Graciliano encerra um dos pontos de vista defendidos pelo ideário de esquerda da época, que tinha como objetivo promover a “igualdade” e a “justiça” para os trabalhadores, o que significava especificamente para os camponeses, o acesso a terra até então monopolizada pelos grandes senhores coronéis que ainda persistiam na sociedade brasileira (DUTRA, op. cit.).

Para Eliana Dutra, o cenário político nacional da década de 1930 estava marcado pelos embates entre o imaginário comunista e o anticomunista que, em certa medida, identificavam-se quanto a uma disposição totalitária presente na sociedade brasileira da época. Para os comunistas, o ideário de Revolução era o centro irradiador a mobilizar desejos, aspirações, rancores, utopias, etc, e somente quando ela fosse atingida, os camponeses, ao lado dos operários, conquistariam terra, pão, liberdade, abundância, plenitude, cultura, etc, combatendo o “inimigo” capitalista, o imperialismo, o latifundiário e o fascismo, considerados como os principais artesãos de um presente de “miséria”, “doenças”, “falta de instrução” formal, que culminaria na tentativa de reificação desses indivíduos. Por outro lado, no imaginário dos anticomunistas, designadamente do Governo de Vargas e dos membros ligados ao Integralismo, também consideravam os comunistas

como “inimigos” da “pátria”, a propagarem a “desordem” na sociedade brasileira. Os anticomunistas desqualificavam o ideário dos defensores da Revolução de promover a “igualdade” e a “justiça”, sobretudo porque desde o início da instauração de uma República diretamente vinculada aos ideais do liberalismo excludente, o que ganhava relevo era a experiência de exclusão que submetia a maioria dos brasileiros (Ibidem).

Em *Vidas Secas*, Graciliano parece denunciar as relações “injustas” e “desiguais” entre as famílias que detinham a posse da terra e as que eram alijadas do acesso a este bem. Uma das passagens demonstra como o patrão figurava para Fabiano, que o via como “seco”, “arreliado”, “exigente” e “ladrão, “espinhoso como um pé de mandacaru”, aspecto a assinalar a posição contrária às oligarquias rurais assumida pelo escritor ao denunciar o poderio e as relações de mando que predominavam nos sertões. Ressalta-se, contudo, que no momento em que *Vidas Secas* foi escrita, após a instauração do regime de Vargas no Brasil, certamente o escritor que tinha acabado de conviver com a experiência dos porões do cárcere estadonovista, sentisse esse horizonte de expectativas como bem mais distante de ser atingido, o que não o impediu de denunciar as relações de poder e propriedade e as suas consequências sobre a vida humana no país e refletisse sobre as perspectivas de mudança, como o fez em *Vidas Secas*.

A personagem Fabiano contribui para refletirmos sobre o momento de incertezas e inquietudes por que passava o intelectual no momento em que parte de suas utopias e projetos para o país tinham sido frustrados. As palavras ou talvez apenas pensamentos dispersos e fragmentários do vaqueiro parecem ilustrativos: “Um dia... Sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito... Seria que as secas iriam desaparecer e tudo andar certo? Não sabia.” Acreditava que se ficassem “livres daquele perigo, os meninos poderiam falar, perguntar, encher-se de caprichos”, todavia, naquele momento “tinham obrigação de comportar-se como gente da laia deles” (RAMOS, op. cit., p. 24-25). A expectativa do vaqueiro era de aquela realidade ainda ser positivamente transformada, embora demonstrasse dúvidas e incertezas em relação a isso. Contudo, a personagem atribui todos os problemas sociais que a afetavam às condições naturais de seca, sinalizando a posição de conformismo e de subserviência dos sertanejos que permaneciam atrelados a um emaranhado de laços de compadrio e de clientelismo por parte dos coronéis que em tese os controlavam.

A prática de atribuir à seca o papel de um fantasma causador dos problemas sociais do Semiárido assume particular relevância para a presente discussão. É pertinente interpelar como ponto de partida: o que fazia com que Fabiano representasse a seca deste modo? Como apreciar, em *Vidas Secas*, fatores políticos, sociais, econômicos, culturais, éticos e estéticos

que lançam luz sobre a percepção das significações imaginárias atribuídas à Caatinga naquela configuração territorial? Levamos em conta que compreender a história do pensamento sobre a Natureza em um período circunscrito de determinada sociedade e a variedade de usos que dela foram feitos em um dado fragmento espaço-temporal, constitui-se como uma tarefa instigante e não menos complexa, por assumir dimensões econômicas, políticas, culturais e sociais (DUARTE, op. cit.).

Conforme assinalamos, ao escrever *Vidas Secas*, Graciliano estava inserido em um período histórico ditado pelo regime varguista e pelo processo de reorganização das relações entre as diversas esferas de poder governamental e do espaço econômico por que passava o país. Tais transformações contribuíram para a recriação do sistema coronelístico-oligárquico do Nordeste³⁴ no momento imediatamente posterior à “Revolução” de Outubro. Além disso, os projetos para o país elaborados pelos intelectuais e políticos de esquerda sinalizavam como alternativas de mudança na vida social brasileira. Nesse sentido, o romance em análise nos fornece uma leitura peculiar do presente da escrita, uma vez que foi elaborada com o intuito de tecer e alinhar uma sintaxe político-cultural pelo avesso da que estava em vigor no cenário nacional e, em certa medida, confrontava-se com as relações de poder e autoridade vigentes na sociedade nordestina, em particular, e no contexto nacional, em sentido amplo (WALTY, 2002).

Nos casos analisados, constatamos que não obstante Fabiano demonstrasse obediência e subserviência em relação ao “polícia”, ao “cobrador” da Prefeitura e ao “patrão”, que lhe figuravam como “autoridades” no ambiente do sertão, na prática, a personagem expressava em seus pensamentos toda a sua indignação diante daquelas atitudes arbitrárias e violentas. Insatisfação que, mais tarde, seria configurada em práticas e atitudes engenhosas quando o vaqueiro partiria com a família em busca de melhores condições de vida. A migração dos sertanejos representados em *Vidas Secas* nos tempos de secas decorria, conforme vimos, não somente em razão da corrupção dos funcionários do Governo, da violência e das injustiças cometidas pelos seus representantes (o soldado amarelo, o funcionário da Prefeitura) ou mesmo dos coronéis mandões que, ao que tudo indica, procuravam dominar a política, a sociedade e a economia do sertão (o patrão). É claro que esses fatores também influenciavam na decisão daquelas personagens de migrarem do sertão, entretanto, ao que tudo indica, a ênfase de Graciliano na obra é atribuída não apenas a essas relações de poder e mando que predominavam na região, mas

³⁴ A respeito da recriação das oligarquias no Estado da Paraíba, ver: GURJÃO, 1994.

sobretudo aos aspectos ambientais, uma vez que a narrativa demonstra que nos períodos chuvosos, mesmo quando as humilhações permaneciam, Fabiano parecia satisfeito e usufruía com a família de momentos de relativa estabilidade e segurança que a permanência e a ocupação lhes asseguravam, não havendo necessidade de migrar. Entretanto, a seca atuava como o principal agente a influenciar as escolhas dessas personagens quando decidiam deixar o sertão.

Segundo a narrativa, os sertanejos migravam do sertão como uma forma de livrar-se do “cemitério” ou do “fim de mundo” em que a Caatinga se transformava nos períodos de seca, assim como também por interiorizar um sistema social que as marginalizava por serem pobres e “embrutecidos”, como o era o vaqueiro Fabiano e a sua família, apenas aproveitados, residualmente, pelo “dono da fazenda” – um grande latifundiário que ainda aparentava ares de coronel. Deste modo, migrar seria, em última instância, a escolha de dizer não à situação social em que vivia com a família, de não conformar-se a ela, unindo “pedaços de sonhos” e de esperanças para partir em busca de alcançar melhores condições de vida.

2.3 NATUREZA E POLÍTICA NO SEMIÁRIDO

Pelas descrições da Natureza e das práticas culturais de interação dos indivíduos com ela, é possível observar como se edifica em uma obra literária, espiralando-se a partir de imaginários sociais instituintes, uma identidade para os sujeitos de determinado espaço no interior da “Nação” (BORGES, 2006). Nesse sentido, ao nos debruçarmos sobre a análise de *Vidas Secas*, foi possível identificar como o literato Graciliano Ramos buscou identificar no ambiente da Caatinga a base para a construção e afirmação de uma identidade para o Nordeste, observando os aspectos físico-naturais da paisagem do Semiárido e as apreciações culturais a ela relacionadas.

O percurso da família de *Vidas Secas* pelos caminhos do sertão lança luz sobre a relação que se estabelecia entre o homem e o Semiárido segundo os esquemas de significação que informavam a sociedade da época. É possível observar, pelas atitudes de Fabiano, o modo como aqueles sertanejos conheciam profunda e intimamente seu espaço vital e os seres que o habitavam: o vaqueiro previa as atitudes do domínio físico, como o clima ou a alternância das estações; decifrava os sinais deixados pelos animais, o desenvolvimento das plantas, etc, numa constante atualização de saberes, experiências culturais e significações imaginárias que intermediavam a relação do homem com o mundo

natural. Para citar outro momento, basta lembrar o dia em que sinha Vitória e Fabiano encontraram aquela fazenda abandonada e dela se apossaram em fins de um longo período de seca. A imagem da nuvem que surgia foi interpretada como um sinal da Natureza que eles vislumbravam na esperança da chegada do “inverno” ao sertão; da mesma forma, no desfecho do romance, quando depois de um interstício de chuvas e de permanência na fazenda partiam do Semiárido por ocasião da chegada de mais uma seca, o narrador demonstra que “andavam por caminhos conhecidos. [...] Para lá dos montes afastados havia outro mundo, um mundo temeroso; mas para cá, na planície, tinha de cor plantas e animais, buracos e pedras” (RAMOS, op. cit., p. 123-124).

O “mundo temeroso”, o “outro mundo” apontado além do horizonte era certamente o ambiente das cidades, desta vez os sertanejos migravam para o Sul, talvez para São Paulo, um lugar cujos códigos sociais lhes eram estranhos, caracterizado por um estilo de vida a que não estavam acostumados. Mas no sertão semiárido era diferente, lá podiam manter uma relação íntima com o ambiente, conheciam os seus segredos, tesouros, caminhos, limites e particularidades, configurando-se em uma cultura singular de interação marcada por conflitos e simbioses entre cultura e Natureza. Os trechos acima ilustram, particularmente, esse tipo de inter-relação a que o homem do Semiárido estava adaptado. Diversas outras passagens ainda podiam ser destacadas como as aves de arribação que significavam para sinha Vitória e Fabiano um “mau sinal”, pois “provavelmente o sertão ia pegar fogo”, ou seja, a seca mais uma vez configuraria, de forma espiralada, novas tramas históricas na Caatinga; pode-se ainda mergulhar, sob o olhar desse literato, na observação do modo como aqueles sertanejos se adaptaram biologicamente ao meio e às suas singularidades, de modo que ambos se integravam através de um visível processo de interfaces entre culturas humanas e patrimônio ambiental. Dessa interação resultou a identificação do homem com os “bichos” e com as plantas enraizadas nas terras do sertão. O vaqueiro “aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado. Olhou as quipás³⁵, os mandacarus³⁶ e os xique-xiques³⁷. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras³⁸ e as baraúnas³⁹ (Ibidem, p. 19).

³⁵ Quipás, também conhecidas popularmente como palmatória, tendo como classificação científica *Opuntia inamoena* é uma cactácea que se distribui por quase todo o Nordeste semiárido, funcionando como termômetro indicador de áreas bastante secas. Não apresenta muito interesse econômico pela agressividade de seus pelos de pequenas dimensões existentes no caule e nos frutos. Apesar disto, em comunidades do Cariri da Paraíba, atualmente o fruto delas têm sido aproveitados sob a forma de doces, geléias, licores, polpas e sucos de peculiar sabor. Ver: PEREIRA, 2005.

³⁶ Conhecido também como Cardeiro, Ma-ndacaru, na língua Tupi significa feixe cheio de espinhos e cientificamente é classificado como *Cereus jamacaru*. Trata-se de uma planta da Caatinga que pode atingir até

Esses fragmentos literários explicitam o modo como Graciliano Ramos percebia ou imaginava as interações do homem do Semiárido no interior de determinada configuração cultural, histórica e espacialmente localizada. Esse processo de atribuição de sentidos e de identificação do sertanejo às plantas, aos animais e à terra sertaneja era mediado por uma relação de sentimentos e de emoções a perpassar o cotidiano tecido naquela configuração territorial e possibilitar a construção de profundos vínculos dos sujeitos sociais ao ambiente, especialmente nos períodos de “inverno”.

Mas se nesses momentos os sertanejos se sentiam tão imbricados ao ambiente a ponto de se identificarem com espécies da sua própria fauna ou flora, essa interação não foi levada a efeito sem o intermédio de conflitos entre os integrantes daquela sociedade. Pelo contrário, as significações atribuídas ao mundo natural decorriam das relações tensivas a perpassarem aquela configuração cultural e, por conseguinte, eram elas que definiam as interfaces dos indivíduos com a Natureza. Isso ocorria porque ambas as instâncias, diga-se, tanto a sociedade quanto o ambiente, possuíam ações e dinâmicas próprias que limitavam reciprocamente o domínio de um sobre o outro. Em outras palavras, por um lado, a Natureza, com sua característica de semiaridez, impunha restrições à ação do homem, enquanto, por outro, este último criava astúcias a transformarem as imposições do mundo natural em possibilidades de existência. Somente por meio desse processo de intercâmbios, trocas e interações, marcado por diferenças e conflitos, o homem se adaptava biológica, genética e culturalmente às peculiaridades ambientais do Semiárido, construindo um devir histórico em que sociedade e Natureza se integravam reciprocamente. Esse aspecto corrobora a noção de que o homem é capaz de sobreviver na Caatinga mesmo nos períodos de secas e a ideia de que as limitações à permanência da família de Fabiano naquele espaço era sobretudo de caráter natural, mas também político e social, haja vista a evidência da falta

10m de altura. Os ramos, quando queimados os espinhos, servem de alimentação para bovinos, caprinos e suínas. Cf. *Ibidem*.

³⁷ Xiquexique ou alastrado é cientificamente denominado de *Pilosocereus gounellei*, trata-se de uma das plantas mais características dos sertões semiáridos. É indicador, de modo geral, de solos rasos, mal drenados e de baixa pluviosidade da Caatinga. Os caules e galhos constituem preciosa alimentação para os animais. Em momentos de extrema seca, caprinos e muaras retiram com o casco os espinhos e se alimentam da porção verde do caule. Para bovinos, no entanto, devem ser cortados e queimados, servindo-os frios. Cf. *Ibidem*.

³⁸ Conhecida cientificamente por *Caesalpinia pyramidalis*, a Catingueira brota espontaneamente na Caatinga logo com as primeiras chuvas. À medida que cresce, suas folhas vão ficando duras e com cheiro desagradável, talvez daí provenha o seu nome popular. É utilizada como forragem para bovinos, caprinos, ovinos, equinos e asininos. Suas folhas, flores e casca são usadas com diversos fins medicinais. Cf. *Ibidem*.

³⁹ Sobre a baraúna, ver: *Ibidem*. A baraúna, conhecida cientificamente como *Schinopsis brasiliensis*, é uma planta característica das várzeas do Semiárido que, desenvolve-se lentamente, mas possui vida longa. Trata-se de uma das árvores mais alta do bioma da Caatinga, com porte de 6-12m e diâmetro de 20-60cm. A madeira é dura e pesada de grande durabilidade. Foi muito utilizada em mourões de porteiras, mão de pilão, postes, obras de carpintaria, moendas, esteios, carvão, etc.

de políticas públicas eficazes e permanentes de convivência com o Semiárido que amenizassem as tradicionais práticas de espoliação econômica predominantes na região.

Um dos trechos que descreve essa relação de conflito é no início do romance, quando as personagens caminhavam pelo interior das matas de Caatinga em fins de um período de seca. O cenário é representado por meio da imagem de um “rio seco” em cujas margens repousaram depois de um longo percurso de “bem três léguas”, “fazia horas que procuravam uma sombra”, quando “através dos galhos pelados da catinga rala”, observaram ao longe apenas “duas manchas verdes” de juazeiros, planta típica da região, que contrastavam com a extensa “planície avermelhada” (RAMOS, op. cit., p. 9). A viagem prosseguia lenta e silenciosa, o espírito de Fabiano estava “atribulado” depois de percorrer horas aqueles caminhos “cheios de espinhos e seixos”, quando percebera que o “resto da farinha acabara” e “não se ouvia um berro de rês perdida na Catinga” (Ibidem, p. 11).

Esses fragmentos literários apresentam um cenário típico do bioma da Caatinga durante a seca. Nesses períodos, para um sertanejo como Fabiano, homem pobre, do campo, “embrutecido”, sem a mínima instrução formal, não era oferecida pelos representantes políticos da região uma estrutura social adequada que o dispusesse de condições para atravessar os longos períodos de seca com segurança. Essa questão política é um aspecto importante a ser problematizado quando efetuamos a leitura do romance *Vidas Secas*. Ocorre que talvez em razão do lugar social ocupado por Graciliano – a postura de um literato engajado com os problemas sociais de seu tempo, militante político do Partido Comunista – que certamente o levou a imprimir e enfatizar nessa obra a sua preocupação em denunciar os profundos contrastes que marcavam as relações sociais no sertão semiárido, mas não em abordar um aspecto ainda mais agravante, a saber, a forma como essa elite econômica proprietária de terras do Nordeste interior se articulava com os representantes políticos da região para se perpetuar no poder. Apenas abrindo um parêntese, lembramos ser essa uma das razões por que frequentemente devemos ter o cuidado para não reduzirmos o texto histórico ao literário quando utilizarmos a ficção como fonte para uma abordagem histórica, e procurarmos ir além dos elementos que a obra nos fornece. Isso porque, em se tratando de literatura, sabemos que embora configure em sua narrativa elementos do mundo vivido, não tem compromisso em descrever o que aconteceu na esfera da experiência temporal, mas conforme salienta Carlo Ginzburg, em geral, o que encontramos são testemunhos históricos involuntários. E essa ressalva é importante mesmo para quando se trata de algum tipo de literatura engajada tomada como fonte.

e não dispo de apoio governamental para atravessar o período de escassez, não restava alternativa para aquela família que não fosse migrar.

Nesse ponto, vale refletir que além das extremas desigualdades sociais apontadas pelo narrador de *Vidas Secas*, uma questão a ser considerada é o modo como, por um lado, esses latifundiários estavam atrelados aos grupos de poder político da região, em geral visando se beneficiar dos recursos públicos direcionados para os “flagelados” da seca (ARANHA, 2006), e, por outro, as consequências que esse aspecto teria no que diz respeito ao descaso público com os problemas econômico-sociais do sertão, sobretudo durante os períodos de seca (VILLA, op. cit.).

No início do século XX, foram implementadas no Semiárido algumas políticas públicas que provocaram mudanças no relacionamento do governo com os “flagelados” da seca. Ocorre que, se em fins do século XIX buscava-se evacuar esse território em razão das constantes secas⁴⁰, tal estratégia daria lugar, a partir de então, às tentativas de “combater” o “flagelo” e fixar a população à sua terra. Para tanto, destaca-se a criação, em 1909, da Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), que em 1919, sob o governo de Epiácio Pessoa, que assumiu a presidência da República no ano anterior, seria transformada na Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS)⁴¹, supostamente voltada para atender à população pobre. Por meio desses órgãos, a finalidade do governo não consistia, no entanto, em construir alternativas que valorizassem o potencial histórico-cultural de interação da sociedade sertaneja com o ambiente, de modo a propiciar uma convivência com o Semiárido. Pelo contrário, a ação dessas Inspetorias se limitava a políticas assistencialistas e emergenciais direcionadas verticalmente, como a construção de obras isoladas que, em geral, concentravam-se sob o poder dos grandes latifundiários que monopolizavam as terras, as alternativas de trabalho e os reservatórios de água construídos em suas propriedades. Além disso, conforme salienta Villa (op. cit., p. 134), a ingerência dessas instituições se deu em razão de terem se tornado focos de corrupção das elites políticas e econômicas regionais que se compraziam em fazer uso privado dos recursos públicos, engendrando a chamada

⁴⁰ Em várias ocasiões, uma das propostas utilizadas para “solucionar” o “problema” do Semiárido brasileiro era a ideia de transferir os sertanejos da região para colônias agrícolas que o Governo criaria no Maranhão e em algumas áreas do Piauí. Essas sugestões partiam, sobretudo, dos parlamentares do Sul que propunham a evacuação do território, alegando não ser prudente continuar gastando vultosas quantias de recursos federais para manter uma população em um espaço que eles consideravam inviável economicamente. Sobre isso, ver: Villa, op. cit.

⁴¹ A partir de 1945, o órgão passaria a ser conhecido como Departamento Nacional de Obras Contra a Secas – DNOCS.

“indústria da seca”⁴² que diz respeito ao modo como o “problema” das secas no Nordeste contribuiu para a manutenção da estrutura oligárquica da região.

Enquanto a ideia de “sofrimento” dos “flagelados” da região vinha sendo, desde fins do século XIX, intensamente explorada pelos representantes políticos da região no Parlamento e/ou na imprensa para que conseguissem concessões para construir vultosas obras, segundo as conveniências do jogo político do momento (ARANHA, op. cit., p. 132), na década de 1930, literatos como Graciliano Ramos se posicionaram criticamente em relação aos problemas do Semiárido brasileiro. Conforme salientamos, uma das críticas desse escritor era direcionada aos grandes proprietários de terras que, mesmo após o episódio conhecido como “Revolução de Outubro”, continuavam dando sustentação a uma estrutura fundiária e de exploração secularmente instaurada no sertão semiárido. Vale destacar o movimento tenentista, retaguarda do movimento de 1930, rebelião típica de uma categoria social média urbana emergente contra o domínio exercido pelos latifundiários. Provavelmente, após ter explorado essa situação política da época em *São Bernardo*⁴³, Graciliano foi preso pelas forças militares do Governo de Vargas.

Vidas Secas representa uma continuidade das denúncias do escritor, por meio de suas narrativas, contra as relações de poder e mando predominantes no Semiárido. Foi contra os (des) mandos de latifundiários como o “dono da fazenda”, intensificados nos momentos de secas prolongadas, a falta de democratização da propriedade da terra, e por extensão, dos recursos hídricos, que Graciliano se posicionou nessa obra. A migração de Fabiano, sinha Vitória e os filhos seria uma estratégia não apenas para minimizar as dificuldades do cotidiano – a sede, a fome, a miséria, as epidemias – ocasionadas durante as secas, mas uma forma de retirarem-se de um espaço social onde a continuidade do sistema político tradicional pretendido pelas elites regionais se manteve mesmo após a “Revolução de Outubro” (BURITI; AGUIAR, 2008, p. 23). Destarte, faz-se necessário repensarmos leituras historiográficas que incorreram em certas noções determinísticas ou de causalidade e situaram a migração como uma consequência direta do clima, reafirmando a imagem de a seca, característica natural do Semiárido brasileiro, ser considerada uma “tragédia”, um “massacre”, uma “grande guerra”, um “flagelo”, um “holocausto”, um “drama”, um

⁴² A respeito da “indústria da seca”, há uma vasta produção historiográfica que trata desse tema, destacando-se, dentre outras, as seguintes obras: AGUIAR, 1983; CARLI, 1982; OLIVEIRA, 1977; POMPEU, 1982; DUQUE, 1973; FERREIRA, 1993; MALVEIRA, 2001.

⁴³ Publicada em 1934, essa obra aborda o conflito entre o capitalismo, por meio da personagem Paulo Honório, que se tornou um latifundiário materialista, e a sua esposa, Madalena, professora primária dedicada às causas sociais.

“genocídio”, entre outras conotações similares a justificarem a necessidade de políticas públicas para “socorrer” os “flagelados” (VILLA, op. cit., passim).

Em *Vidas Secas*, não obstante a voz narrativa situe, no início da obra, os sertanejos migrantes como “miudinhos, perdidos no deserto queimado” que “somavam as suas desgraças e os seus pavores”, parece não atribuir apenas à condição ambiental de seca, conforme observado, o motivo das “desgraças” e dos “pavores” por que passavam aquelas personagens durante a longa seca. É necessário salientar, no entanto, que em alguns trechos da obra, principalmente no início, quando o narrador relata a experiência dos sertanejos pelos caminhos da Caatinga, nos momentos finais de uma seca, por meio do enfoque das dificuldades de sobrevivência que enfrentavam naquela configuração territorial, em certa medida, vitimiza aquelas personagens para configurar a sua crítica social contra o sistema econômico do latifúndio em vigor naquele espaço.

Contudo, se em determinados trechos de *Vidas Secas* essa visão vitimizadora permeia a escrita de Graciliano, em outros, esses sujeitos são situados como agentes de suas próprias decisões e escolhas. Nesse sentido, cabe-nos detectar as visões elaboradas por esse literato em relação às personagens de sua obra, considerando que a criação literária parte de escolhas autônomas e o próprio escritor se constrói no devir. Dito de outra maneira, pode ocorrer que apesar de, em certas passagens do romance, Graciliano situar essas personagens como supostas vítimas, em outras ele as constrói como agentes de suas próprias decisões.

É significativo levar em conta essa diversidade de visões. No espaço de conflito e integração entre cultura e Natureza semiárida, os sertanejos representados no romance, profundos conhecedores do ambiente, interagem com ele, decifravam os seus segredos, com vista em garantir a sua sobrevivência. Deste modo, mesmo sob condições que pareciam adversas, em pouco aqueles sujeitos sociais se integravam através das práticas de readaptação com o ambiente e do manejo criativo dos recursos naturais disponíveis para assegurar a sobrevivência do grupo.

Há um trecho do primeiro capítulo de *Vidas Secas* bastante ilustrativo desse aspecto. Quando as personagens chegaram à fazenda abandonada, a cachorra Baleia, também parte do grupo, encontrou um preá (RAMOS, op. cit., p. 13-14), uma pequena espécie de roedor nativo do Semiárido altamente adaptada as condições ecológicas regionais e bastante apreciada como produto de caça (MENDES, 1987)⁴⁴. De imediato, surpreendidos com esse

⁴⁴ Vale lembrar que ao contrário dos ratos, os preás não possuem calda e não vivem em ambientes insalubres, ou seja, têm aspectos de roedores, mas não são portadores de doenças como a esquistossomose, sendo um animal consumido pelo sertanejo em qualquer época do ano.

grande motivo de alegria, fizeram uma fogueira utilizando-se de uma pequena touceira de macambira⁴⁵ e de “madeira meio roída” trazida do chiqueiro, para saborearem aquela “caça bem mesquinha, mas que adiaría a morte do grupo”, ao mesmo tempo em que Fabiano buscou no bebedouro dos animais uma “água salobra” que amenizaria a sede da família (RAMOS, op. cit., p. 13-14).

Assim, não obstante as pressões e influências da Natureza e do domínio social-histórico sobre os indivíduos, nota-se que estes agem criativamente através de suas próprias escolhas, encontrando espaços indeterminados que os permitem construir universos de significação particulares. No caso das personagens de *Vidas Secas*, conforme observamos, o ambiente de Caatinga, apesar do sistema de determinações sociais, históricas e, principalmente, naturais, a impor certas limitações aos seus desejos e sonhos de felicidade, apresentaram-se como caçadoras de pérolas na Natureza, interagindo com esse próprio ambiente para nele encontrar o necessário à vida. Como nota o próprio narrador, no momento da partilha daquela caça que embora “bem mesquinha” adiaría a fome do grupo, “Fabiano queria viver”. E não apenas isso. “Ainda tencionava correr mundo, ver terras, conhecer gente importante”, “desejava brigar” com a seca, “sentir-se com força para brigar com ela e vencê-la” (RAMOS, p. 14; 26).

Depois de compartilharem a caça, Fabiano constatou que “a nuvem tinha crescido e agora cobria o morro inteiro” e isso lhe dava segurança, “sentiu desejo de cantar” e “uma alegria doida” lhe enchia o coração (Ibidem, p. 13-14). “Uma, duas, três, havia poucas estrelas no céu” (Ibidem, p. 16), sumiam-se atrás das nuvens sinalizando perspectivas de chuva. As personagens se alegravam ao perceber nos sinais da Natureza que em pouco ela chegaria ao sertão. Fabiano havia se apossado daquela fazenda abandonada e agora cultivava sonhos para a família diante da nova esperança que o alentava, tecendo uma vida imaginária que reencantava o seu mundo: “A catinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta.[...] Os meninos, gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras, sinha Vitória vestiria saias de ramagens vistosas.[...] E a catinga ficaria toda verde.” Mais adiante, ele antecipa em seus desejos essa “ressurreição” da Caatinga, onde seriam “todos felizes” e da fazenda que

⁴⁵ Cientificamente classificada como *Bromelia lacinosa*, a Macambira é uma planta comum em quase todo o Semiárido brasileiro, que não raro forma uma cobertura densa de grande extensão à sombra da vegetação arbustivo-arbórea. Uma espécie herbácea que atinge cerca de 60 cm de altura. Tem o caule recoberto por escamas armadas, ramificando-se, irregularmente, abaixo da superfície do solo. As folhas e o pseudocaulé (cabeça), quando queimados, são utilizadas para a alimentação de bovinos, caprinos e suínos. Da cabeça, também era comum produzir farinha nos anos de seca acentuada, base da alimentação da população do Nordeste. Cf. PEREIRA, op. cit.

“renasceria”, ele “seria o vaqueiro, para bem dizer seria dono daquele mundo” (Ibidem, p. 15-16).

A leitura desses fragmentos evidencia que após vivenciar momentos de extrema escassez e desespero, migrando pelos caminhos que entrecortavam a “rala” vegetação de “Catinga”, a família de sertanejos contemplava, sob a intensa “claridade do sol”, um indício de que provavelmente a felicidade em breve chegaria, quando céu e terra trocassem um beijo de amor por meio de suas águas límpidas e singelas a abrandarem as vidas do sertão. A maior parte da obra é ambientada com “inverno” no Semiárido e com a fixação dos sertanejos na fazenda de um daqueles autoritários latifundiários típicos na região, de modo que essa estação natural “ocupa a posição central no romance” (BUENO, op. cit., p. 651).

Esse interstício de “inverno” abrange, como vimos, todo o desenrolar da obra, sendo precedido, por um lado, pela retirada da família nos momentos finais de um período de seca no sertão, como se observa no primeiro capítulo, e, por outro, com a fuga daquelas personagens ao perceberem que a seca em breve voltaria, conforme o desfecho da obra. Nessa estrutura, embora pareça que o final do romance vai de encontro com o início, em um provável movimento circular a supostamente representar o tempo cíclico da Natureza, ou seja, das secas e das chuvas torrenciais⁴⁶ no Semiárido, e que poderia configurar a imagem de uma pétala inicial de uma rosácea que alcança a última, a trama foi composta sob a forma de um movimento espiralado do tempo, de modo que no final, novas tramas sociais serão vivenciadas pelos personagens da obra, não se limitando à mera repetição.

De acordo com Bueno (op. cit), ao invés de desenhar um ciclo fechado das sucessivas secas, a associar o tempo cíclico da Natureza a uma inalterabilidade do destino das pessoas, o tempo, no final do romance, toma outra direção, descortinando-se sob a metáfora de uma espiral. Isso porque se no desfecho da obra a situação inicial se repete numa dada dimensão, em outra, há um significativo distanciamento em relação a ela. Dito de outra maneira, a trajetória que a família segue ao final do romance em muito extrapola a mera repetição do ciclo da Natureza, haja vista que como aquela família de sertanejos migra em direção ao sul, talvez à cidade de São Paulo, então há uma abertura em direção a novas relações sociais e novas escolhas engendradas no interior de uma nova conjuntura. Nessa perspectiva, seria uma atitude simplista por parte do historiador reduzirmos a riqueza simbólica dessa obra à ideia de representação fidedigna do tempo circular do mundo natural, haja vista que as personagens do romance são situadas como atrizes sociais criativas,

⁴⁶ Expressão utilizada para caracterizar as chuvas que ocorrem em um curto período de tempo no Semiárido brasileiro.

passíveis de escolher e construir a sua própria história, esta sendo entendida como um devir, como uma criação, que em sentido algum, preexistiria ou seria determinada, em última análise, pelo ambiente (CASTORIADIS, op. cit.).

Para além da percepção sensível da realidade concreta, o enredo delineia aspectos relacionados ao não-visto, ao não-experimentado, ao abstrato, às operações imaginárias que atribuem sentidos ao mundo vivido, reconfigurando-o em uma narrativa de caráter verossímil. É possível explorar em *Vidas Secas* um conjunto dessas cartografias da imaginação com referência, particularmente, às representações do Semiárido. Fabiano, imbuído naquela esperança avassaladora da chegada das chuvas ao sertão trouxe à baila fiapos de sonhos, fantasias, desejos e aspirações que teciam e compunham, subitamente, a imagem de uma “catinga” que se metamorfoseava, passando da condição de seca, escassez, sofrimento, fraqueza, fome, sede, etc, para uma fisionomia de vida, alegria, fartura e abundância (RAMOS, op. cit., p. 16).

A expectativa com a chegada do período chuvoso permitiu ao vaqueiro apreciar todos esses projetos de felicidade para a sua vida, da família e até da cachorra Baleia, sugerindo um universo simbólico de “ressurreição”, de “renascimento” aparentemente possível somente quando não havia seca no sertão. Era apenas nessas elaborações mentais que o desejo de Fabiano de se tornar o “dono daquele mundo”, de uma fazenda situada em um ambiente de “catinga” em que as vidas palpitavam, tornava-se algo concreto. Na realidade material na qual vivia, a realização desses projetos seria um tanto improvável, incerta, insegura, frágil, instável, pois mesmo quando o “inverno” chegasse e a “catinga” renascesse, personagens “insuportáveis” como o “soldado amarelo”, o “patrão”, o funcionário corrupto da Prefeitura viriam perturbar e desestabilizar essa configuração imaginária de felicidade e exigir que elas fossem recriadas.

Nesse espaço de sonho, de criação e de liberdade a compor o imaginário do vaqueiro, é possível indagar como as relações de poder e mando no sertão estavam articuladas com a Natureza, com o clima da região, haja vista que, ao que tudo indica, somente nas cartografias imaginárias, no lugar do sonho, do desejo, do não-visível, do não-palpável, do abstrato, era possível criar um ambiente em que se conciliavam “inverno”, felicidade, autonomia individual, liberdade, plenitude, fartura, etc, a legitimar a condição de ser proprietário da fazenda e de viver com segurança na terra onde se enraizara. Assim, somente nessas operações imaginárias de sentido, o sertão se configura para as personagens como o espaço da emoção, da felicidade, da fartura, do sonho, do cantar, do alegrar-se, do “inverno”, da abundância, etc. Destarte, nas práticas cotidianas instituídas nessa

configuração territorial, permeadas por relações tensivas de poder, de mando e de subordinação, não haveria espaço para a concretização de tais projetos de felicidade, independentemente do tempo natural vivido.

As imagens mentais elaboradas por Fabiano de uma transformação positiva e radical da vida na “catinga” não abrangeria apenas o homem, mas também a flora e a fauna com a qual povoaria aquela configuração territorial. A cachorra Baleia também vivenciaria aquele suposto paraíso terrestre em que o ambiente semiárido se transformaria nas fantasias esboçadas pelo vaqueiro. Esse aspecto parece ilustrativo do papel exercido pelos animais no cotidiano dos sertanejos, de modo que eram humanizados a ponto de sentirem as mesmas emoções e angústias do homem, que, por sua vez, em alguns casos, confundia-se com eles, sentia-se compreendido somente por eles. Deste modo, as hierarquias ou relações de poder entre o mundo animal e humano nos domínios das caatingas eram amenizadas dando lugar a uma identificação recíproca que estabelecia uma relação de humanização dos animais e de zoomorfização do homem.

Se como afirma Sandra Pesavento (op. cit., p. 3), os imaginários são construções sociais circunscritas em períodos históricos que guardam especificidades e assumem configurações e sentidos diferentes ao longo do tempo e do espaço, pode-se afirmar que a percepção e problematização das imagens mentais de Fabiano tornam-se relevantes para detectarmos os significados por ele atribuídos à vida em sociedade.

No último capítulo da obra denominado “Fuga”, constatamos uma cena que vem de encontro ao que foi narrado na abertura: mais uma vez, Fabiano, depois de viver um relativo período de estabilidade e prosperidade na fazenda, quando durante todo o desenrolar da trama não houve evidência imediata de seca no sertão, salvo na memória e no temor que povoava os pensamentos e sentimentos das personagens, retirava-se daquele espaço com a família ao decifrar os sinais de que velozmente ela já se aproximava. Em síntese, durante todo o interstício chuvoso que perpassa o desenvolvimento da obra em meio às estações secas – no início da obra, o fim de uma seca, e no desfecho, o início de mais um desses períodos – Fabiano, sinha Vitória e os dois filhos não necessitam migrar, mesmo com os problemas sociais persistindo, como a violência do “soldado amarelo”, as descomposturas e os (des)mandos do patrão. Nos tempos de “inverno” no sertão, a Natureza oferece aos sertanejos pobres recursos que os satisfazem, prendem-nos à terra, alegam-nos, concede-os relativa fartura e prosperidade. Basta atentarmos às passagens da obra em que, no período chuvoso, o vaqueiro agia com calma e resignação diante das “descomposturas” e humilhações do patrão, pois lhe esmorecera as lembranças dos sofrimentos passados

(BUENO, op. cit.). Do mesmo modo, em outro trecho, o narrador de *Vidas Secas* relata que chovia, “Fabiano estava contente e esfregava as mãos”, “esquecia as pancadas e a prisão, sentia-se capaz de atos importantes” (RAMOS, op. cit., p. 67).

Embora possa parecer que esse romance busque representar elementos e situações presentes na vida efetiva dos homens e mulheres do sertão no que diz respeito ao modo como as estações da Natureza influenciavam os destinos dos indivíduos, os caminhos esboçados pelo narrador colocam em pauta um problema bem mais complexo do que meramente estabelecer no espaço de criação artística uma relação fatalista e de determinidade entre sociedade e Natureza. É que a narrativa não se limita apenas a representar uma estrutura natural cíclica, mas transcende essa dimensão para demonstrar o modo como se via, sentia-se e significava-se a vida desses homens e mulheres nos tempos passados, pondo em evidência os problemas que efetivamente os afetavam por meio das experiências culturais criativas de interação com as limitações do Semiárido. É certo que a proximidade que esses sujeitos sociais mantinham com o ambiente natural, buscando estabelecer uma relação cultural de simbiose com os elementos dessa paisagem, fazia com que as suas vidas seguissem, em larga medida, o ritmo temporal do ciclo da Natureza, sendo por ela influenciadas e até limitadas. Contudo, com base nas proposições apresentadas por Bueno (op. cit., p. 662-663), essa limitação não era estabelecida apenas pela Natureza em si, mas também pelo modo como ela se tornava passível de ser instrumentalizada pelos esquemas de exploração econômica da região.

Em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos, no caminho da construção de uma identidade para a região, vincula Natureza e cultura, delineando dois momentos distintos do cotidiano do sertão: o tempo considerado pela personagem Fabiano como o dos “anos bons”, ou seja, com ocorrência de chuvas, “misturados com anos ruins”, isto é, com os longos períodos de seca a se alternarem naquela configuração territorial. Com isso, o narrador ainda sugere na obra, através da visão do vaqueiro, que no sertão “sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera” por gente. “E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo – anos bons misturados com anos ruins” (RAMOS, op. cit., p. 21; 23). Por isso, depois de vivenciar um período de relativa estabilidade durante o “inverno”, fixado com a família na fazenda, Fabiano entendia que a “desgraça estava em caminho”, a seca “chegaria naturalmente” a qualquer momento e, por isso, já se preparava para mais uma vez “correr mundo”, migrar com a família em busca de outras terras.

Deste modo, esboçando traços do imaginário elaborado pelas personagens de *Vidas Secas* em torno da seca e do “inverno” no espaço sertanejo e também das práticas sociais

relacionados a esses significados, Graciliano Ramos deixava entrever, através de um conjunto de experiências culturais associadas a aspectos naturais no domínio da Caatinga, representações de uma sociedade marcada por profundos dilaceramentos e relações tensivas entre os sujeitos que a compunham. O modo como a personagem Fabiano e os demais membros daquela família atribuíam sentidos à seca e à chuva no sertão, e como as experiências desses sujeitos representados na obra literária foram associadas por essas significações imaginárias àqueles fenômenos naturais, deixam entrever aspectos de um cotidiano marcado por profundas desigualdades sociais. Era por vivenciar momentos de escassez durante a seca que as personagens de *Vidas Secas* conotavam esse fenômeno natural de forma negativa, ocorrendo o inverso em relação ao período chuvoso, haja vista que mesmo sendo submetidas às relações tensivas que predominavam naquele espaço, alegravam-se pela forma assumida pela Natureza.

O caminho encontrado pelo autor de *Vidas Secas* para construir e representar, nessa obra, uma identidade para o Semiárido brasileiro parece problematizar o lugar ocupado pelo homem sertanejo no novo projeto de reestruturação do país levado a efeito a partir de 1930, buscando denunciar a pobreza e as profundas desigualdades sociais que marcavam a região em contraste com o clima de euforia a prenunciar os projetos de modernização do Centro-Sul (ALMEIDA, 1981). Vale lembrar que, nesse momento, a sociedade brasileira, em particular a do Nordeste, passava por uma série de transformações: se desde fins do século XIX, o Centro-Sul já se colocava como a pauta das prioridades dos projetos dos governos em detrimento da região semiárida do país, a partir de 1929, com a quebra da bolsa de Nova York e a profunda crise eclodida na economia cafeeira do Sudeste, essa situação foi agravada, visto que o Governo passou a se utilizar de diversas estratégias para manter a cultura do café em funcionamento (VILLA, op. cit.). Também com a chamada Revolução de Outubro e as tentativas de centralização instauradas por Vargas, as fendas de poder das oligarquias regionais foram momentaneamente desestruturadas⁴⁷. Nesse cenário, houve ainda a desilusão dos que acreditaram que a propalada “Revolução” de 1930 traria mudanças significativas ao sistema sócio-político em vigor no Brasil, de modo que intelectuais e literatos passaram a se posicionar criticamente em relação a situação social do país, prevalecendo entre eles um pensamento a questionar a evidência da exclusão e do atraso que a modernização já implementada não conseguiu mudar. Desta forma, a mentalidade antiliberal foi apropriada e aos poucos dominou a intelectualidade brasileira em busca de

⁴⁷ Momentaneamente porque logo essas oligarquias foram recriadas e se reajustaram na estrutura de poder. Consultar: GURJÃO, 1994.

novos ideais para o país e a optar pelas tendências de esquerda ou de direita, de modo que a sua atuação não esteve desconectada da realidade política brasileira (BUENO, op. cit., p. 36; 69).

No caso de Graciliano Ramos, a identidade construída em seus romances, em especial na obra *Vidas Secas*, para o homem da região semiárida brasileira, situava a pobreza e a espoliação econômica, características de um sistema que, em sua visão, animalizava os sujeitos sociais despossuídos, como pauta para a discussão do lugar que esses sertanejos ocupariam no interior do novo projeto de reestruturação que marcou o Brasil dos anos 1930. Essa forma de representação tinha como especificidade denunciar os problemas ainda predominantes no campo no momento em que o país avançava para consolidar o seu projeto de urbanização e industrialização.

A prática da migração descrita em *Vidas Secas* representa os significados da seca na vida daquelas personagens no interior do Semiárido brasileiro, sendo um deles o sentimento de infelicidade pela mudança e pelo desenraizamento, pela sede, pela fome, pela “canseira”, pelo choro das crianças e pelo “sofrimento” que as acompanhava durante a travessia. O sertão é descrito sob o cenário de um “deserto queimado” pontilhado por “ossadas” de animais pelo caminho e coberto pelo “vão negro dos urubus” a simbolizar a morte, povoada por aquela família a andar por entre a imensidade daquela “vegetação inimiga”, com seus “espinhos”, “garranchos e folhas secas”, xiquexiques e mandacarus, cactáceas resistentes à perda de água que avultavam a região nos períodos de seca. Esse fenômeno natural era representado por Fabiano e a família como um “perigo”, uma “desgraça” que “estava em caminho”, “se avizinando a galope, com vontade de matá-los”, “abrasava” os caminhos por onde andavam; era sinônimo de “fome”, “medo”, “castigo”, “sede”, “tormento”, “morte”, “miséria”; era por causa dela que o sertão se transformava em um “cemitério”. E era somente quando a seca chegava e todos esses “pavores” eram trazidos à lume que a família de Fabiano migrava (Ibidem, p. 23-24ss).

Se com a chegada das chuvas ao sertão a família de sertanejos deveria, em tese, usufruir de segurança, de abundância e de estabilidade quando fixada naquela fazenda, na prática, essas certezas em pouco seriam desfeitas, pois o contato com a vida social fora do círculo familiar trazia à lume aspectos de um “horizonte acanhado”: uma felicidade fugidia, uma segurança frágil, marcada por sonhos incertos. Somente quando não havia perigo de seca imediata no sertão, certas arquiteturas imaginárias poderiam ser alinhavadas, tecidas e se tornavam mais próximas de realização: Fabiano pensava em “entender-se com sinha Vitória a respeito da educação dos pequenos”, um privilégio possível a eles somente nos

anos bons; a esposa do vaqueiro, por sua vez, aspirava enfim conseguir o objeto de seu desejo, o conforto de uma cama de lastro de couro para substituir a de varas, sinalizando para a fixação e permanência em um lugar, “esquecera a vida antiga, era como se tivesse nascido depois que chegara à fazenda”. Além disso, naquele ano todos estream roupas novas na festa do natal na cidade, quando normalmente os pais se “vestiam mal” e “as crianças andavam nuas”; “no jirau da cozinha arrumavam-se mantas de carne seca e pedaços de toicinho”, indício de uma reserva alimentar, diferente das secas de suas memórias, quando se preocupavam apenas com a garantia imediata do alimento mínimo para assegurar a sobrevivência. “Tudo ali era estável, seguro”, vivenciavam “um começo de prosperidade. Comiam, engordavam” (Ibidem, p. 21; 40; 43; 44; 59).

Na visão do narrador de *Vidas Secas*, essa estabilidade parecia, no entanto, frágil em decorrência das relações sociais injustas, corruptas, autoritárias e dos (des)mandos a que essas personagens eram submetidas no interior daquela território, o que pode ser observado através do relato da cena em que o patrão extorquia o vaqueiro nas contas da partilha, descortinando-se o quanto era fugaz a segurança usufruída por aquela família no espaço sertanejo. Apesar disso, é necessário salientar a seguinte questão: mesmo que nos períodos de “inverno” os problemas sociais permanecessem como resultado das relações tensivas predominantes naquela sociedade, certos “privilégios” se tornavam possíveis somente nesses “anos bons”, como era o caso da “educação dos pequenos”, da alimentação farta, da estréia de novas roupas, etc.

Nota-se que as personagens da trama não são situadas pelo literato como meras receptoras da influência natural ou mesmo social sobre as suas vidas, no sentido de que migrar seria uma opção para “fugir” das limitações impostas pelo ambiente, mas toda a narrativa é perpassada por práticas autônomas de indivíduos movidos pela luta, pelo desejo de sobrevivência, pelo sonho de encontrar uma terra “desconhecida” e “civilizada” onde pudessem viver felizes. O narrador de *Vidas Secas* relata que as personagens fogem do sertão não apenas por conta do meio social que lhes era adverso, mas pelas constantes e periódicas secas que caracterizavam o ambiente natural com o qual interagem. Nesse sentido, para realizar a leitura desse texto literário, como de quaisquer outras fontes guardiães de rastros e significações do passado, é fundamental que o dualismo entre a sociedade e a Natureza seja definitivamente abandonado, visto que essa concepção permanece atrelada a certo modelo tripartite da história, baseado na concepção norte-americana elaborada por Worster que se limita a abordar as influências do homem sobre a Natureza e vice-versa, reduzindo as múltiplas possibilidades de análise que o historiador

pode realizar a respeito dos significados atribuídos ao ambiente por uma determinada configuração histórico-cultural. Faz-se necessário, portanto, compreender uma nova relação estabelecida entre sociedade e Natureza, transcendendo a mera influência do meio sobre os homens ou vice-versa, para buscar traduzir, através da fonte literária tomada para este estudo, como essa sociedade investiu de significações o mundo natural, como o Semiárido foi percebido, instaurado e construído culturalmente pelo homem no devir histórico dos anos trinta (DUARTE, op. cit.).

Uma das maneiras de escrever a história ambiental da seca é considerá-la como um evento ao mesmo tempo natural e antrópico. Ela marca mais sensivelmente as paisagens agrícolas cuja estrutura é produto da percepção, valores e desejos culturais, sendo por isso fenômenos fundamentalmente *históricos*, situados em locais e tempos particulares e modelados simultaneamente por forças naturais e humanas. A seca é um fenômeno multidimensional que, além dos fatores climáticos e geográficos, não está desvinculada dos processos socioeconômicos, políticos e culturais. Nesse sentido, duas características definem a sua ocorrência: a distribuição geográfica e temporal irregular das precipitações e a vulnerabilidade socioeconômica relacionada à capacidade da população em enfrentar o período de escassez⁴⁸.

No romance em apreço, Graciliano demonstra que as diferentes categorias da população interagem com a seca, havendo, no entanto, aquelas que por não disporem de estrutura para atravessar o período eram mais vulneráveis a essa condição natural. Por isso, as respostas dadas por esses indivíduos às condições ambientais se constituíam em práticas distintas. Enquanto a família do vaqueiro foi impelida a partir do sertão sem perspectivas de sobrevivência durante a seca, alentando o sonho de encontrar uma terra “desconhecida e civilizada”, o proprietário da fazenda, vendeu seus rebanhos e abandonou parte de seu patrimônio, passando a morar na cidade à espera de voltar para a sua terra quando cessasse o período de escassez. Nesse sentido, a seca acarreta imagens e consequências negativas para o imaginário de toda a sociedade que interage com essa característica ambiental, no entanto, há setores mais pobres e vulneráveis que a representam sob uma conotação de sofrimento, miséria e desamparo.

⁴⁸ Nesse sentido, é importante diferenciar os conceitos de seca e de estiagem. A estiagem, irregularidade das chuvas, é necessária, mas não suficiente para caracterizar a seca. O problema das secas frequentemente está vinculado ao acesso à água e a outros recursos naturais. Assim, mesmo quando o índice de precipitações não é ausente em uma região, a seca pode ser demarcada se a população não tiver acesso à água e a outros recursos necessários. Sobre isso, ver COSTA; WAQUIL, op. cit.

Todavia, quando o escritor divide a sociedade em ricos e pobres, sob um modelo esquemático rígido, desconsidera outras nuances que perpassavam a heterogeneidade político-social daquela configuração territorial. Além da questão do monopólio da propriedade das terras, dos animais e dos recursos hídricos que destituía os sertanejos do acesso a esses bens naturais e, em certa medida, impelia-os a migrar do sertão nos períodos de seca, há que se lembrar que nesse momento outros grupos de poder estavam sendo beneficiados com a condição de seca no Semiárido, utilizando essa característica ambiental para perpetuar-se no poder.

Sabe-se, contudo, que a seca é uma especificidade natural do Semiárido brasileiro, cujas limitações do solo e do clima, marcado por irregularidades pluviométricas e má distribuição das chuvas pelo seu vasto território, resultam do evoluir das transformações climáticas que remontam a um milhão de anos atrás, o que chamamos de paleoclimas, principalmente no Pleistoceno. Desde esses tempos remotos, vêm se intensificando as condições de semiaridez no Nordeste do Brasil, agravadas com a ocorrência periódica de secas a acarretarem consequências ao solo (com as altas temperaturas que vaporizam a água rapidamente, salinizando a faixa pouco espessa de solo) e a toda a paisagem natural e humana do sertão (PEREIRA, op. cit., p. 22).

A seca no Semiárido brasileiro, em geral, dura de seis a sete meses quando não se sucedem por uma sequência de anos – as chamadas secas plurianuais. Para Ab’Sáber, esse prolongado período de seca acentua o calor das depressões interplanálticas existente além ou aquém do alinhamento de terras altas da chapada do Araripe e do Planalto da Borborema e impede as massas de ar tropical atlântica de atingir de leste para oeste as topografias constitutivas do domínio dos sertões, restringindo-se apenas à Zona da Mata e à região serrana, durante o “inverno”. Nesse sentido, o clima é semiárido – quente e extremamente seco – devido à retenção das precipitações pluviais nesses planaltos e às correntes de ar Equatorial Continental que regam os ecossistemas inseridos no interior dessas depressões, entre outros fatores de menor relevância.

A partir do último quartel do século XIX, a seca passou a ser percebida como um “problema” social e econômico passível de solução, o que resultou na busca de propostas políticas diversas que, em tese, visassem melhorar a qualidade de vida dos homens e mulheres desse ambiente. Tais projetos, constantemente atualizados e ressignificados, marcaram toda a história do Semiárido, corroborando com visões desfiguradas da região, tendo como traço de continuidade e de permanência a noção de que esta seria uma terra do

“desterro”, por cujos caminhos serpenteava uma “procissão macabra e fúnebre” de pessoas “trôpegas”, famintas, supostamente motivada pelas secas.

Sobre esses programas implementados pelos governos no Semiárido, vale lembrar que o eram feito de forma verticalizada e, por isso, em geral, tendiam a não valorizar as práticas culturais de manejo dos recursos naturais reelaboradas criativa e historicamente pelos sertanejos, o que pode ser apontado como uma das razões, dentre diversas outras, para a falta de êxito de sua maioria para o desenvolvimento da região (CHACON, 2007). Certamente ao lado da falta do devido planejamento socioeconômico e ambiental com valorização das potencialidades regionais para transformar de forma positiva o quadro social do Semiárido há séculos assolado pela desigualdade e espoliação econômica dos sertanejos pobres.

O romance *Vidas Secas* esboça, metaforicamente, esse problema por carregar nas tintas uma denúncia contra um sistema social estruturado a partir das grandes propriedades de terras, em cujo espaço os latifundiários instrumentalizavam a seca para oprimir os sertanejos pobres e sem a mínima formação educacional que os potencializasse minimamente para se inserir no mercado de trabalho emergente. A densidade da crítica de Graciliano se dirige a um universo socioeconômico reforçado pelos esquemas de mandos políticos a subordinar os sertanejos “livres” instalados nas fazendas em situação de extrema dependência e vulnerabilidade.

A partir da seca de 1877, e durante todo o do século XX, quando o Nordeste passou a ser significado como “região-problema” no cenário nacional, diversas destas propostas de “solução contra os efeitos das secas” passaram a ser defendidas pelos grupos de poder político e econômico dessa configuração territorial, dentre elas a migração ou evacuação do espaço em busca de lugares com clima “sadio”. Os destinos dos migrantes nesse momento eram variados: ora para outras províncias, especialmente para a Amazonas, o Pará ou as colônias agrícolas que seriam fundadas em regiões de clima mais ameno no Meio Norte, sobretudo, no Maranhão – foi a partir desse período que a floresta amazônica passou a ser palmilhada pelos sertanejos do Nordeste; ora para as regiões de Brejo ou para as zonas litorâneas da própria região, áreas menos suscetíveis à escassez de chuvas.

Sobre isso, lembremos, por exemplo, José Lins do Rego que, já nos anos 1930, ao escrever sobre a civilização açucareira de base patriarcal e escravocrata desenvolvida na Zona da Mata do Nordeste, em determinados trechos de sua obra corroborou com essas visões elaboradas pela elite litorânea a respeito do sertão semiárido, retomando aquela dicotomia assinalada por Freyre de que pelo menos dois nordestes podiam ser delimitados

na história da região: o açucareiro e o pecuarista⁴⁹. Em *Usina*, publicado em 1936, o romancista relata sobre a vida dos sertanejos “que haviam descido em bandos, trazendo as mulheres e os filhos” para trabalharem nas várzeas de cana-de-açúcar, por ocasião da seca no sertão, onde eram aterrorizados pela fome e epidemias. Chegavam em situação de miséria “como verdadeiros cacos humanos” e “vinham trabalhar por um quase nada que lhes desse para comer e beber”, pois “sertanejo só se lembrava da várzea nos tempos de seca”, mas logo que os relâmpagos apontavam nas cabeceiras do rio Paraíba, retornavam para as suas “terras chovidas e felizes” pois “com chuva a terra deles se tornava um presente do céu” (REGO, 2002, p. 167; 216; 335-336).

Essa passagem demonstra que embora o sertão fosse um lugar onde se vivia feliz, nos anos de seca, ao que parece, a alternativa para os sertanejos era se retirarem para o litoral do Nordeste. Embora o sertão fosse percebido pelos moradores dos canaviais como terra de “desterro”, que “nem água tinha” e a terra era “dura para trabalhar, cheia de pedras”, o narrador da obra de José Lins do Rego explicita que com as primeiras chuvas os sertanejos retornavam àquela região que se tornava um “presente do céu”. Nesse sentido, mesmo nessa literatura sobre o litoral, a seca é situada como a causa de todos os “pavores” na vida dos sertanejos, confirmando a mencionada conotação fatalista no que se refere às representações do sertão nos períodos de seca.

Nesse cenário, nota-se que diversas alternativas apontadas por políticos, comerciantes e latifundiários da região como “solução” para o “problema” das secas do Semiárido são carregadas de conotações pejorativas sobre o espaço do sertão. Os próprios sertanejos eram pejorativamente chamados de “flagelados”, a “invadirem” os grandes centros urbanos como “desocupados”, tornando-se uma “ameaça” à “ordem” e à higiene enfaticamente propalada pelos médicos e sanitaristas daquele período, e corroborada pela imprensa da capital.

Isto se torna compreensível se levarmos em conta que, nas primeiras décadas do século XX, muitas cidades nordestinas, alimentavam o ideal de higienizar e modernizar seus ares, a fim de atingirem maiores estágios de *civilidade*, assim como ocorria em outras cidades brasileiras que, sob inspiração das elegantes urbes européias, levavam a efeito as suas propaladas reformas urbanas. E, para higienizar esses ambientes urbanos, principalmente, quando se tratavam das capitais dos Estados, era necessário disciplinar os

⁴⁹ A respeito da formação sócio-histórica da civilização desenvolvida no Nordeste da Zona da Mata com base na cultura açucareira, ver: Freyre (op.cit.); sobre o Nordeste da pecuária, consultar a já clássica obra de Menezes (1970).

fluxos e segregar populações pobres em espaços modestos e afastados. Para os médicos-higienistas, o pobre, “flagelado”, não teria recinto nesses centros, que, na ocasião, buscavam, por meio de certas conquistas materiais e simbólicas, modernizarem-se. Os chamados “flagelados da seca” eram considerados “perigosos” para os novos comportamentos que se buscavam instaurar nas cidades brasileiras à época, especialmente no que diz respeito às práticas de higienização, sinônimo de modernidade e de ordem para os sanitaristas e para as diversas esferas de representações políticas⁵⁰; daí a razão porque alguns incentivos públicos passaram a ser implementados pelos governos com o intuito de manter os sertanejos em suas terras, ou, para bem dizer, submetidos aos (des)mandos dos proprietários dos latifúndios (VILLA, op. cit. p. 57; 146; NEVES, op. cit.). Mas se em fins do século XIX e no início do XX, a noção de evacuação deste território através da migração constituiu-se na tônica dos projetos políticos, a partir dos anos 1930, a nova reordenação econômica por que passava o país, caracterizada pelo processo urbano-industrial do Sudeste, redefiniram o destino daqueles que optavam por migrar: desta vez partiriam em direção ao Centro-Sul (VILLA, op. cit.).

No alvorecer da República, as reivindicações dos governadores dos Estados do Nordeste para solucionar o “problema” da seca eram ignoradas pelos presidentes do Brasil que se alternavam no poder, cujas prioridades consistiam, naquele momento, em manter em funcionamento as fazendas destinadas à cultura do café. Nesse cenário, a característica natural de seca era tomada pelos representantes políticos das elites oligárquico-coronelísticas do Semiárido como o argumento mais eficaz para apelar por investimentos na região e manter seu poder de mando (Ibidem, p. 39; 90). Através dos discursos dessas elites política e econômica do Nordeste e/ou de seus representantes no Parlamento e na imprensa, pode-se perceber o cenário de cristalização de uma imagem estereotipada e vitimizadora do ambiente regional. Com vista em se manter no poder, esses grupos instituíram estrategicamente a ideia de uma Natureza “adversa”, “hostil”, “inóspita”, “imutável”,

⁵⁰ A partir de 1910, os conhecimentos dos médicos-higienistas a respeito da saúde dos brasileiros e das condições sanitárias de grande parte do território nacional tornavam-se públicos indicando que o principal problema do país era a doença e não o determinismo racial ou climático. Na concepção daqueles peritos, o brasileiro estava abandonado pelas elites políticas e, por isso, consideravam ser obrigação dos governos sanear os sertões, onde diversas endemias rurais grassavam a paisagem cultural das populações. Com esse intuito, nesse período foram realizadas diversas viagens científicas pelo interior do Brasil, destacando-se entre elas, em relação ao interior do Nordeste, a *Viagem Científica pelo Norte da Bahia, Sudoeste de Pernambuco, Sul do Pará e de Norte a Sul de Goiás*, organizada pelo Instituto Oswaldo Cruz, em 1912, por solicitação do Instituto de Obras Contra as Secas e dirigida pelos médicos Belisário Penna e Arthur Neiva. Além de um amplo levantamento realizado sobre o clima, a fauna e a flora, essa expedição, que durante sete meses percorreu as regiões marcadas pela ocorrência de secas periódicas, apresentou, em detalhes, as doenças que afetavam o homem e a atividade pecuária. Sobre isso, ver LIMA; HOCHMAN, 1996. p. 4; 7. Ver também HOCHMAN, 2006.

estéril”, a provocar secas “pavorosas” e onde só havia “destruição”, “fome”, “atraso”, etc. Afirmado-se preocupadas com a “miséria” da população, o que esses grupos do poder buscavam, na realidade, era reivindicar a aquisição de equipamentos para modernizar a região, solução vislumbrada como passível de resolver o “problema” da seca, pois a finalidade era obter recursos para garantir a sua manutenção no poder. Nesse sentido, ao compasso que esses grupos perceberam o potencial de persuasão que o argumento da seca podia provocar, tornaram-se cada vez mais insistentes e estratégicos na prática de teatralizar a vida do Semiárido, configurando-se como atores e artistas que elaboravam apelos dramáticos, por vezes, desfigurados, para comover e sensibilizar as bancadas. Imagens desfocadas no sentido de nem sempre corresponderem com o cotidiano dos sertanejos (ARANHA, op. cit.).

É certo que esses sertanejos enfrentavam múltiplas dificuldades, no entanto, eram criativos e lutavam para assegurar a sua sobrevivência em interação com os recursos naturais disponíveis nos sertões, mesmo nos períodos de secas prolongadas, nos quais, em geral, não lhes eram oferecidas alternativas governamentais eficazes que lhes permitissem atravessá-los de forma mais segura. Há, no entanto, um aspecto mais agravante dessa questão. Ocorre que não obstante esses “socorros” fossem frequentemente acionados em nome da “miséria” dos “irmãos” do Nordeste, na prática, não era bem para eles que os recursos viriam. A tendência era, em geral, serem desencaminhados para sustentar certas reminiscências de poderosos do sertão que recompunham fios, retalhos, fragmentos, teias esfaceladas de uma rede de poder que por muito se perpetuou com demasiada firmeza por todos os recantos dessa região. Tal recomposição consistia em uma remontagem de um outrora rígido esquema de domínio que naquele momento sofria os abalos sísmicos no cenário brasileiro. Estava evidente a necessidade de realinhavá-lo para tecer e perpetuar novas formas de mandos.

Embora essa característica ambiental tenha acompanhado a história da região desde o período colonial⁵¹, e até mesmo em momentos que o antecedeu, com as sociedades indígenas, foi somente nesse momento de crise das oligarquias do Nordeste, sobretudo a partir da grande seca de 1977-1979, que os representantes políticos dos grupos dominantes deste espaço descobriram no fenômeno natural da seca um valioso argumento para obter

⁵¹ Uma das primeiras referências a essa característica climática era a registrada pelo jesuíta Cardim, que informava ter presenciado, no ano de 1583, grande seca, esterilidade e fome pelos sertões, motivo pelo qual desceram cerca de 4 ou 5 mil índios apertados para pedir socorro ao luso-brasileiros. Ver Cardim, (1978, p. 199). Porém, Villa (op. cit., p. 17) assinala que documentos portugueses registram a ocorrência da seca no sertão, notadamente, em Pernambuco, em 1552, três anos após a chegada dos primeiro Governador Geral, Tomé de Souza.

verbas em nome da população “flagelada” da região. A partir de então, iniciou-se um longo processo de homogeneização e desfiguração do seu ambiente natural e de fabricação de estereótipos que até hoje persistem no imaginário do país. Estavam sendo gestados os arranjos sociais e políticos do que mais tarde ficaria conhecida como a “indústria das secas”. Esse aspecto é importante por observarmos que o fenômeno natural preexiste, o tratamento que recebe pelas autoridades e seus porta-vozes é que se transforma, bem como o imaginário sobre a região.

A instituição dessa “indústria” tornou-se possível por meio da vinculação entre a estrutura de poder do Nordeste e as suas especificidades climáticas, do início da intervenção do Império até a institucionalização da política de suposto combate às secas. Apesar do enorme acúmulo de estudos e propostas de solução em termos técnico-científicos, a “permanência dos efeitos das secas” descortina as tentativas de manutenção da estrutura coronelística e da preservação dos grupos oligárquicos na região que se encontravam em decadência. O assistencialismo filantrópico se constituiu como a primeira marca da atuação do Estado frente às secas, “solução” emergente para fazer face à crise da própria elite, já fragilizada pela decadência das economias agroexportadoras tradicionais (algodão e açúcar) e atemorizada com os sertanejos que potencialmente representavam uma ameaça às suas propriedades: terras, reservatórios de água, rebanhos, etc. Daí o motivo pelo qual o “fantasma” da seca continuou a ser usado como fonte de benefícios para os grupos de poder em detrimento da população, embora as suas roupagens e formas tenham sido estrategicamente ressignificados (FERREIRA, 1993).

Advinda de um rígido esquema de domínio político baseado no sistema de coronelato que perdurou durante toda a República Velha⁵², a partir de 1930, com a chamada Revolução de Outubro, não se efetuou uma ruptura nessa estrutura de poder, mas houve apenas uma alteração político-institucional que redefiniu o sistema coronelístico-oligárquico através do

⁵² Sobre o conceito de coronelismo, Cf. Carvalho (1999, p. 130-153). A estrutura de poder oligárquica é um sistema político marcado por uma complexa rede de relações que vai desde o coronel até o presidente da República, envolvendo compromissos recíprocos. Essa prática surgiu da confluência de uma nova conjuntura de transformações políticas e econômicas no Brasil. No âmbito da política, destaca-se a implantação do federalismo pela República em substituição ao centralismo imperial, criando um novo ator político com amplos poderes e eleito pelas máquinas dos partidos estaduais: o governador do Estado. Na economia, enfatiza-se a dependência dos fazendeiros que acarretava o enfraquecimento político dos coronéis. Nessa concepção, o coronelismo passou a funcionar como um sistema político nacional baseado em barganhas entre o governo e os coronéis. O governo estadual garantia o poder do coronel sobre seus dependentes e seus rivais, sobretudo cedendo-lhe o controle dos cargos públicos que, nesse contexto, era mais importante como instrumento de dominação do que como empreguismo. Em contrapartida, o coronel apoiava o governo, principalmente sob a forma de voto. Nas hierarquias mais altas, os governadores estaduais apoiavam o presidente da República em troca de reconhecimento do governo federal do domínio deles no Estado. Para mais informações sobre esse assunto, Cf. a obra clássica de LEAL, 1975.

aparelhamento gradual do governo central de um aparato burocrático – as interventorias – que absorveu o controle sobre as oligarquias regionais, mantendo, todavia, os alicerces do mandonismo. Deste modo, os componentes das oligarquias políticas locais foram inseridos no novo aparelho político-administrativo do processo de centralização e favoreciam a autonomia necessária ao Estado nacional. Getúlio Vargas, quando à frente do exercício do Governo Provisório, investiu politicamente no Nordeste para que pudesse assim consolidar seu prestígio. Em um cenário de reformulação e crise econômica que então se desencadeava internacionalmente, atingindo assim o país e de forma mais intensa o Nordeste, o Governo central reforçava o poder das oligarquias para legitimar a ordem vigente. A seca foi agenciada nessa configuração como o argumento crucial através do qual tanto o Estado nacional centralizado quanto as oligarquias agrário-exportadoras do Nordeste conseguiram manter o seu domínio, aparentando que as expectativas de mudanças vislumbradas na considerada Revolução de 1930 estavam sendo realizadas (GURJÃO, op. cit.).

Ora, essas visões instituídas por aqueles políticos e oligarcas do Nordeste estigmatizavam o homem e o ambiente com o qual ele interagia, desfigurando-os e caracterizando a relação entre ambos exclusivamente enquanto antagônica, adversa e oposta. É certo que as interfaces que se efetivam entre essas instâncias não ocorrem sem que seja por intermédio de conflitos, de modo que ambas buscam trilhar os seus caminhos próprios, espriar suas respectivas dinâmicas sobre os territórios e paisagens, no entanto, a percepção e conceituação humana e a Natureza não devem ser situadas em dois campos distintos, pois elas são inseparáveis, estão imbricadas. Nem o homem destrói vorazmente o meio natural sem que se submeta aos seus limites, vontades e reações, tampouco vice-versa, ou seja, a Natureza não impõe as suas pressões sobre as sociedades sem que obtenha dela ações criativas e transformadoras. Há entre eles trocas, tensões, surpresas, relações criativas e multifacetadas que devolvem à terra, ao clima, à água, etc, um tipo de imprevisibilidade criativa frequentemente reservada aos atores humanos. Lembrando as palavras de Simon Schama, ao longo dos séculos formaram-se hábitos culturais que nos levaram a estabelecer com o mundo natural uma relação outra que não a de simplesmente explorá-la, de modo que os esquemas de significação que informam uma determinada sociedade historicamente circunscrita são os fatores que intermedeiam essa interação.

Na obra *Vidas Secas*, o filho “mais velho” de Fabiano e sinha Vitória, já nos tempos em que moravam na fazenda, descortina uma percepção singular no que se refere à relação do homem com o ambiente de Caatinga, em um ponto preciso do tempo e do espaço. Percebia que “além havia uma serra distante e azulada”, com “veredas quase imperceptíveis

na caatinga, moitas e capões de mato, impenetráveis bancos de macambira” onde “fervilhava uma população de pedras vivas e plantas que procediam como gente”. Para o menino, “esses mundos viviam em paz, às vezes desapareciam as fronteiras, habitantes dos dois lados entendiam-se perfeitamente e auxiliavam-se”. Entretanto, “nem sempre as relações entre as criaturas haviam sido amáveis. Antigamente os homens tinham fugido à toa, cansados e famintos”. E assim lembrava as dificuldades que passou com a família quando caminhava pelo sertão, migrando, nos tempos de seca. Um período cujas lembranças permaneciam insistentes na memória dele e da sua família. E com o seu “vocabulário minguido”, “balbuciava” que “naquele tempo o mundo era ruim. Mas depois se consertara, para bem dizer as coisas ruins não tinham existido”.

Nessa passagem, o menino compara como eram as relações entre o sertanejo e o ambiente da Caatinga em duas temporalidades distintas: um passado de seca e um presente com chuvas naquele bioma. Na primeira, relembra que viviam em conflitos para readaptarem-se às mudanças que os resolutos e constantes raios de sol provocavam sobre aquele ambiente: vegetação do tipo xerófila que perdia as suas folhas para evitar a perda de água, ficando inclusive acizentada, aparentando para os mais desavisados que estava morta, quando, na verdade, apenas se camuflava para resistir à seca e com as primeiras chuvas logo renasceria. A segunda dimensão da temporalidade era aquela em que estava fixado na fazenda, desta vez era diferente, tinham onde morar, o pai trabalhava, não faltavam alimentos e água, chovia no sertão e por isso viviam “em paz” e mantendo uma íntima relação com a Natureza, de modo que “às vezes desapareciam as fronteiras” do imaginário entre o mundo humano e o ambiental. Em seu pensamento, talvez não precisassem mais migrar, estavam fixos, estabilizados, “todos os lugares conhecidos eram bons” e o mundo ruim, seco, de sofrimento, preferia acreditar que nunca tinha existido.

Nessa passagem literária corrobora-se a necessidade de abandonarmos o dualismo entre sociedade e Natureza e irmos além da análise das meras influências que porventura uma possa exercer sobre a outra, com o intuito de considerarmos o modo como uma sociedade institui e significa o meio natural com o qual interage, quais as representações culturais elaboradas sobre os elementos do ambiente, os usos e práticas relacionados com essas visões, o imaginário a compor significações para os fenômenos naturais, de modo a apreciá-los cultural e historicamente. O “menino mais velho” representado em *Vidas Secas* atribui sentidos aos dois momentos de vida no sertão, a saber, o da seca cujos conflitos desajustam as relações do homem com o meio, mas mesmo assim ele elabora várias astúcias de sobrevivência e readaptação àquele ecossistema; e o do “inverno”, em que esse homem se

integra à Natureza, alegra-se em decifrar os segredos das matas, os indícios emitidos pelos animais, a água que dá a sensação de um tempo novo, os alimentos da dispensa que lhes transmitem a impressão de segurança e estabilidade e a vida que desabrocha com a sua felicidade fugidia, efêmera, a durar talvez apenas uma breve estação.

No romance em análise, apesar das relações tensivas que marcavam a sociedade do Semiárido e das limitações impostas pelo clima durante os períodos de seca, aquelas personagens estabeleciam uma relação íntima e sentimental com o ambiente sertanejo, aspecto que nos remete ao que se entende por topofilia, termo que corresponde ao elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico (TUAN, 1980; MARIANO NETO, op. cit., p. 20). É possível observar em *Vidas Secas* que as personagens tecem imaginariamente o território, atualizando as experiências de apropriação e interação com esse ambiente deixadas pelas gerações passadas para a construção do devir, através da emoção e das sensibilidades que as vincula àquele espaço, em especial nos períodos de “invernos” regulares, e que as fazem experimentar os sentimentos de tristeza e saudade quando necessitam migrar. Esses sentimentos e percepções presentes no imaginário dos sertanejos de *Vidas Secas* materializam-se por meio de certas atitudes de apego e de amor ao ambiente físico com o qual interagem e, ao que parece, mesmo nos momentos de seca marcados pela escassez, adversidades e dificuldades para garantir a sobrevivência na Caatinga, demonstravam as expectativas e sonhos de voltarem a ser felizes naquele lugar.

Foi na fazenda que puderam pensar “a respeito da educação dos meninos” quando vivenciavam um momento de estabilidade, embora esta segurança fosse relativa e estivesse limitada às paredes da casa a demarcarem o círculo familiar. Foi ali, quando a seca existia para aqueles sertanejos apenas como um lugar de memória que sinha Vitória pôde pensar em realizar o sonho que sempre teve de não mais dormir no desconforto de uma cama de varas, mas em uma de “lastro de couro”, semelhante à de seu Tomás da Bolandeira. Esse projeto da esposa de Fabiano sinaliza a possibilidade de permanecer fixa naquele lugar com a família, haja vista que conquistar a cama, objeto de desejo daquela mulher, significava ascender para uma condição de estabilidade, de segurança e da vontade de não mais necessitarem migrar pelos caminhos do sertão⁵³.

⁵³ Nesse ponto, caberia uma reflexão a respeito do papel da mulher no Semiárido, por meio da análise do papel exercido pela personagem sinha Vitória na obra *Vidas Secas*. Essa mulher não assumiu, na trama, uma posição de inferioridade, de invisibilidade, no sentido de apenas desempenhar os seus deveres de mãe e dona-de-casa, mas também trabalhava e participava das múltiplas atividades da fazenda ao lado do marido e/ou dos filhos. Além disso, tecia imagens de sonhos e projetos que aspirava concretizá-los. Naquele “horizonte acanhado” em que viviam, era ela quem insistia resolutamente para que o marido comprasse a cama de lastro de couro, “objeto de desejo” que simbolizava a possibilidade da permanência vislumbrada naquele período de “inverno”

Com base no exposto, é possível concluir que as imagens da sociedade semiárida configurada em *Vidas Secas*, representações que acreditamos manter vínculos com a vida efetiva dos homens e mulheres que viveram no tempo em que a obra foi escrita, somente migravam do sertão quando as condições de escassez supostamente provocadas pela seca extrema tornavam insustentável a sua permanência no Semiárido. Essa é a contundência da crítica social levada a efeito por Graciliano Ramos, cuja postura ética e comprometimento político tinham como fundamento a busca por transformação da vida dos homens pobres e marginalizados do acesso aos seus direitos fundamentais, como era o caso da família representada em *Vidas Secas*. Apesar das profundas desigualdades sociais que marcavam a vida desses sertanejos, e de todo o autoritarismo e poder de mando dos poderosos latifundiários da Caatinga, constatamos ao longo deste capítulo, que mantinham fortes laços afetivos e de amor ao Semiárido, partindo da sua terra somente quando a seca chegava e os problemas sociais se intensificavam, como a fome, a falta de moradia, o desemprego, a miséria, etc.

e de relativa prosperidade no ambiente do sertão. Sobre o papel de sinha Vitória na obra *Vidas Secas*, ver: Magalhães (2001). Outra questão interessante a ser lembrada no que diz respeito ao papel das mulheres no sertão é o das chamadas “viúvas da seca”, mulheres que “enviúvam” mesmo com seus maridos permanecendo vivos, prática comum que ocorria na região, a partir da década de 1930, quando muitos sertanejos migravam para os grandes centros urbanos do país em busca de trabalho e deixavam a mulher e os filhos, em geral, numerosos, no Nordeste tentando sobreviver com dificuldades. Sobre isso, ver: Serra (2009). Para reflexões a respeito das relações entre gênero e meio ambiente, ver o trabalho de Montysuma (2008, p. 155-174) a respeito do papel das mulheres nos seringais da Amazônia.

3 ENTRE SECAS, SONHOS E ENCHENTES: SIGNIFICAÇÕES DA CHUVA NA SOCIEDADE DO SEMIÁRIDO

*“As goteiras pingavam, os chocalhos das vacas tiniam,
'os sapos cantavam.
O som dos chocalhos era familiar,
mas a cantiga dos sapos
e o rumor das goteiras causavam estranheza.
Tudo estava mudado.
Chovia o dia inteiro, a noite inteira.”*

RAMOS, op. cit., p. 69.

A epígrafe acima transcrita faz referência à representação literária da percepção do “menino mais velho”, personagem do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e diz respeito a um conjunto de sensibilidades e experiências estranhamente vivenciadas pela criança diante da profusão desconcertante de formas, vozes, cores e odores que caracterizavam o sertão quando da chegada da estação chuvosa. Segundo a narrativa, o filho do vaqueiro Fabiano, confuso, procurava entender as mudanças percebidas não apenas no ambiente da fazenda onde morava, através das expressões da Natureza – que parecia recepcionar com festa e entusiasmo a chegada das chuvas – mas também no próprio comportamento da família, que estava ali, “reunida em torno do fogo”, ensaiando uma conversa cujos sinais indicavam certa satisfação por estarem naquele lugar (Ibidem, p. 63).

Não obstante se trate da representação literária de um gesto aparentemente trivial – a alegria e o contentamento da família de sertanejos ocasionados pelas chuvas – evoca ao leitor algo de insólito que talvez lhe passasse despercebido caso não estivesse atento aos aspectos superpostos e entrecruzados na narração dessa cena. Referimo-nos aos fios que tecem a coerência dos sentidos atribuídos ao fenômeno natural da chuva; ao complexo sistema de representações que informaram um grupo social específico, a saber, trabalhadores pobres que moravam na zona rural do Semiárido brasileiro, a significar e supervalorizar o “inverno”. Nesse sentido, iniciamos este capítulo partindo das seguintes indagações: como entender a lógica e o sentido subjacente às atitudes dessas personagens do romance em relação à estação chuvosa? Que significados as chuvas ocupavam na vida desses sujeitos sociais?

Tais indagações nos levam a fazer algumas incursões preliminares em um campo de estudo em formação, ao qual Alain Corbin denominou *meteosensibilidade histórica*, que diz respeito às múltiplas sensibilidades às variações do tempo da Natureza por parte das sociedades humanas. Recentemente, esse autor vem demonstrando a importância dos

estudos relacionados com a forte presença da meteorologia nas sociedades contemporâneas, o que considera como um objeto de pesquisa que se situaria à margem dos problemas da “grande história” e o permite interessar-se pelo não corriqueiro nas pautas de estudos no interior da disciplina histórica. Por fim, apoiando-se em Febvre, ressaltamos a necessidade da escrita de histórias da chuva, da névoa, das tempestades (CORBIN, 2005, p. 28).

Dito isto, levando-se em conta que o romance ora estudado é portador não apenas de perspectivas literárias, mas, também, entrecruza-se ou mantém vínculos com elementos do mundo social-histórico, procuramos efetuar a leitura dessa obra como uma forma de tradução⁵⁴ ou imaginação do cotidiano dos indivíduos que viveram o tempo em que ele foi escrito e o espaço que ele representa, a saber, os sertões semiáridos da década de 1930.

Nessa direção, antes de procurarmos identificar as sensibilidades dos grupos sociais em relação às chuvas no Semiárido, algumas dimensões devem ser enfatizadas: em primeiro lugar, perceber este espaço não apenas como um extrato biogeofísico que tem por principal característica a ocorrência periódica de secas sincrônicas; em seguida, que essa região é situada em um país marcado por profundas disparidades sociais; que na década de 1930, embora o êxodo rural tenha se intensificado por ocasião do surto industrial no Sudeste, a maior parte da população nordestina ainda se concentrava no campo e, em larga medida, dependia de uma economia agroexportadora baseada na agropecuária tradicional; que a fome, a miséria e a morte por epidemias eram uma marca constante nas paisagens do Nordeste desse período, sobretudo durante as secas; e, por fim, entre outros fatores, que a propriedade da terra se mantinha concentrada sob o poder dos grandes latifundiários.

Por essa razão, é preciso deixar claro que a análise do romance de Graciliano Ramos ora estudado, se detém, de forma especial neste capítulo, às sensibilidades histórico-literárias dos homens e mulheres pobres do meio rural do Semiárido em relação às chuvas, apreciando os significados dos quais esse fenômeno natural foi recoberto, revestido, sedimentado pela percepção dessa categoria de sujeitos sociais que protagonizou *Vidas Secas*. Assim, procuramos ir de encontro à leitura dos sentimentos, das paixões, das emoções e das expectativas que informavam a vida dessas personagens cujos projetos de felicidade pareciam caminhar aos compassos e ritmos das estações da Natureza.

⁵⁴ Estamos utilizando o conceito de tradução cultural com base em Burke (2003, p. 17) que considera esse termo “em um sentido razoavelmente amplo de forma a incluir atitudes, mentalidades e valores e suas expressões, concretizações ou simbolizações em artefatos, práticas e representações”. Essa concepção é pertinente por nos remeter à ideia de que as representações literárias se tratam apenas de uma leitura possível de ser feita da cultura, dentre muitas outras; de que é impossível expressar o contexto histórico ou a experiência efetiva dos homens e mulheres no tempo através do texto, uma vez que traduzir é, necessariamente, fragmentar e selecionar, é expressar de forma incompleta, aproximada. Sobre isso, ver também: BURKE; HSIA, 2009.

Nessa direção, o fragmento literário destacado de *Vidas Secas* que serve de epígrafe para a abertura deste capítulo parece ilustrar o modo como o sertão chuvoso foi representado por Graciliano Ramos em fins da década de 1930. Além disso, a surpreendente chegada do “inverno” a esse ambiente, traduzida sob a forma dos sonhos e sentimentos de alegria das personagens desse romance, fornece-nos material não apenas para pensarmos sobre as condições ambientais dessa região, mas também sobre a sociedade humana que interagiu com esse espaço natural forjando identidades, tomando decisões políticas e desenvolvendo práticas econômicas⁵⁵.

Diante do exposto, considerando que o presente capítulo foi arquitetado com o objetivo de detectar e problematizar as significações imaginárias e as sensibilidades às chuvas nos sertões pelas personagens de *Vidas Secas*, parece pertinente lançarmos as seguintes questões como norteadoras da tessitura desta seção: que significados o narrador de *Vidas Secas* atribuiu ao Semiárido quando construiu imagens de chuva no Sertão? Por que a alegria da personagem Fabiano quando da chegada do “inverno”? Que papel e importância as chuvas exerciam na vida das sociedades humanas da Caatinga? Que estratégias os sertanejos utilizavam para controlar a ansiedade pela chegada da estação chuvosa? Que papel a religiosidade católico-cristã desempenhava nessa constante espera dos homens e mulheres do sertão pela época das chuvas?

Tendo em vista efetuarmos a leitura crítica do texto literário tomado como fonte para a presente análise, consideramos pertinente tratá-lo enquanto um documento-monumento, ou seja, como um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder (LE GOFF, 1994). Sobre isso, apropriamo-nos do trabalho de Simon Schama no qual procurou escavar no tempo, através da memória representada em diversas obras artísticas, imagens que se escondiam sob os sedimentos e as camadas de estereótipos e mitos reatualizados em momentos específicos da história européia. De forma similar, Martins (1997, p. 39) nos instiga a encamparmos um tipo de abordagem holística que mais do que se contentar com a classificação dos variados modos de inter-relação sociedade-Natureza baseada em semelhanças e diferenças, deve buscar a sua “arqueologia”, isto é, os antigos “monumentos”, a dimensão de temporalidade subjacente a determinado extrato

⁵⁵ Quando falamos em ambiente, é preciso lembrar que não nos referimos apenas aos aspectos do mundo natural (ao conjunto de elementos de ordem física, química e biológica que interagem entre si), mas a dimensão ambiental abrange, de forma ampla, o conjunto de processos sociais e naturais inter-relacionados entre si. Dito de outra maneira, as variáveis naturais, artificiais, culturais e o aparato técnico compõem o que se entende atualmente por ambiente. Segundo Martins (1997, p. 39), a história ambiental, em sua ambição de compreender as relações entre sociedades e Naturezas, aborda os ambientes como a resultante de uma complexa imbricação de fatores: a geografia física, o direito, a tecnologia disponível, a demografia e as exigências sociopolíticas, enfim, busca uma abordagem holística.

natural. Dessa maneira, buscamos, por meio da leitura e análise do romance *Vidas Secas*, escavar camadas, destroços e fragmentos dispersos de sentidos que instituíram a Natureza semiárida. Inspirando-se na poetiza Cecília Meireles, podemos pensar que essa “arqueologia”, com seus estratos de significações superpostos em torno do Semiárido talvez esteja “tão dividida em pedaços! Um pedaço em cada parte... Pelas esquinas do tempo”. Procuramos, portanto, irmos de encontro, através dessas esquinas do tempo, às imagens e percepções sedimentadas pelos sujeitos sociais acerca desse espaço, buscando demonstrar outros fragmentos de sentidos dispersos e ocultos no tempo que igualmente o edificaram.

3.1 TEMPOS DE FESTA MO SEMIÁRIDO

O fim de ano se aproximava. Fabiano, sinha Vitória e os meninos, conforme relata o narrador de *Vidas Secas*, iam à festa na cidade, seguindo a tradição de “uma vez por ano” participarem da novena de Natal.

Fabiano, apertado na roupa de brim branco feita por sinha Terta, com chapéu de baeta, colarinho, gravata, botina de vaqueta e elástico, procurava erguer o espinhaço, o que ordinariamente não fazia. Sinha Vitória, enfronhada no vestido vermelho de ramagens, equilibrava-se mal nos sapatos de salto enorme. Teimava em calçar-se como as moças da rua – e dava topadas no caminho. Os meninos estreavam calça e paletó (RAMOS, op. cit., p. 71).

Embora esse figurino que a família estreava lhe parecesse desconfortável, acreditava ser o mais adequado para frequentar a cidade. Certamente, não era comum àquelas crianças e aos seus pais que em um passado não muito remoto viveram situações de pobreza e miséria extremas, nos anos das prolongadas secas, portarem-se daquela maneira em uma festa de fim de ano. Ao que tudo indica, vivenciava tempos relativamente “bons”, de breve – embora contraditória e limitada – prosperidade, o que deixa entrever que a estação chuvosa havia chegado ao Sertão naquele ano. A cena de *Vidas Secas* que descreve a experiência da família de sertanejos em uma festa na cidade contrasta com os momentos de sofrimento que atravessou durante a longa seca no sertão, construindo a ideia de que a estação chuvosa é o período de alegria enquanto que a seca é a época de fome, privações e sofrimento.

É preciso salientar que em ambos os períodos, seja de “inverno” ou de verão, a vida dessas personagens parece mobilizada pelos sonhos que as fazem acreditar em dias melhores. Sonhos esses, contudo, que, segundo a narrativa, parecem também dependerem das condições naturais da região onde estavam fixados. Basta observar que quando o vaqueiro Fabiano se apossou daquela fazenda depois de um longo interstício de seca, acreditou que, caso as chuvas chegassem, seriam todos felizes. “Sinha Vitória vestiria uma saia larga de ramagens. A cara murcha de sinha Vitória

remoçaria, as nádegas bambas de sinha Vitória engrossariam, a roupa encarnada de sinha Vitória provocaria a inveja das outras caboclas” (Ibidem, p. 16). Ora, depois do “inverno”, naquele dia da festa de Natal em que o casal parecia viver um momento de relativa estabilidade na fazenda, não era essa a sinha Vitória dos sonhos do vaqueiro que ali estava concretamente “enfrohada no vestido vermelho de ramagens”? Nesse caso, em certa medida, as chuvas trouxeram a realização do sonho de Fabiano de que viveria feliz com a família e sairia daquela situação de escassez que viveu durante os tempos de seca. Mais que isso, aquela festa no estranho ambiente da cidade, com suas belezas, odores desconhecidos, sons, luzes e formas, pareciam inspirar nas personagens novos sonhos, mais ousados talvez do que os de outrora, como é o caso dos que foram arquitetados por sinha Vitória:

Realmente a vida não era má. Pensou com um arrepio na seca, na viagem medonha que fizera em caminhos abrasados, vendo ossos e garranchos. Afastou a lembrança ruim, atentou naquelas belezas. O burburinho da multidão era doce, o realejo dos cavalinhos não descansava. Para a vida ser boa, só faltava à sinha Vitória uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira. Suspirou pensando na cama de varas em que dormia. Ficou ali de cócoras, cachimbando, os olhos e os ouvidos muito abertos para não perder a festa (Ibidem, p. 82).

Esse esforço de retrospectiva e de projeção do futuro que partia de sinha Vitória, enquanto participava da festa de Natal na cidade, traz à baila a memória de um tempo “infeliz” que passou, o tempo da seca, em que os caminhos lhes figuravam como “abrasados”. Ao mesmo tempo, a personagem preferia afastar essas lembranças ruins e reconhecer que “a vida não era má”, pois apesar dos problemas, dispunham naquele momento festivo de um pouco mais do que as suas necessidades elementares de sobrevivência, o que a instigava até mesmo a recolorir o antigo sonho de possuir “uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira”.

Acreditamos que esses fragmentos literários acima transcritos sejam paradigmáticos para representar as percepções que o escritor Graciliano Ramos tinha das vicissitudes que as estações da Natureza semiárida assumiam na cultura das personagens de *Vidas Secas*, em torno das quais se materializavam as escolhas, o estilo de vida e as próprias perspectivas e sonhos que lhes figuravam ao horizonte. Como vimos, os períodos de seca ou o das chuvas se constituíam enquanto presenças tão marcantes na vida desses sujeitos representados no romance que pareciam condicionar o próprio estado de felicidade ou de desventura dos mesmos, em especial, por se tratarem de homens e mulheres pobres e trabalhadores rurais do sertão. No entanto, a seca ou o “inverno” no Semiárido não se constituíam enquanto dados originais da Natureza, mas resultavam dos imaginários sociais instituídos pelas escolhas e criatividade humanas subjacentes ao modo como esse ambiente foi apropriado.

Isso porque, como sabemos, o meio ambiente é uma construção, ao mesmo tempo, natural e cultural. Uma estrutura complexa produzida, simultaneamente, pela conjugação de movimentos que fazem parte da dinâmica da Natureza com a ação humana (PÁDUA, 2009, p. 119). Nesse sentido, ao nos debruçarmos sobre o estudo de determinado ambiente, devemos considerá-lo não como um dado da Natureza, mas como um produto da história humana, no qual estão inscritos os traços da trajetória de determinadas sociedades ao longo do tempo, de suas trocas e contatos intensos e complexos entre povos e culturas, conforme já nos alertava Lucien Febvre⁵⁶ quando publicou, com Albert Damangeon, o seu ensaio sobre o Reno, em 1935. O co-fundador da famosa revista dos *Annales* procurou demonstrar, através deste livro, a historicidade do Reno, as percepções culturais que o construíram, corroborando a ideia de que não deveria ser considerado enquanto um “rio eterno” com características imutáveis, criado tal e qual pela Natureza, mas como um ambiente forjado pela criatividade humana, nascido de escolhas pensadas e de vontades conscientes.

O Reno não é um dado da natureza, mas um produto da história humana. Os homens não foram os únicos a adaptar-se ao Reno: o próprio rio não pode ser pensado sem que se leve em conta as intervenções humanas, acumuladas há milênios. É, portanto, inútil imaginar um estado original dos lugares ou das “raças”. Para cada período, e para cada sociedade, é necessário oferecer novas análises do papel do rio. (FEBVRE, 2000, p. 37).

Essa advertência lançada por Febvre não é dirigida estritamente aos estudiosos dos rios, mas certamente qualquer historiador que resolva incorporar variáveis ambientais ao conjunto de seus problemas de pesquisa deve ter em conta que os componentes naturais se transformam ao longo do tempo, recebendo novos papéis e novos significados por parte da sociedade humana que com ele interage. Deste modo, ao estudarmos o imaginário social do Semiárido em determinado período, devemos considerar esse ambiente como resultado de um processo natural associado à ação humana ao longo da história, e, por assim dizer,

⁵⁶ Ao lado de Marc Bloch, Lucien Febvre foi um dos fundadores da famosa revista francesa dos *Annales*, originalmente chamada de *Annales d'histoire économique et sociale*, fundada em 1929. Vale lembrar que ambos demonstraram interesse em estudar os fundamentos ambientais da sociedade. A proposta de escrever essa *nova história*, na expressão usada por Febvre na época, era menos redescobrir o homem do que, enfim, descobri-lo na plenitude de suas virtualidades, inscritas concretamente em suas realizações históricas. Dentre essas novas virtualidades do homem a serem exploradas pelo saber histórico, destacava-se a abordagem das inter-relações entre sociedades e naturezas. Desde então, as diversas gerações de historiadores que atuaram no interior dessa Escola francesa vêm chamando atenção para a presença do ambiente na história, o que situa a França como um dos centros inovadores de pesquisas ligadas a um campo por eles denominado como Geo-história, como é o caso, além dos fundadores, de Fernand Braudel, Georges Duby, Emmanuel Le Roy Ladurie, etc. Sobre isso, Cf: Burke (1997), Dosse (2004). Cabe ressaltar que nos anos 1960 e 1970, com a popularização dos debates em torno dos temas ambientais, os integrantes desse grupo tiveram o seu interesse pelo ambiente revigorado, inclusive em 1974 saiu uma edição especial dos *Annales* dedicada a “Histoire et environnement”. Para saber mais, consultar Worster (op. cit.).

assumiu performances específicas no recorte espaço-temporal o qual analisamos. Por essa razão, a nossa tarefa consiste em procurar discernir alguns planos gerais a respeito do papel, do valor e dos significados sob os quais o Semiárido foi revestido no decorrer dos anos 1930, através das descrições da obra *Vidas Secas*.

Essas referências são significativas para compreendermos que o Semiárido recebeu, ao longo da história, diversas conotações, sentidos e percepções por parte da cultura que se forjou em interface com essa Natureza. Por conseguinte, em razão desses imaginários instituídos, variadas formas de intervenção sobre esse ambiente foram legitimadas pelas sociedades humanas no decorrer do processo histórico. Entre essas imagens destacamos a noção de “deserto” que recebeu relevância em fins do século XIX, ganhando sentido a ideia de que seria preciso “esvaziar” ou “despovoar” esses territórios; em seguida, destacamos o conjunto de regularidades de significações que construíram, a partir da primeira década do século XX, o conceito de “combate” aos efeitos da seca nos sertões semiáridos, autenticando a visão de que os trabalhadores pobres do meio rural deveriam permanecer fixos às suas terras de origem – nesse caso, destacam-se as ações e projetos do IFOCS no Semiárido; na década de 1960, com a criação da Sudene⁵⁷ – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – teve ênfase a percepção de como era necessário haver uma intervenção direta do Estado na região, guiada pelo planejamento, entendido como único caminho para o seu crescimento econômico e desenvolvimento industrial; e, por fim, nas últimas décadas têm ganhado relevo as propostas de convivência com o Semiárido.

Cabe assinalar, contudo, que não compartilhamos da ideia de que existem visões unânimes ou homogêneas no que diz respeito ao imaginário do ambiente no interior de determinadas delimitações temporais, destituídas de contradições, contrastes e ambivalências. De acordo com Raymond Williams (1990, p. 11-12), a realidade histórica é surpreendentemente variada. No caso da Inglaterra, o que em geral era considerado pela literatura como “a forma de vida campestre” engloba as mais diversas práticas – de caçadores, pastores, fazendeiros e empresários agroindustriais –, e sua organização varia da tribo ao feudo, do camponês e pequeno arrendatário à comuna rural, dos latifúndios e *plantations* às grandes empresas agroindustriais capitalistas e fazendas estatais. De maneira

⁵⁷ Trata-se de uma autarquia subordinada diretamente à Presidência da República criada pela Lei n. 3.692, de 15 de dezembro de 1959, como uma forma de intervenção do Governo no Nordeste, com o objetivo de promover e coordenar o desenvolvimento da região frequentemente atingida pelas secas. De 1959 a 1964, Celso Furtado foi responsável pela estratégia de atuação do órgão, definida a partir do diagnóstico apresentado em seu livro *A operação Nordeste*, publicado no ano de criação do órgão. Mais informações, ver: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Economia/Sudene>

semelhante, a cidade também aparece sob numerosas formas e com finalidades distintas. O que há em comum entre as cidades antigas e medievais e as metrópoles e conurbações modernas é o nome e, em parte, a função – mas não há necessariamente uma relação de identidade. Além disso, há ainda as amplas concentrações humanas que se situam entre os tradicionais extremos de campo e cidade como subúrbio, cidade-dormitório, favela, complexo industrial. Esse autor ressalta, todavia, que apesar de todas essas diferenças, persistem certas imagens e associações conectadas à experiência historicamente variada e é em torno da descrição e análise das mesmas que se debruça em seu estudo.

Essa concepção assinalada por Williams da qual somos tributários é significativa por contribuir para detectarmos as multiplicidades de formas que os ambientes assumem segundo a criatividade humana que constrói o devir histórico no interior de determinada sociedade. Com esse intuito, vale salientar, de antemão, que as percepções destacadas acima em relação a alguns dos significados culturais historicamente atribuídos ao Semiárido faziam parte dessas imagens e associações que persistiam, sobretudo por se tratarem de visões relacionadas com o discurso oficial – dentre a profusão de sentidos que certamente permearam as percepções culturais desse espaço.

Dito isto, prosseguimos à análise desses sistemas de significações articuladas com as experiências históricas no Semiárido. Conforme mencionamos acima, ao longo da década de 1930 estava em vigor a ideia de “combate aos efeitos da seca”. Deste modo, a ênfase não mais era conferida às propostas de evacuação das populações que habitavam o Semiárido, sob o argumento de esse território supostamente está em vias de se tornar um deserto por ocasião das constantes secas periódicas. Essa noção de despovoamento estava em consonância com os significados predominantes em fins do século XIX, sobretudo que partiam dos discursos de parlamentares de outras regiões do país insatisfeitos com os gastos vultosos do Governo em obras públicas no Nordeste. De forma diversa, durante os anos 1930, as intervenções técnicas nesse ambiente ocorreram no sentido de “combater” os chamados “problemas climatéricos” ou o suposto flagelo da seca, de modo que a população permanecesse fixada à terra sem que houvesse a necessidade de migrar.

Essa concepção era irradiada durante a década em estudo, sobretudo a partir da IFOCS que pretendia fazer o “combate” à seca. Conforme ressalta Roberto Malvezzi (2007, p. 67), embora esse objetivo figure hoje como anacrônico diante da certeza da inviabilidade de se acabar com fenômenos naturais como secas, chuvas ou incidência de neve, entende-se a percepção da época como uma causa nobre, já que a população nordestina, sem rios perenes, mas tendo boa pluviosidade em todo o sertão, enfrentava o problema de não ter

estoques de água em tempos sem chuva.

Para tanto, cabe destacar todo o aparato técnico-científico mobilizado pelos governos no sentido de investir na “transformação” da vida da população sertaneja. Uma das estratégias políticas mobilizadas para o Semiárido nesse período, fundamentada no imaginário da seca, foi a “Solução Hidráulica”, projeto governamental que consistia na construção de grandes obras de açudagem e no estabelecimento de canais de irrigação em torno das mesmas que, supostamente, iriam produzir “uma completa transformação do Norte” (ALMEIDA, 1980, p. 383). Desde meados do século XIX, essas ações eram apontadas como a “medida de salvação” mais adequada para aproveitar as águas que caíam sobre o Semiárido e como “uma das formas mais fáceis de corrigir a irregular distribuição das chuvas” nesse espaço (Ibidem, p. 382). Esse projeto, tendo em vista seguir o modelo norte-americano do *Bureau of Reclamation*⁵⁸, congregou especialistas nacionais e estrangeiros, entre eles os estadunidenses Roderic Crandell, Horace L. Small, Horace Williams, Geraldo Waring, entre outros, que realizaram significativos estudos de Cartografia, Botânica, Geologia, Meteorologia, Climatologia e Hidrologia na região.

Essa forma de percepção dos problemas sociais do Nordeste, instituída pelo poder político regional vigente na época, e legitimada pelo discurso técnico-científico, defendia a necessidade de “modernizar” esse espaço através da construção de grandes obras públicas. Conforme demonstra Aranha (2006), os conflitos que giravam em torno da implantação dos ramais ferroviários nas províncias, depois estados do Nordeste, assim como da realização de obras de açudagem, eram apontados pelos políticos como a “redenção” para o Nordeste ou como a medida mais eficaz para “combater” o então considerado “flagelo” da seca. É o que pode ser observado em Almeida (op. cit., p. 388) que afirmava nos anos 1920 a “política hidráulica” considerada pelos peritos contratados pelo Estado como a “providência infalível” para promover a “segurança” e a “estabilidade” para um “povo de índole sedentária que se via forçado, de quando em quando, a um desastroso nomadismo”, de modo a impedir que perturbasse, “em levaras repentinas, as condições de vida de outros núcleos” (Ibidem, p. 393).

A respeito desse contingente do Semiárido que se deslocava para outras regiões do país em razão de sua vulnerabilidade diante da seca e das conseqüências desproporcionais que dela advinham, principalmente para a população desprovida de recursos econômicos para garantir a sua subsistência durante o longo interstício, a Organização das Nações

⁵⁸ Organização de engenharia dos Estados Unidos que dispunha na época de elevado conceito e credibilidade em todo o mundo técnico-científico ligado à questão dos recursos hídricos, concebido, especialmente, para solucionar os problemas da região árida e semiárida no Oeste daquele país.

Unidas (ONU) o inseriu, durante a Conferência de Estocolmo, em 1972, em uma nova categoria denominada de *refugiados ambientais*. Trata-se de uma nova modalidade de refugiados que abrange os indivíduos submetidos a abandonarem temporária ou definitivamente o lugar onde viviam devido ao visível declínio do ambiente (por razões naturais ou humanas) que perturbava e colocava em risco a sua existência e/ou a qualidade da mesma. Essa categoria parece pertinente para pensarmos sobre a questão da migração no Semiárido brasileiro de grande número de indivíduos oriundos da região para as grandes cidades do Sudeste, nunca tratada como um problema oriundo do ambiente, haja vista que frequentemente essa dinâmica foi encarada como um problema econômico cuja solução passou longe de incorporar as variáveis ambientais (OLIVEIRA, 2010, p. 3; 6).

É certo que existiram políticas governamentais voltadas para a manutenção dessas populações em seus lugares de origem, evitando assim o processo de êxodo rural crescente, a exemplo da mencionada política hidráulica encampada pela IFOCS. No entanto, esses programas, em geral, não costumavam considerar a criatividade cultural de convivência com as peculiaridades ambientais da região desenvolvida ao longo dos séculos por essas populações. As vultosas verbas públicas e todo o aparato técnico-científico empregados na construção dessas obras que supostamente iriam trazer a “redenção” para o Nordeste, em geral, eram verticalizadas, e não valorizavam as potencialidades ambientais que efetivamente deveriam ser exploradas para desenvolver a região. Nesse sentido, postula-se que os problemas sociais, econômicos, políticos e culturais historicamente construídos no Semiárido não foram tratados de forma inter-relacionada com as questões ambientais, a saber, com a necessidade de valorização das especificidades que essa região requer no que diz respeito à elaboração de políticas viáveis de desenvolvimento humano.

Sobre isso, Roberto Malvezzi chama atenção para um recente conceito que tem sido utilizado para pensar as peculiaridades socioambientais dessa região, qual seja, o da convivência com o Semiárido. Essa noção agrega a ideia de que as populações insulares, ou aquelas que habitam os desertos ou os povos que vivem no gelo adaptaram-se às singularidades desses ambientes de modo que vivem em condições relativamente favoráveis. Desse modo, no caso do Semiárido, questiona-se o porquê de todos os problemas que marcaram o cotidiano das populações, em especial, da maioria desprovida de um poder aquisitivo que a permitisse garantir a sua sobrevivência de forma satisfatória durante as prolongadas secas. Segundo esse autor, essa disparidade é sentida porque aqueles povos desenvolveram culturas de convivência adequadas ao ambiente onde vivem, adaptaram-se a ele e nele tornaram viável a sua vida.

Evidentemente, a população do Semiárido também desenvolveu, de forma criativa, formas de convivência com esse ambiente, todavia, ao que tudo indica, essa integração de sociedade e Natureza ainda não encontrou uma dinâmica adequada, de modo que o ser humano permanece sujeito às variações do clima regional. Entre os fatores interligados a esse desajuste destacam-se a questão do subdesenvolvimento regional, da economia agroexportadora tradicional predominante nos anos 1930, dependente da Natureza e não adequada a variabilidade climática que caracteriza a região e das profundas desigualdades sociais no que diz respeito ao acesso aos recursos naturais, sobretudo à propriedade da terra.

Sobre isso, o argumento de Malvezzi parece bastante pertinente quando assevera que o segredo da convivência com o Semiárido está em compreender a dinâmica do clima e adequar-se a ela. Não se trata mais de “acabar com a seca”, conforme a concepção de Natureza assumida pela IFOCS na década em estudo, mas de adaptar-se de forma inteligente às especificidades naturais dessa região. Nesse sentido, o homem pode interferir no ambiente com todo o arsenal técnico e a criatividade que dispõe, mas respeitando as leis de um ecossistema que possui riquezas surpreendentes. Nesses termos, é significativo considerar que o Semiárido brasileiro é considerado o mais chuvoso do Planeta, que se trata de uma região viável, com a qual é possível conviver adequadamente, desde que se armazenem os recursos naturais necessários à garantia das necessidades básicas das populações, em especial, os recursos hídricos, e se desenvolvam tecnologias de convivência com a semiaridez. Isso porque, mesmo sendo irregular no tempo e no espaço, existe chuva na região, e a quantidade de precipitações pluviométricas, somada às águas da superfície e às do subsolo, faz com que a região seja perfeitamente viável para a vida humana, e que se viva nela com qualidade e abundância, como ocorre em muitos lugares áridos ou semiáridos do mundo (Ibidem, p. 12).

Essa digressão feita em torno da sociedade e do ambiente semiárido foi necessária para que retomemos a análise sobre a festa e os sonhos narrados em *Vidas Secas*, em especial, para iluminar o processo de escavação das camadas de sedimentos ou condições de possibilidades que permitiram que as chuvas fossem percebidas e significadas de determinada maneira pelos sertanejos. Dito isto, certamente o leitor atento já percebeu que a festa e os sonhos dos quais voltamos a falar já não se restringem apenas a novena de Natal que a família de Fabiano participou na cidade, em cuja ocasião sinha Vitória recompôs em pensamentos os seus projetos de felicidade. Embora esteja relacionado com a cena descrita no início deste item, o nosso intuito, a partir de agora, consiste em captar os indícios que nos

permitem mergulhar no campo das meteosensibilidades históricas entrecruzadas a essa narrativa.

É possível detectar, em *Vidas Secas*, o sistema de representações e sensibilidades que teceram o imaginário social das chuvas, traduzido por meio dos códigos, valores, sentimentos e emoções gerados das interfaces desses indivíduos com o ambiente dos sertões. A passagem que segue ilustra a centralidade do “inverno” no romance de Graciliano e corresponde a um período intercalado aos prolongados tempos de seca no Semiárido:

Fabiano estava de bom humor. Dias antes a enchente havia coberto as marcas postas no fim da terra de aluvião, alcançava as catingueiras, que deviam estar submersas. Certamente só apareciam as folhas, a espuma subia, lambendo ribanceiras que se desmoronavam.

Dentro em pouco o despotismo de água ia acabar, mas Fabiano não pensava no futuro. Por enquanto a inundação crescia, matava bichos, ocupava grotas e várzeas. Tudo muito bem. (RAMOS, op. cit., p. 65).

O trecho faz referência às sensações da personagem Fabiano quando da chegada do “inverno” ao sertão semiárido, além de descrever como se caracterizava o ambiente durante esse período chuvoso. A alegria, o bom-humor e a tranquilidade de Fabiano em relação à ideia de que tudo caminhava “muito bem”, assim como o desejo de não pensar no futuro, embora soubesse que a seca certamente voltaria, são sintomas da dependência do ser humano daquele espaço em relação às chuvas. Ao que tudo indica, das águas que caíam sobre o chão sertanejo floresciam felicidade, contentamento, segurança e esperanças. Sonhos seriam refeitos. Nesse cenário, estamos diante do agir, do pensar e do sentir de *outros* homens em *um outro* tempo que embora já escoado, materializa-se na trama literária do passado ora analisada. Nesse ponto, evocamos Sandra Pesavento (2005, p. 2) quando afirma que o conhecimento sensível opera como uma forma de tradução da realidade que brota não do racional ou das construções mentais mais elaboradas – embora também seja indissociável dessa dimensão – mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo. Às sensibilidades compete esta espécie de assalto ao mundo cognitivo, pois lidam com as sensações, com o emocional, com a subjetividade, com os valores e os sentimentos, que obedecem a outras lógicas e princípios que não os racionais. Deste modo, os sentimentos e as emoções expressas por Fabiano em relação às chuvas, conforme o trecho acima extraído de *Vidas Secas*, constituem-se como indícios de uma realidade mais ampla – por certo compartilhada pelos homens pobres do Semiárido, sem-terras, que viviam do trabalho

agrícola ou pastoril – circunscrita à dimensão temporal e histórica em que a obra foi produzida.

A satisfação desses sertanejos com a chegada do “inverno” deixa entrever que não obstante todo o aparato técnico-científico empregado pelos governos com o intuito de modificar a Natureza da região, através dos investimentos em vultosas obras públicas agrícolas e hidráulicas, a sobrevivência dos homens e mulheres do campo, frequentemente, dependia, em larga medida, dos ritmos do mundo natural, de modo que ainda não dispunham de estratégias eficazes que os possibilitassem atravessar os longos períodos de seca sem maiores problemas.

Ocorre que todo esse aparato técnico-científico aplicado ao Semiárido, tendo em vista supostamente solucionar o problema do que era visto como um atraso regional, não levava em conta, conforme vimos, as especificidades desse ambiente, assim como os saberes ou a criatividade cultural historicamente construída pelas populações que interagem com esse espaço. É o que parecia ocorrer com muitos dos ditos projetos de “redenção” elaborados para o Semiárido, como é o caso, por exemplo, das obras de açudagem, que não consideravam efetivamente as características do clima local. Isso porque, como realça Malvezzi (2007, p. 12), trata-se de uma região sobre a qual, em geral, chove, contudo, a água da chuva costuma ser menor do que o chamado índice de *evapotranspiração*, ou seja, a soma da evaporação, causada pela insolação e pelos ventos, e a transpiração de plantas e animais. Nesse sentido, para aproveitar adequadamente as águas disponíveis no Semiárido durante os períodos de chuvas, seria preciso considerar aspectos ambientais decisivos para caracterizar a região: a variedade da chuva no tempo e no espaço, a pluviosidade (que costuma variar de 250mm até 800mm), o subsolo 70% cristalino (que permite pouca armazenagem de água subterrânea) e a intensa evapotranspiração (MALVEZZI, op. cit., p. 106).

Nesses termos, as imagens do solo estorricado, rachado e seco, com frequência, construídas pelos artistas para representar o Semiárido brasileiro, não expressam necessariamente a inexistência de chuvas nessa região, mas, sim, que os reservatórios construídos para armazenar as águas que caíam não eram adequados às suas peculiaridades ambientais que deveriam ser consideradas antes da realização de quaisquer projetos públicos. Assim, por falta de tecnologias sociais simples e inteligentes que permitissem o armazenamento da água durante o período de chuva, de forma a impedir que ela evaporasse, a população não tinha acesso a esse recurso tão fundamental à vida, tendo que buscar alternativas para sobreviver, dentre as quais, recorrer à condição de refugiados ambientais.

Deste modo, as enchentes ou inundações captadas pela sensibilidade artística de Graciliano Ramos, em *Vidas Secas*, corroboram com essa ideia de que o “inverno” chega ao sertão como um “despotismo”, com voracidade, logo, esse espaço recebe, em determinados períodos, chuvas em abundância que poderiam ser captadas para garantir a segurança hídrica e alimentar a população. A alegria de Fabiano com o início do “inverno” e a decisão apontada pelo narrador do romance de que o vaqueiro não queria pensar no futuro é um indício de que sabia que certamente em breve a seca voltaria com as suas consequências, o que sinaliza para a ideia de que aqueles recursos hídricos não seriam aproveitados para os tempos de escassez.

Por essa razão, esses sertanejos continuavam vivendo sob as mesmas condições de dependência e vulnerabilidade à Natureza. Vejamos na passagem a seguir o contraste entre os períodos de seca e a estação chuvosa no Semiárido, descritos em *Vidas Secas*:

E Fabiano esfregava as mãos. Não havia o perigo da seca imediata, que *aterrorizara* a família durante meses. A catinga amarelecera, avermelhara-se, o gado principiara a emagrecer e horríveis *visões de pesadelo* tinham agitado o sono das pessoas. De repente um traço ligeiro rasgara o céu para os lados da cabeceira do rio, outros surgiram mais claros, o trovão roncara perto, na escuridão da meia-noite rolaram nuvens cor de sangue. [Grifos nossos] (Ibidem, p. 65).

Embora a seca seja uma característica específica ao bioma Caatinga, a conotação que esse fenômeno recebe, sob a percepção das personagens de *Vidas Secas*, é de um “pesadelo”, um “terror”, um “perigo”, o que enfatiza uma relação tensiva marcada pelo medo. A voz narrativa desse romance situa a vida daqueles sertanejos como dependentes das condições do meio, de modo que, nos períodos das prolongadas secas, parecia haver apenas lutas e embates entre homem e Natureza, não havendo espaço para a contemplação subjetiva do ambiente, para a apreciação estética pelo valor intrínseco que o mundo natural poderia representar para o ser humano, mas com ela apenas estabelecia uma luta utilitária, um embate visando a sobrevivência. Pode-se afirmar que isso ocorre por ocasião da falta de alternativas viáveis adequadas às condições ambientais da região, capazes de garantirem uma melhor qualidade de vida aos sertanejos em sua terra. Isso porque sabe-se que o homem do Semiárido parece ligado ao seu lugar e mantém sólidas relações afetivas com os diversos elementos que o compõe, todavia, por falta do aproveitamento das potencialidades, riquezas e belezas desse ambiente, enfrenta diversas dificuldades e embates para superar as dificuldades que o meio lhe impõe. Por outro lado, a narrativa de Graciliano deixa entrever que as chuvas a caírem sobre o sertão abrandavam os temores e as angústias daqueles

sujeitos, faziam renascer esperanças, florescer novos sonhos e projetos de felicidade. Desta vez, o homem aplaude o espetáculo da Natureza que se apresenta à sua porta, apreciando o desabrochar de seus novos sons, ritmos e cores.

Nesse quadro de referências, pode-se depreender que não obstante a obra em análise apresente a fruição estética do homem em relação ao Semiárido como existindo apenas durante o período que se costuma chamar de “inverno”, ao que tudo indica, independentemente da estação em que essa Natureza se encontre, essa interação é marcada por laços afetivos, de apego à terra e de apreciação do sertanejo em relação ao ambiente pelo valor intrínseco e subjetivo que assume para a sociedade. É certo que durante a seca esses sujeitos enfrentavam uma série de dificuldades, em especial, a maioria da população pobre e destituída de uma estrutura que a possibilitasse atravessar essa estação com maior segurança, mas isso se deve, em larga medida, à falta de valorização e apropriação adequada das riquezas ambientais da região, o que não significa que o homem não continuasse amando esse lugar também nos períodos de seca.

Não estamos afirmando, contudo, que o homem vive à mercê dos impactos provocados pelo meio, o que, no limite, situar-nos-ia enquanto adeptos de certa modalidade de determinismo geográfico. Consideramos que a característica natural de seca incide sobre a sociedade que interage com o Semiárido, e, em larga medida, a influencia. No entanto, o ser humano que vive nesse ambiente atua como agente da sua própria história, assim como a Natureza também o é e possui um movimento próprio. Por outro lado, poderíamos também incorrer no risco de afirmar o inverso, ou seja, que a Natureza se constitui apenas como um cenário silencioso e estático no qual se desenvolve a trama das ações humanas. Nessa direção, é possível que, sob essa visão simplista e arrogante, associemos de imediato a causa das secas ou de determinadas catástrofes naturais que ocorrem no Planeta como sendo apenas resultado das supostas atitudes devastadoras do ser humano, ignorando, por assim dizer, a dinâmica própria do mundo natural. É certo que o homem pode interferir no sentido de agravar ou minimizar determinados processos naturais como enchentes, secas, etc., mas, deve-se levar em conta que, em larga medida, esses acontecimentos naturais independem da ação antrópica (PÁDUA, 2005).

No caso da formação do Semiárido, é significativo levar em conta que não resulta apenas da ação do homem enquanto uma agente modificadora das condições naturais dessa região – por vezes classificada de forma reducionista apenas como suposta destruidora –,

mas também da dinâmica própria da Natureza ao longo de milhões de anos⁵⁹. Nesse sentido, pensar as condições ambientais dessa região em uma escala de tempo geológico ou natural nos permite conjecturar sobre as profundas mudanças porque passou esse espaço assim como a história das culturas humanas que interagiu com as suas condições naturais ao longo do tempo. De acordo com Malvezzi (op. cit., p.56), ao longo de milhões de anos toda essa região era coberta pelo mar, cenário natural que se modificou ao compasso dos ritmos das placas tectônicas, cujo processo de elevação possibilitou que essa região se integrasse à terra firme. Convincentes indícios coletados por pesquisas arqueológicas recentes sugerem que há apenas 10 mil anos essa topografia passou por bruscas modificações e passou a ser ocupada por uma densa floresta tropical mais ou menos semelhante à floresta amazônica. Com o fim do último período glacial, contudo, acabaram-se os rios, a floresta foi extinta e sua grande fauna desapareceu, criando as condições para que surgisse uma vegetação mais rala, menos exuberante e com animais menores, mudança que culminou na constituição do que hoje conhecemos como a Caatinga⁶⁰. Nesse sentido, um olhar sob uma perspectiva histórica torna evidente que o legado natural e cultural que dispomos hoje é produto não apenas das relações passadas das populações que habitaram esse espaço, mas também do processo de transformação intrínseco à dinâmica natural do Planeta, de modo que cultura e Natureza se moldaram mutuamente ao longo do tempo.

Em resumo, postula-se que a vida humana é resultado de sua permanente relação com forças do mundo natural cujas dinâmicas independem da ação dos sujeitos sociais. Por essa razão, não há como ignorar a presença da Natureza na construção da história das diversas culturas. No caso do Semiárido, não há como pensarmos em construir histórias sobre essa região de forma desvincilhada das especificidades de seu ambiente traduzidas, por conseguinte, em uma cultura também particular. É preciso levar em conta que a

⁵⁹ O tempo geológico extrapola as experiências humanas na Terra para pensá-las apenas como uma parte da história do Planeta e dos seres vivos numa escala de centenas de milhões de milênios. O estabelecimento dessa nova modalidade de tempo pelos cientistas naturais do século XIX provocou um cataclisma na forma de percepção do tempo, até então herdeiro da mentalidade judaico-cristã arraigada no pensamento ocidental. A respeito das novas e mais amplas dimensões do tempo geológico ou natural no qual se movem as culturas humanas, ver Drummond (1991, p. 1-4). Sobre a ideia de exclusividade humana no usufruto dos recursos naturais da Terra, assentada na conceituação judaico-cristã do tempo e fortalecida a partir da mentalidade cartesiana do século XVII de que o homem supostamente é um ser superior que pode dominar e manipular a Natureza em seu benefício, ver POINTING, 1995. Para uma discussão mais específica da incorporação à noção de tempo dos historiadores de uma escala de tempo geológica na qual transcorreu a formação dos componentes do mundo natural, ver LEONARDI, 1999.

⁶⁰ As inscrições rupestres preservadas em territórios da região, como é o caso das centenas de painéis inscritos nas rochas do sítio arqueológico da Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato (PI), e dos fósseis de animais existentes no Museu do Homem Americano, deixam entrever cenas do cotidiano de uma população que viveu ali entre 17 mil e 10 mil anos atrás, onde aves gigantescas e animais imensos convivendo com bichos de pequeno porte interagiam com aquela população. Para saber mais, ver: SILVA, 2008. Sobre o Museu do Homem Americano, consultar: <http://www.fumdam.org.br/>

economia, a cultura, a memória, o modo de vida dos diversos indivíduos e grupos sociais estiveram relacionados com o ambiente vivido ou são resultados da interação daqueles com as condições ecológicas de cada lugar. Em outras palavras, as culturas se desenvolvem com características específicas, ao menos em uma série de aspectos relevantes, ao ambiente natural com o qual elas interagem. Deste modo, para refletirmos sobre a diversidade cultural brasileira, de imediato, devemos inferir que as variadas formações sociais que se instituíram nesse território, dependeram do ambiente no qual esse processo ocorreu.

Conforme ressalta Pádua (op. cit., p.126), devemos lembrar que a vida social e cultural dos seres humanos, a definir seus vínculos e identidades, desenvolve-se em espaços ambientais concretos e específicos, dotados de determinadas características ecológicas, ocorrendo uma simbiose necessária entre a realidade biofísica e a condição humana. Nessa visão, Natureza e cultura interagem de modo que ambas exercem o papel de agentes históricos com dinâmicas próprias. Isso pode ser detectado através da observação da forma como, por exemplo, no Brasil, uma base econômica semelhante, a pecuária, em contextos ecológicos muito específicos, nas Caatingas do Semiárido ou no bioma Pampa do Sul, configurou formas sociais e culturais igualmente distintas entre si e, ao mesmo tempo, dinamicamente adaptadas aos ritmos e condições naturais de cada uma dessas regiões.

Nessa direção, entende-se que fazer uma interpretação ecológica da história significa, antes de tudo, considerar o papel do ambiente na formação da sociedade; refletir sobre a forma como a Natureza age na moldagem da vida humana, tratar do lugar e da função que ela exerce na configuração das sociedades. É o que busca a história ambiental ao rejeitar a premissa convencional de que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais e de que o homem é capaz de controlar o ambiente ao seu bel prazer (WORSTER, op. cit.)⁶¹. Por outro lado, necessário se faz pensar também, em sentido inverso, na forma como as sociedades humanas transformaram o mundo natural, agindo na construção da paisagem. Nesse ponto, a ideia de dualidade entre cultura e Natureza, entrevista, em certo sentido, na proposta teórico-metodológica de Worster, a respeito da noção de que o ser

⁶¹ Essa ideia de que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais fez parte de uma premissa adotada pela maioria dos pensadores das ciências sociais desde o nascimento da disciplina, no século XVIII, até a primeira metade do XX, que corroboravam em seus estudos a compartimentação dos saberes entre as ciências humanas e as naturais. Na concepção sociológica de Durkheim, conforme nos lembra Drummond (1991, p. 3), fatos sociais só podem ser explicados por outros fatos sociais, ou seja, a sociedade humana em geral é inteligível apenas em si mesma. Esse aspecto fez com que sociólogos norte-americanos como W. Catton e R. Dunlap, indagando, já na década de 1980, o motivo de as ciências sociais não terem integrado a vanguarda do “despertar ecológico” mundial da década anterior, concluíssem que, desde o seu surgimento, elas adotaram um “paradigma da imunidade humana” (*human exemptionalism paradigm*) aos fatores da Natureza, como se as culturas se desenvolvessem em um cenário estático e imóvel, que não exercia influências ou limitações à vida humana.

humano influencia a Natureza e vice-versa, já não parece capaz de dar conta da complexidade de inter-relações levadas a efeito por sujeitos sociais e ambientes particulares em momentos historicamente circunscritos. Isso porque a noção de paisagem, conforme as reflexões teóricas de Simon Schama, tem como principal fundamento a noção de que ambiente e cultura não se constituem enquanto duas dimensões opostas, mas atuam enquanto agentes históricos sob uma relação de simbiose, de modo que o conceito de paisagem está relacionado com o modo como o homem atribui significados culturais a aspectos do mundo natural.

Em *Vidas Secas*, podemos detectar o papel do ambiente na vida humana por meio da análise do modo como a experiência dos grupos sociais representados nessa obra é limitada pelos surpreendentes fenômenos naturais que fazem parte da dinâmica ou das condições específicas à Caatinga. Através da narrativa, observamos, por exemplo, que diante do “despotismo da água” ocasionado pela chegada do “inverno” ao sertão, sinha Vitória temia o risco de que a pequena casa da fazenda onde moravam fosse invadida pelas crescentes inundações.

Suspirava aticando o fogo com o cabo da quenga de coco. (*sic*). Deus não permitiria que sucedesse tal desgraça.

– An!

A casa era forte.

– An!

Os esteios de aroeira estavam bem fincados no chão duro. Se o rio chegasse ali, derrubaria apenas os torrões que formavam o enchimento das paredes de taipa. Deus protegeria a família. (RAMOS, *op. cit.*, p. 66).

Esse trecho deixa entrever que em todos os momentos a vida humana está sendo influenciada por processos naturais que independem, em larga medida, de seus desejos e vontades, seja durante os períodos de secas, seja nas épocas em que ocorriam as enchentes provocadas pelas chamadas chuvas torrenciais no Semiárido. Os fragmentos de verossimilhança expressos na obra em análise nos levam a refletir sobre o quanto o cotidiano dos sujeitos que viveram no Semiárido dos anos 1930 foi afetado pela Natureza, de modo que o exame das configurações políticas, sociais, econômicas e culturais não seria suficiente para iluminar a complexidade dos problemas que enfrentavam. Daí a razão pela qual os estudos sobre o ambiente entram em cena no sentido de permitir que ampliemos a perspectiva da história de modo a incluir aspectos mais fundamentais que atuaram como agentes no tempo.

De acordo com Worster (op. cit., p. 2), o objetivo principal da história ambiental consiste na busca de “aprofundar o nosso entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados”. Conforme vimos, em *Vidas Secas*, as enchentes causavam insegurança e incerteza a sinha Vitória que temia as surpresas ou, utilizando um termo que a voz narrativa atribui à própria personagem, as “desgraças” provocadas pela Natureza. Daí os motivos pelos quais a forma que a esposa de Fabiano encontrava para buscar auxílio era recorrer às forças sobrenaturais talvez, em sua visão, as únicas capazes de dominar a fúria de determinadas ações do mundo natural. Dessa maneira, é importante perceber como os fenômenos provocados pela dinâmica da Natureza exerciam influências tão poderosas na vida dos indivíduos, de modo que a única perspectiva que parecia restar à personagem do romance era acreditar em uma força exterior supostamente capaz de colocar limites à complexidade das energias naturais, haja vista que as mesmas pareciam exceder toda a capacidade e o entendimento humanos de controlar o ambiente. Por outro lado, necessário se faz refletirmos sobre o modo pelo qual, inversamente, os seres humanos procuravam transformar a Natureza, em um ambiente profundamente alterado, utilizando, para tal intento, um amplo e sofisticado repertório técnico-científico como intermediários dessa relação.

Nesse cenário, embora reconheçamos os limites da dualidade entre homem e Natureza, já que ambos atuam de forma imbricada ou sob uma relação de simbiose – o homem atuando como ser cultural e biológico e o ambiente como entidade natural e humanizada – na análise acima, traçamos essa divisão entre sociedade e mundo natural e as suas mútuas e múltiplas influências apenas para fins didáticos, mas não perdendo de vista, evidentemente, que cultura e ambiente atuam como co-atores da história e não se constituem em dois sistemas opostos.

No Semiárido brasileiro, a partir dos anos 1910, sobretudo, dos anos 1920, diante das mudanças registradas no que diz respeito ao relacionamento do Estado com a região, ganhou relevo, conforme já assinalamos, a ideia de que se houvessem investimentos em obras públicas de caráter hidráulico e agrícola, como era o caso da construção de reservatórios de água das mais diversas extensões, os “problemas climáticos” supostamente seriam resolvidos. Ora, mas como “solucionar” uma característica ambiental específica a uma região, exterior, por assim dizer, à vontade humana? Tratava-se de uma política legitimada por um repertório técnico-científico que se pautava fundamentalmente naquilo que se chamava de “combate” aos “efeitos da seca” e que não considerava, por

assim dizer, as peculiaridades ambientais do Semiárido para promover o desenvolvimento humano.

Sobre isso, é preciso lembrar, conforme salienta Arruda (2008, p. 163), que nem sempre a tecnologia empregada pelo homem é suficiente para “vencer” a Natureza e que, às vezes, fenômenos do mundo natural, como é o caso das enchentes, destruíam os objetos técnicos resultantes da pretensão humana de dominá-los. No Semiárido brasileiro, o alto índice de evapotranspiração não permitia que a água armazenada nas extensas barragens construídas com vultosas verbas públicas permanecesse por mais tempo. Isso nos leva a inferir que quanto mais o homem age sobre o ambiente no sentido de controlar os aspectos que representam obstáculos ao seu “progresso”, a Natureza apenas segue cumprindo a dinâmica que lhe é própria, e não pede licença à humanidade para seguir seu curso.

Nessa visão, ressaltamos mais uma vez que não estamos compartilhando da crença no papel decisivo da Natureza sobre o desenvolvimento social que produziu os determinismos geográfico e biológico do século XIX, tampouco da noção de que as sociedades que estudamos não tenham bases naturais, vínculos com a região ecológica na qual ela se configurou. A cultura e a sociedade semiáridas dos anos 1930 foram, de algum modo, limitadas ou condicionadas por fatores naturais, exercendo também, por seu turno, intervenções sobre esse meio. Em suma, procuramos examinar, através deste trabalho, os processos de influência mútua entre as sociedades e os seus quadros de recursos e condições naturais, situando ambiente e sociedade como agentes ativos e dinâmicos na história e não como estruturas estanques, fixas ou homogêneas.

Segundo Lobato Martins (2007, p. 22), a história ambiental tem como objetivo conferir às “forças da natureza” o estatuto de agente condicionador ou modificador da cultura, atribuir aos componentes naturais a capacidade de influir significativamente sobre os rumos da história. Nesse sentido, os eventos ecológicos são indissociáveis dos processos sociais, e são, em última análise, históricos (Ibidem, p. 34). Dessa forma, cultura e Natureza se entrelaçam em um movimento dialético de trocas recíprocas, de modo que ambas, nas dinâmicas que lhes são próprias, mergulham nos contraditórios, ambíguos e descontínuos cursos da história.

É possível associar essa visão à análise dos períodos de secas ou mesmo das grandes enchentes no Semiárido configurados em *Vidas Secas*. Para além de certas visões que exacerbam uma suposta superioridade incontestada do homem frente à Natureza, como se estes fossem imunes ao meio físico ou simplesmente estivessem acima dele, nessa obra, o

mundo natural parece figurar como algo poderoso e exterior ao domínio e às vontades humanos:

A ventania arrancara sucupiras e imburanas, houvera relâmpagos em demasia – e sinha Vitória se escondera na camarinha com os filhos, tapando as orelhas, enrolando-se nas cobertas. Mas aquela *brutalidade* findara de chofre, a chuva caíra, a cabeça da cheia aparecera arrastando troncos e animais mortos. A água tinha subido, alcançado a ladeira, estava com *vontade* de chegar aos juazeiros do fim do pátio. Sinha Vitória andava *amedrontada*. Seria possível que a água topasse os juazeiros? Se isto acontecesse, a casa seria invadida, os moradores teriam de subir o morro, viver uns dias no morro, como preás. [Grifos nossos] (RAMOS, op. cit., p. 65)

Esse fragmento literário narra o episódio das inundações no Semiárido, acompanhadas por fenômenos naturais como ventanias, relâmpagos, chuvas fortes e cheias do rio, cujas dinâmicas são metaforicamente representadas no romance como “vontades” ou sob um caráter avassalador, figura de linguagem que demonstra o quanto o homem teme a essas manifestações da Natureza por parecerem fugir ao seu controle. Daí a razão pela qual o movimento das enchentes figurava aos olhos de sinha Vitória como algo brutal, violento, furioso. Segundo a narrativa, “o barulho do rio era como um trovão distante” (Ibidem, p. 63) que sinha Vitória hesitava em escutar. “Sinha Vitória moveu o abano com força para não ouvir o barulho do rio, que se aproximava. Seria que ele estava com *intenção de progredir?* O abano zumbia, e o rumor da enchente era um sopro, um sopro que esmorecia para lá dos juazeiros” [Grifos nossos] (Ibidem, p. 66).

Nota-se que o rio sertanejo é percebido pela personagem de *Vidas Secas* como portador de sentimentos e comportamentos que parecem humanos. Nesse caso, à proporção em que as chuvas se intensificavam, as cheias aumentavam e, com temor, sinha Vitória pensava na possibilidade de que elas invadissem a casa onde morava com a família. Dessa forma, segundo a narrativa, os sujeitos sociais procuravam decifrar os segredos que o mundo natural lhes reservava, representando-o como um cenário criativo, cuja dinâmica, por vezes, surpreendia-os, causando-lhes medo e imprimindo marcas indeléveis em suas memórias.

Segundo Ab’Sáber (2003, p. 87), os rios do Nordeste se caracterizam como intermitentes periódicos, ou seja, ao contrário do que acontece nas áreas úmidas do Brasil onde os rios sobrevivem aos períodos de estiagens, devido a grande quantidade de água economizada nos lençóis superficiais, no Semiárido eles secam desde suas cabeceiras até perto da costa. Apesar disso, uma das originalidades do sistema hidrográfico e hidrológico do Semiárido é que em algum tempo do ano costumam atingir o mar. Nessa visão, embora

não haja referência ou nomeação do rio cujas águas interferiam no cotidiano das personagens de *Vidas Secas*, pode-se conjecturar que provavelmente a voz narrativa desse romance se referia a um desses tantos cursos hídricos que serpenteavam as paisagens do Semiárido.

Essa proposição leva-nos a inferir, tomando por base Worster, que quando analisamos fenômenos naturais, estamos diante de energias autônomas que não derivam de nós, mas interferem diretamente na vida humana, estimulando reações, defesas, ambições, criatividade. Nesse sentido, ao abstrairmos – apenas para efeitos de análise e de forma alguma tentando algum tipo de reflexão dualista – os referidos fenômenos naturais que afetavam a vida dos indivíduos na obra ficcional ora apreciada, tendo em vista uma compreensão histórico-ambiental do processo em questão, devemos, antes de tudo, animar a Natureza como produtora de sua própria trajetória, transformando-a em agente criativa e valorizando-a como personagem ou protagonista da história (SOFFIATI, 2008, p. 17; 21). Deste modo, as enchentes ou mesmo o fenômeno da seca resultavam do movimento da Natureza, cujas manifestações não são fixas, imutáveis, definidas, estáveis, passivas. Ao contrário, o mundo natural encontra-se constantemente em transformação, modificando-se de maneira intensa e surpreendente, aspecto que torna imperioso o reconhecimento da sua presença ativa na história das sociedades, sendo a ação destas últimas igualmente entendidas como dinâmicas e criativas na construção do devir histórico.

Tal afirmação está em consonância com o que, na visão de Pádua (2010), significa uma instigante mudança epistemológica para o diálogo entre as ciências sociais e as ciências naturais: a noção de que a Natureza se apresenta cada vez mais como algo em permanente construção e reconstrução ao longo do tempo, distante da visão tradicional de uma realidade estática e acabada, que apenas serviria de palco para as ações dos sujeitos humanos. Esse autor ainda ressalta que esse processo de expansão e transformação permanente do mundo natural tem implicações teóricas profundas para o problema da ameaça de determinismo geográfico ou ecológico, frequentemente lembrado quando se fala em história ambiental. Isso porque a longa tradição que defende a ideia de determinação da Natureza sobre a vida social, em especial, do clima, apoiava-se exatamente em visões sólidas e imutáveis dos componentes do mundo natural. A meteorologia contemporânea, no entanto, em seu enfoque historicizante e suas investigações de longa duração, tem asseverado que o clima de cada região, assim como as demais variáveis naturais, sofre grandes mudanças no curto e no longo prazo.

Nessa concepção, em se tratando ora dos períodos de secas, ora dos de chuvas regulares no Semiárido, procuramos destacar o modo como esses fenômenos naturais afetavam significativamente o ritmo da vida social das populações dessa região, de modo que essas, diante dos limites impostos pela Natureza, procuravam engenhosamente elaborar estratégias visando garantir a sua subsistência com base nas possibilidades oferecidas pelos recursos naturais disponíveis nesse espaço de interação. Partindo dessa premissa, dialogamos com os argumentos de Worster (op. cit., p. 10-11) a respeito de que em todo e qualquer lugar o mundo natural oferece aos humanos que ali vivem um conjunto flexível, porém limitado, de possibilidades para se manterem vivos. E por mais estreitas que sejam essas possibilidades, elas são produto tanto da tecnologia quanto da Natureza. A tecnologia sendo entendida aqui como a aplicação de habilidades e conhecimentos à exploração do ambiente. Tal visão é corroborada por esse autor por meio da análise de um caso extremo dos esquimós que habitavam as regiões polares do norte, os quais, não podendo depender de técnicas ou recursos naturais não disponíveis naquele ambiente, tornaram-se caçadores, pescadores e coletores, utilizando-se de técnicas tradicionais que os permitiam aproveitarem-se das opções alimentares que a Natureza lhes oferecia. Nesse sentido, depreende-se que as inter-relações estabelecidas entre esses sujeitos e o ambiente do gelo com o qual interagiam foram pontuadas por um processo histórico marcado por confrontações e acomodações que partiam de ambas as variáveis envolvidas, ou seja, tanto do ser humano quanto do meio natural.

Seguindo esse mesmo raciocínio, outro exemplo esboçado na obra de Worster, a nos interessar mais de perto, diz respeito à indagação acerca do modo como se construiu na região árida e semiárida dos Estados Unidos uma sociedade da abundância. Parafrazeando esse autor que se debruçou na construção de uma história socioambiental da irrigação de vastos setores áridos do Oeste estadunidense, José Augusto Drummond (op.cit., p. 11) afirma que a criação de uma sociedade próspera naquela região se deveu à manipulação técnica e política da água, elemento natural escasso naquela paisagem, para produzir uma agricultura altamente capitalizada. Esse controle da água foi possível porque os fazendeiros ricos do Oeste americano conseguiram que a sociedade nacional dos EUA financiasse manobras hidráulicas de alto custo investindo em tecnologias capazes de transportarem a água de origens distantes, sob a forma de abastecimento urbano, de irrigação ou de energia, em direção a cidades, indústrias e plantações que necessitavam desse recurso. Dito de outra

maneira, Drummond demonstra que, na visão de Worster⁶², na região de fronteira do Oeste dos Estados Unidos se assentou um poderoso aparato estatal para lidar com a aridez e, graças a esses esforços governamentais de alteração do ambiente, floresceu uma sociedade cujas experiências, embora fossem fortemente influenciadas pelas condições naturais, desenvolveu um repertório técnico-científico que lhe propiciou superar tais restrições.

No caso do Semiárido brasileiro, nota-se que as escolhas criativas dos sujeitos sociais levaram à constituição de um processo histórico nitidamente distinto, haja vista essa região ter sido marcada por um cenário de constante deterioração social e ambiental. Em estudo recente que versa sobre a história de três ondas de seca que atingiram regiões da Ásia, da África e da América do Sul (1876-1879; 1889-1891 e 1896-1902), acompanhadas por doenças e profundas crises de subsistência, Mike Davis questiona os motivos que provocaram o que considera como um “desastre de magnitude verdadeiramente planetária”, visto que milhões de pessoas foram atingidas pela fome e pela morte em massa nesses interstícios⁶³. Para esse autor, tais acontecimentos climáticos globais estavam emaranhados com fatores econômicos e, sobretudo, políticos, uma vez que, mais que um “desastre natural”, a fome em massa nos períodos de seca era, em última instância, uma opção política (DAVIS, 2002, p. 21). Em outras palavras, a fome parecia uma condição evitável caso as esferas governamentais operacionalizassem os meios eficazes para abastecer as populações famintas e sedentas dessas regiões subdesenvolvidas. Mas o que se assistiu, contudo, foi que esses períodos de crises de subsistência global tiveram como corolário o reforço do imperialismo traduzido sob a forma como as potências européias, juntamente com o Japão e os Estados Unidos, utilizaram-se de cada seca global como uma oportunidade para a corrida do novo imperialismo pela conquista da terra e para criar novas colônias.

Nesse cenário, comparando os quadros naturais de semiaridez que marcaram um país hegemônico como o Oeste estadunidense e aqueles que fazem parte das topografias circunscritas aos chamados países subdesenvolvidos, observamos que não obstante essas experiências humanas tenham sido igualmente marcadas por constrangimentos naturais relativamente similares, o que distingue o modo de vida das populações dessas regiões é a forma pela qual, nos Estados Unidos, foram engendrados modelos de relações sociais que adequaram todo um aparato técnico capaz de reorganizar a Natureza em proveito de

⁶² A obra a que nos referimos é *Rivers of empire: water, aridity and the growth of the American West*. New York, Pantheon, 1985.

⁶³ Considerando as secas globais deste período como o maior índice de mortandade registrado na história desde a Peste Negra, por ter sucumbido cerca de 50 milhões de pessoas à fome e às epidemias. Cf. DAVIS, 2002.

determinados grupos de poder econômico. Por outro lado, no caso das regiões atingidas pela fome nos continentes africano, asiático e sulamericano, eram os especuladores de grãos e precôneles coloniais daqueles mesmos países imperialistas integrados à agricultura e ao novo mercado global de grãos os principais agentes humanos da fome. Nesse sentido, essas populações agrícolas as quais frequentemente lhes foi negada o direito permanente a terra, tornavam-se, em larga medida, vulneráveis às secas sincrônicas que desmantelavam a sua participação nesse sistema econômico globalizado. É por essa razão que, na concepção de Davis (op.cit., p. 21), é imperioso compreender a configuração das condições sociais e naturais que tolheram a liberdade de decisões desses arquitetos do novo imperialismo, assim como considerar as táticas de luta oferecidas pelos trabalhadores famintos e camponeses pobres para escapar das estratégias impostas por aqueles agentes de poder.

No que diz respeito às restrições naturais, é preciso refletir sobre o papel da Natureza na história dessas crises de sobrevivência nas referidas sociedades, mais precisamente, questionar se as secas sincrônicas possuíam uma periodicidade intrínseca, ou seja, se tratavam-se de fenômenos naturais previsíveis, cujas consequências poderiam ser evitadas.

No caso do Semiárido brasileiro, onde dezenas de milhões de pessoas também sobreviviam da agricultura e da pecuária tradicionais, atividades altamente susceptíveis às crises climáticas, Gustavo Maia Gomes⁶⁴ assevera que não obstante os efeitos sociais desses eventos climáticos sejam repetitivos, inevitáveis e previsíveis, o Governo Federal somente adotava providências emergenciais⁶⁵, ou mesmo políticas de longo prazo, quando a sua inércia era perturbada por influências externas. Sendo assim, esses programas emergenciais serviam para corroborar a chamada *Lei de Hirschman*⁶⁶, de que os políticos só agiam em favor das sociedades do Semiárido nos momentos em que se aprofundavam as crises sociais, o que colaborava com a descontinuidade das ações e dos programas capazes de permitirem a convivência com essa região e o insucesso das políticas de longo prazo para a atenuação dos

⁶⁴ Na obra *Velhas secas em novos Sertões*, esse economista analisou as mudanças e permanências ocorridas na história recente dos sertões semiáridos. Entre as mudanças documentadas, destaca as novas atividades que estão sendo implementadas no Cerrado nordestino, desde os anos 1970, com o intuito de dinamizar a economia da região. Para Gomes (2001), atualmente, já não predominam nessa configuração territorial apenas a economia tradicional, mas fazem parte também as modernas culturas irrigadas, além do incipiente desenvolvimento das indústrias têxtil e de calçado.

⁶⁵ As frentes de emergência foram instituídas pelo Governo Federal, a partir de 1979, tendo em vista propiciar uma ocupação permanente da mão-de-obra liberada pela agricultura, como suposta consequência da prolongada seca e amenizar as necessidades das populações diante da escassez, por vezes generalizada, de água e alimentos. Ver: MAIA, 2001.

⁶⁶ Essa lei deriva do trabalho de Albert Hirschman (1965), um dos primeiros estudiosos a demonstrar, de forma sistemática, a associação existente entre a eclosão das grandes secas no Semiárido brasileiro e a tomada de decisões, emergenciais e também de longo prazo, pelo Governo Federal para atravessar o interstício. Ver HIRSCHMAN, 1965.

efeitos das secas. Nessa visão, dada a previsibilidade desse fenômeno natural, o que faltava ao Semiárido parecia ser projetos permanentes de fortalecimento da economia da região contra as crises sociais provocadas pela falta de chuvas.

Necessário se faz, todavia, historicizar a visão científica em relação às possibilidades de ocorrência das secas durante os anos 1930. De acordo com Davis (op.cit., p. 23-26), a previsibilidade desses acontecimentos naturais só passou a ser conhecida em fins da década de 1960, quando Jacob Bjerknes⁶⁷ patenteou a descoberta teórica fundamental do que ficou conhecido como fenômenos *El Niño* e *La Niña*. A ideia era de que o Oceano Pacífico Equatorial, agindo como um motor de calor planetário acoplado aos ventos alísios, afetava os padrões de precipitação em todos os trópicos, e mesmo nas regiões temperadas. Assim, os rápidos aquecimentos do leste do Pacífico tropical (que passou a ser chamado de *El Niño*) associam-se a períodos de chuvas fracas e à seca sincrônica ao longo de vastas regiões da Ásia, África e nordeste da América do Sul. Inversamente, nas raras vezes em que o leste desse Oceano fica inusitadamente frio, o padrão se inverte (o que se convencionou denominar de *La Niña*), e ocorrem precipitações e inundações anormais nas mesmas regiões “teleconectadas”.

Sendo assim, se as primeiras cronologias confiáveis dos fenômenos *El Niño/La Niña* remontam aos anos 1970, quando foram reconstruídas com muito esmero, a partir de dados meteorológicos e vários registros históricos, pode-se afirmar que a seca era um dos grandes mistérios científicos desde o século XIX. Desde as décadas de 1870 e 1890, procuravam-se as causas das secas globais, porém os resultados eram marcados por grandes contradições epistemológicas no campo da meteorologia durante quase um século, até quando finalmente foi decifrado o que conhecemos hoje como a Oscilação Sul do *El Niño* (ENSO), cuja teoria se fundamenta, conforme explicitamos acima, no reconhecimento de que os padrões normais de chuva sobre grande parte do globo mudam em resposta a essas gigantescas oscilações da temperatura oceânica e pressão atmosférica no Pacífico equatorial (DAVIS, op. cit., p. 226).

Com base nessas referências, evidencia-se o fenômeno *El Niño* a atuar como uma das principais forças ambientais formadoras da história, provocando as longas secas sincrônicas que, caso não recebesse a devida governabilidade, como é o caso do que ocorre nos chamados países subdesenvolvidos, tem como corolário um dramático quadro de aspectos como fome, epidemias e mortes. Nessa visão, por trás das práticas imperialistas

⁶⁷ Jacob Aall Bonnevic Bjerknes, meteorologista norueguês radicado nos Estados Unidos, nascido em 2 de novembro de 1897 e falecido em 7 de julho de 1975, é considerado um dos fundadores da meteorologia moderna em razão da sua descoberta da estrutura do ciclone extratropical ter se tornado um contributo importante para a previsão do tempo na modernidade.

estrategicamente elaboradas nos gabinetes das potências hegemônicas, das diferenças entre os modelos específicos de relações sociais, dos ambiciosos projetos econômicos esboçados pelos grupos detentores do poder de decisão no conturbado e cambiante mercado neoliberal globalizado, das táticas dos homens e mulheres ordinários⁶⁸ que sob essas teias de poder criam as suas linhas de fuga, enfim, das diversas influências políticas, econômicas, sociais e culturais, a Natureza, com sua dinâmica traduzida em manifestações ocorridas a curto, médio e longo prazo, atua de forma mais ou menos decisiva enquanto uma agente e uma presença na história. Em outras palavras, fundamentando-se em Worster (op. cit., p. 1), é preciso ir ainda mais fundo na história para desenterrarmos as suas camadas longamente submersas e descobriremos forças do mundo natural ainda mais fundamentais a atuarem sobre o tempo histórico. Esse aspecto deve ser considerado ao repensarmos a forma como o clima e seus desdobramentos, mais precisamente, a ENSO, atuou na cultura do Semiárido.

Por se tratar de um território pontuado por diversas restrições naturais, o Semiárido brasileiro também oferecia muitas possibilidades para a promoção do desenvolvimento humano das sociedades que com ele interagiam. Possuía potencialidades que deveriam ser exploradas em consonância com os saberes e a criatividade cultural historicamente recriada e instituída pelas populações que viviam na região, assim como riquezas naturais suscetíveis de serem exploradas e capazes de gerarem riquezas para seus habitantes. Além disso, vale lembrar que, para além dos megaprojetos ditos de desenvolvimento verticalmente instaurados pelos governos na região, em geral, sem o devido conhecimento ou valorização das especificidades desse ambiente, havia um conjunto de técnicas simples por vezes desenvolvidas pelos próprios habitantes do Semiárido que eram capazes de permitir uma melhor adaptação e convivência com as peculiaridades desse ambiente⁶⁹.

Sendo assim, as considerações apresentadas ao longo deste tópico levam-nos a perceber o quanto a vida das populações dessa região semiárida foi historicamente afetada pela Natureza, aspecto que nos instiga a superarmos certas visões dualistas que se remetem meramente a analisar a influência do ambiente sobre as sociedades ou, inversamente, o modo pelo qual estas destroem aquele, como se as atitudes do homem em relação ao mundo natural se limitassem apenas às práticas de devastação. Tal visão restrita e unilateral ignora, por assim dizer, a multiplicidade de práticas culturais elaboradas ao longo do tempo no que

⁶⁸ Sobre a concepção de indivíduos ordinários, ver: CERTEAU, 1994.

⁶⁹ Felizmente, hoje essas técnicas elaboradas pelos saberes e experiências dos próprios moradores da região já vêm sendo reconhecidas e valorizadas como tecnologias sociais, de modo que significativas mudanças têm sido proporcionadas aos habitantes da Caatinga no que diz respeito à convivência com esse ambiente. Sobre isso, ver: MALVEZZI, op. cit.

diz respeito à interação do homem com o mundo natural que não consistiram apenas em devastação, apenas para evocar as sugestões de Simon Schama explicitadas na introdução deste trabalho.

Nesse sentido, ao incorporarmos variáveis ambientais à presente análise, procuramos analisar o modo como as dimensões ambiente e sociedade interagiram criativa e dialeticamente na construção do devir histórico. Esse ponto de vista está em consonância com Pádua (2010), o qual ressalta que o grande desafio teórico, na contemporaneidade, é pensar o ser humano na totalidade tensa e complexa de suas dimensões biológica e sociocultural; reconhecer o homem enquanto um sujeito produtor de cultura, mas também valorizar seu lado elementar de ser biológico sensível às forças da Natureza e não enquanto imune ao meio biofísico, conforme certa historiografia por longo tempo o desvinculou do ambiente concreto no qual se desenvolveram as suas ações. Em síntese, é necessário repensarmos os laços entre Natureza e sociedade com o intuito de contribuirmos para a construção da mais premente e necessária percepção da unidade viva entre sistemas naturais e humanos.

Conforme veremos no item seguinte, a Natureza está presente de tal modo na história que é capaz de renovar sentimentos, sonhos e expectativas na vida do homem, dependendo da significação que as manifestações naturais recebam em determinado contexto de historicidade.

3.2 AS ESTAÇÕES DO ANO NO SEMIÁRIDO

Na subseção anterior, expusemos os medos e receios vivenciados pela personagem sinha Vitória, da obra *Vidas Secas*, diante da agressividade que caracterizava alguns fenômenos naturais no sertão semiárido, mais precisamente, das inundações provocadas pelas intensas chuvas na região. Tendo em vista já termos discutido as linhas gerais da nossa argumentação a respeito da forma como Natureza e vida social se mesclam, imbricam-se, sintetizam-se e afetam-se mutuamente na construção do devir histórico, entendendo que este se constrói a partir de um conjunto de escolhas e ações possíveis em um determinado contexto de historicidade, procuramos nos concentrar neste item no estudo do modo como a sociedade do Semiárido percebeu e significou as estações do ano, e a forma pela qual desenvolveu suas práticas e experiências culturais seguindo o calendário específico da Natureza.

Em *Vidas Secas*, enquanto sinha Vitória estava aflita com receio de as enchentes atingirem a singela casa da fazenda onde morava com a família, como discutimos no trecho anterior, Fabiano parecia revestir aquele ambiente e seus componentes com outras conotações. Segundo a voz narrativa do romance:

O rio subia a ladeira, estava perto dos juazeiros. Não havia notícia de que os houvesse atingido – e Fabiano, *seguro, baseado nas informações dos mais velhos*, narrava uma briga de que saíra vencedor. A briga era sonho, mas Fabiano acreditava nela. [...] As vacas vinham abrigar-se junto à parede da casa, pegada ao curral, a chuva fustigava-as, os chocalhos batiam. Iriam engordar com o pasto novo, dar crias. O pasto cresceria no campo, as árvores se enfeitariam, o gado se multiplicaria. Engordariam todos, ele Fabiano, a mulher, os dois filhos e a cachorra Baleia. Talvez sinha Vitória adquirisse uma cama de lastro de couro. Realmente o jirau de varas onde se espichavam era incômodo. (RAMOS, p. 67).

Fabiano parecia esforçar-se em compor a estória que contava sem demonstrar maiores preocupações com os riscos que a intensidade das chuvas poderia lhe trazer. Isso porque, segundo o trecho literário, o vaqueiro estava “seguro, baseado nas informações dos mais velhos” de que as cheias do rio não atingiriam os juazeiros. Por essa razão, naquela noite chuvosa, estava alegre e continuava a tecer sonhos de que era um homem corajoso e “vencedor”.

Nos trechos, paisagem e memória entrecruzam-se e parecem marcar a percepção de Fabiano em relação às enchentes na Caatinga. A segurança que o vaqueiro demonstrava sentir diante do fenômeno natural das enchentes, “baseado nas informações dos mais velhos” é um indício do quanto o homem vivia em intimidade com aquele ambiente e como era um profundo decifrador de seus sinais e sintomas. Isso pode ser evidenciado por meio da leitura do trecho em destaque que expressa o quanto a personagem estava feliz por distinguir que era chegado o tempo em que a Natureza oferecia as suas melhores riquezas para aquela família que, segundo narrador, já havia passado por tantas dificuldades durante a seca. A partir de então, todavia, homens, animais e vegetais se renovariam e revestir-se-iam de novos aspectos. Até mesmo o antigo sonho de sinha Vitória de adquirir uma cama de lastro de couro para substituir o jirau de varas, sonho esse que o próprio Fabiano não costumava dar muito crédito, poderia, a partir de então, vir a se tornar realidade. Ao se mostrar como um conhecedor dos sinais do ambiente semiárido, Fabiano parecia, implicitamente, identificar e atualizar aquele lugar como o refúgio onde se ancorou a memória das gerações anteriores que o significaram e o decifram. Dessa forma, o vaqueiro pode ser considerado como um (re)construtor criativo da memória e dos saberes dos quais aquele ambiente/paisagem era portador.

Nesse ponto, dialogamos mais uma vez com Schama (1996, p. 265), o qual salienta que Natureza e percepção humana não devem ser situadas em dois campos distintos, pois são duas dimensões inseparáveis, formando inescapavelmente uma complexa simbiose. Considerando a paisagem como nada mais que um constructo da imaginação projetado sobre elementos naturais concretos como águas, matas, rochas, etc., esse autor, apropriando-se do mito fluvial egípcio relativo à morte e ao renascimento das águas, destaca que no Egito, civilização cujo cotidiano girava em torno das cheias do rio Nilo, havia uma estreita correlação entre secas e enchentes com a felicidade e a desventura dos homens (lembramos aqui da famosa expressão de Heródoto, “O Egito é uma dádiva do Nilo”, para refletirmos sobre a importância que aquela base natural exercia sobre a cultura egípcia também desenvolvida em uma região árida).

É possível associar essa visão elaborada por Schama à análise histórica de *Vidas Secas*. Através do trecho literário acima, realçamos a dimensão que a Natureza representava para a renovação dos projetos de felicidade das personagens da obra. O narrador indica que Fabiano parecia conhecer que, com a chegada do “inverno”, a Caatinga renasceria, “o pasto cresceria no campo, as árvores se enfeitariam, o gado se multiplicaria” e, simbioticamente, as próprias feições e formas do corpo do vaqueiro, da sua mulher, dos dois filhos e da cachorra Baleia mudariam por ocasião desse processo natural. Nesse sentido, ao que tudo indica, as estações do ano manifestadas no sertão semiárido estavam intimamente relacionadas com a “alegria” – nesse caso, quando as chuvas chegavam –, ou com as “desgraças” e “pavores” das personagens do romance – desta vez, durante os períodos de secas prolongadas.

Essa obra suscita e mobiliza um conjunto de imagens e de sentidos a delimitar o modo como o cotidiano dos sertanejos era orquestrado no interior de cada estação natural. No início do romance, o narrador apresenta o sertão como um lugar pontuado por elementos como: “lama seca e rachada” do “rio seco”, “fazenda sem vida”, “curral deserto”, “ossadas”, “galhos pelados da catinga rala”, “deserto queimado; e a vida dos sertanejos – chamados, como vimos, de “fugitivos”, “retirantes” ou “videntes” – como sendo marcada pela “fome”, “sede” e “canseira”. Fica evidente, por meio da análise desse quadro, como foi projetado o imaginário sobre a estação das secas no Semiárido brasileiro, frequentemente associado à miséria e ao sofrimento do homem por ocasião da escassez que caracterizava esse período.

Por outro lado, a chegada do “inverno” ao Semiárido brasileiro assumia uma implicação inversa sobre o cotidiano dos homens destituídos de riquezas que interagem com aquele ambiente, como é o caso da família de Fabiano. Basta lembrar que logo no

início da obra, a percepção de que uma nuvem se formava no céu sob “aquele azul terrível, aquele azul que deslumbrava e endoidecia a gente”, constituiu-se, para aquelas sujeitos, enquanto uma “esperança que os alentava” (RAMOS, op. cit., p. 13), visto que sinalizava para a possibilidade de chegada das chuvas, estação na qual a Natureza decerto lhes reservaria tempos melhores. Se durante a seca, o cotidiano da família era marcado pelo silêncio e pela tristeza, na época das chuvas, Fabiano, alegre, inspirava-se em compor uma “história bastante confusa”, mas que alinhavava sonhos nos quais parecia ter certeza de que fossem reais.

Fabiano contava façanhas. Começara moderadamente, mas excitara-se pouco a pouco e agora via os acontecimentos com exagero e otimismo, estava convencido de que praticara feitos notáveis. Necessitava esta convicção. Algum tempo antes acontecera aquela desgraça: o soldado amarelo provocara-o na feira, dera-lhe uma surra de facão e metera-o na cadeia. Fabiano passara semanas capiongo, fantasiando vinganças, vendo a criação definhar na catinga torrada. [...] Estivera uns dias assim murcho, pensando na seca e roendo a humilhação. Mas a trovoadas roncara, viera a cheia, e agora as goteiras pingavam, o vento entrava pelos buracos das paredes.

Fabiano estava contente e esfregava as mãos. [...] Relatava um fuzuê terrível, esquecia as pancadas e a prisão, sentia-se capaz de atos importantes. (Ibidem, p. 67)

Se durante os períodos de secas, conforme vimos no primeiro capítulo deste trabalho, Fabiano foi apresentado sob uma condição similar a dos “bichos” ou como “uma rês na fazenda alheia” (Ibidem, p. 24), como um sujeito apenas capaz de vencer as dificuldades imediatas de sua sobrevivência e da família, na passagem acima, o vaqueiro entra em cena como *um homem* habilitado a contar “façanhas”, sentindo-se capaz de praticar “feitos notáveis” ou “atos importantes”, demonstrando também estar disposto a esquecer das humilhações que havia sofrido durante as secas naquela sociedade sertaneja. Tal mudança no comportamento de Fabiano ocorre em decorrência da mudança da estação do ano, de modo que a partir do momento em que o “inverno” chegava à região, a personagem se sentia fortalecida não apenas para permanecer, mas para viver feliz naquele espaço, sem a escassez que caracterizou o longo período de seca.

Nesse particular, torna-se explícita o modo pelo qual a Natureza semiárida foi revestida, no romance em análise, de uma complexa rede de significações imaginárias que se materializavam, sob múltiplas formas, no cotidiano das personagens em momentos específicos. Tomando por base Schama (1996, p. 70), consideramos necessário “reconhecer que, quando uma determinada ideia de paisagem, um mito, uma visão, se forma num lugar concreto, ela mistura categorias, torna as metáforas mais reais que seus referentes, torna-se

de fato parte do cenário”. Nessa direção, é possível afirmar que o Semiárido, desdobrado em seus diversos elementos que dependem da metamorfose pela qual passa em cada estação do ano, é percebido ou imaginado de modo tão persuasivo que os próprios sujeitos sociais desse espaço parecem absorver essas conceituações à materialidade de suas práticas culturais. Assim, a ideia de que a seca é sinônimo de terror e o “inverno” possibilitava tempos de felicidade para os homens que interagem com esse ambiente, conforme o narrador de *Vidas Secas*, expressa o quanto o imaginário se articula às experiências temporais dos sujeitos sociais.

Isso porque é preciso lembrar que a Natureza selvagem não demarca a si mesma, não se nomeia por si só, mas é necessário que o homem a represente, como o fizeram, por exemplo, os fotógrafos, literatos e pintores que sacralizaram o famoso Yosemite Valley, na Califórnia, Estados Unidos, só para citarmos um dos muitos exemplos utilizados por Schama (1996, p. 17) visando demonstrar como as paisagens são produtos da conceituação e elaboração cultural, transportando, por assim dizer, toda a carga da história e “a pesada bagagem cultural que carregamos”. Segundo ele, a paisagem é “obra da mente” e “compõe-se tanto de camadas de lembranças”, mitos e significações complexas que a ela atribuímos quanto da materialidade dos elementos naturais.

Essa visão está em consonância com o que Donald Worster (op. cit., p. 5) denomina de terceiro nível de análise a que deve deter-se o historiador do ambiente, que diz respeito às dimensões cognitivas, mentais e culturais da existência dos seres humanos. Trata-se daquele tipo de interação mais intangível e exclusivamente humano, puramente mental ou intelectual, no qual percepções, valores éticos, leis, mitos e outras estruturas de significação se tornam parte das interfaces de um indivíduo ou de um grupo com a Natureza. Em outras palavras, o que estamos afirmando é que o comportamento das sociedades em relação ao mundo natural, assim como a própria organização econômica dos grupos de indivíduos, passa pelas mais complexas teias de significações que revestem a Natureza. Em sentido inverso, é preciso lembrar que a elaboração e conceituação cultural tornam-se possíveis somente com base na materialidade dos recursos naturais disponíveis no meio biofísico onde se organizou determinado sistema social. Nessa direção, depreende-se que a vida das personagens de *Vidas Secas* era, constantemente, assaltada pelo exercício de cartografar e atribuir sentidos ao mundo natural para incorporá-lo às suas relações, de modo que tanto o comportamento social daqueles sujeitos passava pelos valores que atribuíam à Natureza quanto essas visões dependiam dos elementos naturais que o ambiente lhes dispunha.

Todavia, não devemos cair na armadilha, conforme realça Worster (op. cit., p. 14), de afirmarmos uma visão única de determinado grupo social em relação à Natureza, como se as culturas fossem todas simplórias, descomplicadas, unânimes e totalmente livres de ambivalência. Isso porque toda cultura contém múltiplas percepções e valores variados que constituem o seu ambiente, e toda matriz cultural afeta e interfere de algum modo no equilíbrio do mundo natural. De forma análoga, Torrão Filho (2007, p. 35), referindo-se ao modo pelo qual a Natureza dos Campos de Piratininga, atual Estado de São Paulo, foi significada pelos primeiros colonizadores europeus que adentraram aqueles sertões da América portuguesa durante o período colonial, sugere, através da leitura dos relatos de jesuítas e viajantes da época, que aquele mundo natural era, por vezes, entendido numa concepção dualista, ambivalente, sob uma concepção contraditória de uma Natureza sã, de ares benéficos ao mesmo tempo em que encerrava perigos de toda ordem.

Nesse sentido, cada sujeito social, dependendo das estruturas de significação e das configurações de poder historicamente circunscritas das quais ele faz parte, é capaz de, em um dado domínio sócio-histórico, atribuir sentidos ao mundo natural e tomar decisões possíveis em relação ao modo como se apropria de seus recursos. É por essa razão que é necessário darmos espaço para o possível contraditório no que diz respeito aos valores dos quais um elemento natural específico pode ser revestido no interior de uma mesma sociedade e não apenas privilegiarmos as regularidades dessas representações em um determinado contexto de historicidade. Um exemplo próximo está relacionado com o modo pelo qual Fabiano e sinha Vitória, em *Vidas Secas*, se manifestaram em relação às enchentes na Caatinga. A narrativa demonstra que enquanto o vaqueiro se empenhou em contar “façanhas” e foi invadido por um sentimento de alegria avassalador, a sua esposa foi tomada pelo medo por acreditar na iminência de que a casa fosse inundada e precisassem morar na mata por alguns dias.

Certamente esses sujeitos sociais estavam imersos em um magma de significações semelhante que caracterizava o domínio social no qual a trama foi ambientada e que condicionava, até certo ponto, as escolhas daqueles indivíduos. Em outras palavras, havia um conjunto de representações, de conceitos e de ideias, em especial em relação à Natureza, que pontuavam aquela sociedade sertaneja, aspecto que delineava certas regularidades no que tange às representações dos elementos naturais por parte de agentes sociais como sinha Vitória e Fabiano, como é o caso da importância que as chuvas figuravam para personagens que habitavam um território marcado pela semi-aridez. Contudo, isso não significa que não

existiam, nos meandros dessa sociedade, nuances e impressões díspares, ambivalentes ou contraditórias no que concerne à significação do mundo natural.

Conforme discorreremos acima, as manifestações sazonais da Natureza, por diversos aspectos, ofereciam variáveis que influenciavam os ritmos de vida das populações que moravam nos territórios semiáridos, em especial, daqueles segmentos sociais que dependiam de seus recursos naturais para sobreviver, deixando margens, em determinados momentos, para a redefinição de muitos sonhos possíveis ao homem sem-terra que morava no campo, como é o caso dos sujeitos que protagonizam o enredo de *Vidas Secas*. Essa obra literária se concentra em torno dos projetos de felicidade arquitetados pelos referidos sujeitos sociais em convivência com o mundo natural semiárido, projetos esses que em determinados momentos de seca precisavam, todavia, serem readequados a outros cenários, não obstante o homem sertanejo mantivesse profundos laços de apego ao seu lugar, sobre o qual construiu e enraizou a sua identidade, e sofresse com a mudança para outras áreas do país supostamente provocada pelos longos períodos de secas.

Ocorre que como aquela sociedade sertaneja era extremamente dependente dos recursos naturais encontrados na Caatinga, quando esses se tornavam escassos, por ocasião das secas prolongadas, aqueles sujeitos precisavam garantir alternativas capazes de lhes assegurar a sobrevivência, nem que tivessem que deixar aquele espaço natural no qual o seu cotidiano estava circunscrito. Isso implica em afirmar o quanto os componentes do mundo natural – no caso, o fenômeno da seca – são capazes de condicionar significativamente a sociedade e a cultura humanas, uma vez que reconhecemos o quanto a semiaridez, sobretudo os períodos de seca, influenciou a tomada de decisões das personagens de *Vidas Secas* a deixarem esse espaço e partirem em busca de outra região. Nessa perspectiva, ao interpretarmos o processo migratório de populações do Semiárido brasileiro em direção ao Centro-Sul, frequentemente estudado como um problema demográfico, econômico, político, social e cultural, como motivado principalmente por fatores ecológicos, estamos atribuindo, conforme ressalta Drummond (op. cit., p. 4), aos fenômenos naturais um estatuto de agente modificador da cultura, o que nos leva a reconhecer o quanto a cultura humana age sobre o meio físico-material, emprestando-lhe valores, significados e apropriações complexas aos seus componentes, tendo igualmente a sua estrutura e organização social influenciadas por esses elementos naturais disponíveis.

Certamente, a alternativa de migrar do Semiárido surgia em razão da falta da devida governabilidade e gerenciamento dos recursos naturais disponíveis, assim como dos usos de tecnologias adaptadas às particularidades ecológicas dessa região, responsabilidades que

deveriam ter partido dos representantes políticos que detinham esse poder de decidir por projetos eficazes de desenvolvimento do Semiárido, integrados às dinâmicas naturais e culturais desse espaço. Há que se considerar, todavia, o papel da cultura no que diz respeito às escolhas e possibilidades de usos desses elementos naturais, visto que, segundo Drummond, um dos traços relevantes que o historiador do ambiente explorar refere-se às interações entre o quadro de recursos naturais úteis e inúteis disponíveis em um território e os diferentes estilos civilizatórios das sociedades. Significa afirmar que uma determinada sociedade dispõe de um dado recurso natural que pode ser ignorado enquanto esse mesmo elemento pode ser extremamente valorizado na percepção de outro sistema cultural. Isso ocorre, por vezes, em razão de esse grupo social não dominar a tecnologia de seu processamento, o que não quer dizer, todavia, que se certa sociedade possuir um aparato técnico adequado para explorar um dado recurso natural, necessariamente irá utilizá-lo visando aquele fim (Ibidem, p. 5-6).

É por essa razão que frequentemente devemos deixar-nos surpreender com a criatividade das escolhas que podem advir das sociedades humanas cujas experiências foram historicamente inscritas sobre as paisagens. Nessa direção, sabe-se que a região semiárida dispunha de um conjunto de recursos naturais altamente adaptados às condições ambientais desse espaço que poderiam ter sido explorados para promover o desenvolvimento humano regional. No entanto, ao que tudo indica, os esquemas de significação das populações humanas que habitavam esse espaço e sobreviviam com base na exploração de determinados recursos agrícolas ou pecuários, não permitiam que a possível utilidade e eficiência daqueles elementos naturais fossem percebidas, assim como as experiências científicas e tecnológicas de manejo desses recursos adaptados à região e as políticas públicas executadas⁷⁰.

Além disso, é preciso refletir, conforme realça Manoel Correia de Andrade (1986), sobre a rígida e tradicional estrutura agrária que caracterizava os sertões semiáridos na época em estudo, posto que além das condições naturais específicas a esse meio, é pontuado por um sistema de uso e exploração da terra baseado na grande concentração fundiária em mãos de latifundiários, característica que remonta ao período colonial. Conseqüentemente, as relações de trabalho que vigoravam no meio rural entre proprietários de terras e os "deserdados da terra" – trabalhadores rurais sem-terra assalariados, parceiros e rendeiros –

⁷⁰ Tal postulação direciona-se, de maneira especial, para os gestores políticos da região que poderiam agregar, com base em resultados de pesquisas em ciência e tecnologia que desenvolveram experimentos baseados nas potencialidades de determinados elementos naturais do Semiárido, projetos e alternativas econômicas que visassem a melhoria da qualidade de vida para a população.

são intermediadas por uma apropriação extremamente desigual do uso dos recursos naturais produzidos nesses territórios⁷¹. É importante assinalar que Fabiano, o vaqueiro protagonista do romance objeto de análise da presente investigação, fazia parte dessas formas e relações de trabalho que predominavam nos sertões, basta lembrar que, segundo o narrador:

Fabiano recebia na partilha a quarta parte dos bezeros e a terça dos cabritos. Mas como não tinha roça e apenas se limitava a semear na vazante uns punhados de feijão e milho, comia da feira, desfazia-se dos animais, não chegava a ferrar um bezerro ou assinar a orelha de um cabrito (RAMOS, op. cit., p. 92).

O trecho acima faz referência aos esquemas de propriedade e de manutenção dos esquemas de mando aos quais a personagem de *Vidas Secas* estava submetida no Semiárido brasileiro. Embora o vaqueiro, juntamente com a família, fosse o responsável pela administração da fazenda do patrão e pelas tantas demandas que as atividades da pecuária lhe exigia, “não tinha roça e apenas se limitava a semear na vazante uns punhados de feijão e milho”, ou seja, o acesso à terra para produzir praticamente lhe era negado e ainda tinha que aceitar com submissão a autoridade e intransigência do proprietário quando ousou questionar que teria havido um possível “engano” nas contas da partilha feitas por ele.

Olhou as cédulas arrumadas na palma, os níqueis e as pratas, suspirou, mordeu os beiços. Nem lhe restava o direito de protestar. Baixava a crista. Se não baixasse, desocuparia a terra, largar-se-ia com a mulher, os filhos pequenos e os cacarecos. Para onde? Hem? Tinha para onde levar a mulher e os meninos? Tinha nada! Espalhou a vista pelos quatro cantos. Além dos telhados, que lhe reduziam o horizonte, a campina se estendia, seca e dura. Lembrou-se da marcha penosa, que fizera através dela, com a família, todos esmolambados e famintos. Haviam escapado, e isto lhe parecia um milagre. Nem sabia como tinham escapado (Ibidem, p. 95).

Essa passagem parece ilustrativa do modo como o horizonte de Fabiano era limitado no que diz respeito a possibilidade de fixação à terra sertaneja, metaforizada pelo sonho de sinha Vitória de adquirir a sua cômoda cama de lastro de couro para dormir, ou seja, objeto de desejo que talvez significasse o projeto da permanência no sonhado pequeno pedaço de terra. O vaqueiro morava em “terra alheia” e, insatisfeito com o autoritarismo do patrão, não tinha perspectiva de um lugar para onde pudesse levar a família. Entre outras questões,

⁷¹ Essa obra foi publicada em 1963, durante as chamadas reformas estruturais executadas pelo governo João Goulart e sua equipe que, além dos setores educacional, fiscal, político, abrangia também o agrário, registrando significativos avanços, do ponto de vista da reforma agrária no Brasil e dos direitos dos trabalhadores rurais na época. Em conferência pronunciada na 55ª Reunião Anual da SBPC, no Recife-PE, em 2003, sob o título de “A terra e o homem no Nordeste, hoje”, Manuel Correia passou em revista sua obra escrita há quarenta anos e afirmou com alegria que as ideias nela expostas foram, depois, aceitas pelos movimentos sociais rurais, como os da Contag e dos Sem-Terra, e vinham sendo objeto de discussão durante todo esse tempo. Mais informações, ver: Lima, 2007. Para ampliar o estudo sobre a apropriação da terra pela sociedade canavieira do litoral do Nordeste, ver: Freyre, op.cit.

faltava-lhe justamente a terra sertaneja, com tecnologias eficazes, para que dela pudesse trabalhar e extrair o seu sustento e o da família. Vale lembrar que no período em que o romance *Vidas Secas* foi produzido, após a chamada Revolução de 1930, que tinha como objetivo pôr fim ao domínio das oligarquias no Brasil, embora algumas sensíveis mudanças tenham sido documentadas, não houve alterações efetivas na estrutura fundiária no Brasil, permanecendo o antigo modelo do latifúndio, sob o domínio da mesma oligarquia rural, ocorrendo, na prática, apenas uma substituição de hierarquias, como pela primeira vez observou Fausto (1986).

Tal estrutura agrária remonta ao período da colonização dessa região, mais precisamente aos inícios do século XVII, quando a pecuária conquistou para o Nordeste a maior porção de sua área territorial que se deixava desbravar e ocupar pelos criadores de gado. Estes estabeleceram e mantiveram os primeiros “currais” ou “sítios” nos melhores pontos das sesmarias que recebiam como doação da Coroa portuguesa, em geral dirigidos por um vaqueiro que, ou era escravo de confiança, ou um agregado que tinha como remuneração a “quarta” parte dos bezerros e potros que nasciam. Simultaneamente ao período em que foram lançados nessas terras os alicerces da economia pecuária, teve início também as atividades agrícolas que ocupavam pequenas áreas, visando apenas o abastecimento da população cujo cotidiano girava em torno de cada “curral” (ANDRADE, op. cit., p. 150). Essas terras de sertão foram a base física não simplesmente de uma economia regional, mas permitiu que fosse fundada de forma *sui generis* o que Capistrano de Abreu denominou de *civilização do couro*, tal foi a importância do gado que se adentrara pelas fronteiras do solo sertanejo, devassando, ao compasso de seu afastamento, novas passagens e caminhos que se tornavam mais rápido quando os catingais anualmente se despiam de suas folhas⁷².

Nesse cenário, é possível inferir que muitos dos costumes arraigados nas terras sertanejas desde o início de sua ocupação ainda apresentavam-se como permanências no período histórico sobre o qual nos debruçamos neste trabalho, a saber, os anos 1930, basta atentarmos para a descrição feita pelo narrador de *Vidas Secas*, ao concentrar-se em questões como latifúndio, divisão da propriedade da terra e relações de trabalho no Semiárido brasileiro, das quais o cotidiano da família de Fabiano parece bastante ilustrativo.

⁷² No livro *Caminhos & Povoamento do Brasil*, Capistrano se fundamenta em Varnhagen para se referir sobre a forma como se deu o rápido processo de ocupação da Caatinga em razão do que entende como a facilidade que as especificidades naturais desse bioma, cuja vegetação perde suas folhas durante a seca propiciou aos colonos. Para Capistrano (1963, p. 271) “a caatinga permite sempre a vista do céu e a orientação por ele, os obstáculos que depara resolvem-se com um facão ou uma foice ou a fogo. Os lugares em que ela se aproxima do litoral foram devassados logo”.

Mas voltando a discorrer a respeito da Natureza semiárida sobre a qual transcorreram as múltiplas tramas históricas, é preciso levar em conta que essa região apresenta algumas especificidades no que concerne à delimitação das suas estações anuais. O domínio das caatingas é marcado por um prolongado período seco anual que dura de seis a sete meses, compreendendo a parte do outono, o inverno inteiro e à primavera em áreas temperadas. Isso implica em afirmar que os conceitos tradicionais para as quatro estações não parecem válidos para essa região pela evidente razão de que o inverno meteorológico consiste em um prolongado período de *secura* pontuado por forte acentuação de calor, cujos efeitos são extensivos à dimensão socioeconômica regional – pela ausência de perenidade dos rios e de água nos solos – e ao mundo orgânico das caatingas. Em outras palavras, o ritmo sazonal desse domínio de Natureza comporta chuvas de verão e estiagem prolongada de inverno. Dessa forma, o verão é considerado “inverno” pelas populações do Semiárido em razão de ser a época em que ocorrem as chuvas (AB’SÁBER, op. cit., p. 84-85)⁷³.

Nessa direção, o capítulo intitulado “inverno”, da obra *Vidas Secas*, corresponde ao tempo em que as breves, porém intensas chuvas de verão, caíam sobre o espaço sertanejo, permitindo o rebrotar de práticas e o florescer de novos sonhos arquitetados pelas personagens que animam as páginas dessa trama. É o que a narrativa apresenta, conforme vimos, como o período em que havia uma espécie de “ressurreição” na Caatinga. Vale lembrar que Ab’Sáber, apropriando-se da obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha, se vale de dois termos utilizados pelos sertanejos de Canudos para designar as quadras chuvosas e as secas: o *verde* e o *magrém*. Esta última expressão, segundo o geógrafo, embora tenha caído em desuso, soa como bastante pertinente para caracterizar a longa estação seca do Semiárido brasileiro, quando as árvores perdem suas folhas, os solos se ressecam e os rios perdem correnteza. O *verde*, por sua vez, designa, com clareza, o rebrotar do mundo orgânico por meio da chegada das águas que reativam a participação da luminosidade e da energia solar no domínio dos sertões (Ibidem, p. 85).

É relevante assinalar que o grande traço de união identitária dessa região sertaneja, apesar de todas as diversificações ecológicas que nela podem ser notadas, é o clima, e nesse atributo natural é, sobretudo, a questão da seca a atingir periodicamente o Semiárido, constituindo-se em uma preocupação constante do homem que nele vive (ANDRADE, op. cit., p. 45). Apesar de sabermos que a formação das paisagens geográficas resulta de uma

⁷³ Vale lembrar que, segundo os climatologistas, caso no Semiárido a seca coincidisse com a estação do verão, era provável que esse espaço se tornasse árido, por conta do calor e da *secura* simultâneos, mas como coincide com o inverno e a estação do frio, essa tendência tem sido relativamente evitada. Sobre isso, ver: Ricklefs, 2003.

complexa conjugação de fatores físicos, biológicos e humanos, de modo que não se deve admitir a exclusividade da ação de um desses elementos na elaboração dos quadros paisagísticos, em cada região é comum que um desses elementos se sobressaia. Nessa visão, pode-se afirmar que, no Semiárido brasileiro, o elemento a marcar mais sensivelmente a paisagem e mais afetar a vida do homem é o clima, por meio do regime pluvial e exteriorizado pela vegetação natural (Ibidem, p. 25-26).

A respeito das estações do ano que se desdobram no Semiárido, observa-se a existência de duas quadras bem definidas: uma chuvosa, e outra, mais longa, seca. Assim, o sertanejo previdente costumava estocar para os meses do estio parte dos alimentos que produzia durante a estação chuvosa, de modo que o seu cotidiano transcorria normalmente com uma estação de fartura e outra de economia e privações, caso a seca adviesse. Todavia, quando com o verão as chuvas não caíam sobre os territórios semiáridos, o indício era de preocupação, pois logo os sertanejos procuravam interpretar os primeiros sinais da Natureza sobre a possível chegada de mais uma seca, que, por vezes, prolongava-se por sucessivos anos, imprimindo novas e surpreendentes marcas sobre a vida e as camadas de memória desses indivíduos. Conforme Andrade (Ibidem, p. 45), essa previsão ocorria porque desde os tempos coloniais, ou ainda há milênios, com os índios, os fenômenos das secas vinham se repetindo, com maior ou menor intensidade, mas com periodicidade impressionante.

3.3 PROFETAS DA CHUVA: PREVISÕES FOLCLÓRICO-EMPÍRICAS DAS SECAS E DOS “INVERNOS” NO SEMIÁRIDO

No item anterior, discutimos as especificidades das quadras estacionais que caracterizam as condições climáticas do Semiárido brasileiro, observando que estas se traduzem, a rigor, sob a forma de um longo período de seca alternado pela época das breves e intensas chuvas de verão. O clima predominantemente semiárido é caracterizado por chuvas altamente variáveis, a maioria das quais caem durante um período de cinco meses, de janeiro a maio. Todavia, a irregularidade das precipitações é de tal ordem que, além de haver um curto período de chuvas separado pelas secas prolongadas, registra-se ainda uma forte variabilidade espacial e temporal, o que significa que alguns lugares podem receber chuva ampla, enquanto outros, na mesma região, receber nenhuma. Em outras palavras, a instabilidade ambiental é uma das principais marcas expressas na cultura dessa região, onde a distribuição sazonal não é uniforme nem no tempo nem no espaço, podendo tanto ser registrado em determinadas épocas um déficit anual de precipitações em algumas faixas

territoriais quanto ocorrer uma seca generalizada que perdure por vários anos, provocadas por fenômenos naturais como o *El Niño*.

Com efeito, entre ansiedades e incertezas que intermedeiam a relação do homem com o mundo natural, determinado grupo de trabalhadores rurais pobres do Semiárido brasileiro, estabeleceram uma forma bastante peculiar de convivência com esse ambiente: a prática de tecer previsões sobre as chuvas na região. Considerando a variabilidade espacial e temporal das chuvas como o fator mais problemático para a agropecuária tradicional do Semiárido – ainda bastante dependente de condições naturais favoráveis para se desenvolver – assim como de muitos sertanejos que dependem dessa base econômica para garantir a subsistência, é possível presumir o significado e a importância que as chuvas representavam para essa sociedade que culturalmente as construiu como um dos fenômenos naturais mais importantes dentre as demais manifestações da Natureza.

A respeito disso, a antropóloga Karen Elizabeth Pennesi, em dissertação defendida na Universidade de Arizona, estudou a relação entre meteorologistas e os chamados profetas da chuva, no Ceará, Nordeste do Brasil, argumentando que a interação entre a sociedade e a variação do clima levada a efeito através das previsões de chuva é especialmente importante nesse Estado nordestino por conta das recorrentes secas provocarem elevado impacto econômico e social sobre todos os segmentos da população rural. A pesquisa da autora sugere que através da prática de prever as chuvas, tanto os profetas quanto os meteorologistas constroem relações entre agricultores e governo de maneiras diferentes que autenticam sua própria identidade com esse fenômeno natural. Nesse sentido, enquanto os cientistas esperam que os seus pares da comunidade internacional, o governo e outros setores mais avançados legitimem a sua condição de perito, os profetas da chuva encorajam os agricultores a contarem com as formas tradicionais e não serem dependentes dos governantes que muitas vezes se posicionaram com negligência em relação à condição socioeconômica dos mesmos. A autenticação da identidade dos profetas da chuva se baseia em métodos tradicionais, em sua experiência agrícola em consonância com a dos demais agricultores, e com o uso de práticas linguísticas familiares ao público.

Talvez essa tenha sido a razão, segundo Pennesi (2007, p. 353), pela qual os profetas da chuva possuem maior credibilidade junto ao público do que os meteorologistas, mesmo que, em alguns casos, as suas previsões sejam imprecisas ou não correspondam ao que efetivamente ocorre. Isso se deve em parte porque eles encarnam o entendimento de como as pessoas do Semiárido vivem e atribuem sentido ao seu ambiente e são capazes de evocar uma resposta emocional positiva para os demais agricultores que esperavam ansiosamente

pelas chuvas. Nesse sentido, a ênfase é dada à relação entre identidade e ambiente, uma vez que as previsões dos profetas da chuva parecem representar conhecimentos tradicionalmente aceitos pela população rural, por serem permeados pela interação pessoal com Deus e com a Natureza, de forma que, em contrapartida, os meteorologistas demonstram utilizar uma linguagem percebida como estranha, confusa, urbana, racional, pessimista e inadequadamente direta para o público rural em luta para sobreviver às prolongadas secas no Semiárido, e isso, às vezes, leva a julgamentos de que suas previsões não procedem. Além disso, a avaliação negativa feita pelos agricultores em torno das previsões desses cientistas ocorre em decorrência de aqueles fazerem associações entre a inoperância do governo em décadas anteriores e os percebidos erros de previsão dos estudiosos do clima. Vale lembrar que por décadas anteriores entendemos o período compreendido entre os anos de 1930 e 1950, visto que o trabalho da referida pesquisadora enfoca o tempo presente e a memória dos sertanejos estudados em relação a esse período.

Nesse cenário, é possível observar a relação entre conhecimentos ambientais e identidades sociais, detectando o modo como as experiências de vida e significações culturais se encontram enraizadas com determinado ambiente natural e material. Desta forma, a previsão consiste em um esforço de construção de significados não apenas dos processos ecológicos e atmosféricos, mas também são permeadas de representações sobre as próprias pessoas que convivem e atribuem sentido a esse espaço. Em outras palavras, essa maneira de supervalorizar as chuvas no Semiárido resulta das instituições, normas, valores, identidades e mapas cognitivos construídos historicamente pelos indivíduos dessa sociedade com o intuito de significar e imaginar esse elemento natural, caso interpretamos essa relação entre Natureza e cultura sob a visão de Castoriadis (op. cit., p. 232).

Assim, postula-se que os homens e as mulheres do Semiárido desenvolveram um conjunto de saberes capazes de lhes permitir decifrar os segredos da dinâmica dessa Natureza, alicerçados em uma relação íntima, histórica e identitária de interação com esse ambiente, saberes esses que remontam aos costumes indígenas a perpassaram gerações e se hibridizaram com as visões cristãs do homem europeu na formação da cultura sertaneja. Esses conhecimentos empíricos permitiram às diversas gerações aperfeiçoarem e ressignificarem os seus sistemas de percepções culturais e ampliarem as experiências em relação à maneira como funciona este ambiente, arquitetando, por assim dizer, múltiplos significados, formas de convivência, técnicas e ações a intermediarem as interações entre sociedade e Natureza.

Por se tratar de um romance que versa sobre a forma como o cotidiano de determinados segmentos sociais pobres que viviam no meio rural sertanejo, em grande medida, regido ao compasso das estações da Natureza, *Vidas Secas* apresenta alguns fragmentos que corroboram com a afirmação de que sociedade e Semiárido se encontram em uma relação de simbiose, imbricados, integrando-se mútua e dialeticamente, de modo que o homem passou a conhecer os ritmos, os sons, as cores, as formas e as metamorfoses que esse mundo natural assume num processo histórico que lhe é próprio e, até certo ponto, indiferente às vontades e aos desejos humanos. A maneira como um interstício de “inverno”, situado bem ao centro da referida tessitura literária, é intercalado por períodos de seca, deixa entrever alguns traços desses saberes populares, previsões e prognósticos elaborados pelo homem sertanejo para interpretar/significar os sinais da Natureza e para conviver com as especificidades naturais do Semiárido.

Além das profecias da chuva em geral constituídas como heranças e saberes construídos durante um longo tempo de experiência com a terra semiárida⁷⁴, é bom lembrar que a maioria dos sertanejos, em especial, o homem do campo que convivia mais diretamente com o ambiente natural do sertão, também demonstrava conhecer de perto e decifrar os sinais desse ambiente. Não seria diferente com as personagens de *Vidas Secas*. No início da obra, conforme mencionamos no capítulo anterior, o narrador relata o momento em que Fabiano chegou a uma fazenda abandonada do sertão e “espantou-se” ao perceber que uma “sombra passava por cima do monte” (RAMOS, op. cit., p. 13), aquela nuvem figurava para o vaqueiro como um sinal que lhe permitia conjecturar que “certamente ia chover” e o instigou a edificar sonhos de felicidade, acreditando que, com a chegada do “inverno”, de imediato a Caatinga “ressuscitaria” (Ibidem, p. 15). Essa passagem deixa entrever que os anos de convivência daquele sertanejo de *Vidas Secas* com o sertão lhes propiciava interpretar e criar expectativas diante dos acontecimentos climáticos a afetarem diretamente a vida da família, destituída do acesso à propriedade da terra para trabalhar, cuja subsistência, à época, dependia, em grande medida, dos desdobramentos assumidos pela Natureza, mais precisamente, da estação chuvosa, para que o patrão permanecesse na fazenda e ele continuasse trabalhando na mesma. Vale lembrar que muitos sertanejos dependiam diretamente das chuvas para que as suas condições de trabalho e subsistência fossem mantidas, como era o caso dos pequenos agricultores que lavravam a terra.

⁷⁴ A noção de experiência está sendo pensada aqui como transmitida pela sabedoria ancestral, pela tradição. A experiência do curto tempo de uma geração é, como vimos, insignificante frente aos tempos do clima, da terra, etc. Muitos desses saberes foram assimilados das sociedades indígenas ancestrais.

Nesse sentido, Fabiano estava inserido em um contexto histórico marcado por fatores sociais, políticos e econômicos baseados na concentração de terra e poder em mãos de poucas famílias (ANDRADE, op. cit.), aspecto que o relegou, assim como a grande maioria dos sertanejos pobres do meio rural, como já mencionamos, a uma condição de extrema vulnerabilidade em relação ao ambiente. E o que é mais agravante, conforme explicitamos acima, é que como o Semiárido se trata de um espaço que tem como principal característica a instabilidade climática, essa dependência do homem para com o mundo natural era permeada por matizes a representarem as incertezas e a ansiedade coletiva da sociedade, notadamente, no que diz respeito às expectativas diante da possibilidade de chegada das chuvas.

De forma similar, essa leitura dos sinais da Natureza feita pelos sertanejos para controlar as suas ansiedades e expectativas em relação às quadras estacionais também pode ser corroborada através da análise da metáfora proferida por sinha Vitória, em *Vidas Secas*, que associava a chegada das aves de arribação à volta da seca. A princípio, Fabiano parecia não entender a frase da esposa, considerando-a “extravagante”, desconfiando inclusive que ela estivesse “tresvariando”, provavelmente “não estava regulando” e o vaqueiro questionava, confuso, como podia “aves matarem bois e cabras, que lembrança!”, “um bicho de penas matar o gado!” Todavia, logo interpretou a metáfora da esposa como a tradução de mais um dos sinais emitidos pela Natureza a prenunciarem que a seca em breve chegaria.

Essa metáfora construída, segundo a voz narrativa de *Vidas Secas*, pela personagem sinha Vitória demonstra o quanto os sertanejos ficavam apreensivos ao constatarem os indícios de que logo a seca retornaria ao sertão. Nesse particular, constata-se, mais uma vez, o quanto as quadras estacionais estavam intimamente relacionadas com a vida das populações que, no caso, dependiam das chuvas para garantir a sua subsistência, ou talvez até mesmo um pouco mais que a mera sobrevivência, como era o caso do sonho da esposa de Fabiano de comprar, em um ano de “inverno”, uma cama de lastro de couro, que parecia representar o seu maior objetivo. Deste modo, é preciso refletir sobre o significado que a época das chuvas conotava para a cultura sertaneja. Para tanto, necessário se faz discorrer, antes, sobre qual o papel que a economia agropecuária exercia para a população pobre do Semiárido.

De acordo com Gustavo Maia Gomes (2001), não obstante uma nova economia, recentemente, esteja se formando nos sertões – esse autor inclui nessa categoria simbólica denominada “sertão” tanto a região climática denominada Semiárido quanto os Cerrados

nordestinos –, menos dependente das chuvas, através do incremento de novos setores de atividades⁷⁵ e o declínio da agropecuária tradicional, a análise da história das secas demonstra os profundos impactos econômicos e sociais provocados nesses momentos de “crises” climáticas, quando, frequentemente, eram trazidos à tona a miséria dos mesmos segmentos sociais. Assim como as secas eram consideradas *velhas*, as ações emergenciais com que os governos tentavam minorar, mas sem êxito, para resolver o que era visto como “problema”, conforme a seca é percebida nessa abordagem, também pareciam *repetitivas*.

Contudo, na década de 1930 predominava no Semiárido brasileiro uma economia baseada na agropecuária tradicional, aspecto que tornava tanto os grandes latifundiários quanto os sertanejos que atuavam nas fazendas ou os pequenos agricultores da região que trabalhavam em regime de parceria, dependentes da estação chuvosa para essa economia continuar a funcionar. Em *Vidas Secas*, conforme analisamos, Fabiano trabalhava na fazenda em regime de parceria com o patrão e, por isso, dependia das chuvas para garantir a sua renda, visto que se a seca se prolongasse, o proprietário venderia tudo, abandonaria a sua terra e iria morar em uma cidade próxima até que atravessasse esse período de crise. Conseqüentemente, trabalhadores como o vaqueiro ficariam sem ocupação para garantir o sustento da família, caso as chuvas não chegassem⁷⁶.

Além da consideração de que a base econômica do Semiárido naquele período estava assentada predominantemente na agropecuária tradicional, é preciso também levar em conta outro aspecto pertinente que diz respeito à participação dos governos na assistência às populações pobres dessa região no transcorrer dos anos 1930. Ocorre que, embora as políticas públicas de suposto combate aos efeitos da seca tenham tido uma relativa expansão a partir da década de 1910 (VILLA, op. cit.), nesses períodos, a região era marcada por profundas crises de subsistência, acompanhada por fome, epidemias e mortes, por certo em decorrência da falta de gerenciamento e governabilidade dos recursos direcionados para

⁷⁵ Entre as novas atividades e modalidades de geração de renda para o Semiárido, o economista Gomes (2001) inclui tanto a chamada *economia sem produção* cujo papel ganhou relevância a partir dos anos 1980, no caso, do emprego público municipal, quanto dos anos 1990, a saber, da expansão das aposentadorias rurais. Além disso, acrescentamos os recentes programas sociais do Governo Federal, como bolsa-renda, bolsa-escola, seguro-safra, vale gás, etc, que têm se inserido como mais uma forma de paternalismo dos sucessivos governos que não investem em projetos que criem efetivamente autonomia e desenvolvimento humano. Entre os novos setores de produção, destacam-se ainda o mercado ilegal da maconha, a fruticultura irrigada, as indústrias de calçados, têxteis e, sobretudo, da soja.

⁷⁶ A respeito disso, ver o romance *O quinze*, de Rachel de Queiroz (1930), o qual relata a situação de trabalhadores rurais que atuavam nas fazendas dos grandes proprietários de terras e de pecuaristas da região. De um lado, há Vicente, personagem que permanece firme morando no sertão e lutando para atravessar a seca, enquanto há a figura de dona Maroca das Aroeiras, para quem o vaqueiro Chico Bento trabalhava, que vendeu os bichos e foi morar na cidade por causa da seca. É possível constatar, através dessa obra, que os diversos segmentos dessa sociedade rural sertaneja eram afetados pelas secas, de modo que os homens pobres que trabalhavam nas fazendas dependiam das estações chuvosas para que pudessem permanecer em sua ocupação.

atender às populações do Semiárido e de tecnologias adequadas à exploração das suas riquezas e potencialidades naturais. Vale lembrar que se os índices de pobreza e miséria já eram registrados nessa região em tempos de normalidade econômica, sobretudo por está inserida em um país subdesenvolvido marcado por profundas desigualdades sociais, nos tempos de secas, essas populações, em especial, as que viviam no campo, ficavam em situação de miséria extrema ou abaixo da linha da pobreza (DAVIS, op. cit.).

Em razão da inoperância dos grupos políticos do Nordeste e das contradições que pontuavam as relações sociais nesse espaço, tornadas mais evidentes quando da ocorrência das longas secas a intensificarem as dificuldades de convivência das populações com o Semiárido, uma ansiedade coletiva e individual era incorporada à cultura do sertanejo que costumava influenciar as astúcias de subsistência, as práticas sociais e as crenças religiosas desses grupos. Assim, os saberes populares historicamente elaborados e reatualizados com o intuito de prever as chuvas envolviam a busca de práticas para lidar com essa incerteza, para renovar as esperanças de que chovesse. Essa ansiedade coletiva fundamentava a construção da identidade do povo sertanejo como sofredor, cuja fé em Deus e os laços com a terra eram tão fortes que os tornavam capazes de suportar as dificuldades de exclusão social, pobreza, fome, migração, corrupção política, agravada pela ocorrência de secas. (PENNESI, op. cit.).

Nesse sentido, podemos observar que a cultura desses sertanejos era marcada pela expectativa de que as chuvas viessem, pela crença, pautada, sobretudo, no catolicismo popular predominante, de que Deus e os santos auxiliariam o sofrimento deles nos tortuosos tempos de seca. Dessa maneira, o “inverno” era supervalorizado nessa sociedade, não recebendo o significado apenas pelo estrito sentido climático, natural, mas pela poética, pelos sonhos, pela ideia de renascimento e de ressurreição que representava, conforme conota a obra *Vidas Secas*. A prática de prenciar a estação chuvosa era, nessa visão, de grande relevância, haja vista que muitos aspectos da vida dessas populações estavam envolvidos com a estação chuvosa do ano: práticas econômicas, decisões políticas, estados emocionais como ansiedade, decepção, esperança, resignação, orgulho, etc.

De acordo com Andrade (op. cit., p. 45), em razão das preocupações do homem do Semiárido com uma possível seca, constantemente estava às voltas para fazer esses prognósticos sobre as possibilidades das chuvas nos anos vindouros. Tratava-se de um costume que era atualizado de geração em geração, através da oralidade e da memória. Nesse calendário de “experiências”, o dia dedicado pelos católicos a Santa Luzia, 13 de dezembro, era o mais importante, uma vez que o tomavam como referência para o mês de

janeiro do ano seguinte, e os dias que se seguem (no caso, do dia 14 ao dia 24 de dezembro) correspondiam aos meses subsequentes, de modo que, nessa previsão, no dia em que chovesse, o mês correspondente provavelmente seria de “inverno”. Diversas outras destas “experiências” podem também ser mencionadas, como é o caso da previsão feita pelos sertanejos de que se não chovesse até o dia de São José, 19 de março, podiam perder parte de suas esperanças de haver “boas águas”, ou seja, de que o “inverno” chegasse ao sertão naquele ano, ou mesmo chovendo após esse dia, estavam certos de que a estação “invernosa” não teria a duração necessária ao desenvolvimento das plantações. Nesse caso, os proprietários de terras já tratavam de armazenar os alimentos necessários para atravessar a crise, enquanto o sertanejo pobre, acreditando que as suas colheitas provavelmente fossem perdidas, ou que o gado do patrão – como é o caso de Fabiano de *Vidas Secas* – fosse vendido e ficaria sem ocupação para ter condições de sustentar a família, percebia a iminência de que, a qualquer momento, seria necessário migrar do lugar onde vivia.

Aspecto interessante a ser lembrado é que, ao que tudo indica, essas leituras feitas pelos sertanejos popularmente conhecidos como profetas da chuva, em torno dos sinais emitidos pela Natureza, fazem parte de uma tradição agrária das mais antigas da cultura humana e atualizam a memória que remonta a um tempo em que a vida dependia exclusivamente da agricultura e as condições climáticas eram fundamentais à sobrevivência das comunidades. Essas práticas de observar os elementos e as manifestações do mundo natural para prognosticar o tempo remonta a Antiguidade clássica, com obras eruditas sobre a vida agrícola no passado, como é o caso de *As geórgicas*, do poeta latino Virgílio (século 1 a.C.), que influenciou os popularíssimos livrinhos editados em Portugal desde a Idade Média, cujas heranças alcançaram a história do Nordeste do Brasil até os dias atuais – os Lunários perpétuos⁷⁷.

Considerando o atual contexto sócio-político global no qual as tecnologias passaram a assumir papel fundamental na vida do homem, é relevante perceber como esses sertanejos engendraram saberes que resultavam da tradição, intuição, sensibilidade e empiria, tendo em

⁷⁷ Para maiores informações, ver o verbete Lunário Perpétuo. In: CASCUDO, 1954. Possivelmente, o primeiro Lunário foi publicado em Lisboa, no ano de 1703. O Lunário Perpétuo foi, segundo Câmara Cascudo, o livro mais lido nos sertões do nordeste durante mais de dois séculos. Ensinava, com a vastidão de um almanaque, desde prognósticos meteorológicos até remédios estupefacientes; informava ainda sobre horóscopos, países da Europa, mitologia, doutrina cristã, conselhos veterinários, nomes de estrelas, biografia de papas, ladainhas fúnebres, rudimentos de física e química e dicas culinárias. Explicava ainda como agir em casos de terremotos, maremotos e demais catástrofes naturais. Seu autor, Jerônimo Cortês, se tornou um dos mais populares autores no Brasil, ao lado de Trancoso e de outros cujos textos foram, por muito tempo, as referências dos populares. Conferir também a música *Lunário Pérpetuo*, interpretada por Antônio Nóbrega, com composição também de Antonio Nóbrega, juntamente com Wilson Freire e Bráulio Tavares.

vista entender e decifrar o que o mundo natural expressava⁷⁸. Para tecer essas suas “experiências”, observavam as nuvens e os astros do céu, como é o caso da barra do sol no dia de Natal: a “leitura” do nascer da estrela solar em 25 de dezembro indicava se haveria bom ou mau “inverno”, ou seja, se as chuvas tão esperadas para a quadra de fevereiro a maio viriam fertilizar a terra dos pequenos agricultores; é o caso também da chamada estrela-d'alva (o planeta Vênus), que, segundo as previsões, quando envolta por neblina sinalizava para pouco “inverno”. As matas também se prestavam a um laboratório desses saberes empíricos, como os elementos da flora regional, a exemplo do período em que os cajueiros floresciam, bem como o juazeiro, o pau d’arco, a oiticica, entre outras espécies; além disso, era ainda analisado o comportamento dos animais, das aves e dos insetos; assim como a direção do ar também era pauta para as observações dos sertanejos.

Em resumo, as profecias desses “senhores do tempo” consistiam em saberes populares que perpassavam gerações e baseavam-se, sobretudo, na observação da Natureza e de seus componentes, sendo, por assim dizer, engendrados na experiência vivida ao longo do tempo, certamente ressignificadas ao compasso do processo de transformação histórica da dinâmica do mundo natural. Em outras palavras, resultavam de experimentações feitas pelo homem do sertão ao longo das gerações que interagiram com esse ambiente; são saberes que estabeleciam uma relação da sociedade com a Natureza e o imaginário que o homem construiu em relação ao mundo natural, em determinada configuração sócio-histórica.

Dentre outros variados prognósticos utilizados pelos profetas da chuva, realçamos ainda, com base em Manuel Correia de Andrade, outra “experiência” que consistia em dispor seis pedras de sal sobre um plano, representando os seis primeiros meses do ano, no “sereno”, também na noite de Santa Luzia. Pela manhã, a pedra que estivesse mais dissolvida representava o mês mais chuvoso do ano que segue. Magalhães (2001) também salienta as “experiências” feitas pelos profetas da seca do dia 3 para o dia 4 de outubro, dia de São Francisco, que antecipava o “inverno” e por isso é indício, para o homem do Semiárido, de ano “bom”; relâmpagos nos dias 7 e 8 de dezembro, véspera e dia de Nossa Senhora da Conceição, significam ótimo prenúncio de bom e próximo “inverno”.

⁷⁸ Vale lembrar, aqui, que esses prognósticos têm inclusive chamado a atenção de diversos cientistas que procuram explicar os fenômenos da Natureza relacionados com o clima do Semiárido. Desde 2006, vem sendo realizado, anualmente, no mês de janeiro, o Encontro dos Profetas da Chuva, na cidade de Quixadá-CE, localizada a 175 km de Fortaleza, para fazer avaliações do ano que se inicia a partir de experiências e observações dos vários aspectos que influenciam o comportamento climático do Semiárido. O evento conta com a participação de agricultores, cantores, de profetas da chuva da região, de curiosos e de diversos cientistas do campo das ciências naturais e humanas interessados pelo tema.

Nesse ponto, outro fator articulado a esse magma de significações que perpassavam e sustentavam o imaginário social do homem do Semiárido é a questão da religiosidade cimentada na tradicional percepção judaico-cristã, notadamente, no catolicismo que permeia as interpretações e ideias de Natureza tecida/construída pelos sertanejos. Nos exemplos citados, um aspecto comum que observamos foi a estreita articulação existente entre os fenômenos naturais e os valores religiosos, de modo que os prognósticos elaborados pelo homem do Semiárido resultavam, em grande medida, da fé que parecia fundamentar a sua existência, sobrevivência e permanência nesse espaço, articulada às observações empíricas e às heranças das gerações passadas inscritas na memória. A leitura e análise das profecias do homem sertanejo esboçadas acima nos permite perceber que a maioria das “experiências” são feitas com base na agenda da religião Católica, como é o caso do dia de Santa Luzia, de São Francisco, de Natal, de São José, entre outros dedicados aos santos da igreja a quem eram encaminhadas as preces do homem do Semiárido para que o “inverno” chegasse a esses territórios com a regularidade que o permitisse subsistir morando em sua terra. Nessa concepção, considerava-se que caso as chuvas não caíssem sobre o Semiárido brasileiro durante o tempo esperado seria indício de que o sertanejo supostamente estava sendo castigada por Deus em razão de seus pecados (MARIANO NETO, op. cit., p. 93).

Segundo Malvezzi (2007, p. 22), essa percepção religiosa de compreender os fenômenos naturais está profundamente enraizada no imaginário popular do Semiárido, no qual ficou gravada/esculpida/inscrita a imagem de que a chuva é um dom que procede de Deus, de que se ela não chega, supostamente, é porque essa é a vontade divina e dos santos. Nessa visão, as estações do Semiárido dependiam do comportamento e das atitudes dos fiéis, daí a razão pela qual práticas como as procissões em redor das lagoas para pedir chuvas e o “sequestro dos santos”⁷⁹ se manifestavam como formas de esse homem comum do sertão compreender e decifrar as surpreendentes ações da Natureza.

Na obra *Vidas Secas*, conforme assinalamos, fenômenos naturais como a seca ou a chuva também eram interpretados pelas personagens da trama como fazendo parte da providência divina, em consonância com essa concepção católico-cristã da Natureza, de modo que as causas efetivas da miséria, da fome, do desemprego, da falta de instrução, não eram atribuídas aos autores que efetivamente faziam com que a seca fosse pintada sob esses matizes.

⁷⁹ Trata-se de um costume arraigado na mentalidade religiosa do Semiárido, resultante do hibridismo cultural entre o catolicismo europeu e as práticas indígenas, que consiste em roubar a imagem de um santo da Igreja Católica e só devolvê-la quando supostamente ele se lembrasse de mandar as chuvas para as terras sertanejas.

Ao longo deste capítulo, procuramos analisar o imaginário e as sensibilidades das sociedades sertanejas em relação às chuvas, em especial dos homens pobres e sem-terras que moravam no campo, cuja apropriação dos recursos naturais desse meio era mediada por relações sociais extremamente desiguais. Conforme vimos, esse homem do Semiárido costumava supervalorizar a estação chuvosa e incorporar às suas práticas cotidianas o costume de esperá-la, prevê-la, prognosticá-la, em razão da condição de dependência que os referidos segmentos sociais estabeleceram em relação à Natureza, sobretudo porque faziam parte de um sistema econômico baseado na economia agropecuária tradicional, em larga medida, dependente, no decorrer dos anos 1930, dos ritmos e da sazonalidade da Natureza.

Discutimos também que visando superar a crise da maioria da população pobre do Semiárido que nos períodos de secas era submetida à fome, epidemias e mortes, os governos executaram diversas políticas públicas nessa região, mobilizando um extenso aparato técnico-científico para tal intento. Todavia, esses projetos não foram bem sucedidos, principalmente por não considerarem as especificidades ambientais da região. Nessa visão, realçamos, através do exemplo da sociedade da abundância construída nos territórios áridos do Oeste dos Estados Unidos, que a adaptação de uma sociedade a determinado ambiente não depende da percepção de que ela possui recursos naturais abundantes que podem gerar riquezas, mas da forma como cada cultura cria/elabora/estabelece saberes, técnicas e formas de interagir, modificar e se adaptar a esse ambiente.

4 O SEMIÁRIDO E OS ANIMAIS: IMAGINÁRIO SOCIAL, PATRIMÔNIO NATURAL E CARTOGRAFIAS TOPOFÍLICAS

*As bichas excomungadas eram a causa da seca.
Se pudesse matá-las, a seca se extinguiria.
Mexeu-se com violência,
carregou a espingarda furiosamente.
[...] Impossível dar cabo daquela praga.*

RAMOS, op.cit., p. 113.

O fragmento literário que serve de epígrafe para a abertura do presente capítulo, destacado da obra *Vidas Secas*, é significativo no que diz respeito à análise da forma como os animais do Semiárido foram representados na literatura e como essas conotações se relacionam com o imaginário social da época em que o romance foi escrito, a saber, na década de 1930. Conforme o trecho, Fabiano, protagonista da trama, parece deixar explodir toda a sua revolta contra as aves de arribação que revoavam da Caatinga em fins de um período chuvoso. A presença dessas aves representava “mau sinal” para o homem do Semiárido, pois a sua chegada era interpretada como portadora de previsões negativas sobre o comportamento dos fenômenos naturais, especialmente do clima da região, em especial no que diz respeito à ocorrência de chuvas. Nesse sentido, parece pertinente indagarmos, a princípio, sobre as razões pelas quais a personagem do romance expressava tanto ódio e revolta contra aquelas aves. Que significações imaginárias a sociedade do Semiárido brasileiro representada em *Vidas Secas* elaborou em relação àqueles pássaros que revoavam pela região em determinada época do ano? A que acontecimentos climáticos e culturais as arribações estavam associadas? Que relações se estabeleceram entre os homens e os animais no interior do Nordeste, conforme a obra *Vidas Secas*?

É preciso levar em conta que frequentemente os animais estiveram presentes em todos os momentos da história humana, agindo como sujeitos co-participantes da trama histórica. Segundo Worster (op. cit., p. 6), as plantas e os animais têm sido, quase invariavelmente, aliados dos humanos na luta para sobreviver e prosperar, assim como têm desempenhado papéis específicos no cotidiano das sociedades. Deste modo, considerando a atual conjuntura em que a historiografia se volta de forma mais sistemática para o estudo das inter-relações entre sociedades e naturezas, não há como passarem despercebidas a análise das interações entre o ser humano e outros animais quando se trata de um estudo que

se insere em tal vertente de abordagem histórica. Vale lembrar, contudo, que o nosso intuito não consiste meramente em estudar o modo pelo qual o homem, considerando-se um ser superior às demais espécies, destruiu as várias formas de vida animal visando satisfazer as suas necessidades, mas em identificar os significados culturais e simbólicos que as sociedades os atribuíram em lugares e momentos específicos da história, mais precisamente, no Semiárido dos anos 1930. Indagamo-nos sobre como esses animais foram imaginados através de valores humanos, como carregavam a marca do povo com o qual interagiam, procurando exercer uma prática historiadora que estuda a Natureza mesclando-a ao estudo da cultura e da história.

Diversos historiadores já se debruçaram sobre o estudo da presença dos animais na história, dentre os quais Alfred Crosby, autor da importante obra *Imperialismo ecológico*. Esse autor acredita que os europeus, ao cruzarem os oceanos para alcançarem novas terras, lograram êxito pela capacidade que seus animais, tanto os domesticados quanto os facilmente adaptáveis, tiveram em alterar o ambiente através da auto-reprodução. Os colonizadores que fundaram as primeiras colônias ultramarinas⁸⁰ precisavam convertê-las em algo mais parecido com a Europa e nesse sentido os animais foram muito felizes em iniciar tal mudança e o sucesso destes foi, em termos gerais, o sucesso dos europeus. Para Crosby (1993, p. 155-156), caso os colonizadores tivessem conquistado o Novo Mundo e a Austrália dispendo da avançada tecnologia dos dias atuais, mas sem a presença deles, não teriam provocado uma mudança tão intensa quanto a que causaram desembarcando com cavalos, vacas, porcos, cabras, carneiros, asnos, galinhas, gatos e outros bichos. Pela capacidade de auto-reprodução desses animais, a eficiência e a velocidade com que puderam alterar o ambiente são superiores às de qualquer máquina que o conhecimento humano tenha até hoje concebido. Nesse sentido, é possível detectar, através deste estudo, o papel biológico decisivo exercido por plantas e animais para que o processo de colonização europeia do Novo Mundo e da Austrália fosse bem sucedido. Esses animais agiram como fatores de influência fundamentais na construção do devir histórico nas colônias ultramarinas, construído em interação com os colonizadores recém-chegados e com os habitantes desses espaços. Tratava-se de uma nova forma que pactuava as relações entre

⁸⁰ O termo neo-europas é utilizado por Crosby (1993) para designar as colônias ultramarinas fundadas pelos europeus através da implantação de sua “biota portátil”. Em outras palavras, o que esteve subjacente à revolução biológica das plantas e, principalmente, dos animais, foi a localização geográfica das neo-europas, situadas em zonas climáticas semelhantes às da Europa, o que para os organismos imigrantes europeus representou vantagem que não precisa ser reiterada.

homens e animais no ambiente das colônias do Império do Ultramar, baseado na adaptação, mas também na exploração e escravização das sociedades humanas para com os bichos.

Nesse ponto, dialogamos com o conceito de “contrato animal” elaborado por Desmond Morris. Segundo esse autor, homens e animais são sócios na partilha do Planeta, aspecto a ter por base a premissa básica de que somos, antes de tudo, animais e parte constitutiva de uma biosfera interativa e interdependente, e, por essa razão, deveríamos limitar o nosso crescimento populacional de forma a permitir a coexistência com outras espécies e o equilíbrio com a Natureza. Esse “contrato” vem sendo, todavia, violado/rompido mediante o sentimento de superioridade do homem em relação às outras espécies que o tem levado a subjugar seus companheiros animais e a explorá-los repetidamente. O “contrato animal” apregoa o princípio de igualdade de consideração entre as espécies, referindo-se ao massacre dos animais como um ato do ser humano contra si próprio, praticado em razão de estar mergulhado em relações sociais marcadas por profundas disparidades. Desse modo, enxergar as outras espécies como seres passíveis de sofrimento seria um enorme passo para nos livrarmos das brutalidades que cometemos entre nós mesmos. De forma similar, Peter Singer, ao defender o *princípio da igual consideração de interesses*, leva em conta que em nossas deliberações ético-morais precisamos atribuir o mesmo peso aos interesses de todos os seres afetados pelas nossas ações, independentemente de se tratar de seres humanos ou de qualquer outra espécie⁸¹. Vale lembrar, todavia, que esses “contratos” são constantemente atualizados, por isso devem ser estudados historicamente, visto que as relações entre sociedades e animais passaram por diversas mudanças ao longo do tempo, de modo a ser possível identificar que em muitos momentos foram forjadas relações estreitas, de amor e cooperação mútua entre homens e bichos e não apenas de exploração e escravização dos primeiros sobre os últimos.

Para Keith Thomas, historicamente se elaboraram formas diversas e ambíguas de relacionamento do homem com os animais. Estudando as novas sensibilidades que emergiram na Inglaterra do início do período moderno em relação aos animais, às plantas e à paisagem, sobretudo a partir do século XVIII, esse autor observa como se estabeleceram estreitas relações entre o homem e os animais domésticos, muito maior do que pretendia a religião oficial que pregava uma estrita separação entre homem e Natureza, de modo que o relacionamento do homem com as outras espécies foi redefinido e o seu direito de explorá-las em benefício próprio se viu amplamente contestado. Não há dúvida que aqueles seres

⁸¹ Sobre os direitos reservados aos animais, foram elaborados dez mandamentos que poderão contribuir para que respeitemos os contratos animais em todos os aspectos. Ver: Morris, 1990.

humanizados eram criados por razões sentimentais na Inglaterra daquele período e não apenas por objetivos econômicos. É certo que eles existiam para trabalhar e servir de alimento, quando não para ambas as coisas, porém, as experiências do homem com os bichos não se restringiam somente a isto. Eles fizeram parte do cotidiano e da história do homem e múltiplos significados, atitudes e percepções a eles foram atribuídos por aquela sociedade.

Nessa visão, os olhares lançados para analisar as relações entre os homens e os animais do Semiárido, por meio das imagens configuradas em *Vidas Secas*, não se baseiam apenas na ética da superioridade e da dominação humanas, sob o prisma da ideia judaico-cristã de que os animais existiam apenas para o usufruto do homem, seja para a labuta ou para a alimentação, concepção reforçada, a partir do século XVII, pela doutrina mecanicista cartesiana que considerava os animais como máquinas ou como seres desprovidos de sentido. Essa percepção degradou ainda mais os bichos em contraste com os seres humanos e aprofundou o abismo entre os homens e os animais (THOMAS, 1988, p. 18). Contudo, o nosso objetivo neste trabalho consiste em identificar como os significados atribuídos aos animais expressavam a cultura da sociedade representada e de que forma esses sentidos e imaginários estiveram articulados com a interação do homem com a Natureza semiárida. Dessa forma, estamos considerando não apenas que degradou a Natureza, incluindo as espécies animais, mas o modo como a sociedade semiárida imaginava/percebia os animais e que hábitos culturais foram forjados em consonância com essas formas de atribuir sentidos às outras espécies, o que nos leva a compartilhar com a ideia de Schama (1996) de que ao longo da história os hábitos culturais que caracterizaram as sociedades não consistiram apenas em destruir o ambiente com o qual interagiam.

Segundo Thomas (1988, p. 19), “é impossível desemaranhar o que as pessoas pensavam no passado sobre as plantas e os animais daquilo que elas pensavam sobre si mesmas”. Nesse sentido, ao refletirmos sobre a forma como os animais do Semiárido foram representados em *Vidas Secas*, estamos acionando algumas manifestações do imaginário da época em que esse romance foi escrito. Assim, quando a personagem Fabiano chorava pelo gado e pelos animais feridos que deixou para trás ao abandonar a fazenda, por certo levava em conta que a sua função era permanecer trabalhando na fazenda, cuidando dos bichos, servindo ao patrão, pois acreditava que era sua sina, que foi para isso que havia nascido e não conseguia conceber a sua vida sem a convivência com aqueles bichos com os quais se identificava até mais do que com muitos dos sujeitos da sua própria espécie. Nesse ponto, vale lembrar, conforme explicitamos anteriormente, os fatores que contribuíam, em *Vidas*

Secas, para Fabiano se autoperceber como um bicho, o que remete às condições subumanas nas quais vivia. Isso porque não obstante nessa obra a personagem apareça como um homem, poucas vezes ela assim se reconhecia, preferindo considerar-se semelhante a um animal, a uma coisa ou a um bicho da fazenda, tamanho era o grau de inferioridade dessa personagem em relação aos demais sujeitos que detinham a posse da terra e das demais riquezas e, por conseguinte, usufruía do poder de dominá-lo e de humilhá-lo.

É importante salientar que esse ideal do predomínio humano sobre os outros seres, cujas bases se encontram na religião ocidental e foi corroborada com as propostas de Descartes no século XVII, também repercutiu no relacionamento dos homens entre si e não somente no modo como tratavam os animais e os demais elementos do mundo natural. Com efeito, para Thomas (1988, p. 53-56), o trato de rebanhos de animais domésticos permitiu a emergência de uma concepção política como espaço da intervenção e da técnica humanas e o domínio do homem sobre os demais seres da Natureza forneceu a analogia mental em que se basearam vários arranjos políticos e sociais, de modo que alguns homens passaram a ser percebidos como úteis, a serem refreados, domesticados, tornados dóceis e fiéis ao seu senhor. Nesse sentido, a análise da analogia de Fabiano com os animais, abordada em *Vidas Secas*, pode demonstrar não apenas aspectos do imaginário da época relacionados com a fauna do Semiárido, mas fornece também as bases para percebermos como se estabeleciam as relações entre os próprios homens naquela sociedade, em geral, perpassadas por profundas desigualdades sociais e de exploração econômica por parte de um grupo privilegiado, a saber, o dos grandes senhores de terras da região. Uma vez que o vaqueiro se autopercebia como bicho, supostamente vivendo sob uma condição animal, legitimava os maus-tratos, a espoliação econômica, a miséria, a pobreza e as humilhações que caracterizavam o seu cotidiano no espaço sertanejo. Basta observar que era por assumir essa identidade de “bruto”, de animal do sertão que Fabiano se resignava diante das “descomposturas” do patrão.

Evocamos também, aqui, a análise feita por Gilberto Freyre em relação à presença dos animais na configuração da “civilização do açúcar” no Litoral nordestino. A obra *Nordeste* consiste em uma análise de ecologia social por meio da qual o sociólogo procurou sensibilizar os brasileiros para a degradação do ambiente da região. Neste trabalho, Natureza e cultura se entrecruzam no trabalho de Freyre quando busca realçar a forma como o privilégio da cultura de uma única espécie, a saber, da cana-de-açúcar, alterou profundamente o ambiente do Nordeste litorâneo e forjou relações de exploração do homem

com a terra, com a água, com a mata, com os animais e inclusive com os seres da sua própria espécie.

Os animais foram pensados por Freyre, no estudo supracitado, a partir de sua relação com os diversos segmentos da sociedade canavieira, como é o caso dos dois principais animais da “civilização” da cana de açúcar no Nordeste do Brasil: o cavalo e o boi. O primeiro era, segundo o autor, um animal por excelência aristocrático, cuja função consistia em estar a serviço dos defensores da Ordem sobre a massa, ou seja, estava associada à autoridade e ao domínio por parte dos senhores de engenho em relação às terras e aos moradores, tornando-se uma nota imperial na paisagem do Nordeste litorâneo; quanto ao segundo, por sua vez, acredita ter sido o animal mais útil ao sistema econômico baseado na monocultura latifundiária e escravocrata, aliado fiel do escravo africano no trabalho agrícola, na rotina da lavoura da cana, na própria indústria do açúcar, que possuía uma estranha capacidade para suportar o sofrimento e para servir ao homem. Ambos – o boi e o escravo negro – é que formaram o alicerce vivo da chamada civilização do açúcar. Nesse sentido, a imagem do aristocrata é ligada ao cavalo, enquanto o escravo negro é associado ao boi de carga (FREYRE, 1985, p. 74). Evidentemente que, nesse caso, não estamos igualando a condição do negro ao do boi, haja vista que em se tratando da espécie humana, não há como negar que mesmo vivendo sob um sistema marcado pela crueldade das relações escravistas, como propõe Certeau (1994), certamente ele agiu como sujeito de sua própria história, astuto, engenhoso, criativo, capaz de buscar nas pequenas brechas deixadas pela ordem dominante possibilidades para construir seus espaços de liberdade.

Nesse cenário, é possível perceber como esses animais expressavam a cultura da sociedade canavieira, como eram significados/imaginados pelos diversos segmentos que a compunham, assim como o modo pelo qual os variados grupos sociais atribuíam valores humanos aos animais, como é caso do exemplo acima que nos leva a considerar que assim como havia uma sociedade estratificada, hierarquizada na Zona da Mata de Pernambuco, os próprios bichos também assim eram representados.

No caso das aves de arribações representadas em *Vidas Secas*, é possível conjecturar que Fabiano e sinha Vitória as conotavam negativamente por sinalizarem para o início de mais um período de seca no Semiárido e, conforme vimos no capítulo anterior, em razão do modo como esse ambiente foi apropriado histórica e culturalmente, sem haver a devida valorização dos recursos naturais disponíveis, a seca costumava ser associada ao sofrimento, à fome, a dor e à miséria da maioria da população. Fabiano representava o grupo dos trabalhadores pobres que não possuíam terras para trabalhar, frequentemente submetidos às

mais diversas formas de humilhação e de exploração e a esperar nas chuvas a possibilidade da abundância, da fartura, da relativa estabilidade e permanência no espaço com o qual havia criado raízes. A presença das arribações naquele ambiente era, todavia, indício de que a suposta “desgraça”, no caso, a seca, chegaria em breve e mais uma vez deveriam fugir daquele espaço em busca de outro lugar onde pudessem recomeçar a vida, aspecto a nos permitir compreender o que essas aves representavam na sociedade do Semiárido configurada em *Vidas Secas*, assim como o comportamento dos protagonistas da obra em relação a esses pássaros.

Todo o sentimento de indignação de Fabiano contra os bandos de arribações que passavam pela fazenda e, de imediato, “seguiram viagem para o sul” (RAMOS, op. cit., p. 108) está relacionado com a decepção daquela família por constatar que mais uma vez precisaria migrar por ocasião da chegada da seca, arribar como aquelas aves em busca de melhores condições de sobrevivência. Nesse ponto, nota-se uma importante variável a permear a narrativa do romance: o sentimento de apego ao sertão semiárido, a forma como as personagens se mostravam ligadas ou presas à terra, estabelecendo com ela certos laços de topofilia, de amor ao lugar onde viviam. Compreende-se por topofilia, segundo Yu-Fu Tuan (1980, p. 106-107), todas as manifestações do amor humano pelo lugar. A palavra topofilia (*topo* = lugar, *filia* = familiaridade) é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. O sentimento topofilico é complexo, sendo marcado por amplitude, variedade e intensidade distintos. Em sentido inverso, Almeida (2008) realça que o homem também pode perceber o ambiente com sentimentos negativos, o que é denominado de topofobia (*topo* = lugar, *fobia* = aversão). Assim, a revolta de Fabiano e de sinha Vitória contra as aves de arribação, na realidade, era a desilusão ante a certeza de não mais poderem permanecer naquele chão sobre o qual já haviam fincado raízes, de que em breve precisariam, assim como aquelas aves, partirem de sua terra levando sentimentos de tristeza e saudades.

Conforme explicitamos nos capítulos anteriores, o Semiárido recebia conotações diversas por parte das personagens de *Vidas Secas* que tendiam a variar de acordo com a estação climática vivenciada, no caso, se tratava-se de períodos de seca ou de “inverno”. De forma similar, a relação dos homens com os animais representados no romance também era mediada pelo modo como esses últimos estavam associados ao clima da região, ou seja, as significações imaginárias atribuídas aos animais do Semiárido pelas personagens da obra ora analisada, assim como as atitudes do homem em relação a eles, dependiam do modo

como estavam relacionados ou representavam o período de seca ou de “inverno” naquele espaço. Nessa direção, se a forma como esse ambiente foi apropriado social e culturalmente fazia com que o período de seca fosse marcado pela fome, miséria, sofrimento, instabilidade e migração, os animais que sinalizavam para a chegada dessa estação eram significados em consonância com as imagens negativas a ela atribuídas; o inverso também ocorria em relação ao período chuvoso, que significa alegria, fartura, estabilidade e prosperidade.

É possível perceber como os sentidos e sentimentos que mediavam as interações das personagens representadas em *Vidas Secas* com os animais da Caatinga, em geral, tinham como principal referência as cartografias toponímicas historicamente construídas no Semiárido, o desejo dos sertanejos de permanecerem vinculados àquela terra, sem necessidade de enfrentarem a dor de abandoná-la durante os períodos de seca. Nesse sentido, torna-se pertinente indagar as razões pelas quais, mesmo com todas as dificuldades de convivência do homem com esse ambiente de semiaridez, persistia em se manter preso à terra, buscando extrair dela o seu sustento, construindo fortes laços de apego ao lugar onde vivia. Pode-se afirmar que mesmo quando os sertanejos representados em *Vidas Secas* migraram da Caatinga para outros lugares por conta da chegada da seca, não mantinham sentimentos toponímicos com aquele lugar, mas continuavam amando-o e carregavam consigo sentimentos toponímicos de amor e de apego à terra sertaneja. Pode-se inclusive afirmar, embora não seja o caso dessa obra de Graciliano por razões ligadas à postura ética e política do escritor que não o permitiam perceber possibilidades de transformação positiva da vida no meio rural do Nordeste e, por isso, arquitetava outros sonhos para as personagens em uma cidade grande, que muitos dos sertanejos que partiam para outras regiões do país, levavam consigo a esperança de um dia retornarem à sua região⁸².

Nesse cenário, o objetivo deste capítulo consiste em analisar as imagens atribuídas aos animais do Semiárido pelos diversos segmentos sociais representados em *Vidas Secas* e o modo como esses significados estavam articulados com a cultura e o modo de vida dos sertanejos, assim como pelo desejo de permanecerem ligados à terra semiárida. Para tanto, procuramos identificar de que forma o romance representa a interação do homem com os bichos, problematizando questões como apego a terra, relações sociais e ainda com os debates que se encontravam na ordem do dia quando a obra foi escrita em torno do estabelecimento do patrimônio natural e da identidade do país e a forma como o Semiárido

⁸² Sobre os sentimentos de saudade e tristeza de uma família de sertanejos que deixam a sua terra, sem esperanças da chegada das chuvas e parte para a cidade de São Paulo em busca de melhores condições de vida, vislumbrado, todavia, a oportunidade de um dia retornarem à sua terra, ver o interessante poema-canção de Patativa do Assaré, *Triste Partida*. Ver: ASSARÉ, 1978.

era situado em relação a esses projetos de Nação em vigor no decorrer dos anos 1930. Desta forma, é possível analisar por meio do romance como as relações entre o homem e os animais do sertão se articulam com as representações elaboradas pelo sertanejo a respeito da Natureza e com as práticas de permanecer ou não vinculado à terra. Assim, procuramos detectar as significações imaginárias elaboradas pelas personagens desse romance a respeito do gado, das aves de arribação, da cachorra Baleia, dos urubus, dos tatus, dos preás, do papagaio e do cavalo. Por fim, procedemos a uma análise de como o Semiárido brasileiro foi relegado ao segundo plano nos debates acalorados sobre o estabelecimento do patrimônio natural e da identidade nacional na década de 1930.

4.1 “O MUNDO COBERTO DE PENAS”: AS REVOADAS DAS AVES DE ARRIBAÇÃO

Na “brancura” de uma ensolarada manhã de “Outono”, surpreendidos com aquela multidão de pontilhados a animar a serena paisagem sertaneja, Fabiano e sinha Vitória, personagens de *Vidas Secas*, logo perceberam no ambiente os sinais de que provavelmente não ficariam naquela terra por muito tempo:

O mulungu do bebedouro cobria-se de arribações. Mau sinal, provavelmente o sertão ia pegar fogo. Vinham em bandos, arranchavam-se nas árvores da beira do rio, descansavam, bebiam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o sul. O casal agoniado sonhava desgraças. O sol chupava os poços, e aquelas excomungadas levavam o resto da água, queriam matar o gado. (RAMOS, op. cit., p. 108)

O trecho acima faz referência à passagem das aves de arribação pelo sertão às vésperas de mais um período de seca. Em razão da mudança de estação, por constatarem que “em redor não havia comida” e a escassez de suprimentos nesse ambiente logo se intensificaria, esses pássaros resolveram alçar voos em busca de um lugar mais seguro onde pudessem tecer os seus ninhos. A partir do aparecimento dessas aves à fazenda, Fabiano e sinha Vitória constatarem que certamente “não permaneceriam ali muito tempo”, concluíram que a presença súbita daqueles pássaros era um “mal sinal”, um indício de que “provavelmente o sertão ia pegar fogo”. Para as personagens, aquelas “excomungadas” prenunciavam “desgraças”, “desânimo”, “agonia” e “desassossego”. Feito então o prognóstico sob aqueles resolutos raios de sol a aquecer as terras do sertão e decifrado os sintomas que a Natureza exprimia, passaram a conjecturar misérias (Ibidem, p. 109; 118).

A citação da obra *Vidas Secas* deixa entrever, pela descrição do modo como o homem do Semiárido atribuía sentido às aves, como elas eram significadas consoante os aspectos da cultura, do cotidiano e do modo de vida desses sertanejos. Se o sertão ia “pegar fogo”, ou seja, se mais uma vez a seca chegaria à região para provocar histórias devastadoras de fome e miséria, então os sentimentos de medo e de tristeza já eram vivenciados antecipadamente por aquelas personagens do romance ao interpretarem os sinais da Natureza. As aves de arribação prenunciavam tempos de instabilidade, de insegurança, de migração, que os sertanejos representados nesse romance, apesar de já apegados àquela terra, teriam que deixá-la e partirem em busca de melhores condições para tecerem os seus ninhos, para sustentarem e educarem os seus filhos, para garantirem a sua subsistência. Isso porque a presença desses pássaros era o indício de que os tempos do “inverno” com sua relativa fartura de água e de alimentos já haviam passado, e em pouco a família de sertanejos, assim como fizeram as arribações, perceberia que “em redor não havia comida” e resolveria seguir viagem para o sul.

A leitura dos fragmentos literários acima destacados oferece uma variada gama de representações acerca da relação entre homem, animais e Natureza no Semiárido, sendo também portadora de aspectos do imaginário social específico ao decênio de 1930 a informar a respeito do presente da sociedade na qual a obra foi tecida. De acordo com a narrativa, se os sertanejos não partissem em busca de outros territórios para viverem, iriam “ser comidos pelas arribações” (Ibidem, p. 113), “excomungadas” que não apenas matariam o gado, mas também os próprios seres humanos que habitavam aquele lugar. Essa metáfora pode ser traduzida através da noção de que se aquelas aves simbolizavam a chegada da seca, período marcado por consequências devastadoras como fome, morte e epidemias no Semiárido, em razão da maneira como esse ambiente foi apropriado culturalmente, então, por essa razão, segundo a narrativa, as arribações matariam o gado e as populações desse espaço.

A ave de arribação, também conhecida como avoante ou pomba de bando e classificada cientificamente como *Zenaida auriculata Noronha*⁸³, corresponde a uma espécie migratória de pássaro que se movimenta cíclica e sazonalmente em grandes bandos pela região zoogeográfica do Cariri, acompanhando o ritmo das chuvas no Semiárido

⁸³ A denominação “noronha” é utilizada não por acaso, mas porque foi no arquipélago de Fernando de Noronha que o primeiro exemplar dessa espécie foi capturado. Essas aves fazem parte da mesma família das pombas, alterando-se apenas a subespécie.

brasileiro⁸⁴ (PAIVA; CAMPOS, op. cit.). Com efeito, como o seu padrão de migração é definido pelo regime de chuvas na região, elas apareciam durante o fim do “inverno”, buscando os lugares onde havia abundância das sementes preferidas para a sua alimentação e dos seus filhotes, logo acompanhando a frutificação da flora no sertão semiárido. Deste modo, curiosamente, o período de fartura de alimento para essas aves coincide com o momento que para o homem representa justamente o contrário: a seca, a escassez, a fome, etc (ALVES, 2004). Assim, constata-se que a experiência do homem e dessas aves no Semiárido, em especial, em fins do período chuvoso, era vivenciada de forma diametralmente distinta entre ambas as espécies. Para as aves, o fim do “inverno” prenunciava um tempo de prosperidade, de perpetuarem a espécie, de encontrarem alimentação abundante, de orquestrarem uma bela sinfonia compondo um espetáculo de vida alada a desabrochar sob os ares do sertão. Para o homem, todavia, essas aves prenunciavam um tempo de “desgraça”, “miséria”, “fome”, “epidemias”, “morte”, a bem dizer, a chegada da seca com seus “terrores”.

A avoante (ou pomba de arribação), conhecida pelo homem comum do Semiárido, econômico em suas palavras, simplesmente como “ribeirão”, destaca-se em importância no conjunto da avifauna regional. De ocorrência periódica, chegam em bandos migratórios e formam os conhecidos pombais, colônias para reprodução no espaço das Caatingas. Até a década de 1960, era considerada uma das aves mais abundantes do Nordeste do Brasil e serviam de alimento para os sertanejos pobres da região, como era o caso da família de Fabiano, conforme a narrativa de *Vidas Secas*:

Alargou o passo, desceu a ladeira, pisou a terra de aluvião, aproximou-se do bebedouro. Havia um bater doido de asas por cima da poça de água preta, a garrancheira do mulungu estava completamente invisível. *Pestes. Quando elas desciam do sertão, acabava-se tudo. O gado ia finir-se, até os espinhos secariam.*

[...]

Fabiano sentou-se desanimado na ribanceira do bebedouro, carregou lentamente a espingarda com chumbo miúdo e não socou a bucha, para a carga espalhar-se e alcançar muitos inimigos. Novo tiro, novas quedas, mas isto não deu nenhum prazer a Fabiano. Tinha ali comida para dois ou três dias; se possuísse munição, teria comida para semanas e meses. [Grifos nossos] (p. 110)

A quantidade de aves que se achegavam à fazenda parecia não ter fim. O discurso indireto livre da narrativa demonstra que Fabiano estava certo de que quando aquelas “pestes” revoavam aos bandos do sertão “acabava-se tudo”, os animais “iam finir-se, até os

⁸⁴ A província zoogeográfica do Cariri compreende uma das circunscrições feita na América Latina para fins de estudos ornitológicos e abrange todo o domínio das Caatingas. É importante ressaltar, contudo, que essa espécie se distribui em quase todo o território brasileiro, principalmente em campos naturais como cerrado e caatinga, havendo também ocorrências dela em áreas de cultura agrícola e pastoreio, e até nos centros urbanos.

espinhos secariam”, os próprios seres humanos também seriam incluídos nesse rol de devastação, caso não deixassem aquele lugar. Fabiano destruía aqueles pássaros, considerando-os como “inimigos”, “pestes”, apenas por coincidirem com a chegada do período da seca. Nesse sentido, homem, animais e ambiente interagem na narrativa, suas vivências se entrecruzam, configurando na obra literária percepções, fragmentos e manifestações do imaginário social do Semiárido da época. A sensação de Fabiano de que aqueles pássaros trariam a destruição para o sertão certamente era influenciada pelas camadas de memória atualizadas a evocarem o sofrimento, a miséria e a fome que no passado marcaram a vida e a paisagem sertanejas durante as longas estações de seca.

Nesse ponto, nota-se que embora as arribações estivessem cumprindo um ciclo que lhes era natural, a saber, a prática da migração sazonal, o homem a significava negativamente por considerar que eram elas que traziam a seca e a devastação econômica e biológica para o Semiárido. Daí uma das razões pela qual Fabiano tentava combatê-las, pôr fim a todas elas, pois embora percebesse que eram inúmeras e não daria conta de destruí-las, tinha a sensação de que se as matasse possivelmente a seca demoraria mais a chegar e ele permaneceria por mais tempo com a família na fazenda. Entretanto, a coincidência da passagem desses pássaros pelo sertão com o início do período da seca tem feito com que estejam vulneráveis à caça indiscriminada, que não se restringe apenas à alimentação pelos sertanejos pobres, mas hoje representam o pássaro mais exterminado pela caça comercial, apesar de certo controle exercido pelo IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (PAIVA; CAMPOS, op. cit.).

Conforme o trecho acima, Fabiano atirava naquelas arribações com o objetivo de alimentar-se delas, mas principalmente por conta daquele “medonho rumor de asas a anunciar destruição” (RAMOS, op. cit., p. 112), porque “não se distinguiam da seca” (Ibidem, p. 114). Nesse caso, segundo a metáfora utilizada pelo narrador de *Vidas Secas*, preferia comê-las com a família, visto que se não as comessem, “iam ser comidos pelas arribações” (Ibidem, p. 113). Nesse sentido, a caça às aves era feita não com objetivos comerciais, mas com a finalidade de alimentar-se das arribações, já que elas prenunciavam o início de mais um período de seca. Contudo, evocando Morris (1990), devemos questionar o que os animais representaram em certa sociedade durante um período específico, assim como que comportamentos tais representações suscitaram em relação a eles. No caso das aves de arribações, percebemos que embora elas apenas cumprissem uma prática que lhe era natural, a da migração, o homem do Semiárido temeroso com a proximidade da chegada da seca, em razão das consequências que ela trazia para sua vida, passou a representá-las como

parte da chegada desse fenômeno, o que o instigava a assumir atitudes e comportamentos de destruição e morte em relação às aves.

Nesse sentido, é interessante relacionar o estudo dessas aves com o ambiente climático do Semiárido e com as próprias significações imaginárias historicamente construídas em relação a esse meio natural a fazer com que seja considerado como de “tempo ruim” durante as longas secas e de alegria e fartura no período de “inverno”. Isso porque, como sugere a narrativa citada na epígrafe deste capítulo, “as bichas excomungadas eram a causa da seca, se pudesse matá-las, a seca se extinguiria” (RAMOS, op. cit., p. 113). E ainda:

- Pestes.

Impossível dar cabo daquela praga. Estirou os olhos pela campina, achou-se isolado. Sozinho num mundo coberto de penas, de aves que iam comê-lo. Pensou na mulher e suspirou. Coitada de sinha Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha. Uma pessoa de tanto juízo marchar na terra queimada, esfolar os pés nos seixos, era duro. (p. 113)

Para o vaqueiro Fabiano, a passagem daqueles enormes bandos de aves que, para ele, pareciam mais uma “praga”, era algo exterior à vontade humana, não havia como contê-las, assim como fenômenos naturais como a seca transcendem as escolhas humanas. Daí a razão por que reconhecia a triste necessidade de que deveria deixar aquele “mundo coberto de penas” e partir em retirada com a mulher e os filhos. Levando em conta a polissemia da palavra “pena”, depreende-se que o sentido semântico utilizado pelo narrador de *Vidas Secas* em “o mundo coberto de penas” parece, a princípio, remeter à ideia de pluma de aves, no caso, das arribações. Entretanto, como esses pássaros sinalizam para o início de mais uma seca que tem por corolário a fome, a miséria, o desemprego, a migração, etc, então, possivelmente, a expressão pode estar relacionada com a noção de “penar”, ou seja, “punição”, “cumprir uma pena”, o que, na visão católico-cristã de interpretação dos acontecimentos climáticos remeteria à ideia de que a seca seria uma punição divina aos pecados dos homens. Outra interpretação que o termo “pena” ainda parece conotar diz respeito ao significado dessa palavra como “dó” ou “compaixão”, no caso, prováveis sentimentos que aqueles sertanejos personagens de *Vidas Secas* expressavam com a certeza de que em breve abandonariam aquele mundo.

As significações imaginárias atribuídas pelas personagens de *Vidas Secas* às aves com as quais interagiam estão em consonância com as proposições de Baczko (op. cit. p. 311) ao afirmar que todas as épocas possuem as suas modalidades específicas de imaginar, reproduzir e renovar o imaginário. Por essa razão, é necessário valorizar “o peso do imaginário sobre as práticas colectivas”, haja vista que “as ações são guiadas pelas

representações; modelam os comportamentos; mobilizam as energias; legitimam as violências”. Os sistemas simbólicos através dos quais opera o imaginário “são constituídos a partir da experiência dos agentes sociais, mas também a partir dos seus desejos, aspirações e motivações”. Com efeito, “qualquer campo de experiências sociais está rodeado por um horizonte de expectativas e de recusas, de temores e de esperanças”.

Nesse sentido, a experiência de relacionar-se com as arribações é guiada pelo imaginário que as personagens de *Vidas Secas* elaboraram em relação àquelas aves, que se constituíam em um (mal) sinal por prenunciarem a chegada da seca e de todo o corolário a ela associado. Daí a razão pela qual a sociedade do Semiárido brasileiro representada nessa obra literária considerava as arribações como “excomungadas”, “miseráveis”, “pestes”, “inimigas”, tecendo um rendilhado de conotações negativas elaboradas naquele espaço. Eram percebidas deste modo porque a experiência cultural dos sertanejos os levava a decifrar de imediato o significado daquele espetáculo. O ritual anunciava que era chegado o tempo do vaqueiro “fugir de novo, aboletar-se noutra lugar, recomeçar a vida”. Desse modo, involuntariamente, as aves eram portadoras do lamentável prenúncio de que em breve a família seria expelida da terra na qual estava enraizada; seria retirada de um cotidiano de relativa prosperidade e permanência, como figurava o ambiente da fazenda, e mais uma vez sairiam a perambular pelos caminhos do sertão, na busca de redutos de felicidade.

A metáfora das aves de arribação cartografada na obra assume particular relevância para discutirmos a migração dos sertanejos do Semiárido para outras regiões. Isso porque, ao compasso das revoadas desses pássaros, o homem também migrava periodicamente com destinos variados e, por vezes, incertos, conforme vimos no primeiro capítulo, arquitetando o sonho de encontrar um lugar mais favorável à sua sobrevivência. Assim como aqueles seres alados deixavam o ninho laboriosamente construído nas terras de Caatinga, os moradores do Semiárido, nos períodos de seca, forçosamente, tinham que deixar o lugar onde viviam, em razão da escassez que enfrentavam por ocasião da seca. Entretanto, ao contrário daqueles pássaros que dispunham de relativa liberdade para tecer os seus ninhos e migravam em busca dos alimentos favoritos, os sertanejos, como bem representa o narrador de *Vidas Secas*, estavam aninhados em terras alheias e tudo o que possuíam era propriedade do “patrão”. Precisariam, portanto, edificarem um ninho próprio.

Uma das possibilidades de interpretação da expressão o “mundo coberto de penas”, utilizada pela voz narrativa de *Vidas Secas* remete-nos à ideia de que tanto homens quanto pássaros, com a chegada da seca, alçariam voos em busca da liberdade, deixando apenas suas “penas”, seus rastros e suas marcas impressos na paisagem sertaneja. Nesse caso, para

além de buscarmos reduzir o texto histórico ao literário, não há como desvencilharmos o papel político e ético de Graciliano Ramos, dentre muitos outros intelectuais da época, exercido durante o Estado Novo, dos temas relatados nessa narrativa. O estudo de alguns aspectos de sua biografia poderá nos esclarecer as nuances que permearam a configuração do romance. Isso porque buscou conciliar o seu ofício de literato com o de homem público que ocupou cargos oficiais do Estado, além de militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), defendendo a possibilidade de criação estética impregnada por uma perspectiva histórica e uma concepção de arte que deveria buscar subsídios e inspiração no mundo vivido (FERNANDES, 1998, p. 30-34).

No caso do romance nordestino, Graciliano o concebia enquanto um valioso instrumento para fazer conhecer a realidade particular vivida pelos homens e mulheres pobres dessa região e para tecer histórias que muitos se aborreciam em saber que elas denunciavam uma realidade. Contudo, nesse ponto, vale lembrar que embora esse escritor tivesse as suas raízes culturais referenciadas no Nordeste e os seus temas versassem muitas vezes sobre as paisagens naturais e sociais dessa região, não se projetavam apenas para questões limitadas às premissas regionais. Isso porque sua militância à frente do Partido Comunista o fazia defender princípios universais, buscava uma dimensão ampliada do ser social, que deveria humanizar-se nas suas relações de sociabilidade; a visão libertária defendida por Graciliano o levava a identificar opressores nas elites e oprimidos entre os trabalhadores, os populares, as categorias sociais que estavam à margem do poder político e econômico exercido pelas elites, e isso, referindo-se não apenas ao Semiárido brasileiro. Nesse sentido, não se encontra na obra de Graciliano uma preocupação em restaurar o poder de uma parcela da elite econômica decadente do Nordeste, tampouco em manter a hierarquia desse grupo ou ainda expressar certo saudosismo em relação a um passado no qual esteve no poder, como o fizera talvez um José Lins do Rego em torno do declínio dos grupos de elites ligados à economia açucareira no Litoral do Nordeste. Pelo contrário, quando ocupou o cargo de Prefeito do município de Palmeira dos Índios, em Alagoas, adotou uma prática de administração que visava a democratização do espaço público e a honestidade no gerenciamento das coisas públicas, o que o fez criar inimizades por não se mostrar disposto a agradar figurões (Ibidem, loc. cit.).

Nesse sentido, a expressão “o mundo coberto de penas” utilizada na narrativa de *Vidas Secas* nos remete à ideia de que a família de sertanejos protagonista da obra migrava, assim como as aves de arribação, em busca da liberdade, da cidadania, da construção de novos projetos de felicidade em outras regiões do Brasil que não no Semiárido rural.

Considerando a trajetória de Graciliano Ramos enquanto literato, homem público e militante do Partido Comunista, é possível interpretar esse romance como um esforço de denúncia da condição a que foi reduzido o trabalhador do Semiárido brasileiro, oprimido pela brutalidade das relações sociais e subjugado ao mandonismo característico do sertão da época. Nesse ponto, convém evocar as várias passagens do romance em que as personagens não dominam os códigos linguísticos das pessoas da cidade para dialogarem, explicarem-se ou até para se defenderem, como é o caso de Fabiano com o patrão ou com o soldado amarelo. Considerando-se que a palavra pode funcionar como uma arma de poder por parte dos grupos que a dominam sobre as categorias sociais que não a decodificam, nota-se que, provavelmente, quando o narrador de *Vidas Secas* relatou a dificuldade do vaqueiro em utilizar a linguagem para se explicar em situações embaraçosas, buscou demonstrar como não dispor do domínio da linguagem abria caminhos para a personagem ser subjugada, humilhada, incompreendida, para permanecer na mesma condição de imobilidade social e não lograr ascender ou ultrapassar as condições socioeconômicas nas quais viviam. Assim, talvez o escritor Graciliano Ramos procurou, por meio da descrição dessas situações, denunciar a falta de acesso à educação que permitisse liberdade e dignidade aos homens e mulheres pobres que moravam no campo. Entretanto, é preciso levar em conta que a palavra muitas vezes foi utilizada por Fabiano como uma astúcia para expressar submissão e obediência, mesmo quando o que pretendesse expressar através da linguagem fosse, na realidade, o sentimento de revolta e indignação contra as injustiças.

É por essa razão que o narrador de *Vidas Secas* associa a personagem Fabiano como vivendo sob condição semelhante a dos bichos: “ – Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. [...] E, pensando bem, ele não era um homem” (RAMOS, op. cit., p. 18), não tinha onde morar, o que comer, era humilhado, “provavelmente não seria um homem: seria aquele mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia” (Ibidem, p. 24). Nesse ponto, emerge das páginas do romance uma contundente crítica social à época em que foi escrito: trata-se da animalização do humano que induz à submissão, já que suas condições se igualavam às dos animais. Almeida (2008, p. 119) observou essa semelhança entre o vaqueiro Fabiano e os animais em seu físico e em suas atitudes de embrutecido que lembravam mais um animal do que um ser humano. Por outro lado, também notava que como homem, construía esperanças de a sua vida mudar no futuro, sua mulher e seus filhos ficariam robustos e com saúde, e a esses últimos iria ensinar-lhes seu ofício de vaqueiro; como ser humano expõe também sua revolta, sua indignação e sua dor contra as injustiças dos poderosos, porém sem reagir publicamente. Em relação às

crianças, a autora também observa que estas não tinham nome, identidade ou fisionomia própria da infância. Enquanto a personagem da cachorra, por exemplo, era nomeada de Baleia, os filhos de Fabiano não o tinham e eram tratados apenas como “menino mais velho” e “menino mais novo”.

Nessa direção, há que se considerar o modo pelo qual Graciliano, em razão de sua ligação com o Comunismo, concebia a construção literária enquanto uma forma de compreender as relações sociais e de poder, não aceitava a história como depositária dos vencedores, denunciava e propunha uma perspectiva de libertação dos oprimidos sem com isso construir uma visão idílica desse homem. Acreditava que a denúncia dessas relações de opressão que marcavam a sociedade do Semiárido brasileiro não poderia ser alcançada emprestando ao homem feições e caráter que não comportasse. Assim, quando Graciliano expressou, através da obra *Vidas Secas*, a maneira como o homem era animalizado, embrutecido pelas relações sociais de opressão as quais era submetido no sertão semiárido, tomava por base referenciais e projetos que visavam a libertação das amarras do sistema capitalista, acreditando, não obstante o fracasso de algumas propostas comunistas/socialistas da época, depois da instauração do Estado Novo enquanto um regime ditatorial, na possibilidade de mudança, de transformação de um sistema alienante e subjogador para outro que se pretendia igualitário e libertador (FERNANDES, op. cit., p. 43; 47).

Graciliano Ramos se mostrava insatisfeito com as injustiças e desigualdades sociais características do Nordeste, a cada dia marcada por maior acumulação burguesa em seu meio rural, enquanto, em constraste, aumentavam a fome, a miséria, as doenças e os demais problemas sociais que atingiam a população pobre. Criticava certo patriotismo estéril a pontuar a política do Brasil naquele período, considerando-o incapaz de executar um projeto amplo e efetivo de cidadania a retirar a maioria das pessoas que estavam à margem da sociedade, da participação nas decisões políticas e na divisão das riquezas do país. *Vidas Secas*, assim como as demais obras desse escritor, refletem uma percepção crítica muito perspicaz em relação às condições de vida da população do Semiárido formada, nos idos de 1930, por uma maioria de homens e mulheres pobres e analfabetos para os quais a condição de cidadão em geral tendia a ser negada. Além disso, conforme observamos, a contundência da crítica social do literato não se limitou apenas a isso, visto que quando assemelhou as personagens de sua obra aos bichos, por exemplo, considerando Fabiano como “governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia”, colocava em questão a negação da própria condição de ser homem, de suprir suas necessidades básicas de subsistência, de atuar como

agente de sua própria história, com desejos, vontades e anseios passíveis de serem realizados.

Mas o narrador de *Vidas Secas* ainda concebe uma crítica social a transcender a ideia de zoomorfização do homem, haja vista fazer uma analogia das pessoas com as coisas, conforme a passagem seguinte: Fabiano se sentia “uma *coisa* da fazenda, um *traste*, seria despedido quando menos esperasse. Ao ser contratado, recebera o cavalo de fábrica, perneiras, gibão, guarda-peito e sapatões de couro cru, mas ao sair largaria tudo ao vaqueiro que o substituísse” [*Grifos nossos*] (RAMOS, op. cit., p. 23). Do mesmo modo, como foi explicitado no primeiro capítulo, o patrão o extorquia nas contas da partilha dos animais que valeriam como forma de pagamento pelo seu trabalho, o “produto das sortes” que deveriam corresponder a “quarta parte dos bezerros e a terça parte dos cabritos” (Ibidem, p. 92). Contra essa situação, indignado diante da condição sob a qual vivia, o vaqueiro expressava a sua revolta: “Se lhe dessem o que era dele, estava certo. Não davam. Era um *desgraçado*, era como um *cachorro*, só recebia *ossos*. Por que seria que os *homens ricos* ainda lhe tomavam uma parte dos *ossos*?” [*Grifos nossos*] (Ibidem, p. 96).

Nos trechos do romance destacados acima, o cavalo de fábrica, assim como os demais apetrechos necessários ao ofício de vaqueiro, simbolizava a condição de instabilidade na ocupação exercida por Fabiano. Sabia que estava ali provisoriamente, que a qualquer momento poderia ser despedido, sentia-se, por isso, uma “coisa”, um “traste”, um “desgraçado”, um “cachorro”, para quem nem o mero produto do seu trabalho recebia com justiça, no caso, os bezerros e os cabritos que em tese deveriam lhes pertencer. Daí o motivo pelo qual a voz narrativa de *Vidas Secas* questiona por que sertanejos pobres como Fabiano recebiam somente ossos, à maneira de um cachorro, e mesmo assim os *homens ricos* ainda lhe tomavam uma parte desses restos de comida a que tinham direito. Certamente, por compartilhar com certas ideias ligadas ao PCB, do qual era membro, Graciliano denunciava a perversidade do sistema capitalista que reificava o homem, desumanizando-o, negando-lhe as condições básicas de subsistência, de uma organização social caracterizada por extremas desigualdades entre os segmentos que a compunham e na qual as riquezas estavam concentradas nas mãos de poucos. Desse modo, tratava-se de um escritor militante, engajado, que utilizava a literatura como um instrumento para reivindicar igualdade de direitos de cidadania, liberdade e dignidade para todos.

É preciso ressaltar que a contundência da crítica de Graciliano Ramos, expressa através da narrativa de *Vidas Secas*, não se traduzia sob a forma de fatalidade ou pessimismo, haja vista que a postura política por ele defendida, amplamente influenciada

pela energia social da época, era de que o PCB – mesmo que nutrisse divergências quanto a muitas diretrizes desse Partido – seria uma força criadora capaz de mudança ou transformação daquela realidade perversa, de devolver o estatuto de humanidade para todos os homens. Esse literato, embora escrevesse a partir dos valores comunistas de sociedade, não compactuava com ideias idílicas que marcaram, em larga medida, a visão política de muitos intelectuais da esquerda brasileira da época. As narrativas literárias que escreveu concebiam o mundo enquanto passível de transformação, não obstante tivesse dúvidas quanto aos meios que se gestavam no Brasil da época para esse fim. Conforme vimos no primeiro capítulo, o país passava por profundas mudanças econômicas, sociais, políticas e técnicas ao longo da década de 1930. Primeiro, acreditou-se que a “Revolução” de 1930 traria mudanças na estrutura oligárquica em vigor, no entanto, o Estado apenas reestruturou-se com a finalidade de continuar servindo as elites que exerciam o poder político e econômico no Brasil; depois, com a instauração da ditadura do Estado Novo, a constituir parte de uma estrutura perversa a fortalecer uma sociedade em que a maioria permaneceu excluída. Dessa forma, embora se pretendesse construir uma “Nação moderna”, a realidade brasileira marcada por profundas disparidades sociais e econômicas parecia desconhecida desses projetos de modernização. Daí a razão por que alguns intelectuais politicamente engajados que viveram nesse período, como foi o caso de Graciliano, animaram-se em tomar como referência alguns aspectos dessa realidade para compor as suas tramas literárias.

Não obstante o fracasso de algumas propostas do PCB, ao longo dos anos 1930, Graciliano Ramos ainda expressava o seu otimismo em relação à possibilidade de mudança da sociedade brasileira, em especial da nordestina. No trecho a seguir, destacado de *Vidas Secas*, constata-se com clareza o teor da esperança de transformação nutrida pelo literato quando relata a vontade que o vaqueiro Fabiano tinha de vencer a seca e os problemas sociais enfrentados: “Não queria morrer. Estava escondido no mato como tatu. Duro, lerdo como tatu. Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem” (Ibidem, p. 24). Nessa passagem, o narrador do romance, ao assemelhar a condição daquela família de sertanejos a um animal, no caso, um tatu que vivia isolado, deixa entrever a expectativa de que um dia sairia de sua toca, transformar-se-ia efetivamente em um homem. Dessa forma, não é apenas o mero ofício de literato que se configura nessas páginas, mas a visão política e engajada a permear a obra do escritor, de modo que mesmo reconhecendo os contratemplos por que havia passado o ideário do PCB naquela época, ainda lhe parecia restar esperança de liberdade, igualdade e dignidade para os trabalhadores, o que pode ser

constatado através da expressão “um dia sairia da toca”, ou seja, por mais indefinido que esse termo pudesse parecer, era vislumbrado enquanto possibilidade, apesar das nuvens obscuras que a política ditatorial do Estado Novo pudesse turvar a percepção desse novo projeto de Nação que Graciliano Ramos delineava em suas obras literárias: uma Nação moderna, igualitária, liberta das perversidades do sistema capitalista, como a pobreza, a fome, a miséria, etc.

O narrador de *Vidas Secas* demonstra que na época em que o casal de sertanejos buscava em outra região segurança para tecer os seus ninhos e educar os seus filhos, a industrialização florescia no Sudeste do país, daí a razão pela qual parece haver um investimento de esperanças por dias melhores por parte do escritor em torno do processo de urbanização e consolidação do parque industrial brasileiro na região Sudeste, visto que, no romance, as personagens migraram para o “sul”, que passava por todo esse conjunto de transformações econômicas e tecnológicas na época, talvez percebido pelo narrador como uma etapa necessária para atingir o tempo futuro no qual supostamente predominaria a igualdade e a liberdade entre os homens. O trecho a seguir deixa entrever a renovação dos sonhos e projetos de felicidade das personagens do romance no momento em que fugiram da fazenda:

Pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa, se foi esboçando. Acomodar-se-iam num sítio pequeno, o que parecia difícil a Fabiano, criado solto no mato. Cultivariam um pedaço de terra. Mudar-se-iam depois para uma cidade, e os meninos freqüentariam escolas, seriam diferentes deles. Sinha Vitória esquentava-se. Fabiano ria, tinha desejo de esfregar as mãos agarradas à boca do saco e à coronha da espingarda de pederneira (Ibidem, p. 126).

Essa passagem faz referência ao novo projeto de vida que aos poucos se esboçava quando aquela família de sertanejos deixou a fazenda e migrou para o sul em busca de uma cidade “desconhecida e civilizada”, onde vislumbravam horizontes distintos para o futuro dos filhos. Isso era importante por que, até então, enquanto moravam na fazenda, submetidos às ordens do patrão, consideravam que seria “indispensável os meninos entrarem no bom caminho, ou seja, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos. Precisavam ser duros, virar tatus” (Ibidem, p. 24). Ou ainda, se levamos em conta a percepção de sinha Vitória que “dormia mal na cama de varas. Os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo” (Ibidem, p. 38). Nesse ponto, nota-se que o horizonte acanhado que os sertanejos almejavam para os seus filhos enquanto permaneciam na fazenda, baseado em uma educação voltada simplesmente para

reproduzir a condição de imobilidade social dos pais – simbolizada também pela cama de varas e pelo sonho cada vez mais distante de sinha Vitória dormir em uma cama de lastro de couro – contrasta-se com o projeto de uma “vida nova” que se ia esboçando quando a família migrava em busca de outro lugar para viver no Sul. Quando alcançassem essa “terra desconhecida”, acreditavam que “os meninos frequentariam escolas, seriam diferentes deles”, ou seja, havia a expectativa de que houvesse essa abertura para a possibilidade de ascensão social de seus filhos. Nesse sentido, na visão do narrador de *Vidas Secas*, um conjunto de sonhos, aspirações, expectativas movia aquelas personagens e as impelia a buscar novas cartografias do desejo e da felicidade.

Naquela fazenda, a família de Fabiano estava aninhada apenas provisoriamente, pois havia pousado em território que não lhes pertencia e era chegado o momento de revoar, assim como as aves de arribação, em busca de água, alimentos, educação e estabilidade, onde pudessem garantir mais do que a mera sobrevivência. Certamente alçaria voos tão altos quanto os daquelas aves, em busca da terra “distante” na qual seus filhos poderiam frequentar escolas e ser diferentes; seguiam em busca desse território imaginário de abundância e fartura, onde não seriam forçados a revoarem com tanta frequência e havia maior possibilidade de que seus sonhos fossem realizados. A revoada da família se deu por ocasião da Natureza “hostil”, “adversa” ou “inóspita” que lhe negava os seus recursos durante a seca, assim como dos problemas sociais que se intensificavam e se tornavam insustentáveis nesses períodos, impelindo-os a migrarem à semelhança daqueles pássaros de arribação.

Isto posto, retomamos a proposição de Baczkko de que “o imaginário é continuamente produzido como sendo o lugar de expressões das expectativas e aspirações populares latentes, mas também como o lugar de lutas e conflitos entre os dominados e as forças que os oprimem” (BACZKO, op. cit., p. 303). Nesse sentido, é possível articular as representações negativas atribuídas pelos sertanejos às arribações, os sentimentos de indignação e revolta contra essas aves, bem como, a seca com a qual eram associadas, como fazendo parte desse campo de conflitos e de lutas entre os segmentos integrantes daquela sociedade. Essas significações pejorativas atribuídas às aves de arribação em razão de simbolizarem a migração do Semiárido, relacionavam-se, segundo o narrador de *Vidas Secas*, com o problema das relações de poder capitalista em expansão no espaço sertanejo. Mais que isso, é preciso considerar sobretudo as especificidades naturais que dificultavam a sobrevivência dos sertanejos pobres e a fixação deles no Semiárido, em especial durante os períodos de secas. É certo que as tensões entre os grupos de poder que oprimiam os

sertanejos dessa região transformavam o seu cotidiano em miséria e sofrimento, todavia, essa situação somente se tornava insustentável durante os períodos de seca, o que nos leva a inferir sobre a influência que o ambiente exercia sobre a vida e a história nesse espaço, tanto é que muitos deles optavam por lutar contra todas essas adversidades naturais e permanecer durante todo o período de seca preso à terra.

Nessa direção, através do entrecruzamento entre animais, ambiente e história é possível notar como as atitudes e os significados atribuídos aos primeiros eram permeados pelo sentimento de apego ao lugar, de amor à terra, pelo desejo de permanecer ali fixado, sem necessidade de revoar durante a seca. Todavia, assim como as aves de arribação alçavam voos em busca de fartura e abundância de suprimentos e recursos que garantissem a sua sobrevivência e a dos filhotes, a percepção artística engajada de Graciliano Ramos construiu o esboço de uma “nova vida” para os sertanejos que migravam para o sul, desta vez com direito ao acesso à educação, ao trabalho, à liberdade e à dignidade humana. Certamente, a forma como finaliza a obra aponta para direções utópicas de um militante do PCB que acreditava em um mundo passível de transformação, de mudança de vida para aqueles há muito à margem dos projetos de nacionalidade. Todavia, o nosso objetivo, com este trabalho, não consiste em analisar até que ponto as ideias contidas na obra literária estudada esteve em consonância com a realidade da época em que foi escrita, antes, o que nos interessa é captar a energia social, a sintonia fina de um tempo, as condições históricas de possibilidades que condicionaram Graciliano Ramos a construir nesse romance projetos de felicidade para o homem, em especial, do Semiárido brasileiro.

4.2 PECUÁRIA, PATRIMÔNIO NATURAL E O “OUTRO NORDESTE”

Naquela madrugada em que migrou da fazenda com a família, pelos caminhos, o vaqueiro “ensobrava-se com a ideia de que se dirigia a terras onde talvez não houvesse gado para tratar.[...] Estremeceu, voltou-se, estirou os olhos em direção à fazenda abandonada. Recordou-se dos animais feridos e logo afastou a lembrança”, “encarquilhou as pálpebras, contendo as lágrimas, uma grande saudade espremeu-lhe o coração” (RAMOS, op. cit., p. 120). Essa passagem do romance *Vidas Secas* expressa a íntima relação que a personagem mantinha com os animais do Semiárido e os sentimentos de saudade, tristeza e compaixão que experimentava diante da necessidade de abandonar aquelas terras. Nessa obra, percebe-se que o gado exercia um papel fundamental na vida daquele sertanejo, pois significava a fixação à terra, a oportunidade de ocupação e a garantia dos meios de subsistência. Isso

porque, durante a seca, a expectativa do vaqueiro era que a Caatinga ressuscitasse e a semente de gado voltasse a povoar o curral (Ibidem, p. 15), o que deixa entrever que a chegada das chuvas ao sertão pressupõe o retorno do gado e a possibilidade de relativa estabilidade para o vaqueiro e a sua família.

Nessa visão, certamente a razão das lágrimas desse sertanejo no momento em que deixava a fazenda não era pelo valor econômico que esses animais representavam para aquele grupo, até porque pertenciam ao patrão, tampouco apenas por serem o seu meio de trabalho ou pelo receio de não encontrar outro lugar em que pudesse exercer o seu ofício de vaqueiro. Isso porque, ao que tudo indica, os bichos faziam parte do cotidiano daquela família de sertanejos que interagiam com o Semiárido sob um imaginário de topofilia, de sentimentos de apego aos animais, assim como à terra, às matas, às águas e aos demais recursos naturais que compunham esse ambiente, representando mais do que um valor econômico, mas um significado ético, estético e sentimental no cotidiano do homem sertanejo. Por essa razão, quando precisavam deixar o sertão, as personagens demonstravam lamentar em abandonar aqueles animais à própria sorte, não apenas eles, mas o lugar ao qual estavam acostumados e com o qual mantinham vínculos afetivos. Desse modo, é possível detectar que os significados e os sentimentos atribuídos aos animais, no caso, as lembranças e as saudades do tempo que compartilharam aquele espaço e nele lutaram pela sobrevivência, dependiam do modo como estavam relacionados com a permanência naquele ambiente, haja vista que mantinham com aquela terra uma relação de topofilia.

No fragmento literário destacado no início deste item, observa-se a importância que o gado exercia no cotidiano dos sertanejos. *Vidas Secas* relata o modo como as famílias consideradas de uma elite econômica do Semiárido migravam para a cidade durante as secas prolongadas na região, como é o caso do dono da fazenda que abandonou a sua propriedade para atravessar o período na cidade, os animais que criava, assim como os seus empregados que exerciam as ocupações da fazenda foram despedidos. A passagem demonstra como homem e animais eram influenciados pelas condições naturais de semi-aridez. Tanto os animais quanto o homem pobre são situados nessa obra como sujeitos à mesma condição de vulnerabilidade, miserabilidade e passíveis de terem a sua existência comprometida com a chegada da seca, de modo que a forma como atravessam esse período aparece como dependente do apego ao lugar por parte da elite proprietária de terras da região, se permanecem ou não no meio rural. Em outras palavras, tanto o homem pobre da região quanto os animais eram afetados pela seca de acordo com a maneira pela qual ela era encarada pelos latifundiários ou grandes fazendeiros que, em geral, ou vendiam a sua

criação para não perder o valor econômico que elas ainda representavam e despediam os empregados, ou permaneciam na propriedade buscando alternativas para atravessar as limitações impostas pela seca, sem optarem pela opção do êxodo. No caso do romance *Vidas Secas*, o proprietário da fazenda foi um desses muitos fazendeiros a abandonar a sua propriedade durante a seca, contudo, deve-se levar em conta que nem todos os sertanejos trabalhavam como vaqueiros no Semiárido, visto que muitos deles viviam da agricultura tradicional de subsistência, em geral, exclusivamente dependente das chuvas e, por essa razão, durante o período das longas secas, saíam a percorrer os caminhos da Caatinga.

Sobre a presença dos animais na história, é importante apreciar o papel representado pelo gado no Nordeste, em especial, no Semiárido. Gilberto Freyre (op.cit., p. 78), estudando a presença do gado, dentre outros animais, na formação da “civilização do açúcar” no litoral do Nordeste, ressalta que o gado contribuiu para alterar os principais traços da fisionomia da paisagem dessa sub-região e já chamava atenção, à época, evocando Capistrano de Abreu, para a necessidade de estudos sobre a presença do gado na construção da “civilização do couro” no interior do Nordeste, sendo assim denominada pelo exclusivismo de vida baseada fundamentalmente sobre a pecuária, culminando na formação de um tipo de organização antagônico ao da cultura canavieira que predominou no litoral. O solo sertanejo se especializou na pecuária em razão da monocultura da cana ter repellido esses animais para os sertões, do mesmo modo que as matas, os pássaros, as plantas e os indígenas ditos mais agrestes. Para Andrade (1986, p. 24-25), desde o período colonial há essa distinção entre as duas sub-regiões do Nordeste: de um lado, a Zona da Mata, com seu clima quente e úmido, e de outro, o sertão, quente, porém, seco e sujeito às longas secas. Dessa diversidade climática surgiria a dualidade consagrada pelos nordestinos e expressa desde o período colonial em dois sistemas de exploração agrário diversos, que se complementam economicamente, mas política e socialmente se contrapõem: o Nordeste da cana-de-açúcar e o do gado, observando-se entre um e outro, hoje, o da pequena propriedade e da policultura denominado de Agreste, e, ao Oeste, o Meio Norte, ainda extrativista e pecuarista.

Enquanto Gilberto Freyre estudou as bases da formação da sociedade canavieira do litoral do Nordeste, Djacir Menezes se dedicou à análise econômica e ecológica dos diversos processos históricos de ajustamentos que forjaram o que denominou de “outro Nordeste”, expressão utilizada para distinguir o Nordeste da pecuária da sub-região onde se consolidou as bases da chamada civilização do açúcar. Esse autor destacou o papel social e civilizador do gado e, posteriormente, do algodão, como culturas por excelência da Caatinga

e como agentes definidores e poderosos da “civilização do couro”. As grandes vias colonizadoras dessa sub-região do Nordeste foram as terras necessárias à criação do gado, as amplas e livres pastagens que possibilitaram a formação de um sistema de vida diverso nucleado em torno dos currais, nas distantes e movediças zonas de fronteiras, enquanto na Mata e no Brejo se expandia a economia agrícola. Vale lembrar que a princípio, a criação do gado nas caatingas coexistiu com uma frágil agricultura de subsistência (MENEZES, 1970, p. 37).

A partir do século XIX, contudo, a crise mundial do algodão desencadeada devido a Guerra de Secessão nos Estados Unidos⁸⁵ provocou sensíveis modificações na economia rural do Nordeste pastoril e, conseqüentemente, na estrutura incipiente de sua sociedade. Esse processo ocorreu quando fábricas britânicas voltaram a se abastecer nos mercados brasileiros, de modo que não é possível compreender o desenvolvimento da cultura algodoeira no interior do Nordeste sem considerar as correspondências entre tais fenômenos e a economia mundial, liderada pelos países industrializados. Nesse sentido, o gado, e posteriormente, o algodão, foram as bases da construção de uma civilização *sui generis* nas zonas semiáridas, em que grande parte da população foi formada pelo contingente indígena utilizado no trabalho relativamente indisciplinado das fazendas, mas tendo também recebido influências das etnias africanas (Ibidem, p. 76-77).

Nesse cenário, um aspecto importante a ser considerado diz respeito aos debates em torno da construção da nacionalidade e do estabelecimento do patrimônio natural e cultural brasileiro que ganhavam sentido na tônica dos intelectuais da época. Segundo Duarte (2005b, p. 136), quando Gilberto Freyre publicou a obra *Nordeste*, análise impressionista de ecologia social da região da cana-de-açúcar, essas discussões se desdobravam em torno de duas correntes: a da definição do patrimônio histórico, baseando-se nas indagações sobre quais construções deveriam ser tombadas e preservadas, e nos movimentos pela conservação da Natureza do Brasil, tendo como principais participantes cientistas do Museu Paulista e do Museu Nacional. A citada obra de Freyre se constituiu em uma forma de diálogo do autor com os seus contemporâneos em torno dessas questões polêmicas, e representou uma voz dissonante à época na construção do patrimônio e da identidade nacionais por reivindicar para o Nordeste – diga-se de passagem, o açucareiro – um papel muito maior do que lhe era conferido. Era essa região que, na concepção extemporânea de

⁸⁵ Trata-se de uma guerra civil ocorrida nos Estados Unidos de 1861 a 1865, entre os Estados do sul – latifundiário, aristocrata e defensor da escravidão – e os do norte – industrializado, onde a escravidão tinha um peso econômico bem menor do que na região sul. Para saber mais sobre esse assunto: <http://www.texbr.com/mundodetex/epocahistorica/guerrasecessao.htm>

patrimônio elaborada pelo sociólogo, deveria ser preservada, considerada como berço de toda a nacionalidade, onde se constituiu o Brasil profundo e autêntico. Nesse sentido, terra, água, mata, animais e o homem eram os elementos constitutivos desse patrimônio, sendo que Natureza e cultura atuavam como agentes históricos imbricados, haja vista a sociedade colonizadora instaurada no litoral do Nordeste veio alterar profundamente a paisagem, homogeneizando a diversidade de matizes culturais e ecológicos através da economia açucareira.

No período de 1920 a 1940, havia a convicção por parte dos intelectuais brasileiros dessa geração – escritores, professores, profissionais liberais, técnicos, cientistas vinculados ao setor público, jornalistas, entre outros – de que lhes competia uma responsabilidade na construção da identidade nacional e na organização das instituições do Estado. Esse grupo em muito contribuiu para construir uma percepção mais aprofundada da diversidade e riqueza da Natureza do país, tanto do ponto de vista científico e utilitário, quanto da apreciação estética, dos sentimentos pelo mundo natural e de sua possível relação com a sustentação de uma identidade e de um orgulho nacionais. Em outras palavras, durante esse período, o pensamento sobre a proteção da Natureza foi concebido em conexão com o ambiente político-intelectual da época, caracterizado por preocupações nacionalistas e científicas e fundamentava-se em um projeto de nacionalidade baseado na valorização das gentes e dos recursos naturais do país (FRANCO; DRUMMOND, 2009, p. 15-16).

A Caatinga, contudo, embora seja o único bioma exclusivamente brasileiro, o que significa que grande parte do seu patrimônio biológico não pode ser encontrado em nenhum outro lugar do Planeta, não era considerada como parte desse projeto de nacionalidade e as suas riquezas e potencialidades naturais pareciam desconhecidas pela maioria dos brasileiros. A sua vegetação xerófila adaptada às condições de semiáridéz que perde as suas folhagens durante a estação seca, daí o nome Caatinga – do Tupi: *caa* (mata) + *tinga* (branca) = mata branca –, fez com que durante muito a sua biodiversidade, endemismos e heterogeneidade fossem ignorados e vários estereótipos reforçados em torno desse bioma, dentre eles a ideia de que seria resultado do atrofiamento de formações vegetais mais exuberantes como a Mata Atlântica ou a Floresta Amazônica⁸⁶ ou mesmo da degradação provocada pela ação humana desde o início da colonização, enquanto sabemos, conforme explicitado no capítulo anterior, que a formação do Semiárido se deu ao longo de uma

⁸⁶ Para saber mais sobre a história e o processo de apropriação e devastação da Mata Atlântica brasileira, assim como refletir sobre a iminência de que esse dramático relato se repita com a Floresta amazônica, consultar Dean (1996).

escala temporal muito mais ampla que somente a história geológica é capaz de explicar as transformações paleoclimatológicas pelas quais passou a sua topografia.

O próprio Gilberto Freyre, em diálogo com os seus contemporâneos nos anos 1930, representando uma voz dissonante em defesa do Nordeste da cana-de-açúcar como base do patrimônio e da identidade brasileiros, também reforçou lugares comuns presentes no imaginário social da época a respeito do Semiárido. Basta evocar as primeiras palavras de abertura do seu livro:

A PALAVRA “NORDESTE” é hoje uma palavra desfigurada pela expressão “obras do Nordeste” que quer dizer: “obras contra as secas”. E quase não sugere senão as secas. Os sertões de areia seca rangendo debaixo dos pés. Os sertões de paisagens duras doendo nos olhos. Os mandacarus. Os bois e os cavalos angulosos. As sombras leves como umas almas do outro mundo com medo do sol. Mas esse Nordeste de figuras de homens e de bichos se alongando quase em figuras de El Greco é apenas um lado do Nordeste. O outro Nordeste. (FREYRE, 1985, p. 5)

Constata-se através desses trechos que embora Freyre buscasse valorizar a cultura e os recursos naturais do Nordeste litorâneo, não eram as populações e o ambiente semiárido que ele defendia, mas apenas a região da Zona da Mata, onde se consolidou a chamada civilização açucareira⁸⁷, enquanto a zona semiárida era percebida por esse autor como sugerindo não mais que a seca e os elementos que a representavam. Nesse ponto, vale lembrar que essa ideia de construção identitária do Nordeste com base no Litoral está em consonância com uma tradição intelectual que remonta ao século XIX, qual seja, a da dualidade entre o Brasil do Litoral e o dos sertões tão presente no pensamento social brasileiro. Sobre isso, Lima (1999, p. 14) contrói uma persuasiva ideia de continuidade assentada sobre o diagnóstico de uma dualidade constitutiva da formação do Brasil entre o período de 1850 e 1964, contrapondo-se à noção de que a partir dos anos 1930 houve uma profunda descontinuidade entre os argumentos sociológicos que interpretavam o país. A autora analisa a forma como sertão e litoral surgiram no pensamento social brasileiro como imagens de grande força simbólica a expressarem os contrastes e, no limite, o antagonismo de distintas formas de organização social e cultural; discute o sentido atribuído à relação entre litoral e interior, considerando as versões que valorizaram negativamente os sertões,

⁸⁷ A respeito das representações do Nordeste da cana-de-açúcar na literatura, consultar a obra de José Lins do Rego, em especial, as que compõem o denominado “ciclo da cana-de-açúcar”: *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Bangüê* (1934), *O Moleque Ricardo* (1935) e *Usina* (1936). Essa série de romances aborda a substituição dos engenhos pelas grandes usinas no Litoral Atlântico do Nordeste brasileiro e leva-nos a acompanhar as transformações econômicas e sociais por que passou a região açucareira, as modificações da técnica de produção e de trabalho, os problemas sociais emergentes, etc.

vistos como espaços da barbárie ou do atraso cultural, os que o idealizaram como lugar provável para se desenvolver a autêntica nacionalidade, como foi o caso de Euclides da Cunha, e ainda as ambivalências em torno dessa representação geográfico/social.

Gilberto Freyre, como um dos representantes das ciências sociais institucionalizadas a partir dos anos 1930, consideradas as linguagens, por excelência, da construção da identidade nacional, foi um desses intelectuais que argumentou em defesa das gentes e da Natureza litorânea enquanto forjadoras da civilização e da identidade brasileiras, corroborando a ideia de que as populações do interior deveriam se manter isoladas e à margem do centro da modernização, do patrimônio e do “progresso” nacionais. Conforme Lima (1999, p. 27), a ideia da existência de “dois brasis” tem como base uma concepção linear do tempo histórico, geograficamente representada pela ideia de uma parcela do território estagnada, atrasada, e de outra mais suscetível de receber a influência das correntes modernizantes e civilizatórias. Nessa direção, embora a visão de Freyre possua as suas nunces particulares, o modo como reforça lugares comuns a respeito do Semiárido confirma aspectos do imaginário da época que percebiam o interior como o lugar do atraso e atribuía o sentido metafórico de civilização à faixa litorânea.

Nesse cenário, percebe-se que o Semiárido não era incluído como parte dos debates dos intelectuais em torno do estabelecimento do patrimônio natural e cultural brasileiros levados a efeito entre os anos de 1920 e 1940, sobretudo em razão das imagens que valorizavam negativamente essa região terem sido, em geral, confirmadas pelos construtores dos projetos de Nação que esboçaram identidades nacionais para o Brasil da época.

No caso de Graciliano Ramos, é certo que não se posicionava diretamente nesses debates dos cientistas e intelectuais da época em torno da construção de identidades e do patrimônio que simbolizaria a nacionalidade brasileira, contudo, é possível identificá-lo, conforme exposto no item anterior, enquanto literato e partidário político preocupado em esboçar em suas obras aspectos de verossimilhança que se remetiam à realidade do Semiárido ainda pouco conhecida pelos brasileiros, pelo menos, quando se tratavam de políticas públicas que minorassem a situação de fome, analfabetismo, doenças e miséria que atingiam as populações sertanejas. Nessa direção, se realmente existiu a tentativa de esboço de um projeto de nacionalidade nas obras desse escritor, foi o de um país com menos contrastes e contradições, em que o ideário de “progresso” e modernização não privilegiava apenas certos grupos sociais ou regiões, mas se expandia com igualdade em direção às populações e espaços geográficos que até então tinham se mantido à margem das ditas benesses da modernidade. Assim, Graciliano delineou em sua obra, particularmente em *Vidas*

Secas, através da simbiose entre sociedade e Natureza, em relação à necessidade de posse da terra, de acesso à água, à escassez provocada pela seca, à identificação do homem com os animais e às dificuldades de diálogo com os poderosos da região do Semiárido, um projeto de Nação marcado pela igualdade de direitos fundamentais ao homem, pela cidadania, pela participação política, pelo acesso à formação educacional, enfim, pela ideia de humanização plena de todos os cidadãos brasileiros sem distinção.

Para tanto, conforme vimos, o narrador de *Vidas Secas* aproxima o homem dos animais, atribuindo a estes últimos valores humanos e culturais ora como forma de expressar a sua crítica e denúncia contra as condições subumanas sob as quais viviam os sertanejos, ora buscando demonstrar os sentimentos de apego destes em relação à terra semiárida, apesar de todos os problemas sociais enfrentados. No caso do gado, é possível observar os significados que representava para a personagem Fabiano, de modo que esse sertanejo parecia lhe atribuir, assim como a outros animais da fazenda, sentimentos que lhe eram próprios naquele momento em que teria que se desvincular dele e do sertão. Esse animal parecia expressar na narrativa os anseios, receios, valores, costumes e experiências da personagem que migrava daquele espaço, quais sejam, a estabilidade, a permanência, a ocupação, daí a razão pela qual o vaqueiro chorava de saudades diante da necessidade de abandoná-los. Isso porque as significações imaginárias que consideravam o gado como também enfrentando riscos e dificuldades para atravessar a seca estavam relacionadas com os mesmos sentimentos de Fabiano em ter que abandoná-los na fazenda e deixar aquele lugar. Assim, pode-se afirmar que “os animais participantes do mundo literário quase sempre estão na condição de representantes das atitudes humanas, trazendo à tona, entre outros aspectos, uma carga de elementos culturais e sociais” (ALMEIDA, 2008, p. 141).

O homem do campo é representado em *Vidas Secas* como apegado à terra, estabelecendo com ela certo grau de topofilia, de afetividade, de sentimento de amor ao lugar, todavia, certamente pela influência de Graciliano enquanto literato engajado com as questões de seu tempo, o meio rural do Nordeste não se apresentava nessa obra literária como o espaço de possibilidades de mudança de vida ou de concretização do projeto de nacionalidade que esse escritor havia esboçado para o país. Isso porque, no final da obra, os sonhos das personagens foram ressignificados, partiram para o sul, para morar na cidade grande, onde acreditavam que havia modernização, civilização e acesso a educação para os filhos. Nesse sentido, o narrador desse romance expressou toda a sua perspectiva de que o Brasil mudasse e incluísse os seus filhos até então isolados ou à margem dos projetos de Nação.

Neste ponto, é importante lembrar o papel desempenhado pelos literatos das primeiras décadas do século XX que imprimiram um caráter missionário e histórico à sua atividade, entre os quais, Euclides da Cunha e Lima Barreto. Para Nicolau Sevcenko, esses escritores estavam desiludidos com o ideário de “progresso” e de “civilização” propalado pelos republicanos, em razão de os primeiros anos do regime terem sido marcados por especulações e crises, que disparou a inflação, propagou a pobreza e fez nascer uma classe de arrivistas ricos. Nesse sentido, pode-se afirmar, em certa medida, que o caráter de engajamento da obra de Graciliano seja parecido com a missão levada a efeito pelos literatos do início da República, visto que, depois da chamada “Revolução” de 1930, estava desiludido com as propostas de mudanças que na prática não ocorreram, daí os motivos pelos quais ressignificou e construiu em sua obra um novo projeto de nacionalidade para o Brasil enquanto uma comunidade de igualdade de direitos.

4.3 BALEIA E UM MERGULHO NO IMAGINÁRIO SOCIAL DO SEMIÁRIDO

Iniciamos este item evocando as imagens atribuídas por Euclides da Cunha na obra *Os Sertões* à mítica personagem Antônio Conselheiro, há pouco mais de um século, quando afirmava resolutamente: “o sertão vai virar mar, o mar vai virar sertão...”, e que muito antes esse sentimento já parecia ecoar na esperança e na alma do sertanejo. Pois bem, talvez esta seja uma das metáforas a expressar com maior intensidade os sonhos, desejos e aspirações dos sertanejos da Caatinga de que o império da semiaridez predominante neste lugar, de súbito se transformaria em mar. Trouxemos esse trecho à lembrança por acreditarmos que não há como lermos *Vidas Secas* sem fazermos referência a tal figura de linguagem utilizada pelo narrador d’*Os Sertões*. Ocorre que no romance de Graciliano Ramos, enquanto o homem é zoomorfizado, identificado com os animais, reduzido à condição de “bicho”, comunicando-se através de “gestos e sons guturais”, as espécies animais, em contrapartida, são humanizadas, apresentam-se como possuidoras de fluxos de consciência e, semelhante aos humanos, sonham com um mundo pós-vida onde haja abundância e plenitude. Nesse ponto, já se esboça uma personagem particular a que fazemos referência no romance: a cachorra Baleia. Assumindo posição de destaque na trama, esse animal é apresentado como possuindo desejos humanos de mudança de vida e foi ele que, às vésperas de sua morte, sonhou em encontrar um outro mundo cheio de preás, quando não mais haveria a escassez de alimentos e a fome que enfrentara durante a seca no Semiárido.

Nesse cenário, cabe-nos indagar: que relação a cachorra Baleia mantém com a metáfora de um sertão de abundância? Ou seria apenas uma mera prática corriqueira os sertanejos atribuírem nomes de peixes aos cachorros sob a superstição de livrá-los da doença de hidrofobia? Talvez se fosse apenas isto, o nome de Baleia não a livrou daquele mal, haja vista que o sacrifício desse animal foi ocasionado exatamente em razão de ter desenvolvido a referida doença. Qual o papel que Baleia exercia na vida dos sertanejos de *Vidas Secas*? Como homem e animal se relacionavam no processo de interação com o ambiente da Caatinga? Que relações de poder se estabeleceram entre o homem e esse animal nos domínios do Semiárido? Qual o desfecho dado pelo narrador à personagem Baleia?

O enredo desenrola-se em uma sociedade ainda predominantemente rural, quando o Brasil investia no processo de consolidação de seu parque industrial e de uma estrutura urbana, modernizando-se e, simultaneamente, trazendo à lume os matizes das contradições desse “progresso”. No cotidiano do homem do interior do Nordeste, o cachorro também foi um dos animais que mais se fez presente, atuando como o companheiro dos homens, mulheres e crianças quando cuidavam da terra, dos outros animais ou dos serviços domésticos. A cachorra Baleia é uma personagem que desempenhou importante papel nessa obra, chegando a assumir o status de quase humana, possuindo inclusive um nome próprio, característica que nem as crianças da trama foram dignas de receber, haja vista que eram genericamente chamadas de “menino mais velho” e “menino mais novo”, o que sinaliza para a falta de identidade para a infância na sociedade representada no romance. É através da construção do perfil de Baleia que o narrador de *Vidas Secas* realça a desumanização a que eram submetidos os sertanejos, igualando-se à condição de animal, ou até situando essa personagem, em alguns aspectos, como superior aos próprios filhos dos sertanejos, haja vista que possuía um nome, uma identidade, enquanto a daquelas crianças parecia ter sido negada.

Todavia, certamente a cachorra Baleia e o papagaio, a integrarem os “seis viventes” que formavam aquela família de sertanejos em *Vidas Secas*, não atuavam como personagens desse romance apenas por isso. Conforme podemos observar, no desfecho da obra, apenas os seres humanos sobreviveram – Baleia tendo sido sacrificada em razão da hidrofobia e o papagaio também morto para servir de alimento à família em um momento de extrema necessidade – e com perspectivas de um futuro em que pudessem viver sob melhores condições, o que nos remete a identificar que não obstante todos os problemas sociais que desumanizavam, reificavam e animalizavam os homens pobres, no final, eles seguiram na

esperança de vencerem, mudarem de vida, realizarem sonhos. Desse modo, mais uma vez emerge das páginas desse romance as intencionalidades, perspectivas e aspirações de Graciliano Ramos enquanto um literato em diálogo com os problemas de seu tempo, envolvido na luta pela causa social e pela construção de um país cidadão, menos injusto e mais igualitário, em que a humanização plena se sobressaísse. Nesse caso, talvez não fosse exagero de nossa parte associar a ideia de um sertão seco que iria virar mar, de um período de seca à espera do dia da abundância e da fartura, em que os homens mergulhariam nas águas da liberdade e não mais estariam presos ao lamaçal oferecido pelo sistema capitalista, conforme a percepção de Graciliano influenciada pela sua crença na implantação de um sistema assentado no ideário comunista.

A cena de sinha Vitória “tirando proveito” do sangue de uma “caça mesquinha” impresso na boca da cachorra Baleia, no caso, de um preá encontrado por esse animal na Caatinga em um momento de extrema escassez que serviu de alimento para toda a família, é ilustrativa de uma situação marcada por profundas privações que se intensificavam nos períodos de seca. Nesse trecho, percebe-se que a narrativa humaniza a cachorra Baleia, atribui-lhe “sentimentos”, “responsabilidades”, frustrações, assim como vulnerabilidade também às consequências da seca, tal como o homem. Da mesma forma, à semelhança do sertanejo, também costumava fugir quando se sentia “humilhada” pelos humanos, pelo menos essa era a percepção do narrador de *Vidas Secas* em relação às atitudes desse animal.

Não obstante a cena protagonizada por sinha Vitória possa aparentar, à primeira vista, que o homem é situado como mera vítima da condição ambiental da Caatinga – por vezes, caracterizada como inóspita e imutável – e que o animal possui potencial criativo que lhe é superior para tecer a sua sobrevivência, certamente não é aí que reside a contundência da interpretação. Isso porque talvez a densidade da imagem se pautar em uma estratégia do escritor de utilizar-se do território ficcional e de todo o seu potencial de atuar como mediador de um simulacro da condição humana de viver o sertão, à época da feitura da obra. Dito de outra maneira, a nossa preocupação não consiste aqui em detectar a existência e experiência efetiva daquelas personagens, se condizem ou não com o mundo exterior, mas de problematizar, através da leitura de um romance cifrado em um “poderia ter sido”, possível no domínio ficcional e imaginário, as condições disponíveis naquele ambiente para que os sertanejos garantissem a sua sobrevivência em interface com os recursos que dispunha. Nesse sentido, o texto de Graciliano intermedeia a crítica às relações sociais de (des)mandos que partem das práticas autorizadas de poder político e econômico na região a

engendrar extremas desigualdades sociais e marginalização aos sujeitos pobres e destituídos de qualquer tipo de instrução formal.

Contudo, há ainda que considerarmos que essa prática narrativa de animalização do homem assume na obra de Graciliano uma tentativa de demonstrar que mesmo aqueles sujeitos sociais à margem das decisões e do usufruto de direitos fundamentais à manutenção da vida, atuavam positivamente em benefício do seu sustento, assemelhando-se a animais como forma de fugir ao processo de reificação predominante naquela sociedade. Conforme vimos no primeiro capítulo, embora “o patrão” percebesse Fabiano como “uma coisa, um traste da fazenda”, ele se autoreconhecia como “bicho”, talvez astucioso como Baleia ou outros animais do Nordeste, capazes, criativos, espertos, que às voltas e re-voltas conseguiam garantir a sobrevivência em um ambiente de escassez, venciam dificuldades, adaptando-se cultural e mesmo geneticamente. Nesse sentido, a metáfora da animalização do homem é portadora de uma contundente denúncia projetada por Graciliano em relação a um sistema político-social no qual prevaleciam relações tensivas de poder, sob cujos labirintos o percurso das personagens pobres de *Vidas Secas* era marcado por inúmeras dificuldades. A primeira caminhada daquela família fugindo da região, descrita no início de *Vidas Secas*, talvez sugira que “fugiam” dos problemas sociais e das condições ambientais com os quais se esbarraram em outros espirais do tempo e do espaço, quando impulsionados pela ideia de alcançar uma vida melhor, optaram em partir em busca da escolha de outras margens e caminhos.

A chegada à fazenda, entretanto, em situação de miséria e fome que transcendiam os limites abaixo da pobreza, abriu uma nova camada do espiral do tempo para se tecer um cotidiano de permanência e prosperidade fugidia, de sonhos desesperados que, após um tempo, ficariam aquém das perspectivas de realização. O sangue daquela caça aparentemente mesquinha, porém festejada naquele momento em que as personagens enfrentavam as condições de extrema escassez no Semiárido, experimentado por sinha Vitória quando ali chegara, certamente simboliza essa condição do sertanejo que, mesmo em meio às adversidades sociais, adaptava-se aos conflitos que se lhes impunha e, ao lado dos animais adotados como membros da família, como era o caso de Baleia, integrava-se ao ambiente de Caatinga para dele retirar o seu sustento.

Quando preso arbitrariamente na cidade por mando do soldado amarelo, o vaqueiro, naqueles estranhos momentos que passara nas trevas do cárcere, preocupava-se com sinha Vitória, os filhos e a “cachorra Baleia, sabida como gente”, que “era como uma pessoa da família”. Nas reminiscências da sua memória, guardava as imagens daquela “viagem

arrastada, em tempo de seca braba, quando estavam todos morrendo de fome e a cadelinha tinha trazido para eles um preá” (Ibidem, op. cit., p. 35). Em outros momentos, todavia, quando os sertanejos já estavam fixos ali na fazenda, essa mesma personagem da cachorra Baleia se sentia humilhada pela “família”, quando era apanhada de surpresa com pontapés, que embora os considerasse como “fatos desagradáveis e necessários”, “saía latindo, ia esconder-se no mato”, elaborando planos com “sentimentos revolucionários” que, na prática, parecia incapaz de realizá-los. Não obstante, Baleia estava satisfeita, pois naquele período, apesar da submissão, experimentava relativa estabilidade e prosperidade. Num desses dias em que havia sido humilhada por sinha Vitória, Baleia continuou “farejando a panela”, observando que “um osso grande subia e descia do caldo” e “esta imagem consoladora não a deixava”, pois imaginava que na cozinha havia “um osso. Um osso graúdo, cheio de tutano e com alguma carne” (Ibidem, p. 61-62).

Nesse trecho, é possível identificar como Baleia é representada como portadora de sentimentos e práticas humanas, de modo que, através de sua análise, notam-se aspectos culturais e sociais que caracterizavam homens e mulheres configurados na obra. De forma semelhante às atitudes e pensamentos atribuídos à cachorra Baleia, o narrador de *Vidas Secas* demonstra, conforme vimos, que Fabiano, apesar das humilhações a que era submetido diante do dono da fazenda e do episódio do soldado amarelo que aconteceu na cidade, estava satisfeito e se alegrava, pois chovia no Semiárido e lhe aumentavam as esperanças de se manter preso àquela terra, onde já havia fincado raízes, tomado amor ao lugar. É possível fazer uma analogia dessa questão em relação à cachorra Baleia. Embora em certos momentos ela se sentisse “humilhada” (Ibidem, p. 39) pelos seus donos, sabia que o tempo de escassez já havia passado e agora dispunha de ossos fartos na panela da casa de Fabiano e, por isso, ali permanecia mesmo sob humilhações. Do mesmo modo, talvez, Fabiano, apesar das “descomposturas” do patrão, estava feliz e satisfeito, pois chovia no sertão e podia permanecer preso por algum tempo naquele lugar.

Baleia, ao lado da família de sertanejos venceu dificuldades, ultrapassando um longo período de seca marcado por intensa escassez e agora experimentava um período de relativa abundância, ao menos no que se refere ao suprimento de suas necessidades elementares de sobrevivência. Podia saborear parte do que lhe pertencia daquelas “mantas de carne seca e pedaços de tocinho” guardadas no “jirau da cozinha”. Do mesmo modo, Fabiano, “depois da comida, falava com sinha Vitória a respeito da educação dos filhos”, um privilégio somente dos “anos bons” no sertão. Desse modo, animais domesticados, humanizados, como era o caso da cachorra Baleia, enfrentava dificuldades com a família nos tempos de

adversidades, mantinha com ela sentimentos e práticas de submissão, usufruindo, todavia, ao lado dela, das benesses dos períodos de relativa estabilidade no ambiente de Caatinga. A obra em análise parece apontar para esse aspecto, para o desejo daqueles sertanejos de permanecerem ligados à terra, com a qual já tinham estabelecido sentimentos de amor, laços afetivos para superarem os limites e continuarem ligados àquele lugar, de modo que mesmo para os que partiam, levavam consigo as saudades, as lembranças dos lugares de memória do espaço sertanejo.

Ora, mas como qualificar de “inóspito” um espaço que abriga a maior densidade populacional do Planeta se comparada aos demais ecossistemas áridos ou semiáridos que o integram, como é o caso do Semiárido brasileiro que possui, segundo Ab’Sáber (op.cit., p. 85), mais de 23 milhões de pessoas? É certo que vivem em situação de pobreza e marginalização social, em um sistema marcado por profundas desigualdades, no entanto, o Semiárido brasileiro se constituía e se constitui como uma região passível de investimentos em projetos sociais que valorizem as potencialidades do ambiente regional e as experiências culturais atualizadas cotidianamente pelos sertanejos. Com tais projetos, pode-se conjecturar possibilidades de convivência com o ambiente semiárido, sem necessidade de migração nos períodos de seca. Além disso, há inúmeras alternativas de culturas agrícolas sustentáveis passíveis de serem concretizadas para desenvolver essa região (AB’ SÁBER, op. cit). Acrescente-se também a necessidade da realização de pesquisas científicas e para desenvolver tecnologias adaptadas às particularidades regionais, na busca da promoção do desenvolvimento sustentável e da convivência com qualidade de vida no ambiente semiárido⁸⁸.

Quando os sintomas de hidrofobia acometeram com violência a cachorra Baleia, Fabiano decidiu adiantar a morte do animal, haja vista que representava perigo para a família e ele não “podia consentir que ela mordesse os meninos”, “loucura” expô-los àquela “moléstia”. Naquela manhã de sol, foi grande a angústia dos dois filhos de Fabiano ao perceberem que a cachorra que consideravam “como uma pessoa da família, brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam” dela, corria perigo. Os elementos que compunham o ambiente da fazenda, o homem e os demais animais que a povoavam pareciam estranhos a Baleia no momento em que estava sendo sacrificada. “Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração”. Pensava em suas “responsabilidades”: “consumira a sua

⁸⁸ Para isso, o Governo Federal regulamentou, em 2006, a criação do Instituto Nacional do Semiárido (INSA), unidade de pesquisa vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), com sede em Campina Grande (PB), com a finalidade de desenvolver tecnologias para se tornarem políticas públicas e contribuírem para o desenvolvimento sustentável da região. Sobre isso, Cf. PDU 2008-2011.

existência em submissão, ladrando para juntar o gado quando o vaqueiro batia palmas”, conduzindo as cabras ao bebedouro, vigiando-as contra as suçuaranas⁸⁹ que ao anoitecer rondavam as moitas afastadas. Naquele instante, porém, “Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme”. E o sonho prosseguia: “as crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme” e o “mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes” (RAMOS, op. cit., p. 91).

O capítulo que narra a morte de Baleia foi publicado sob a forma de conto antes de ser transformado em romance juntamente com os demais que compõem a obra. Em carta datada de 7 de maio de 1937, Graciliano escreveu do Rio de Janeiro para a sua mulher, Heloísa, relatando a experiência de escrever um conto sobre a morte de uma cachorra, procurando “adivinhar o que se passa na alma” dela. Demonstrando dúvida se realmente cachorro possuía alma, afirmava resolutamente: “Não me importo. O meu bicho morre desejando acordar num mundo cheio de preás. Exatamente o que todos nós desejamos.” E prosseguia: “A diferença é que eu quero que eles apareçam antes do sono e padre Zé Leite pretende que eles nos venham em sonhos, mas no fundo todos somos como a minha cachorra Baleia e esperamos preás” (RAMOS, 2009).

Esse trecho da carta escrita por Graciliano é pertinente para percebermos a relação entre homens e animais representada na literatura. Percebe-se que esse escritor não parece muito preocupado com a questão dos animais possuírem, no mundo real, alma, sentimentos e desejos, pois o que importa para ele é o modo como as aspirações atribuídas à cachorra Baleia se configuram enquanto manifestações imaginárias da cultura da época, ou seja, o desejo de “acordar num mundo cheio de preás”, em um lugar onde houvesse abundância de alimentos, desejo de muitos homens que viveram naquele período. Mas, conforme podemos notar, a percepção de Graciliano não é de conformismo, mas de perspectivas efetivas de transformação social, haja vista não demonstrar em sua carta compartilhar com a visão da igreja, representada pela posição do citado padre Zé Leite, de que os preás venham apenas em sonhos, tampouco somente depois da morte, como ocorreu com a cachorra Baleia, mas queria que eles aparecessem antes do sono.

Com base nessas referências, observa-se que as imagens de que o “mundo ficaria cheio de preás, gordos, enormes” simbolizam as expectativas de transformação de uma

⁸⁹ A onça suçuarana (*Felis concolor*) é um felino de grande porte, com pelo amarelo vermelho-queimado que sempre foi considerada praga para os criadores de gado, ameaça para os residentes das regiões onde viviam, além de um grande atrativo para a indústria da moda de pele dos grandes felinos. Ela é menor do que a onça pintada e atinge cerca de 1,2 m, além da cauda, de 65 cm e é um dos poucos felinos de uma só cor. Apesar de seu grande porte, a suçuarana é mais aparentada com os gatos do que com a onça-pintada. Atualmente, esse mamífero se encontra sob ameaça de extinção. Ver: PAIVA; CAMPOS, 1995.

realidade de miséria e escassez para um cotidiano em que predominaria abundância e prosperidade. As palavras do escritor, na citada carta, asseveram que a metáfora dos preás desejados e sonhados pela cachorra Baleia atua como portadora de sentidos que constroem um universo imaginário em que os desejos de transformação daquela sociedade seriam concretizados e a igualdade predominaria nas relações entre os homens. Graciliano queria que os preás viessem antes do sono, ou seja, que as aspirações dos grupos sociais à margem da sociedade fossem efetivamente concretizadas e não ficassem apenas no sonho. Certamente, muitos dos desejos daquela família de sertanejos representada em *Vidas Secas* tenham ficado para depois do sono, ou seja, restritos apenas à dimensão imaginária. Neste aspecto, a posição política do escritor se deixa entrever no romance, haja vista que não apenas no capítulo em que narra a morte de Baleia, mas em toda a obra está impressa uma contundente denúncia das relações de poder e submissão entrelaçadas nos labirintos da história do sertão.

Nesse cenário, retomando a metáfora euclidiana de que “o sertão vai virar mar, o mar vai virar sertão...”, atribuída a Conselheiro, referenciada no início deste item, percebemos que pode ser estabelecida certa analogia com a ideia de um “mundo cheio de preás” descrito pelo narrador de *Vidas Secas*, qual seja, a da criação de um cotidiano imaginário distinto da difícil realidade em que as personagens viviam. Isso porque, à semelhança da ideia de que o sertão seco iria virar mar, através dos sonhos, desejos e aspirações de encontrar depois do sono um lugar repleto de preás, símbolo da abundância e da prosperidade, conforme ocorre com a cachorra Baleia de *Vidas Secas*, o sertanejo mergulharia nas águas dessa história imaginária do ambiente sertanejo, cujas paisagens já teriam se metamorfoseado em mar, devaneios proféticos dos sertanejos baseados nos projetos de felicidade que certamente ainda hoje ecoam por todo o Nordeste seco e sobrevive na imaginação dos sertanejos⁹⁰. É bom lembrar, todavia, que em se tratando do estudo de aspectos que remetem ao imaginário de uma época, mesmo devaneios ou utopias são de grande importância para acessarmos os sonhos e desejos da sociedade. Isso porque, conforme os exemplos acima, quando se deseja a transformação, a passagem da extrema escassez para a fartura, mesmo que apenas no campo do imaginário, é porque se vive em

⁹⁰ Vale lembrar que esses devaneios continuaram sendo representados na literatura anos afora. Dentre outros, lembrar de *Viagem ao País de São Saruê*, do poeta popular Manoel Camilo dos Santos, publicado em 1956. Folheto de cordel em que o poeta imagina um país maravilhoso, onde a pobreza havia sido erradicada, os rios são de leite, dinheiro brota das plantas, “existe grande fartura”, “uma gente alegre e forte, um povo civilizado”. Ver: SANTOS, 2005.

uma condição marcada por profundos contrastes e privações, como era o caso do Nordeste interior brasileiro representado em *Vidas Secas*.

4.4 OS URUBUS

“Feliz do bicho que pode comer o outro!” Essa frase que serve de abertura para o presente item foi proferida pela personagem Ranulpho que representou a figura de um retirante da Caatinga no filme “Cinema, aspirinas e urubus”⁹¹. A trama se desenvolveu no ano de 1942, quando o Brasil vivia em plena euforia o processo de “Marcha para o Oeste”, projeto de Getúlio Vargas que tinha por finalidade adentrar na ocupação do oeste do território brasileiro, e o mundo assistia os dramas da Segunda Guerra Mundial. O filme narra a aventura do alemão Johann (Peter Ketnath), que foge do conflito em seu país e embrenha-se no Semiárido brasileiro com o intuito de vender aspirinas, um remédio “milagroso”. O estrangeiro fez grande sucesso com esse medicamento que se tornou popular nessa região em razão de utilizar o cinema, desconhecido para os sertanejos da época, com todo o seu potencial de propaganda e espetacularização, para seduzi-los ao consumo. Ranulpho (João Miguel), um homem simples que sempre viveu no sertão da Paraíba e queria melhorar de vida, parte com esse alemão para ajudá-lo nessa empresa e tem a intenção de tornar-se urubu, ou seja, ascender socialmente para também se transformar em um predador e se situar no topo da “cadeia alimentar”, deixando de ser apenas uma mera presa em um considerado amplo e cruel sistema capitalista de exploração.

Fazemos referência aos urubus por considerá-los pássaros que carregam uma carga simbólica a expressar muitos aspectos ligados ao cotidiano e ao imaginário social do Semiárido brasileiro. Essas aves que pertencem a ordem Cathartiformes, a família Cathartidae, e exercem grande importância na Natureza por consumirem as carcaças dos animais mortos, também foram personagens constantes nas obras literárias da região, entre as quais, *Vidas Secas* da qual lançamos mão para a escrita deste trabalho. No início do romance, quando as personagens vivenciavam as dificuldades de fins de um longo período de seca, o “vão negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos” (RAMOS, op. cit., p. 10), ambientando um cenário de fome, de sede, de doenças e de mortes, cenas comuns na paisagem da região durante as longas secas. No desfecho da obra,

⁹¹ Filme brasileiro produzido em 2005, e o longa-metragem de estréia do diretor Marcelo Gomes. Foi gravado nas cidades de Patos, Picote, Pocinhos e Cabaceiras, no sertão da Paraíba. *Cinema, Aspirinas e Urubus* foi indicado pelo MinC para concorrer a uma indicação de Melhor Filme estrangeiro na edição de 2007 do Oscar. Ver: http://pt.wikipedia.org/wiki/Cinema,_Aspirinas_e_Urubus

quando mais uma vez a seca volta ao sertão, o ritual fúnebre e indiferente dessas aves volta a ser encenado (diga-se de passagem, indiferente do ponto de vista humano, pois revoavam alegres por terem fartura de alimentos e, além disso, por usufruírem do respeito das outras espécies, haja vista que tinham um olfato privilegiado que as levava a serem as primeiras a descobrirem as carcaças de animais mortos).

Quando Fabiano migrou da fazenda com a chegada de mais um período de seca, sentado à beira do caminho com a família, lembrava-se com “inquietação” do “cavalo de fábrica”, segundo ele, um “animal tão bom” que “infelizmente pertencia ao fazendeiro” e teve que deixar na fazenda, onde já definhava e “ia morrer na certa”. Com esse pensamento, veio-lhe “a lembrança das aves medonhas, que ameaçavam com os bicos pontudos os olhos de criaturas vivas” e ficou horrorizado. “ – Pestes. [...]Se elas tivessem paciência comeriam tranquilamente a carniça. Não tinham paciência aquelas pestes vorazes que voavam lá em cima, fazendo curvas”. E agora imaginava que “talvez estivessem fazendo círculos em redor do pobre cavalo esmorecido num canto de cerca. Os olhos de Fabiano se umedeceram” (Ibidem, p. 124), sentia-se indignado com o “costume que os miseráveis tinham de atirar bicadas aos olhos de criaturas que já não se podiam defender”. De repente “ergueu-se assustado, como se os bichos tivessem descido do céu azul e andassem ali perto, num vôo baixo, fazendo curvas cada vez menores em torno do seu corpo, de sinha Vitória e dos meninos” (Ibidem, p. 125).

Essa passagem literária expressa o sentimento de medo vivenciado pelo vaqueiro Fabiano de que naquele início de mais uma seca, quando novamente partia em retirada com a família, algum deles ficasse moribundo em razão da fome, da sede ou de doenças e os urubus se aproximassem para antecipar o seu momento final de morte e de dor. Essas lembranças e receios de que acontecesse algo ruim com algum membro da família, ao lembrar dos urubus, decorre de toda uma simbologia que essas aves representavam no imaginário popular dessa sociedade. Era a metáfora da morte, razão pela qual Fabiano temia que aqueles bichos andassem por perto, uma vez que com a chegada de mais uma seca ao sertão, havia o risco, no pensamento dessa personagem, de que todo o sofrimento do passado voltasse a ameaçá-los a vida. Certamente a imagem dos urubus ainda permanecia na memória de Fabiano como uma triste lembrança dos tempos em que caminharam enfraquecidos pela Caatinga, em uma situação de extrema escassez, a ponto de, por pouco, não ter abandonado o seu filho ao sabor da audácia dos urubus:

Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a ideia de abandonar o filho naquele descampado. Pensou nos urubus, nas ossadas, coçou a barba ruiva e suja,

irresoluto, examinou os arredores. [...] Aí a cólera desapareceu e Fabiano teve pena. Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato. Entregou a espingarda a sinha Vitória, pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como cambitos. (Ibidem, p. 10)

Nesse trecho, há uma associação entre a criança enfraquecida, os urubus e as ossadas (a morte), o que levou Fabiano a conjecturar que se deixasse o “menino mais velho” ali abandonado nos caminhos da Caatinga no momento em que parecia estar no limite de sua capacidade de suportar aquela situação, por certo, logo serviria de alimento para os urubus. Daí a razão pela qual resolveu carregar o filho nas costas, mesmo com todo cansaço e fadiga. A passagem da obra *Vidas Secas* leva-nos a perceber os motivos pelos quais Fabiano temia, mesmo depois de todo o tempo em que permaneceu na fazenda com a família, a presença dos urubus no sertão, justamente por sinalizarem para a iminência de doenças, cansaço e mortes, sobretudo no momento de dor vivenciado no passado e ainda gravado em sua memória.

Esses temores ante a iminência da morte, contudo, não são simples criações estéticas isoladas apenas às vertentes da literatura, mas a morte ainda era presença constante no Semiárido brasileiro dos anos 1930, sobretudo nos tempos de seca. Nesses períodos, era comum a partida de milhares de sertanejos em direção às capitais ou cidades maiores da região, onde teriam a chance de ser embarcados para São Paulo, cuja economia estava em expansão, e não mais para a Amazônia, como fora desde fins do século XIX, com a séria crise que a economia da borracha atravessava. Pelos caminhos da Caatinga, nos abarracamentos ou campos de concentração⁹² instalados nas cidades para abrigar os chamados retirantes, elevado índice de mortalidade era registrado, sobretudo de crianças, em decorrência da fome, desnutrição e miséria. Tornavam-se também o alvo mais vulnerável para o ataque das epidemias e muitas delas foram abandonadas moribundas ou mortas pelos caminhos, quando os pais afluíam para as cidades em busca dos sonhados passaportes para o mítico Eldorado (VILLA, op. cit., p. 146).

Para Marco Antônio Villa, isso se devia à falta de planejamento para enfrentar o período de seca, como distribuir “socorros” às “vítimas” do suposto flagelo e “transferir momentaneamente a população para os centros maiores” (Ibidem, p. 120). Ora, sabe-se bem que a falta de um programa governamental para o Semiárido brasileiro era evidente, porém,

⁹² A respeito dos campos de concentração implantados no Nordeste como parte das políticas emergenciais de Getúlio Vargas para minorar os chamados efeitos da seca, conferir o artigo de NEVES, 2001. Trata-se de um estudo de história social sobre as relações entre o Estado e os “retirantes” das secas de 1932 e 1942 no qual foram focalizadas a intenção do governo de controlar a população migrante concentrando-o em abarracamentos, visando evitar saques e depredações. Consultar também: NEVES, 1994. Sobre as representações da fome e da mortandade infantil na literatura, ver a obra *O Quinze*, de Rachel de Queiroz.

pensar apenas em “socorrer” as vítimas ou planejar o seu deslocamento para outras regiões certamente não eram as medidas mais adequadas. Ocorre que as políticas públicas implementadas pelo Governo surgiam somente em condições emergenciais e um aspecto ainda mais grave era a inoperância dos órgãos e representantes políticos responsáveis pela gestão dos recursos. Significa dizer que mesmo quando esses recursos fossem liberados para serem aplicados em favor dos sertanejos que habitavam a região semiárida, em geral, eram desviados em benefício de particulares, em especial das poderosas famílias dos coronéis que estavam em crise nesse período e lutavam para redefinir o seu poder de co-mando. Daí a razão pela qual, em *Vidas Secas*, Fabiano temia que aquelas aves “medonhas” se aproximassem dele e da família, porque como mais uma seca chegava e ele teria que migrar da região, temia que a doença, o sofrimento e a morte rondassem por perto, como no passado (início da obra) havia ficado à espreita daquelas personagens quando estiverem na encruzilhada da sobrevivência caminhando pelo sertão.

Sabemos, entretanto, que desta vez a família de sertanejos rumava para o Sul, em busca de uma cidade “desconhecida e civilizada” onde, na visão do narrador da obra, supostamente não existiam urubus à espreita, mas teria uma vida com dignidade. A postura político-partidária do escritor Graciliano Ramos impediu, talvez, que houvesse uma visão mais crítica, nesse ponto, em relação ao novo sistema industrial e urbano que se consolidava no Centro-Sul do Brasil da época, marcado por outras formas de espoliação econômica, de humilhação e submissão dos trabalhadores. Esse lugar “civilizado” onde possivelmente predominaria a igualdade e os direitos de cidadania talvez existisse somente na imaginação daquelas personagens, sobretudo porque, quando cruzassem a fronteira para um novo ciclo da metáfora do espiral da história, logo veriam que os urubus, no caso, os predadores que ocupavam o topo da hierarquia, embora fossem diferentes, provavelmente mais parecidos com os urubus de que falava o filme *Cinema, aspirinas e urubus* ao se referir a um sistema capitalista explorador, da mesma forma o chamado retirante da seca continuaria sendo uma presa fácil daquelas figuras poderosas que estavam no patamar mais alto da “cadeia alimentar”. Nesse sentido, ora os sertanejos de *Vidas Secas* corriam o risco de serem comidos pelas aves de arribação, conforme vimos, fazendo referência à chegada da seca ao sertão, ora eram vulneráveis aos urubus, no caso, sentiam medo de serem devorados por eles, que podiam ser representados tanto como consequência da seca, da fome e da miséria que as personagens experimentavam durante esses períodos, quanto dos capitalistas que as exploravam aproveitando-se de suas condições de miserabilidade.

Poderíamos ainda identificar outros animais que fizeram parte do cotidiano dos sertanejos da obra literária ora analisada, contudo, em razão dos limites deste estudo, priorizamos estudar apenas aqueles que receberam maior ênfase na narrativa e representaram papéis mais relevantes no cotidiano e na história dos sertanejos. Além disso, eles nos forneceram subsídios para discutirmos as relações que o homem mantinha com os animais no ambiente da Caatinga, sobretudo no que diz respeito às significações imaginárias que perpassaram as práticas humanas de relacionamento com aqueles bichos. Constatou-se, com base no que foi exposto acima, que os sertanejos representados em *Vidas Secas* mantiveram estreitas relações com aqueles animais que os acompanhavam e os auxiliavam em sua saga pelo sertão, atribuindo-se a eles atitudes e sentimentos humanos. Por essa razão, quando estudamos o imaginário do homem em relação aos animais, através de uma obra literária específica, foi possível analisar não apenas o que a sociedade representada pensava sobre os bichos, mas a forma como ela mesma era concebida e instituída, haja vista que projetava sobre as outras espécies a sua própria maneira de significar o mundo.

Com efeito, identificamos por meio da análise das imagens dos animais configuradas em *Vidas Secas* o modo como topofilia, patrimônio natural/cultural e imaginário social se entrecruzavam e permeavam a escritura literária de uma época, construindo identidades em relação ao homem e ao espaço representados. Vimos que não obstante o apego e os laços afetivos que ligavam o homem sertanejo à terra, essa região não foi pauta dos debates entre os cientistas sociais e naturais da época que procuravam definir os componentes do patrimônio e da identidade nacionais, e continuou sendo de certa maneira relegada ao desconhecimento. Desse modo, sobressai-se a importância da obra de Graciliano por chamar atenção para a realidade que caracterizava a vida social no ambiente sertanejo, delineando para ela perspectivas de dias melhores, através de um projeto de Nação baseado na concepção política dos comunistas que, nos anos 1930, ainda acreditavam na construção de uma sociedade mais justa e igualitária para o país.

Nesse quadro de referências, questionar o porquê de a Caatinga, região semiárida do Planeta que possui maior densidade populacional e bioma exclusivo somente ao Brasil (AB'SÁBER, 2003, p. 92-93), ter tido a sua imagem desfigurada, apesar dos laços de apego que ligavam o homem à região, e por isso não ter constado entre a pauta dos biomas que arquitetariam o patrimônio natural do país, no período compreendido entre os anos 1920 e 1940, constitui-se em uma forma de realçar as riquezas naturais e culturais que compõem essa região, frequentemente esquecidas ou até mesmo desconhecidas pela maior parte do país. Outra evidência desses lugares comuns elaborados em relação ao Semiárido foi

ressaltado por Ribeiro (2005), quando lembra que a Caatinga, ao lado do Cerrado, não foi reconhecida pela nossa Carta Constitucional, instaurada em 1988, como parte do patrimônio biológico e cultural do país, aspecto a demonstrar que não apenas nos anos 1930, mas em época mais recente, as percepções sobre as riquezas e potencialidades dessa região estão ainda a serem instigadas. Recentemente, todavia, várias vertentes disciplinares têm refletido acerca da necessidade de conviver com o Semiárido, e não apenas com a seca, considerando a biodiversidade dos agroecossistemas dessa região⁹³ e a sua multiplicidade sociocultural.

A obra de Graciliano, em especial, *Vidas Secas*, forneceu-nos importantes subsídios, ao longo deste trabalho, através de suas representações da simbiose entre homem e Natureza, para refletirmos sobre essa questão e problematizarmos aspectos da história, da cultura e do imaginário sertanejos, revisitando e reconsiderando o Semiárido com novos olhares. Entretanto, sabemos que muito ainda está para ser feito na historiografia no sentido de contribuir para a Caatinga ser reconhecida enquanto patrimônio histórico, cultural e natural do país e não apenas para asseverar a ideia de uma “região-poblema”, como muitas vezes ficou conhecida.

⁹³ A Caatinga é considerada uma das 37 grandes regiões geográficas do Planeta, constituindo-se como a vegetação mais heterogênea dentre os biomas brasileiros. Não obstante serem reconhecidas hoje 12 tipologias diferentes de caatingas, este bioma é considerado um dos menos conhecidos do Brasil, talvez uma das razões pela qual a sua diversidade biológica tem sido subestimada. Ver: ANDRADE, 2007.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, muitos caminhos do Semiárido entrecruzados nos labirintos da história e da ficção foram percorridos. Chegado ao final do percurso, retomamos algumas das questões lançadas na Introdução deste trabalho, quando delimitamos os itinerários e as cartografias que pretenderíamos seguir nesta instigante viagem. A primeira das indagações se relaciona com o modo pelo qual a região do Semiárido brasileiro foi significada e representada em *Vidas Secas* e às práticas socioculturais e políticas engendradas pelas personagens da obra em torno do imaginário instituído sobre esse ambiente. Apropriando-nos do conceito de imaginário social proposto por Baczko (1985), Le Goff (1992) e Castoriadis (1982; 1987), consideramos que as imagens e valores instituídos por uma determinada configuração sócio-histórica em relação ao ambiente com o qual interagia são capazes de delimitarem identidades e mobilizarem atitudes e comportamentos por parte dos diversos atores e atrizes sociais. Em outras palavras, a forma como os diversos segmentos de uma sociedade se apropriaram da Natureza em um dado momento histórico dependeu, em larga medida, do modo como imaginaram ou lhe atribuíram sentidos. Nessa concepção, mediante os diálogos estabelecidos com a narrativa de *Vidas Secas* em torno das significações atribuídas ao Semiárido, evidenciamos que não obstante essa região, frequentemente, tenha sido associada pela literatura regional dos anos 1930 como o lugar em que predominava o “flagelo” da seca e as suas consequências “devastadoras” – a fome, o sofrimento, as doenças, a miséria, etc – esse romance delimitou uma forma peculiar de representar o Semiárido brasileiro, mais precisamente, espaços da Caatinga. Isso porque, embora as imagens da seca com as suas consequências sejam abordadas no início e no final da obra, o seu enfoque principal, como vimos, consistiu em relatar como se tecia o cotidiano das personagens desse lugar no período das chuvas.

Com efeito, constatamos que o escritor Graciliano Ramos, ao estruturar a sua obra dessa maneira, provavelmente buscou demonstrar que as humilhações e os sentimentos de submissão que marcavam o cotidiano dos sertanejos que viviam no interior do Nordeste sob os mandos dos latifundiários, existiam não apenas nos períodos de seca, mas também permaneciam durante o “inverno”. Não obstante, as práticas culturais mobilizadas por esses segmentos sociais pobres do meio rural, como era o caso da família do vaqueiro Fabiano representada em *Vidas Secas*, tendiam a variar de acordo com a estação da Natureza e com a conotação que cada uma delas recebia por parte desses sujeitos. Ou seja, durante os períodos

de seca, o Semiárido era percebido como um “cemitério”, metáfora da morte ocasionada pela fome, sede, cansaço e doenças, assim como esse fenômeno natural era sinônimo da “desgraça” e da “destruição”, enquanto que, durante o “inverno”, eram a alegria, a esperança, a fartura, a fixação à terra e a relativa estabilidade que predominavam no cotidiano dessas personagens.

Nesse cenário, identificamos que a prática da migração de sertanejos do Semiárido brasileiro para outras regiões do Brasil, em especial, para o Sudeste, como era comum na época em estudo, somente ocorria nos períodos de secas prolongadas, quando a escassez extrema tornava o cotidiano das personagens insustentável naquele lugar. Durante o “inverno”, contudo, embora as profundas desigualdades e relações sociais de mando e submissão persistissem nas vivências desses sertanejos, não migravam em razão de a Natureza oferecer os suprimentos que lhes asseguravam a satisfação das necessidades elementares. Provavelmente até mais que isso, pois conforme vimos, a educação dos filhos, a estreia de roupas novas na festa de Natal na cidade ou até mesmo o sonho de sinha Vitória de comprar uma cama de lastro de couro, eram privilégios possíveis somente nos anos em que chovia no Semiárido. Isso porque, durante o “inverno”, não faltava ocupação para Fabiano que trabalhava como vaqueiro cuidando da fazenda, o que não ocorria durante a seca, quando os proprietários tratavam logo de vender os rebanhos e despedir os seus empregados.

Não obstante termos levado em conta que Graciliano Ramos teve como principal objetivo denunciar em *Vidas Secas* as relações de poder e dominação que perpassavam a sociedade rural do Semiárido brasileiro, assim como os profundos contrastes sociais que impediam que homens e mulheres pobres tivessem liberdade, dignidade e acesso aos direitos fundamentais de cidadania, para pensarmos a história da região, há um conjunto de outras questões a serem consideradas, para além de situar apenas os contrastes entre os grupos sociais como o principal foco gerador dos problemas sociais.

Evidenciamos o quanto a posição política do escritor, simpatizante do Partido Comunista na época, deixa-se entrever na obra, haja vista que percebemos o quanto se engajou em denunciar, através da literatura, os problemas sociais que permaneciam no campo em um momento no qual o Brasil passava por significativas transformações sociais, políticas, técnicas e econômicas, como era o que ocorria nos anos 1930, após a instauração do Estado Novo. Vimos que embora esse literato estivesse desiludido em relação aos elementos que se forjavam para a instauração de um governo comunista no Brasil, atribuía ao PCB todas as suas expectativas de possibilidade de mudança na estrutura social do

Brasil, aspecto a deixar subentendido em *Vidas Secas*, em especial, no final da trama, quando os sertanejos migram em direção ao sul, na esperança de que os filhos pudessem ter acesso à escola e toda a família tivesse uma vida com mais dignidade. Observamos, principalmente mediante a análise do desfecho do romance, o quanto Graciliano Ramos ainda demonstrava acreditar na possibilidade de transformação positiva da vida dos homens pobres e marginalizados da sociedade que viviam no Semiárido brasileiro.

Ao procurarmos detectar o papel que a Natureza exercia na cultura sertaneja e os sentidos dos quais os fenômenos naturais foram revestidos no interior desse sistema histórico de significação, percebemos que as chuvas não ocuparam centralidade apenas na estrutura dessa narrativa, mas também na vida dos sujeitos sociais efetivos que interagem com o Semiárido e esperavam com ansiedade a chegada dos tempos de “inverno”. Nessa direção, diante da supervalorização do período chuvoso e das conotações negativas que, como vimos, a seca recebia nessa sociedade, práticas culturais distintas foram forjadas em interação com esses fenômenos naturais. Durante as secas, o homem da Caatinga, diante da situação de extrema escassez e da falta de alternativas para conviver com esse espaço, optava por migrar com a família em busca de melhores condições de subsistência, como ocorreu com o vaqueiro Fabiano, de *Vidas Secas*, que mesmo apegado à terra sertaneja sob relações topofilicas, deixava o sertão durante a seca. Evidentemente que havia também os sertanejos que se dedicavam às atividades agrícolas, e em muitos casos permaneciam ligados à terra, mesmo experimentando precárias condições de sobrevivência.

Já durante o “inverno” na região, contudo, parecia que os tempos de “pesadelo”, de “terror”, de “medo” e de “perigo” que as secas representavam já faziam parte de um passado distante para as personagens de *Vidas Secas*, que com a chegada das chuvas, alegravam-se e arquitetavam novos projetos de felicidade, com o objetivo de permanecer ligado àquela terra. E isso, segundo o narrador desse romance, a despeito dessas personagens perceberem que as relações sociais tensivas marcadas pelas humilhações e submissão tinham persistido.

Nesse cenário, compartilhando da ideia de que o texto literário mantém vínculos com o mundo vivido, notamos, por meio das representações compostas no romance *Vidas Secas*, o quanto a Natureza se fazia presente na cultura e no modo de vida dos sertanejos, e o imaginário instituído em torno dos fenômenos naturais, de modo a delimitar comportamentos, atitudes e práticas culturais de acordo com a estação climática vivenciada. Um aspecto importante que ressaltamos em torno dessa questão diz respeito ao modo como o homem do Semiárido, cuja principal base econômica ainda era ligada, nos anos 1930, à agricultura tradicional de subsistência e à pecuária, exerciam atividades produtivas

altamente dependentes das chuvas, de modo que quando essas não chegavam, logo a crise se espalharia, principalmente entre os segmentos sociais pobres que em geral não dispunham da menor estrutura para enfrentar os períodos das longas secas. Essa dependência das populações do Semiárido em relação do “inverno” era um dos problemas que provocavam a instabilidade econômica e social no Nordeste interior, haja vista que essa região tinha como principal característica a irregularidade das chuvas no tempo e no espaço, e a ocorrência periódica das secas sincrônicas, aspectos que requeriam políticas permanentes de convivência com essa peculiaridade natural. No entanto, não era bem isso que se assistia.

As práticas políticas instauradas na Caatinga baseadas nas significações instituídas em torno desse bioma, em geral, tratavam-se de projetos emergenciais implementados somente nos momentos de crise extrema por ocasião da seca. Ao indagarmos acerca da historicidade das significações que o Semiárido recebeu nos anos 1930, e das práticas políticas executadas em torno delas, vimos que nesse período teve predominância a concepção de que seria possível trazer a “redenção” para as populações desse espaço caso o governo investisse em obras hidráulicas ou agrícolas que desenvolvessem a região. Nesse sentido, todo um aparato técnico-científico foi mobilizado com o intuito de construir grandes obras públicas na região e permitir que os grupos sociais permanecessem fixos àquela terra. Esses projetos que visavam o aproveitamento das terras irrigadas pelas ações dos programas de açudagem se instituíam como obras “redentoras” e indispensáveis para promover o suposto progresso e para “civilizar” o Semiárido, procurando realizar na região algo parecido com o que estava sendo feito, à época, no Oeste dos Estados Unidos.

Ressaltamos, contudo, que enquanto na região árida dos Estados Unidos se construiu uma sociedade da abundância mediante o estabelecimento de uma avançada infraestrutura tecnológica de manipulação técnica e política da água para produzir uma agricultura altamente capitalizada, no caso do Semiárido brasileiro, algumas razões fizeram com que esses projetos não fossem bem sucedidos para propiciar uma melhor convivência das populações com a região. Em primeiro lugar, destacamos a questão de não ter sido levado em conta, efetivamente, as suas peculiaridades ambientais, em especial, que se trata de uma região na qual não obstante sejam registradas ocorrências de chuvas, o volume das precipitações costuma ser menor do que o do chamado índice de *evapotranspiração*, ou seja, do que a soma da evaporação causada pela insolação e pelos ventos, e da transpiração de plantas e animais. Nesse sentido, para aproveitar adequadamente as águas disponíveis no Semiárido durante os períodos de chuvas, seria preciso considerar aspectos ambientais decisivos para caracterizar a região, entre os quais: a variedade da chuva no tempo e no

espaço, a pluviosidade (que costuma variar de 250mm até 800mm), o subsolo 70% cristalino (que permite pouca armazenagem de água subterrânea) e a intensa evapotranspiração.

Em seguida, salientamos os hábitos culturais singulares de convivência com o Semiárido brasileiro, historicamente desenvolvidos pelas populações que habitaram esse lugar, resultado do processo de hibridização das culturas europeia e indígena predominantes na formação dessa região, que deveriam ter sido valorizados nos momentos em que esses projetos foram elaborados, ao invés de políticas públicas verticalmente implementadas a partir dos gabinetes dos cientistas e políticos que atuavam nessa região. Esse foi um dos fatores que impediu o desenvolvimento do Semiárido brasileiro. Conforme salientamos, atualmente, muitos desses projetos têm aproveitado as tecnologias sociais desenvolvidas pelos próprios sertanejos da região, obtendo resultados promissores.

Além das questões ligadas às peculiaridades ambientais e culturais do Semiárido, evidenciamos que é preciso ter em conta que muitos dos problemas sociais que persistiram nessa região se deveram ao caráter emergencial ou à descontinuidade desses projetos, ou seja, não havia políticas públicas permanentes que visassem o desenvolvimento humano nessa configuração espacial. Outro aspecto ressaltado diz respeito ao modo como grande parte dos recursos direcionados pelo governo federal nos períodos de secas para amenizar a situação dos grupos sociais pobres, era apropriado privadamente pelas elites políticas e econômicas da região, fator a não permitir que esses projetos incidissem na melhoria da qualidade de vida das populações que interagem com o Semiárido, finalidade para a qual tinham sido planejados.

Diante do exposto, constatamos que para além dos contrastes entre os segmentos da sociedade do Semiárido enfatizados em *Vidas Secas*, aspecto que o lugar social ocupado por Graciliano Ramos, e as suas intencionalidades e militância política o permitiu imprimir em suas obras literárias, como foi o caso do romance estudado ao longo deste trabalho, outros aspectos estiveram articulados com a persistência dos problemas sociais no Nordeste interior ao longo da história. Foi o caso dos entraves políticos que impediram que todo um aparato técnico e científico mobilizado em prol do desenvolvimento da região não alcançasse os objetivos almejados, visto que as populações que viviam no Semiárido continuaram dependendo, em larga medida, dos ritmos e das estações da Natureza para garantirem a sua subsistência e sem a infraestrutura tecnológica adequada para armazenar os recursos naturais necessários para atravessar o período de seca e para explorar a biodiversidade do Semiárido de forma sustentável.

Vale também observar que ao estudarmos fenômenos naturais do Semiárido, como as secas, as chuvas, os animais, etc., foi possível perceber que Natureza e cultura mantiveram uma relação de simbiose na configuração dessa sociedade, de modo que a variável ambiental torna-se um fator fundamental para melhor compreendermos a história dessa região, embora tenha sido, por vezes, deixada de lado por parte de alguns estudiosos, ou, em outro extremo, supervalorizada como se atuasse de forma determinística no interior dessa configuração sociocultural. É provável que o Nordeste interior, cuja paisagem há muito tempo tem sido associada exclusivamente a imagens de fome, de doenças e de mortes, caso tenha as suas peculiaridades ambientais e culturais efetivamente valorizadas, e os recursos naturais apropriados de forma viável por parte dos sujeitos sociais dessa região, pode ser pauta da escrita de novas histórias nas quais a alegria, a paixão pelo lugar e a felicidade predominem sobre a ideia do perigo, do medo, do terror e da destruição que muitas vezes marcou os sentimentos dos sertanejos que aqui viveram.

Esperamos que este trabalho contribua para demonstrar a importância da presença da Natureza para a escrita da história do Semiárido brasileiro, por meio da influência e restrições exercidas pelos fenômenos naturais nas escolhas dos indivíduos integrantes desta sociedade. Deste modo, ao lado de aspectos como relações sociais assimétricas, corrupção política, falta de planejamento, entre outros, as forças da Natureza são, muitas vezes, decisivas para a construção da cultura, haja vista que as escolhas dos indivíduos para a construção do devir histórico são feitas de acordo com a margem de possibilidades que as restrições naturais permitem. Assim, a abordagem da história cultural, social, o estudo das relações de poder, entre outras vertentes da historiografia, podem enriquecer os seus estudos ao levarem em conta o cenário no qual a história aconteceu, considerando que em sentido algum era imóvel, estático, mas exercia um movimento e uma dinâmica própria que influenciava nas decisões dos sujeitos sociais.

Chegamos, pois, ao final deste itinerário por alguns caminhos da história do Semiárido brasileiro. A sensação que temos é a certeza de que as discussões feitas ao longo desta paisagem de pesquisa não se constituem enquanto versões finais da escrita de algumas páginas sobre o imaginário social desta região. Isso porque acreditamos que as mesmas indagações aqui postas, além de outras que se sobressaíram ao longo da elaboração deste trabalho, constituir-se-ão em problemas para novos debates e futuras pesquisas por parte dos pesquisadores que nos dedicamos aos estudos da história e do ambiente semiáridos. Assim, sabemos que muitos labirintos da história e da literatura ainda precisam ser entrecruzados por entre as cartografias semiáridas, sobretudo porque, como afirma Todorov, uma obra

literária tem a função peculiar de permitir uma melhor compreensão humana e de provocar transformações a partir do interior de cada sujeito leitor. Com o intuito de conseguirmos, por meio desses escritos sobre *Vidas Secas*, contribuir para propiciar uma melhor compreensão da história do Semiárido no sentido de que as suas potencialidades ambientais e riquezas culturais sejam efetivamente reconhecidas, apresentamos ao público esta pesquisa, na certeza de que muitos labirintos da história e da literatura do Semiárido ainda precisam ser percorridos.

REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, Aziz. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo, 2003.
- ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de História Colonial (1500-1800) & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. 5. ed. rev., pref. e anotada por José Honório Rodrigues. Brasília, DF: UnB, 1963 [1907].
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.
- _____. **Nos Destinos de Fronteira: história, espaços e identidade regional**. Recife, PE: Bagaço, 2008.
- ALMEIDA, José Américo de. **A Paraíba e seus problemas**. 3. ed. rev. João Pessoa, PB: Estado da Paraíba/ Secretaria de Educação e Cultura, 1980 [1923].
- ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira. Homem, animal e espaço numa visão ecocrítica em Graciliano Ramos. In: ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira; AZEVEDO, Sérgio Luiz Malta. (Orgs.) **Espaço interdisciplinar: literatura, meio ambiente e relações sociais**. Recife, PE: Baraúna, 2008.
- ALVES, José Wanderley de. **Praticando a conservação do meio ambiente: cartilha ambiental**. Brasília, DF: PROAVES, 2004.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem do Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1986.
- ARANHA, Gervácio Batista. **Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925)**. Campina Grande, PB: EDUFPG, 2006. (coleção Outras Histórias, n. 2).
- _____. **Da retórica e da prova na historiografia contemporânea: Por uma nova escrita da história?** Campina Grande, PB: mimeo., 2004.
- ARRUDA, Gilmar. Rios e governos no Estado do Paraná: pontes, “força hidráulica” e a era das barragens (1853-1940). In: **Revista Varia História**. Belo Horizonte, MG. v. 24, n. 39, jan./jun. 2008. P. 153-175.
- ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá eu que eu canto cá**. Petrópolis, Vozes, 1978.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Einaudi: Antropus-Homem**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985. (Vol. 5).
- BASTOS, Hermenegildo. **Memórias do Cárcere: Literatura e Testemunho**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORGES, Valdeci Rezende. Cultura, natureza e história na invenção alencariana de uma identidade da nação brasileira. In: **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 26, n. 51, 2006. p. 89-114.

BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30.** São Paulo: EDUSP; Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2006.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia.** Tradução Nilo Odália. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

_____. **Hibridismo cultural.** São Leopoldo: Editora da UNISINOS, 2003.

_____; HSIA, R. Po-chia (Orgs.). **A tradução cultural nos primórdios da Europa moderna.** Trad. de Roger Maioli dos Santos. São Paulo: UNESP, 2009.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária.** 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

_____. Literatura e subdesenvolvimento. In: **A educação pela noite & outros ensaios.** São Paulo: Ática, 1989.

CAPELATO, Maria Helena R. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo.** Campinas, SP: Papyrus, 1998.

CARDIM, Padre Fernão. **Tratados da terra e da gente do Brasil.** 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.

NOVA DELIMITAÇÃO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO. Ministério da Integração Nacional. 2005.

CARVALHO, José Murilo de. Federalismo e centralização no Império Brasileiro: História e Argumento. In: _____. **Pontos e Bordados: escritos de história e política.** Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 1999.

_____. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. In: _____. **Pontos e Bordados: escritos de história e política.** Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 1999.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Instituto Nacional do Livro, 1954.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade.** Tradução de Guy Reynaud. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982. (Coleção rumos da cultura moderna; v. 52).

_____. O imaginário: a criação no domínio social-histórico. In: **As encruzilhadas do labirinto/2: os domínios do homem.** Tradução José Oscar de Almeida Marques. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: As artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHACON, Suely Salgueiro. **O sertanejo e o caminho das águas: políticas públicas, modernidade e sustentabilidade no semi-árido**. Fortaleza, CE: BNB, 2007. (Série Teses e dissertações, v. 8).
- CHARTIER, Roger. El Pasado en El presente: literatura, memória e história. In: **El Presente del pasado Escritura de La historia o historia de lo escrito**. 2007.
- CHIAPPINI, Lígia. Rachel de Queiroz: invenção do Nordeste e muito mais. In: BRESCIANI, Maria Stella; CHIAPPINI, Lígia. (Orgs.) **Literatura e cultura no Brasil: identidades e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2002.
- CORBIN, Alain. O prazer do historiador: entrevista concedida a Laurent Vidal. Trad. Christian Pierre Kasper. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, n. 49, 2005. p 11-31.
- COSTA, Ana Monteiro; WAQUIL, Paulo Dabdab. **O empobrecimento e a vulnerabilização da população rural a partir da seca: o caso de Santo Cristo/RS**. In: Anais do 3º encontro da Rede de Estudos Rurais. Grupo de trabalho Interfaces entre a questão agrária e a questão ambiental. Campina Grande, PB: EDUFPG, 09 a 12 de setembro de 2008.
- COSTA LIMA, Luiz. Reificação e Natureza. In: **Por que literatura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1969. (Coleção Nosso Tempo, v. 2).
- CRIPA, Ival de Assis. **O círculo, a linha e a espiral: temporalidades da poesia e da história na crítica de Octávio Paz**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. São Paulo, 2007.
- CROSBY, Alfred. **Imperialismo Ecológico: a expansão biológica da Europa**, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- DAVIS, Mike. **Holocaustos coloniais: clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo**. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- DEAN, Warren. **A Ferro e Fogo: a história e devastação da Mata Atlântica**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- DE DECCA, Edgar Salvadori. **O Silêncio dos Vencidos**. Prefácio de Marilena Souza de Chauí. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- DOSSE, François. O recurso geográfico dos historiadores. In: **História e ciências sociais**. Tradução Fernanda Abreu. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- DUARTE, Regina Horta. **História & natureza**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2005a.

_____. Por um pensamento ambiental histórico: el caso de Brasil. In: **Simpósio de História Ambiental Americana-Santiago. 2003.** Disponível em: <http://www.historiaecologica.cl/rtendencias4> Acesso em: 21 de agosto de 2009.

_____. “Com açúcar, com afeto”: impressões do Brasil em Nordeste de Gilberto Freyre. In: **Revista Tempo.** v.10, n.19, Niterói, RJ. Jul./Dec. 2005b.

DUTRA, Eliana Freitas. **O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Belo Horizonte, MG: Editora da UFMG, 1997.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção.** Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930.** 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Historiografia e História).

FEBVRE, Lucien. **O Reno: história, mitos e realidades.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

FERNANDES, Telma Dias. **História e literatura: Graciliano Ramos e a história.** Dissertação de mestrado apresentada ao PPGH/UFPE. Recife-PE, 1998.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. **Raízes da indústria das secas: o caso da Paraíba.** João Pessoa, PB: Editora Universitária/UFPB, 1993.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste: aspectos da influencia da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil.** 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Recife, PE: FUNDARPE, 1985 [1937]. (Coleção documentos brasileiros, v. 4).

FRANCO, José Luiz de Andrade; DRUMMOND, José Augusto. **Proteção à natureza e identidade nacional no Brasil, anos 1920-1940.** Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2009.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício.** Trad. de Rosa Freire de Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. Introdução. In: **Relações de força: história, retórica e prova.** Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. José de Alencar e os Rio-grandenses: Imaginário e Representações no Romance *O Gaúcho*. In: GRUNER, Clóvis; DENIPOTI, Cláudio. (Orgs.) **Nas tramas da ficção: História, Literatura e Leitura.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

GOMES, Gustavo Maia. **Velhas secas em novos sertões: continuidades e mudanças na economia do Semi-árido e dos Cerrados nordestinos.** Brasília, DF: IPEA, 2001.

GORENDER, Jacob. Graciliano Ramos: lembranças tangenciais. In: **Estudos Avançados.** n. 9 (23), 1995.

GRACILIANO RAMOS: COMUNISTA? Texto baseado nos manuscritos doados ao Instituto de Estudos Brasileiros – IEB – pela viúva do escritor Heloísa Ramos em outubro de 1980 e em março de 1994. Disponível em: <http://www.geocities.com/gracilianoramos/comuna.htm> Acesso em: 12 de setembro de 2009.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Errantes da selva**: história da migração nordestina para a Amazônia. Recife, PE: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

HOBSBAWN, Eric. A era da catástrofe. In: _____. **Era dos Extremos**: O breve século XX (1914-1991). São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

_____. **Bandidos**. São Paulo: Forense, 1972.

HOCHMAN, Gilberto. **A Era do Saneamento**: as bases da política de saúde pública no Brasil. 2. ed. São Paulo: Hucitec. 2006.

LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa, INCM, 1984.

_____. Documento/Monumento. In: **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão et. alli. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1994.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. 2. ed. São Paulo: Alfa Omega, 1975.

LIMA, Marcos Costa. Homenagem a Manuel Correia de Andrade: a geografia e a política do Nordeste brasileiro. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 22 n. 65, outubro/2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v22n65/a01v2265.pdf> Acesso em 21 de junho de 2010.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: O Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República. In: MAIO, Marcos Chor, SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz, Centro Cultural Banco do Brasil, 1996.

_____. **Um sertão chamado Brasil**: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan/ IUPERJ/UCAM, 1999.

LEONARDI, Victor Paes de Barros. **Os historiadores e os rios**: natureza e ruína na Amazônia brasileira. Brasília, DF: Paralelo 15/UNB, 1999.

LINS, Álvaro. Valores e misérias das vidas secas: posfácio. In: RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 70. Ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1995.

MAGALHÃES, Belmira. **Vidas Secas**: os desejos de sinha Vitória. Curitiba, PR: HD Livros, 2001.

MALVEZZI, Roberto. **Semi-árido**: uma visão holística. Brasília, DF: Confea, 2007.

MARIANO NETO, Belarmino. **Ecologia e imaginário**: memória cultural, natureza e submundialização. João Pessoa, PB: Ed. Universitário/UFPB, 2001.

MARTINS, Ana Luiza. **História do Café**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MARTINS, Marcos Lobato. **História e meio-ambiente**. São Paulo: Faculdades Pedro Leopoldo, 1997.

MEIRELES, Cecília. **Memória**: Poema. In: <http://www.marabmi.com/Meireles> Acesso em 23 de julho de 2010.

MENDES, Benedito Vasconcelos. **Plantas e animais para o Nordeste**. Rio de Janeiro: Globo, 1987. (Coleção do agricultor).

MENEZES, Djacir. **O outro Nordeste**: ensaio sobre a evolução social e política do Nordeste da “civilização do couro” e suas implicações históricas nos problemas gerais. 2. ed. ref. e aum. Rio de Janeiro: Artenova Ltda, 1970.

MICELI, Sergio. **Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979.

MONTYSUMA, Marcos. Gênero e meio ambiente: uma (in)visibilidade das mulheres na construção das florestas na Amazônia. In: PARENTE, Temis Gomes; MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **Linguagens plurais: cultura e meio ambiente**. Bauru, SP: EDUSC, 2008.

MORRIS, Desmond. **O contrato animal**. Rio de Janeiro: Record, 1990.

NEVES, Frederico de Castro. **Imagens do Nordeste**: a construção da memória regional. Fortaleza, CE: SECULT, 1994. (Coleção Teses Cearenses).

_____. Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas. In: **Revista Brasileira de História**. v. 21, n. 40, 2001. p. 107-131.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP. Tradução Yara Aun Khoury. São Paulo, SP: Educ, 1981. p. 7-28.

OLIVEIRA, Iranilson; OLIVEIRA, Catarina. As viúvas da seca. In: Paraíba: meu passado, meu presente. Curitiba. PR: Base editora, 2008.

OLIVEIRA, Maria José Galleno de Souza. Refugiados ambientais: uma nova categoria de pessoas na ordem jurídica internacional. In: **Revista Internacional de Direito e Cidadania**. n. 7, junho/2010. p. 123-132.

PÁDUA, José Augusto. Vidas secas: Problemas ambientais. In: **Folha de São Paulo**. 30 de outubro de 2005. Disponível em <http://www.riosvivos.org.br/Noticia/Vidas+Secas+++problemas+ambientais/8067>

_____. (Org.). **Desenvolvimento, justiça e meio ambiente**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2009.

_____. As bases teóricas da história ambiental. In: **Estudos avançados**. n. 24 (68), 2010.

PAIVA, Melquíades Pinto; CAMPOS, Eduardo. **Fauna do Nordeste do Brasil: conhecimento científico e popular.** Fortaleza, CE: Banco do Nordeste do Brasil, 1995.

PASQUARELLI JR. Vital et. alli. Gênero e meio ambiente: mulher, justiça ambiental e desenvolvimento sustentável. In: PARENTE, Temis Gomes; MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **Linguagens plurais: cultura e meio ambiente.** Bauru, SP: EDUSC, 2008.

PENNESI, Karen Elizabeth. **The predicament of prediction: rain prophets and meteorologists in northeast Brazil.** A dissertation submitted to the Faculty of the Department of Anthropology in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy. The University of Arizona. 2007.

PEREIRA, Daniel Duarte *at. alli.* No reino da desertificação, quem tem uma mata é rei! In: **Anais do I Colóquio Internacional de História da UFRPE: Brasil-Portugal, Nossa história Ontem e hoje.** Recife-PE: EDUFRPE, 2007.

PEREIRA, Daniel Duarte. **Plantas, prosa e poesia do Semi-árido.** Campina Grande, PB: EDUFCG, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & Literatura: uma velha-nova história. In: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos: Debates**, 2006. [En línea], Puesto en línea el 28 janvier 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>. Acesso em em 27 de julho de 2009.

_____. **História & história cultural.** 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2005. (Coleção história &... Reflexões, 5).

PLANO DIRETOR 2008-2011 DO INSA. Brasília-DF, MCT, 2007.

PONTING, Clive. **Uma História Verde do Mundo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze.** 75. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

RAMOS, Elizabeth Santos. Vidas Secas ainda ecoa. In: **O Tempo.** Entrevista concedida pela neta de Graciliano Ramos, hoje especialista na obra do escritor. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/otempo/noticias/?IdNoticia=109716>. Acesso em 12 de agosto de 2009.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere.** Rio de Janeiro: Record, 37ª edição, 2001. (Vol. 1 e 2).

_____. Carta endereçada a Marili Ramos. Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1949. In: TUFANO, Douglas. **Estudos de literatura brasileira.** 5. ed. ver. e ampl. São Paulo: Moderna, 1995. p. 259-260.

_____. **Vidas secas.** 70. Ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1995.

REGO, José Lins. **Usina:** romance. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. **Florestas anãs do sertão: o cerrado na história de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa: A tríplice mimese. In: _____. **Tempo e narrativa: Tomo I**. Tradução Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papirus, 1994. p. 85-132.

_____. **Tempo e narrativa: tomo III**. Tradução Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papirus, 1997.

SANTOS, Caroline Lima. **O cangaceiro, o cineasta e o imaginário: a produção de representações do cangaço no cinema brasileiro (1950-1964)**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local. 2010.

SANTOS, Manoel Camilo dos. Viagem ao País de São Saruê. In: **E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia**. n. 4, 2005. Disponível em: <http://www.lettras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm> Acesso em: 8 de setembro de 2010.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Cia. das letras, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SCARPELLI, Marli Fantini. Meio ambiente e literatura. In: **Revista Aletria**. v. 15, jan.-jun., 2007. p.188-204. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/poslit>

SERRA, Norma. **A viúva da seca**. Disponível em <http://www.servicioskoinonia.org/neobiblicas/articulo.php?num=048>. Acesso em 7 de agosto de 2009.

SKIDMORE, Thomas Elliot. Era Vargas (1930-1945). In: _____. **Brasil: de Getúlio a Castelo (1930-1964)**. Tradução coordenada por Ismênia Tunes Dantas. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982.

SOFFIATI, Arthur. Algumas palavras sobre uma teoria da eco-história. In: **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Editora UFPR, n. 18, jul./dez., 2008. p. 13-26.

SOUSA, João Morais de. **Coronelismo em Malta-PB: práticas utilizadas para o controle do poder local (1953-1992)**. Dissertação de Mestrado em Ciência Política, UFPE, 1995.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TUAN, Yu-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

TUFANO, Douglas. **Estudos de literatura brasileira**. 5. ed. ver. e ampl. São Paulo: Moderna, 1995.

VILLA, Marco Antônio. **Vida e morte no sertão: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX**. São Paulo: Ática, 2000.

WALTY, Ivete Lara Camargo. Graciliano e Portinari. In: BRESCIANI, Maria Stella; CHIAPPINI, Lígia. (Orgs.) **Literatura e cultura no Brasil: identidades e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2002.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991. p. 198-215.

OBRAS CONSULTADAS:

AGUIAR, Pinto de. **Nordeste: o drama das secas**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1983.

ALMEIDA, J. A. de. **A bagaceira**. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968 [1928].

CARDIM, Fernão. **Tratados da terra e da gente do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.

CARLI, Gileno de. **A maior seca do século**. Recife, PE: Confederação Nacional da Agricultura, 1982.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: _____. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador - conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Unesp, 1998.

DOSSE, François. **História do estruturalismo**. Tradução de Álvaro Cabral. Bauru, SP: EDUSC, 2007. (vol. II).

DUQUE, José Guimarães. **Solo e Água no Polígono das Secas**. 4. ed. Fortaleza, CE: Composto e impresso ABC, 1973.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução Waltensir Dutra. 6. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GINZBURG, Carlo. O extermínio dos judeus e o princípio da realidade. In: MARBELA, J. (Org.). **A História escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 211-232.

- MALVEIRA, Antônio. **Notas sobre as secas**. Fortaleza, CE, 2001.
- RICKLEFS, R. E. **A economia da natureza**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- MARTINEZ-ALIEZ, Joan. **The Environmentalism of the poor: a study of ecological conflicts and voluation**. Massachusetts, EUA: Edward Elgar Publishing, 2002.
- HIRSCHMAN, Albert. **Política econômica na América Latina**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1965.
- JOFFILY, Irenêo. **Notas sobre a Parahyba**. 2. edição. Brasília, DF: Thesaurus Editora, 1977.
- OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma re(li)gião: Sudene, Nordeste, planejamento e conflito de classes**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1977.
- POMPEU SOBRINHO, Thomaz. **História das secas: século XX**. Mossoró, RN: Fundação Guimarães Duque, 1982.
- SILVA, Cristiano Cezar Gomes da. Entre a história e a literatura: as múltiplas letras, os múltiplos tempos, os múltiplos olhares em Graciliano Ramos. In: **Fênix: Revista de história e estudos culturais**. Out.-dez. 2007, V. 4, Ano IV, nº 4. Disponível em: www.revistafenix.pro.br
- SILVA, Daniele Cisneiros. **Similaridades e diferenças nas pinturas rupestres pré-históricas de contorno aberto no Parque Nacional Serra da Capivara-PI**. Recife-PE. Programa de Pós-graduação em Arqueologia (Tese de doutorado). 2008.
- SINGER, Peter. **Libertação animal**. 4.ed. São Paulo: Lugano, 2004.